

**UNIVERSIDADE de LISBOA**

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

Instituto de Educação



## **Trabalho de Campo:**

**Potencialidades e Constrangimentos**

**numa Experiência Educativa em Geografia Urbana Escolar**

**José Luís Gonçalves Teixeira de Magalhães**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada pelo  
Professor Doutor Herculano Alberto Pinto Cachinho

Mestrado em Ensino de Geografia no  
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

2019



**UNIVERSIDADE de LISBOA**

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

Instituto de Educação



## **Trabalho de Campo:**

**Potencialidades e Constrangimentos**

**numa Experiência Educativa em Geografia Urbana Escolar**

**José Luís Gonçalves Teixeira de Magalhães**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada pelo

Professor Doutor Herculano Alberto Pinto Cachinho

Mestrado em Ensino de Geografia no

3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

2019



**UNIVERSIDADE de LISBOA**

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

Instituto de Educação



**Trabalho de Campo:  
Potencialidades e Constrangimentos  
numa Experiência Educativa em Geografia Urbana Escolar**

**José Luís Gonçalves Teixeira de Magalhães**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo

Professor Doutor Herculano Alberto Pinto Cachinho

Júri:

Presidente: Professor Doutor Professor Doutor Sérgio Claudino Loureiro Nunes do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Professora Doutora Maria João de Oliveira Antunes Barroso Hortas da Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa;

- Professor Doutor Herculano Alberto Pinto Cachinho do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.

2019



## DEDICATÓRIA

À minha filha,  
que mais sentiu a minha ausência,  
pelo seu sorriso,  
pela sua compreensão...





## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho, fruto de uma longa, mas saborosa caminhada, embora individual, contou com preciosos contributos. Contributos de natureza diversa que não podem nem devem deixar de ser sublinhados...

Ao Professor Herculano Cachinho, pela sua disponibilidade, pela sua orientação científica, por acreditar em mim e no meu trabalho, apoiando-me e aconselhando-me ao longo de todo o processo.

Ao Professor José António Baptista, que me recebeu com toda a generosidade na sua sala de aula, depositando uma enorme confiança. Muito obrigado pelos elogios, pela flexibilidade e pelas mais que pertinentes considerações.

À Professora Teresa Ribeiro, pelo interesse e colaboração no trabalho interdisciplinar desenvolvido.

A todos os Professores do Mestrado, pela genuína dedicação que tiveram, com uma palavra especial para o Professor Sérgio Claudino, pela paciência que sempre teve em nos acompanhar e aturar.

Aos meus caros companheiros de Mestrado, pela cumplicidade, convívio e amizade. Em particular aos Mestrandos Daniela Silva e Tiago Fidalgo, pela ajuda na realização do Trabalho de Campo.

Aos alunos da turma 8<sup>o</sup>1 da Escola Secundária Rainha Dona Leonor, elementos centrais deste trabalho cujo comportamento foi irrepreensível.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional que me deram ao longo de todo o meu percurso académico.

À minha irmã, pela força e incentivo que permanentemente me transmitiu.

Aos meus familiares e amigos, pelo conforto e alegria com que sempre me prendaram.

## **SIGLAS e ACRÓNIMOS**

AE – Aprendizagens Essenciais

AERDL – Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor

ESRDL – Escola Secundária Rainha Dona Leonor

IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

IPP I – Iniciação à Prática Profissional I

IPP II – Iniciação à Prática Profissional II

IPP III – Iniciação à Prática Profissional III

MEG – Mestrado em Ensino de Geografia

PEE – Projeto Educativo de Escola

PP – PowerPoint

TC – Trabalho de Campo

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TPC – Trabalho Prático para Casa

## **ABREVIATURAS**

[...] – corte na citação de texto

a.C. – antes de Cristo

Av. – Avenida

etc. – etecetera

fig. – figura

p. – página

pp. – páginas

séc. – século

## RESUMO

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma experiência educativa, apontada nos documentos curriculares como estratégia privilegiada do ensino de Geografia, o Trabalho de Campo (TC). Descreve a mesma fazendo reflexão sobre os constrangimentos encontrados em todo o processo bem como os benefícios resultantes da participação ativa dos alunos. Surge no âmbito da prática letiva supervisionada, inserida na unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional III (IPP III) do Mestrado em Ensino de Geografia (MEG). Tendo por base o bloco temático “Cidades, principais áreas de fixação humana”, do Programa de Geografia e das Metas Curriculares da mesma disciplina para o 8º ano de escolaridade, levou-se a cabo esta experiência educativa, com a turma 8º1 da Escola Secundária Rainha Dona Leonor (ESRDL).

Partindo de uma abordagem construtivista, ao envolver o aluno no meio que o rodeia, a disciplina de Geografia rentabiliza o valor didático da observação direta do território, podendo potenciar a curiosidade na interpretação dos fenómenos geográficos. Esta temática lecionada, visa ser contributo na compreensão da evolução e organização do espaço urbano, respeito pelo mesmo e, por conseguinte, para o exercício de uma cidadania responsável.

Os alunos desenvolveram uma abordagem interpretativa do território local. Efetuaram recolha de dados, através de inquéritos e levantamento funcional, organizaram e processaram estatisticamente a informação recolhida, em trabalho interdisciplinar, analisaram os resultados obtidos, tendo em vista a construção de soluções para os problemas identificados. Por fim, elaboraram um artigo, seguindo um guião de trabalho de grupo, para publicação no jornal da escola.

Sendo uma análise, essencialmente, descritiva e qualitativa, os resultados alcançados sugerem que o trabalho realizado aponta para um incremento do empenho escolar dos alunos. Constata-se a importância que os alunos atribuíram ao contributo, tanto para a construção de aprendizagens, como para o seu desenvolvimento integral enquanto cidadãos.

**Palavras-chave:** Trabalho de campo; Problemas urbanos; Levantamento funcional; Interdisciplinaridade; Construtivismo; Competências instrumentais.

## ABSTRACT

The work presented here is the result of an educational experience, pointed out in the curricular documents as a privileged strategy of teaching Geography, Fieldwork. It describes the same by reflecting on the constraints encountered throughout the process as well as the benefits resulting from the more active participation of students. It arises within the framework of supervised teaching practice, inserted in the curricular unit of Initiation to Professional Practice III of the Master's Degree in Geography Teaching. Based on the thematic block "Cities, main areas of human settlement", resulting from the Curricular Goals of the discipline of Geography for the 8th year of schooling, this educational experience was carried out, in an urban context, with the class 8º1 of the Secondary School Queen Dona Leonor.

Starting from a constructivist approach, by involving the student in the environment that surrounds it, the Geography discipline makes profitable the didactic value of direct observation of the territory, and can enhance curiosity in the interpretation of geographic phenomena. This subject taught aim to be a contribution in understanding the evolution and organization of urban space, respect for it and, therefore, for the exercise of responsible citizenship.

The students developed an interpretive approach to the local territory. They performed data collection, through surveys and functional survey. They organized and processed statistically the information collected, in interdisciplinary work. They analyzed the obtained results, orientated to the construction of solutions within the problems identified. Finally, they elaborated an article, following a script of group work, for publication in the newspaper of the school.

Being an essentially descriptive and qualitative analysis, the results achieved suggest that the work carried out has resulted in an increase in the students' school commitment, the importance that the students attributed to the contribution, both for the construction of learning and for their development as citizens.

**Key-words:** Fieldwork; Urban problems; Functional survey; Interdisciplinarity; Constructivism; Instrumental skills.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA	V
AGRADECIMENTOS	VII
SIGLAS e ACRÓNIMOS	VIII
ABREVIATURAS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
ÍNDICE DE FIGURAS	XIV
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XIV
ÍNDICE DE QUADROS	XIV
ÍNDICE DE ANEXOS	XV
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. GEOGRAFIA URBANA ESCOLAR</b>	<b>5</b>
1.1. Enquadramento curricular	5
1.1.1. Unidade didática lecionada	5
1.1.2. Análise aos documentos curriculares	6
1.2. Revisão científica dos conteúdos lecionados	7
1.2.1. A origem e o crescimento das cidades	7
1.2.2. Problemas das cidades com o crescimento urbano	10
1.2.3. Importância das cidades sustentáveis	13
1.2.4. Funções das cidades e áreas funcionais	15
1.2.4.1. Grandes categorias de comércio a retalho e de serviços	17
1.2.4.2. Uso do solo e ferramentas de análise	18
1.2.5. Elementos da morfologia urbana	21
1.2.6. Inter-relação entre espaço urbano e rural	23

<b>2. ENQUADRAMENTO PEDAGÓGICO</b>	<b>24</b>
2.1. O papel da Geografia	24
2.1.1. Geografia vista pelos outros e por geógrafos	24
2.1.2. Interesse da Geografia ao longo dos tempos	25
2.1.3. Importância da Geografia no ensino	27
2.2. Trabalho de Campo em geografia escolar	28
2.2.1. Conceito e enquadramento legal	28
2.2.2. Fundamentação teórica	29
2.2.3. Abordagem construtivista e competências instrumentais	32
2.2.4. Estudar a cidade com Trabalho de Campo	35
2.2.5. Alguns constrangimentos identificados	36
2.2.6. Trabalho interdisciplinar com TIC	37
2.2.7. Conceção e fases do projeto	38
<b>3. AMBIENTE ESCOLAR</b>	<b>40</b>
3.1. Unidade Organizacional	40
3.1.1. Constituição do Agrupamento	40
3.1.2. Projeto Educativo	41
3.1.3. Departamento da Geografia	42
3.2. Unidade Escolar	43
3.2.1. Breve informação histórica	43
3.2.2. Contexto sociogeográfico	44
3.2.3. Escola cooperante	44
3.2.4. Salas de aulas	45
3.2.5. Caracterização da turma 8º1	47
<b>4. PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADO</b>	<b>52</b>
4.1. Iniciação à Prática Profissional	52
4.1.1. Observação da prática docente	52
4.1.2. Planificação e calendarização	54
4.1.3. Recursos utilizados	55
4.1.4. Opções estratégicas adotadas	57
4.2. Descrição da Sequência Didática	59
4.2.1. Aula 1	59

4.2.2. Aula 2	61
4.2.3. Aula 3	64
4.2.3.1. Aula TIC (processamento de dados)	67
4.2.4. Aula 4	67
4.2.5. Aula 5	68
4.2.6. Aula 6	70
4.2.7. Aula 7	72
4.2.7.1. Aula TIC (elaboração de gráficos)	73
4.2.8. Aula 8	74
4.2.9. Aula 9	75
4.2.10. Aula 10	76
4.3. Corolário da sequência didática	76
4.3.1. Elementos de avaliação	76
4.3.2. Percepção dos alunos	83
4.3.3. Discussão dos resultados	86
<b>REFLEXÃO FINAL</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>93</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>102</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Perspetiva para uso do solo na Área Metropolitana de Lisboa em 2022	19
Fig. 2 – Planta funcional do centro de Amadora	21
Fig. 3 – Fachada principal da ESRDL	45
Fig. 4 – Sala de aula da turma 8º1	46
Fig. 5 – Sala de TIC da turma 8º1	46
Fig. 6 – Fluxo casa-escola dos alunos do 8º1	48
Fig. 7 – Considerações positivas dos alunos	51
Fig. 8 – Exemplo do registo de aula lecionada	59
Fig. 9 – Grupo de alunos na Av. da Igreja	62
Fig. 10 – Grupo de alunos no Lisboa Story Centre	63

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Habilitações literárias dos encarregados de educação	49
Gráfico 2 – TPC de Geografia durante o ano letivo	78
Gráfico 3 – Fichas de trabalho em Geografia durante o ano letivo	80
Gráfico 4 – Desempenho escolar nos testes ao longo do ano	82
Gráfico 5 – Dificuldades atribuídas a cada item do trabalho de grupo	85

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Principais cidades entre 1360 a.C. e 1925	9
Quadro 2 – Classificação de atividades de comércio e serviços	18
Quadro 3 – Níveis de subdivisão da classe “territórios artificializados”	20
Quadro 4 - Abordagens de ensino e aprendizagem para o Trabalho de Campo	33
Quadro 5 – Média de idades e de desempenho escolar da turma 8º1	47
Quadro 6 – Correlação entre os elementos de caracterização dos alunos	50
Quadro 7 – Desempenho da turma por grupo de questões	82
Quadro 8 – Reações gerais dos alunos	83
Quadro 9 – Avaliação de cada fase	84



## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Elementos de caracterização da turma 8º1	102
Anexo 2 – Desempenho escolar do 8º1 no 1º período	103
Anexo 3 – Questionário para crítica reflexiva das aulas lecionadas em IPP II	104
Anexo 4 – Relação de aulas assistidas	105
Anexo 5 – Presença em reuniões de professores	106
Anexo 6 – Acompanhamento em visitas de estudo	106
Anexo 7 – Planificação anual da disciplina de Geografia no AERDL	107
Anexo 8 – Planificação de médio prazo	117
Anexo 9 – Horário da turma 8º1	119
Anexo 10 – Tempos letivos referente aos conteúdos lecionados em IPP III	120
Anexo 11 - Análise ao manual escolar	121
Anexo 12 – Plano da atividade para autorização da direção	123
Anexo 13 – Formulário marcação de visita ao Lisboa Story Centre	124
Anexo 14 – Ficha de autorização para encarregados de educação	125
Anexo 15 – Plano para aula 1	126
Anexo 16 – Pré-guião	127
Anexo 17 – Recurso aula nº1 (descodificação de pré-guião)	131
Anexo 18 – Perguntas propostas pelos alunos	136
Anexo 19 – Plano para aula 2	137
Anexo 20 – Guião de trabalho de campo e visita de estudo	138
Anexo 21 – Alguns exemplos de questionários preenchidos pelos alunos	145
Anexo 22 – Esboços realizados pelos alunos durante o TC	146
Anexo 23 – Relatório de avaliação	149
Anexo 24 – Plano para aula 3	150
Anexo 25 – Recursos aula nº 3 (origem e crescimento das cidades)	151
Anexo 26 – Páginas 82 a 89 do manual	156
Anexo 27 – Tutorial para organização e processamento de dados	161
Anexo 28 – Plano para aula 4	164
Anexo 29 – Recurso aula nº 4 (expansão urbana)	165
Anexo 30 – Páginas 90 a 93 do manual	167
Anexo 31 – Plano para aula 5	169
Anexo 32 – Recurso aula nº 5 (trabalho de grupo)	170

Anexo 33 – Páginas 94 a 95 do manual	172
Anexo 34 – Guião de trabalho de grupo	173
Anexo 35 – Plano para aula 6	179
Anexo 36 – Plano para aula 7	180
Anexo 37 – Recurso aula nº 7 (organização das cidades)	181
Anexo 38 – Páginas 96 a 101 do manual	185
Anexo 39 – Tutorial para elaboração de gráficos	188
Anexo 40 – Plano para aula 8	190
Anexo 41 – Páginas 102 a 107 do manual	191
Anexo 42 – Trabalhos de grupo realizados pelos alunos	194
Anexo 43 – Artigo dos trabalhos no jornal da escola	201
Anexo 44 – Teste	203
Anexo 45 – Inquérito de auto e heteroavaliação sobre o trabalho de grupo	210
Anexo 46 – Inquérito de avaliação das atividades e aulas lecionadas	211
Anexo 47 – Elementos de avaliação referentes à sequência didática	213

## INTRODUÇÃO

Face à constante evolução da sociedade em geral e do ensino em particular, a formação inicial dos professores ganha contornos cada vez mais exigentes no que toca a boas práticas pedagógicas. Sabendo que a qualidade das práticas pedagógicas é um fator determinante nos resultados dos alunos, incontornavelmente, vão sendo colocados novos desafios ao exercício da prática docente, requerendo-se à docência virtualidades a vários níveis, como por exemplo, a capacidade de desenvolver abordagens e estratégias diversificadas para os problemas a estudar. A diversidade de estratégias acabará por expor os alunos a diferentes experiências, que se devem traduzir no desenvolvimento de conhecimentos e competências em diferentes contextos, uma mais valia na formação cidadã dos alunos, preparando-o para as complexidades que caracteriza a sociedade, pois com certeza ao longo da sua vida irá enfrentar diversas situações em diferentes ambientes.

Concretamente, o docente de Geografia pode mobilizar diferentes experiências educativas, apoiadas em vários recursos, que servem para potenciar o desenvolvimento de competências geográficas essenciais nos alunos, tais como a leitura e interpretação de diferentes representações do espaço, de fenómenos ou de quaisquer dados informativos, sejam eles quantitativos ou qualitativos, registados em mapas e gráficos. No entanto, apercebemo-nos das fragilidades que genericamente os alunos demonstram neste tipo de competências, particularmente nos alunos que frequentam o 3º ciclo do ensino básico (Ministério da Educação, 2002). Entre diferentes experiências educativas, o TC vem sendo apontado, nos sucessivos documentos curriculares da disciplina<sup>1</sup>, como estratégia privilegiada do ensino de Geografia, pelo que deve ser desenvolvido com os alunos com alguma regularidade. Contudo, verifica-se uma realização muito limitada destas atividades no ensino básico e secundário a nível nacional (Claudino, 2018). Conforme Luís Dourado (2001 e 2006, citado por M. Oliveira, 2008), o cumprimento das questões burocráticas e logísticas implícito nos documentos normativos que tutelam o sistema educativo, o tempo necessário para a planificação das atividades, os custos, a inexperiência ou insegurança dos docentes quanto às preocupações de responsabilidade pelo facto de poder ser posta em causa a

---

<sup>1</sup> Orientações Curriculares 3º Ciclo de 2002; Metas Curriculares 3º Ciclo de 2013; Aprendizagens Essenciais 3º Ciclo de 2018.

segurança dos alunos e, conseqüentemente, possíveis acusações de negligência, são alguns dos fatores que contribuem para esta realidade. Perante o panorama descrito, a opção de implementar a metodologia do TC pretende ser um contributo para a aquisição de competências essenciais em Geografia. Desenvolveu-se assim uma proposta pedagógica, baseada na experiência educativa que consiste no TC, para abordar um dos blocos temáticos referente ao programa de Geografia, com o intuito de descrever a mesma, mas, acima de tudo, efetuar uma reflexão sobre os constrangimentos encontrados em todo o processo e os benefícios resultantes de uma participação ativa dos alunos quando envolvidos numa abordagem interpretativa do território local. Partindo das Metas Curriculares de Geografia para o 3º Ciclo do Ensino Básico, documento curricular em vigor no ano letivo 2017/2018, sendo os conteúdos do programa a lecionar “Cidades, principais áreas de fixação humana”, este subdomínio do programa tornou-se propício à realização de TC, num processo devidamente planeado de trabalho à escala local, com uma turma do 8º ano de escolaridade na ESRDL.

O subdomínio “Cidades, principais áreas de fixação humana”, inserido no domínio “População e Povoamento”, tem como objetivos gerais: i) compreender a origem e o crescimento das cidades; ii) Compreender a organização morfofuncional das cidades; iii) compreender a inter-relação entre o espaço rural e o urbano (Ministério da Educação e Ciência, 2013). Visto o crescimento da população residente em meio urbano, em detrimento do meio rural, a gestão das áreas urbanas é vista como uma das questões mais pertinentes dos nossos dias face aos problemas que lhe estão associados. Tal justifica uma proposta pedagógica sobre estes temas, que seja capaz de proporcionar uma adequada compreensão dos problemas urbanos e fomentar a literacia geográfica. As atividades relacionadas com a lecionação dos descritores elencados em cada um dos objetivos gerais deste subdomínio, resultou numa sequência didática que, envolvendo estratégias diversificadas, colocou no TC o foco principal. A experiência teve lugar entre meados do 2º período e início do 3º período do ano letivo 2017/2018.

Com este trabalho procurou-se encontrar respostas que ajudem a identificar as perceções e expectativas dos alunos quanto às estratégias adotadas, concedendo particular atenção ao TC, de modo a poder contextualizar os resultados obtidos. Nesse sentido foram colocadas as seguintes questões de investigação: i) que fase do processo

ou tipo de trabalhos mais motivou o interesse e dedicação dos alunos?; ii) quais as principais dificuldades encontradas durante o processo e aspetos menos motivadores?; iii) como é que os alunos ultrapassaram as dificuldades?; iv) será que o TC contribuiu para a aquisição e consolidação de aprendizagens significativas ao nível da melhor compreensão dos conteúdos programáticos?; v) será que o TC despertou interesse no aluno para investir mais tempo no estudo autónomo?; vi) deve-se considerar alguma discriminação positiva favorecendo alunos com mais dificuldades e mais baixos desempenhos escolares?; vii) será que o TC contribuiu para desenvolvimento de competências geográficas essenciais nos alunos?.

A realização do trabalho seguiu uma abordagem essencialmente qualitativa. Com base na observação dos alunos, enquanto atores na realização dos trabalhos, foram sendo inventariados os constrangimentos e as potencialidades das atividades através de respetivos registos. Todavia, recolheu-se alguma informação para uma análise também quantitativa. Para o efeito foram realizados inquéritos e entrevistas de natureza informal, não muito estruturada, assumindo mesmo uma forma de conversa por ser de mais fácil comunicação e de maior relevância, tendo como finalidade compreender comportamentos, opiniões e emoções dos alunos. Assim, esta modalidade de investigação qualitativa passa por uma lógica de descoberta pressupondo a investigação-ação e investigação sobre a própria prática. O carácter investigativo do trabalho inclui-se dentro do paradigma interpretativo, uma vez que se trata de uma investigação em pequena escala, envolvendo uma população de 30 alunos. O envolvimento pessoal como investigador foi de presença permanente na observação do comportamento e desempenho dos alunos. Pese embora o cuidado na definição de critérios, sendo uma investigação qualitativa, esta terá sempre algo de subjetivo. A par de uma incontornável pesquisa bibliográfica para suporte teórico do estudo, iniciou-se a recolha de dados pela observação. A observação direta esteve presente em todo o processo, desde a observação da turma em ambiente de sala de aula com outros docentes, permitindo ter uma primeira ideia dos comportamentos, níveis de participação e interesse dos alunos nas aulas, até à observação focada no desempenho dos grupos de alunos na realização das diferentes tarefas. Foi então feito um registo em diário de bordo, tanto quanto possível de forma sistemática durante o decorrer do estudo, com elementos descritivos e elementos de natureza reflexiva ou de carácter mais pessoal. A recolha documental, para a caracterização da turma, foi o passo

seguinte. Obedecendo às devidas autorizações por parte do diretor de turma no acesso às fichas individuais dos alunos. Também foram usados fichas e testes de avaliação para que se pudesse fazer, ainda que de forma um pouco subjetiva, algumas comparações de resultados.

Depois deste bloco introdutório, o relatório reparte-se em quatro secções, que se apresentará seguidamente.

Na primeira secção é feita uma revisão científica sobre os conteúdos lecionados relacionados com a Geografia urbana escolar, de acordo com os conteúdos curriculares previstos no programa de Geografia para o 8º ano de escolaridade.

A segunda secção trata do enquadramento pedagógico da unidade didática, fazendo aqui a fundamentação teórica para as opções de intervenção letiva adotadas, refletindo também sobre a importância do ensino da Geografia e o seu contributo na formação de cidadãos conscientes para um eficaz exercício de cidadania.

Na terceira secção é descrito o contexto escolar, com uma apresentação da escola nas diferentes dimensões, enquadramento sociogeográfico e caracterização da turma.

Na quarta secção, relativa à prática de ensino supervisionado, faz-se a explanação pormenorizada das atividades realizadas na prática de ensino supervisionada, onde são explicadas a conceção e planificação da unidade didática, as estratégias e metodologias implementadas, o desempenho e adesão dos alunos às mesmas, bem como a avaliação e análise dos resultados.

Por fim, encerra-se o relatório com uma breve reflexão sobre o processo percorrido tendo em conta as expectativas iniciais e os resultados obtidos.

## **1. GEOGRAFIA URBANA ESCOLAR**

“As povoações urbanas podem apresentar várias dimensões desde as grandes cidades a pequenos centros a que dificilmente se chamaria cidades; ao mesmo tempo, residências, fábricas, grandes superfícies comerciais, equipamentos de lazer cobrem áreas extensas, tornando cada vez mais difícil identificar os limites da cidade [...]. Por isso, em vez de cidades, tende-se a fazer referência a «centros urbanos» [...]” (Salgueiro, 2005, p. 176)

A nível mundial, a população residente nas cidades ultrapassa a população residente em meio rural no ano de 2008 e, as estimativas apontam para que até 2030 a população mundial a viver em centros urbanos se eleve mais de 70% (UNFPA, 2007). Inevitavelmente, esta metamorfose traz ao espaço urbano diferentes desafios e realidades complexas, que a geografia urbana pretende compreender. A vida nas cidades está repleta de problemas e possibilidades. Muitas das questões mais prementes que as sociedades contemporâneas enfrentam no presente, e continuarão a enfrentar no futuro, giram em torno da vida nas cidades. Imaginar possíveis soluções para estes problemas exige uma envolvimento e conhecimento sobre as dinâmicas da vida das cidades. A geografia urbana contribui para a compreensão dessas complexidades, algo de extrema importância para alunos e qualquer cidadão do mundo contemporâneo (Hall, 2006).

### **1.1. Enquadramento curricular**

#### **1.1.1. Unidade didática lecionada**

De acordo com as Metas Curriculares de Geografia para o 3º Ciclo do Ensino Básico, concretamente para o 8º ano de escolaridade, os conteúdos a lecionar fazem parte do subdomínio “As cidades, principais áreas de fixação humana”, inseridos no domínio “População e Povoamento”, sendo os objetivos gerais: i) compreender a origem e o crescimento das cidades; ii) compreender a organização morfofuncional das cidades; iii) compreender a inter-relação entre o espaço rural e o urbano.

Quanto à sub-unidade “Cidades, principais áreas de fixação humana”, esta contribui para aferir os principais fatores que condicionam o surgimento e crescimento

das cidades, bem como as dinâmicas de gestão e adaptação do espaço urbano ao longo das sucessivas realidades socioeconómicas ocorridas.

O estudo dos assuntos abordados nesta unidade didática reveste-se de uma incontornável importância. Visto ser a globalização, os fenómenos populacionais, sociais e culturais, juntamente com causas e consequências a todos os níveis que daí advêm sem escolher fronteiras, torna-se fundamental desenvolver uma educação geográfica que problematize, que procure relacionar cenários e explore soluções assentes em valores humanistas, procurando uma cidadania ativa baseada numa aprendizagem quotidiana e ao longo da vida (Ministério da Educação, 2018).

### **1.1.2. Análise aos documentos curriculares**

No documento curricular *Metas Curriculares para o 3<sup>a</sup> Ciclo do Ensino Básico de Geografia*, em vigor desde 2014, referindo ter por base os conteúdos do documento *Orientações Curriculares de Geografia – 3<sup>o</sup> Ciclo*, de 2002, as unidades didáticas podem ser vistas como unidades de programação e de organização da prática docente, constituindo um conjunto sequencial de objetivos a alcançar no processo de ensino aprendizagem. Desta forma, desenvolvem-se a partir de uma unidade temática central conteúdos que se integram e possibilitam o estudo e entendimento dessa problemática, ou seja conteúdos que se espera poder dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular, elencando o que ensinar (objetivos e conteúdos), quando ensinar (sequência ordenada dos conteúdos) e, discretamente, como ensinar (verbalizando as ações das tarefas de ensino a adotar).

Já no supracitado documento de 2002, que mereceu especial consideração no que toca a experiências educativas, o desenvolvimento programático é orientado no sentido de privilegiar a realização de atividades que utilizem as técnicas e os métodos inerentes da Geografia. Depois de apresentar a listagem dos conteúdos fundamentais que devem conter em cada tema, elenca uma série de questões vincadamente de pensamento geográfico e com as quais se pode fazer um caminho para atingir os objetivos, acompanhando com propostas de experiências educativas, estratégias de ensino e competências específicas a desenvolver.

O atual documento curricular, designado por Aprendizagens Essenciais (AE), aprovado pelo Despacho nº6944-A/2018 em Julho de 2018, apresenta as ações



estratégicas de ensino orientadas para o perfil dos alunos à saída do ensino obrigatório. Este, visa o desenvolvimento das áreas de competências inscritas no documento que traça o perfil desejável que os alunos devam possuir. O documento das AE para 8º ano do 3º ciclo do ensino básico está organizado de modo a privilegiar as metodologias de análise espacial no desenvolvimento das unidades didáticas (Ministério da Educação, 2018), contemplando nas ações estratégicas propostas de experiências educativas, estratégias de ensino e competências específicas a desenvolver que vão ao encontro das Orientações Curriculares de 2002, inovando, neste ponto, ao referenciar tópicos concretos orientados para um trabalho interdisciplinar e ao mencionar expressamente os conceitos a reter.

## **1.2. Revisão científica dos conteúdos lecionados**

### **1.2.1. A origem e o crescimento das cidades**

O domínio da agricultura e pastorícia permitiu uma progressiva sedentarização e aglomeração de indivíduos, conseqüentemente, houve aperfeiçoamento de aptidões, produção de excedentes, alguns sistemas de escrita e modos de vida mais organizados. Em regiões com disponibilidade de solos férteis, particularmente na Mesopotâmia, há cerca de 5 000 anos, nos pequenos aglomerados ou aldeias foram sendo construídas as primeiras cidades («MESOPOTÂMIA uma terra entre dois rios», 1977).

De acordo com Pacione (2005), podemos identificar cinco grupos de teorias explicativas para a origem das cidades: as teorias hidráulicas, as teorias económicas, as teorias militares, as teorias religiosas e as teorias multicausais. Wittfogel (1957 citado por Pacione, 2005), salienta a teoria hidráulica, considerando a importância da irrigação como um fator determinante no desenvolvimento urbano no mundo antigo, pois a intensificação agrícola e a concentração de população, levava à necessidade, concretamente nos climas semiáridos do Médio Oriente, a uma gestão dos recursos hídricos que requeria cooperação e soluções concertadas, inicialmente esquemas de irrigação de pequena escala, que ao expandir-se obrigaria a obras de maior envergadura, divisão do trabalho, que por sua vez, exigiria uma maior administração, e assim por diante, levando a uma organização política urbana. A teoria económica, elencada por Pacione (2005), sugere o desenvolvimento do comércio como fator de desenvolvimento da sociedade urbana. Com a prosperidade agrícola os agricultores

começaram a produzir mais do que as suas necessidades, o que permitiu o aparecimento de novas classes de indivíduos que já não cultivavam, surgindo assim outras atividades, uma especialização do trabalho, e por sua vez o comércio. A produção de excedentes terá exigido uma organização administrativa estruturada para controlar a produção, aquisição e distribuição de mercadorias. Como tal, o aumento da produção para alimentar a população em expansão, bem como para fins comerciais, terá levado a uma contínua especialização do trabalho e intensificação de produção, constituindo-se assim um mercado de produtos locais e bens comerciais. A teoria militar, também apontada pelo mesmo autor, é fundamentada pelo facto de existir a necessidade de defesa das terras férteis, que seriam escassas, bem como de proteção das pessoas, sugerindo que a ameaça de conflitos e guerras pode ter contribuído para a intensificação do desenvolvimento urbano em vários locais, favorecendo uma concentração populacional com fins defensivos e potenciando a especialização artesanal. Para Pacione (2005) é uma evidência a presença de santuários ou templos em antigas áreas urbanas, não deixando dúvidas sobre o importante papel que a religião desempenhou no processo de transformação social que criou as cidades. As teorias religiosas têm em conta a importância dessa estrutura de poder, concentrado nas mãos de uma elite religiosa, mas desenvolvida para a formação e a perpetuação de lugares urbanos. O mesmo autor, na abordagem da teoria multicausal, coloca a hipótese de não ter sido um único fator a desencadear as cidades, mas sim uma série de outros fatores. Citando Redman (1978), a ascensão da civilização deve ser compreendida como uma série de interações de processos que foram desencadeados por condições ecológicas e culturais favoráveis e que continuaram a desenvolver-se através de interações que se reforçam mutuamente.

Durante muitos séculos a delimitação geográfica das cidades não colocou grandes problemas. Um território com uma população e uma circunscrição político-administrativa, era suficiente para dotar um determinado espaço numa unidade física, tanto ao nível morfológico, como funcional, social e político, espaço esse que, mesmo quando não muralhado, as suas formas e limites, em tudo contrastava com o mundo rural envolvente (Ferrão, 2003). Por outro lado, durante muitos séculos, até finais do séc. XVIII início séc. XIX, o crescimento populacional mundial bem como o crescimento das cidades em número de habitantes foi lento (quadro 1).

O relatório *Patterns of Urban and Rural Population Growth* das Nações Unidas (UN, 1980) descreve a evolução da população urbana desde os primórdios da civilização urbana até ao final da II Guerra Mundial. Nesse trabalho refere: as primeiras cidades, na Mesopotâmia, apesar de numerosos, no início foram cidades pequenas e assim permaneceu devido a rivalidades entre elas que manteve o território politicamente fragmentado. Próximo do séc. V a.C., cidades com envergadura populacional começaram a aparecer em regiões como a Pérsia, Grécia, Egito, Índia e China. Já na era cristã, diferentes impérios conseguiram garantir recursos que permitiu algum crescimento de cidades. Todavia, a Europa continuou por um longo tempo num estado de fragmentação, onde o elemento dominante passou a ser um sistema aristocrático e feudal, embora com muitas cidades, estas continuavam relativamente pequenas. Depois do final da Idade Média, o surgimento gradual e sustentado de novas orientações racionais, o renascimento cultural, as descobertas, o desenvolvimento de espírito ambicioso, levou ao desenvolvimento do comércio mundial, fomento da ciência e, posterior Revolução Industrial. A partir da Revolução Industrial, a população total da Terra começou a crescer a um ritmo extremamente rápido e a população urbana cresceu ainda mais rapidamente.

**Quadro 1 – Principais cidades entre 1360 a.C. e 1925**

Date	Cities with population over:						Largest city in world
	100 000	200 000	500 000	1 000 000	2 000 000	5 000 000	
<b>B.C.</b>							
1360 .....	1	—	—	—	—	—	Thebes (Egypt) <sup>a</sup>
650 .....	3	—	—	—	—	—	Nineveh (Iraq) <sup>b</sup>
430 .....	12	2	—	—	—	—	Babylon (Iraq) <sup>c</sup>
200 .....	14	4	—	—	—	—	Patna (India) <sup>d</sup>
100 .....	16	6	2	—	—	—	Rome (Italy)
<b>A.D.</b>							
361 .....	12	6	—	—	—	—	Constantinople <sup>e</sup>
622 .....	8	5	1	—	—	—	Constantinople <sup>e</sup>
800 .....	14	6	2	—	—	—	Changan (China) <sup>f</sup>
1000 .....	17	5	—	—	—	—	Córdoba (Spain)
1200 .....	24	5	—	—	—	—	Hangchow (China)
1400 .....	23	9	—	—	—	—	Nanking (China)
1500 .....	23	11	2	—	—	—	Peking (China)
1600 .....	37	15	3	—	—	—	Peking (China)
1700 .....	41	20	7	—	—	—	Istanbul (Turkey)
1800 .....	65	24	6	1	—	—	Peking (China)
1850 .....	110 <sup>g</sup>	44	11	3	1	—	London (United Kingdom)
1875 .....	165 <sup>g</sup>	73	17	6	2	—	London (United Kingdom)
1900 .....	301	148	43	16	4	1	London (United Kingdom)
1925 .....	450 <sup>g</sup>	213	91	31	10	3	New York (United States of America)

Fonte: extraído de ONU (1980, p. 5) “Patterns of Urban and Rural Population Growth”

Grande parte do crescimento populacional das cidades adveio da migração de população do meio rural para o meio urbano, atraídos, por um lado, pela possibilidade de empregos, por outro, à medida que a agricultura se tornava mecanizada, menos pessoas seriam necessárias para trabalhar na terra (Davis, 1955). De acordo com Davis

(1955), este fenómeno teve forte impacto nos países que estiveram na linha da frente do processo de industrialização.

A Inglaterra sofreu o maior incremento de urbanização nas primeiras décadas do séc. XIX, países como a Alemanha e Estados Unidos da América duplicam a percentagem de população a viver em cidades na segunda metade do séc. XIX. A Europa e a América do Norte experimentaram a primeira fase de industrialização e consequente primeira onda de urbanização, num processo rápido mas ainda assim gradual (UNFPA, 2007). À medida que os países mais desenvolvidos consolidavam o processo de industrialização, o ritmo de crescimento da população nas cidades destes ia abrandando, na medida em que ao diminuir a percentagem de população rural progressivamente foi havendo menos disponibilidade de população para alimentar o fluxo migratório em direção às cidades (Davis, 1955).

No entanto, a taxa de urbanização a nível mundial nunca parou de aumentar, aquando o abrandamento do ritmo de urbanização dos países industrializados, deu-se o aumento das taxas de urbanização nos países menos desenvolvidos. No início do séc. XX, apenas 16 cidades do mundo continham pelo menos um milhão de habitantes, a grande maioria das quais em países com economias industrialmente avançadas. Já no início do séc. XXI, rondava as 400 cidades em todo o mundo a contabilizar mais de um milhão de habitantes, sendo que cerca de três quartos delas se localizavam em países menos desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento (Cohen, 2004).

O aumento da população urbana nos países mais pobres faz parte de uma segunda onda de urbanização, de forma exponencial, maior e muito mais rápida do que a primeira (UNFPA, 2007). Estes países, com um processo de industrialização tardia e muito incompleta (Davis, 1955), em poucas décadas alcançaram taxas de crescimento urbano que os países mais desenvolvidos demoraram quase dois séculos, tendo para tal contribuído o crescimento natural devido aos avanços da medicina no que toca à redução da mortalidade (UNFPA, 2007).

### **1.2.2. Problemas das cidades com o crescimento urbano**

Se por um lado a urbanização está geralmente associada a um aumento da qualidade de vida das pessoas, maiores oportunidades de emprego, acesso à educação e à saúde, maiores liberdades sociais e impulso no progresso humano, por outro lado,

a construção de infraestruturas e equipamentos<sup>2</sup>, bem como a providência de variados serviços, para fazer face às necessidades dos seus habitantes, não acompanhou o ritmo de crescimento das cidades. Muitas cidades em rápido crescimento expandem-se com áreas muito degradadas, onde a pobreza e a exclusão ganham dimensão, as desigualdades e questões de insegurança urbana tomam lugar nas preocupações dos cidadãos, os problemas ambientais e as questões de sustentabilidade ocupam lugar nas prioridades de gestão das cidades com o intuito de desenvolver e adaptar formas de organização política, social e económica para dar resposta ao atual e futuro contexto urbano (UNFPA, 2007; UN HABITAT, 2016).

A grande diferença no ritmo de crescimento urbano dos diferentes países está relacionada com o processo de transição das suas economias. À medida que passam de uma economia de base agrícola para um desenvolvimento do setor industrial e, posteriormente, desenvolvimento do setor terciário, os fluxos migratórios em procura de melhores condições de vida na cidade vai-se adensando (Marques, 2005). Com a pressão demográfica sobre a cidade, mais pessoas, mais procura de habitação, mais procura de espaços para instalação de comércio e serviços para satisfazer as populações e, conseqüentemente, o preço do solo sobe tornando-se difícil, ou até mesmo impossível, de suportar pelos migrantes recém chegados (Farahani, Miandoabchi, Szeto, & Rashidi, 2013). Começa então o crescimento das cidades para áreas periféricas das grandes aglomerações, num processo de suburbanização, acompanhado também pela progressiva deslocalização de unidades industriais para regiões não centrais (Marques, 2005). Porém, o rápido crescimento populacional das cidades, como foi o caso de Lisboa e Porto a partir dos anos 60 do séc. passado, com a falta de habitação social para dar resposta às necessidades, especulação de mercado e insuficiente capacidade de planeamento, originou uma ocupação de terrenos livres para construção de habitações, geralmente sem autorização ou licenciamento de construção por parte das entidades competentes, proliferando bairros de génese ilegal e crescimento urbano descontrolado (Matos & Salgueiro, 2005). Álvaro Domingues refere-se a este processo de suburbanização como um processo de urbanização espontâneo, praticamente sem regulamentação e com insuficiência de infraestruturas básicas (Domingues, 1994). Estes novos espaços urbanizados, usam as redes viárias existentes para se instalarem, são constituídos por diferentes tipologias de construção,

---

<sup>2</sup> Habitação, saneamento, estradas, transportes, energia, etc...

com o predomínio residencial. Revestem-se geralmente de inexistência ou muito reduzido espaço público, serviços e equipamentos públicos e privados em quantidade e qualidade, bem como pela carência de infraestruturas e ausência de planificação do espaço (Domingues, 1994). Para além da desorganização do território e má qualidade ambiental, em resultado da combinação do anterior verificado, os subúrbios compreendem problemas sociais ligados à exclusão e segregação social, marginalidade e défice de cidadania (Domingues, 1994).

Os transportes são um elemento incontornável das cidades e imprescindíveis no dia a dia dos cidadãos, pois é através destes que as pessoas se permitem às necessárias deslocações para realizarem as suas diversas atividades. Com o aumento da população e mais pessoas a viver em novas cidades ou subúrbios, torna-se necessário infraestruturas de transporte eficazes para atender as dinâmicas de mobilidade centro periferia, pois a pressão sobre as infraestruturas ligadas aos transportes, tanto público como privado, aumenta consideravelmente. Mais tráfego rodoviário nas estradas, cria sérios problemas de congestionamento, para além de condicionar a mobilidade dos utentes provoca uma acentuada diminuição da qualidade do ar, poluição sonora e maior probabilidade de acidentes, especialmente nos centros onde a densidade de atividades for mais elevada (Farahani et al., 2013). A construção de infraestruturas capazes de garantir maior mobilidade não tem vindo a garantir de forma eficaz o encurtamento de distância entre diversos locais onde a população desenvolve as suas atividades. O uso intensivo do automóvel, um dos principais fatores geradores de problemas de circulação, continua para muitos, a ser única opção na falta de alternativas para as suas deslocações (Pacheco, 2005).

Muito facilmente encontramos notícias nos meios de comunicação social testemunhando os efeitos negativos da solidão, podendo ser considerada como um dos atuais problemas das sociedades modernas, que tanto pode afetar desde as camadas mais jovens da sociedade aos mais idosos, principalmente nas grandes cidades. Hoje em dia, envelhecer em meio urbano é arriscar o período final de vida mais só, sem grande visibilidade social, com as redes sociais de apoio aos mais idosos insuficiente para garantir uma boa qualidade de vida a todos os idosos. Nas áreas urbanas de maior dimensão, servindo de habitat a milhares, ou mesmo milhões de pessoas, toda a vida se desenvolve numa constante corrida contra o tempo, levando as pessoas a focarem-se cada vez mais nas suas atividades e, não raras vezes, a descorar hábitos de

vizinhança e convivência, ou seja, coabitando entre desconhecidos e com relações de cariz impessoal. Nestas relações impessoais mais dificilmente se ganha confiança. Pelo contrário, podem até gerar desconfiança e conseqüentemente maior probabilidade de conflito ou maiores níveis de ansiedade. Em suma, uma pessoa sozinha, principalmente quando se trata de uma personalidade mais frágil, sem relações sociais suficientemente de acordo com as necessidades humanas, pode ter maior possibilidade de se ver confrontada com depressões, de se tornar uma pessoa mais angustiada ou hostil, podendo contagiar relações negativas e implicações prejudiciais com a saúde mental (Teixeira, 2018).

### **1.2.3. Importância das cidades sustentáveis**

Nos dias de hoje, com o padrão de crescimento urbano verificado, precursor de múltiplos problemas na eficiência e sustentabilidade das cidades (com as áreas urbanas a atingirem dimensões mais extensas, construção dispersa e quase sempre desordenada, surgimento de áreas desqualificadas, movimentos pendulares em crescimento com recurso do automóvel particular, com os problemas ambientais associados e o respetivo ónus suplementar dos custos envolventes a estas realidades), torna-se emergente o desafio da gestão dos territórios urbanos, que terá de passar necessariamente por estratégias de desenvolvimento urbano sustentável (Magalhães, 2009; DGT, 2015).

O conceito Desenvolvimento Sustentável<sup>3</sup>, emerge a partir do relatório Bruntland “*Our Common Future*” em 1987 (Costa, 2002). Este relatório elenca os problemas das cidades bem como os desafios, revestindo-se de particular preocupação o facto de que poucos governos municipais terem capacidade técnica e financeira para, face ao rápido crescimento, apresentar soluções condicentes com a dignidade de vida humana para toda a população. O mesmo relatório apresenta algumas linhas orientadoras para inverter o rumo deste ciclo, nomeadamente a descentralização de dinheiros públicos e poder político (ou seja maior autonomia das autarquias e proximidade de gestão, pois estas estarão em melhores condições de inventariar as

---

<sup>3</sup> O relatório Bruntland, define Desenvolvimento Sustentável como um processo de mudança, no qual, a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e as abordagens institucionais deverão coexistir em harmonia, permitindo atender às necessidades e aspirações humanas atuais, mas, mantendo o mesmo potencial para o futuro.

necessidades locais, na medida em que as possibilidades de desenvolvimento são específicas para cada cidade e devem ser avaliadas no contexto de cada região). Sustenta-se também a ideia de envolver, representantes das classes sociais mais desfavorecidas na construção de soluções (aproveitando, por meio formal ou informal, as sensibilidades e competências desta franja da sociedade, também ela construtora da identidade da cidade, em suma uma responsabilização para as tomadas de decisão). O relatório afirma que o desenvolvimento urbano dificilmente terá sucesso quando baseado em modelos padronizados e importados. Embora seja de admitir uma assistência técnica das instituições centrais, apenas um governo local forte pode garantir que as necessidades, as prioridades sociais e as condições ambientais da área local sejam refletidas nos planos locais para o desenvolvimento urbano (Brundtland & Khalid, 1987).

A assinatura da “Carta das Cidades Europeias para a Sustentabilidade” em 1994, foi a alavanca dos primeiros compromissos com vista à adoção de medidas para o desenvolvimento sustentável das cidades (Costa, 2002). Tendo com objetivo o bem-estar das populações a longo prazo, para um desenvolvimento urbano sustentável, uma nova abordagem que compatibilize conflitos e vontades, terá de ser encontrada a partir dos diferentes sistemas que compõem a cidade (económico, social, cultural, ambiental, etc.), englobando a participação de todos os agentes nesses processos (Costa, 2002). As cidades signatárias da “Carta das Cidades Europeias para a Sustentabilidade”, reconhecem que o atual modo de vida urbano é causador de numerosos problemas ambientais com os quais a humanidade se confronta. Conscientes disso, propõem-se a identificar sistematicamente os problemas e as suas causas, através da consulta ao público e estabelecer um plano local de ação a longo prazo para a sustentabilidade, o qual deverá incluir objetivos avaliáveis. Como documento orientador, a estratégia «Cidades Sustentáveis 2020», lançada em 2015 pelo Ministério do Ambiente, Ordenamento de Território e Energia, do Governo de Portugal, procura reforçar a dimensão estratégica do papel das cidades nos diversos domínios, assumindo o paradigma do desenvolvimento urbano sustentável, passando pelo envolvimento e compromisso de uma multiplicidade de agentes e níveis de governação diferenciados, referindo estas premissas como condições fundamentais para que as intervenções não fiquem reduzidas à dimensão física do espaço urbano, mas, vá também ao encontro do



desenvolvimento económico, inclusão social, educação e proteção do ambiental (DGT, 2015)

#### **1.2.4. Funções das cidades e áreas funcionais**

A cidade, enquanto forma de povoamento, local privilegiado de concentração de pessoas, capitais e forças de produção, que por si dinamizam capacidades, não só de transformar a paisagem, mas de lhe imprimir uma identidade, é dotada de um espaço relativamente limitado com características de forma e imagem muito peculiares. Por beneficiar de um aumento da densidade e diversidade de população favorece a diversidade do edificado ao nível funcional. É nas cidades que se encontra a maior diversidade de equipamentos<sup>4</sup> relativos a um maior leque de atividades<sup>5</sup>. Face à presença desta diversidade e quantidade de equipamentos, não deixando de ser interessante averiguar a função urbana mais ou menos preponderante de cada cidade, mesmo se nas de maior dimensão esta tarefa seja quase impossível de realizar (Monbeig, 1941).

A identificação da prevalência de determinado setor de atividade, permite saber qual o motor gerador de vitalidade social e económica, refletindo-se também na dimensão e especialização do edificado construído, na medida em que por vezes esta função concede à cidade uma dimensão simbólica que quase ofusca todas as restantes atividades presentes (Salgueiro, 2005b). Podemos apontar como exemplo a cidade de Coimbra, popularmente conhecida como a cidade dos estudantes e dos doutores, face ao peso da universidade como componente intelectual na vida da cidade, ou a cidade de Lisboa, que, como capital e sede do poder político nacional (Salgueiro, 2005b).

Sem prejuízo da função residencial presente em todas as cidades, genericamente, o processo de evolução das cidades é condicionado pelas modificações ocorridas ao longo dos tempos. As cidades vão-se adaptando às necessidades e ao afirmarem-se algumas atividades principais ficam conotadas com o desempenho das funções diferenciadas a elas associadas (Costa, 1993).

Podemos considerar a função industrial como sendo a função preponderante de uma cidade quando se verifica uma paisagem urbana com forte presença de unidades

---

<sup>4</sup> Universidades, hospitais, museus, quartéis, bancos, etc.

<sup>5</sup> Ensino, saúde, cultura, defesa, economia, etc.

de transformação de mercadorias e produção de bens, ou mesmo quando a presença destas unidades possa ser mais discreta mas seja considerado o elemento dinamizador das restantes atividades (Monbeig, 1941).

A função comercial, materializa-se pelo elevado número de estabelecimentos comerciais, existência de muitas e de várias tipologias de lojas (Monbeig, 1941).

Porém, podem surgir novas cidades, construídas praticamente do zero, com especificidades muito vincadas, como é exemplo de Fátima, com uma função determinante e incontornável, no caso, de cariz religioso (Costa, 1993). Num outro exemplo de cidade criada de raiz com um propósito totalmente definido, a sua função específica dita a arquitetura dos edifícios quando a cidade é construída para esse efeito, no caso concreto de Brasília, nasceu para ser capital do Brasil, com um projeto de construção exclusivamente administrativa (Santos, 1964).

Como salienta Ribeiro (1984), depois de garantido as condições essenciais para o seu surgimento e desenvolvimento, grande parte das cidades expandem-se em torno das áreas centrais, possibilitando a fixação, tanto do comércio, como de diferentes funções, entre outras, a funções administrativa, religiosa, cultural e, em certos casos, industrial (Ribeiro, 1975). De um modo geral, em qualquer cidade que possamos percorrer, num olhar minimamente atento, podemos observar preponderância em algum tipo de atividade e uso do solo em diferentes áreas, como se retalhos de terreno onde cada porção é identificado com um uso mais ou menos dominante (Salgueiro, 2005c).

Com efeito, Lipietz (1983, citado por Salgueiro, 2005b), sugere a organização das áreas funcionais do espaço urbano como fruto da divisão técnico-económica do espaço com a sua divisão social, ou seja, a localização de fábricas em determinados locais confinados da cidade, a fixação de comércio noutras, escritórios e áreas residenciais em locais diferentes dos anteriores, resultam do processo de relação de forças de ordem económica que determinam as localizações de cada unidade funcional, ou setor de atividade, consoante as maiores vantagens que possam usufruir e sejam mais lucrativas para certas atividades (Salgueiro, 2005c). Com a fragmentação do espaço, quer de cariz mais residencial, de comercial, serviços e outros, não raras vezes, as novas centralidades, agora libertadas dos fatores de proximidade que as melhorias

das acessibilidades trouxeram, resultam frequentemente na coexistência de múltiplas funções (Salgueiro, 2005c).

#### **1.2.4.1. Grandes categorias de comércio a retalho e de serviços**

As atividades de comércio e serviço incluem-se no setor terciário, setor com considerável vitalidade nas sociedades mais desenvolvidas e com o estatuto de maior empregador.

Importa então refletir um pouco sobre as tipologias do comércio, organizadas em função de diferentes critérios. Sintetizando, de acordo com Salgueiro (1996), as classificações podem passar pela dimensão das empresas ou dos estabelecimentos (sendo estes avaliados por parâmetros relacionados com o volume de vendas, pessoal ao serviço ou área), podem se basear na variedade de artigos apresentados (generalistas com grande variedade de artigos, especialistas com pouca variedade de artigos, explorando ou não a profundidade do sortido. Existe também classificações que entram em considerações com a qualidade e o preço dos produtos, classificações que consideram critérios de frequência na compra dos artigos (bens banais, referentes ao consumo quotidiano, de frequência regular e bens raros, de aquisição esporádica ou ocasional). Há ainda outras classificações que combinam mais do que um critério.

Para o efeito, a classificação que nos merece mais atenção foca-se em critérios funcionais. Uma primeira classificação identifica duas categorias, a do comércio grossista e a retalho, contudo, hoje em dia estas aparecerem não raras vezes camufladas dentro de grandes grupos empresariais, ou seja, se é relativamente fácil identificar a função dominante quando se trata de comércio tradicional já quando se trata de algumas sociedades de grandes cadeias levantam-se problemas de classificação. Mais concretamente a classificação funcional tem em conta o tipo de artigos vendidos ou serviços oferecidos pelo estabelecimento. Neste caso, conforme Salgueiro (1996), a partir de uma listagem muito variada de funções (quadro 2), classificação considerada abrangente e com necessária elasticidade para diferentes adaptações consoante o pormenor que se pretenda no estudo, faz-se um levantamento dos estabelecimentos existentes tendo em conta as características da principal função de cada ponto de venda.

## Quadro 2 – Classificação de atividades de comércio e serviços

<i>Comércio a retalho</i>		
<i>1. Produtos alimentares</i>	03. Decoração, artesanato	<i>6. Construção-bricolage</i>
01. Hipermercado	04. Iluminação	01. Ferragens
02. Supermercado	05. Electrodomésticos	02. Vidro, madeira, borracha
03. Merceria, minimercado	06. Alta fidelidade	03. Tintas e vernizes
04. Fruta, hortaliça	07. Utensílios lar	04. Loijas sanitárias
05. Carne	08. Têxtil lar	05. Materiais de construção
06. Peixe	<i>4. Higiene, saúde, beleza</i>	<i>7. Equipamento profissional</i>
07. Pão	01. Perfumaria	01. Escritório, informático
08. Bebidas	02. Farmácia	02. Instrumentos musicais
09. Chocolates, aperitivos	03. Oculista	03. Instrumentos científicos
10. Café, chá	04. Dietéticos e naturais	04. Máquinas profissionais
11. Comida a peso	05. Drogaria	05. Electrico, electrónico
12. Congelados ne	<i>5. Artigos lazer-cultura</i>	06. Outros equipamentos
<i>2. Artigos pessoais</i>	01. Papelaria, revistas	<i>8. Combustíveis-transportes</i>
01. Vestuário	02. Livraria	01. Combustíveis
02. Calçado	03. Discos	02. Auto, moto
03. Retrosaria, tecidos, lãs	04. Fotografia	03. Bicicletas
04. Ourivesaria, relojoaria	05. Brinquedos	04. Acessórios auto, pneus
05. Acessórios	06. Desporto, campismo, caça	<i>9. Comércio não especializado</i>
<i>3. Equipamento para o lar</i>	07. Flores, plantas	01. Grandes armazéns
01. Mobiliário	08. Animais	02. Bazares, loja 300
02. Antiquários	09. Outros ne	
<i>Serviços</i>		
<i>10. Serviços de reparação</i>	<i>12. Recreativos-culturais</i>	02. Investigação
01. Calçado	01. Lotaria, apostas	03. Saúde
02. Electrodomésticos	02. Agência viagens	04. Administração pública
03. Automóveis	03. Discoteca, pub	05. Advogados, notários
04. Motos e bicicletas	04. Sala de jogos	06. Associações, sindicatos
05. Relógios e joalharia	05. Clube vídeo	07. Comunidades religiosas
06. Reparações ne	06. Cinema	<i>15. Alojamento-restauração</i>
<i>11. Serviços pessoais</i>	07. Teatro, museu	01. Hotéis
01. Barbearia	08. Galeria de arte	02. Pensões
02. Cabelheiro, beleza	<i>13. Serviços financeiros</i>	03. Café, pastelaria
03. Lavandaria	01. Bancos	04. Geladaria
04. Fotógrafo	02. Seguros	05. Cervejaria, snack
05. Reprografia	03. Imobiliárias	06. Taberna, casa pasto
06. Funerária	<i>14. Serviços colectividade</i>	07. Restaurante
07. Serviços pessoais ne	01. Educação	08. Comida rápida

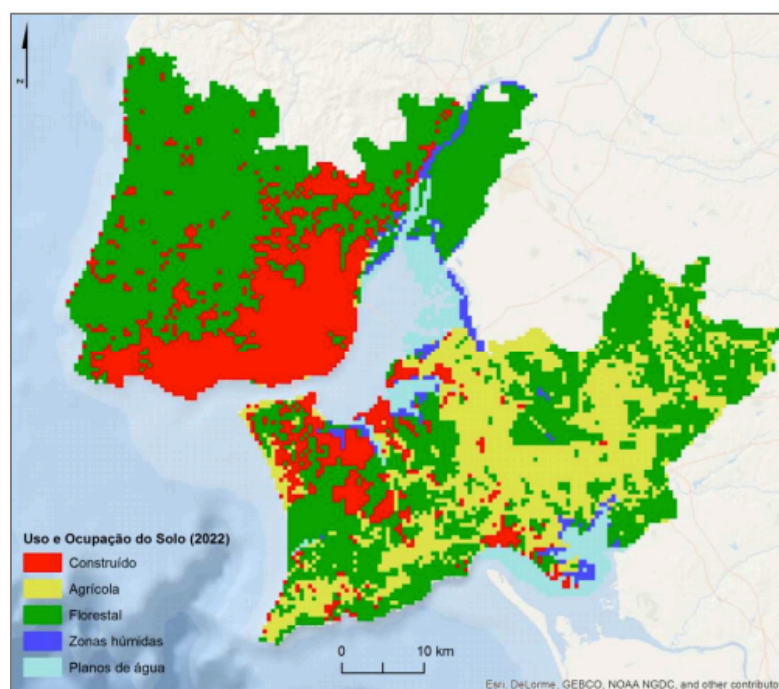
Fonte: extraído de Salgueiro (1996, p. 12) “Do Comércio à Distribuição”

### 1.2.4.2. Uso do solo e ferramentas de análise

As alterações de uso e ocupação do solo advêm de diferentes interações espaço-tempo entre fatores biofísicos, fatores socioeconómicos e demográficos com efeitos de ordem sistémica, significando que qualquer desfiguração do território tem implicações no conjunto das variáveis que formam os diferentes sistemas. Compreender essas interações e identificar as variáveis que mais influenciam estas dinâmicas de uso e ocupação do solo, é estar dotado de um conhecimento

indispensável, principalmente para territórios densamente urbanizados, tendo em linha de conta a gestão e organização do território. Neste sentido, a representação cartográfica bem como a análise estatística dessas alterações são cruciais para se conseguir um diagnóstico mais rigoroso do território (Morgado, 2016).

A cartografia de ocupação e uso do solo<sup>6</sup> mobiliza mapas de pequena escala, inferiores a 1:25 000 ou 1:50 000 e visam registar os grandes usos. A nomenclatura utilizada é constituída por um sistema hierárquico de 5 classes de ocupação e uso do solo, respetivamente: território artificializado, agrícola, florestal, zonas húmidas e planos de água, que por sua vez podem ser subdivididos em 5 níveis (DGT, 2018). Pressupondo um cenário de continuidade das políticas e práticas levadas a cabo nas últimas duas décadas, Morgado (2016) numa demonstração do potencial modelístico para o ordenamento e planeamento do território apresenta futuros possíveis (figura 1) que poderão ser um instrumento de apoio à tomada de decisão.



**Fig. 1 – Perspetiva para uso do solo na Área Metropolitana de Lisboa em 2022**

Fonte: extraído de Morgado (2016, p.18) “Uso e Ocupação do Solo”

As plantas funcionais são mapas de inventário construídas em mapas de grande escala, normalmente, 1:5 000 ou 1:10 000. Como têm uma escala maior pode-se

---

<sup>6</sup> Cartografia representativa da cobertura física e biológica do território, incluindo superfícies artificiais, áreas agrícolas, florestas e áreas seminaturais, [http://www.dgterritorio.pt/cartografia\\_e\\_geodesia/cartografia/normas\\_e\\_especificacoes\\_tecnicas\\_de\\_cartografia/](http://www.dgterritorio.pt/cartografia_e_geodesia/cartografia/normas_e_especificacoes_tecnicas_de_cartografia/)

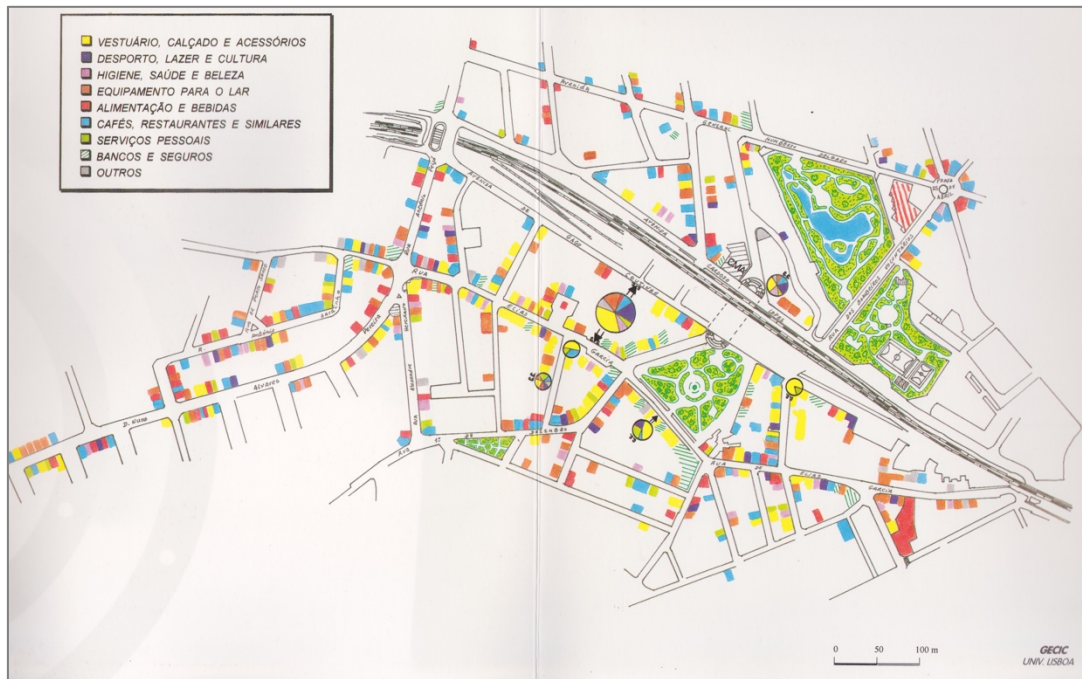
descrever os fenómenos representados de forma mais detalha, utilizando-se neste caso as nomenclaturas de níveis cada vez mais pormenorizados de cada uma das classes de uso do solo (quadro 3).

**Quadro 3 – Níveis de subdivisão da classe “territórios artificializados”**

	Nível 1	Nível 2	Nível 3
1 Territórios artificializados	1.1 Tecido urbano		1.1.1 Tecido urbano contínuo
			1.1.2 Tecido urbano descontínuo
	1.2 Indústria, comércio e transportes		1.2.1 Indústria, comércio e equipamentos gerais
			1.2.2 Redes viárias e ferroviárias e espaços associados
			1.2.3 Áreas portuárias
			1.2.4 Aeroportos e aeródromos
	1.3 Áreas de extração de inertes, áreas de deposição de resíduos e estaleiros de construção		1.3.1 Áreas de extração de inertes
			1.3.2 Áreas de deposição de resíduos
			1.3.3 Áreas em construção
	1.4 Espaços verdes urbanos, equipamentos desportivos, culturais e de lazer, e zonas históricas		1.4.1 Espaços verdes urbanos
		1.4.2 Equipamentos desportivos, culturais e de lazer e zonas históricas	
Nível 4		Nível 5	
1.1.1.01 Tecido urbano contínuo predominantemente vertical	1.1.1.01.1 Tecido urbano contínuo predominantemente vertical	1.1.1.01.1 Tecido urbano contínuo predominantemente vertical	1.1.1.01.1 Tecido urbano contínuo predominantemente vertical
1.1.1.02 Tecido urbano contínuo predominantemente horizontal	1.1.1.02.1 Tecido urbano contínuo predominantemente horizontal	1.1.1.02.1 Tecido urbano contínuo predominantemente horizontal	1.1.1.02.1 Tecido urbano contínuo predominantemente horizontal
1.1.1.03 Áreas de estacionamento e logradouros	1.1.1.03.1 Áreas de estacionamento e logradouros	1.1.1.03.1 Áreas de estacionamento e logradouros	1.1.1.03.1 Áreas de estacionamento e logradouros
1.1.2.01 Tecido urbano descontínuo	1.1.2.01.1 Tecido urbano descontínuo	1.1.2.01.1 Tecido urbano descontínuo	1.1.2.01.1 Tecido urbano descontínuo
1.1.2.02 Tecido urbano descontínuo esparsos	1.1.2.02.1 Tecido urbano descontínuo esparsos	1.1.2.02.1 Tecido urbano descontínuo esparsos	1.1.2.02.1 Tecido urbano descontínuo esparsos
1.2.1.01 Indústria	1.2.1.01.1 Indústria	1.2.1.01.1 Indústria	1.2.1.01.1 Indústria
1.2.1.02 Comércio	1.2.1.02.1 Comércio	1.2.1.02.1 Comércio	1.2.1.02.1 Comércio
1.2.1.03 Instalações agrícolas	1.2.1.03.1 Instalações agrícolas	1.2.1.03.1 Instalações agrícolas	1.2.1.03.1 Instalações agrícolas
1.2.1.04 Equipamentos públicos e privados	1.2.1.04.1 Equipamentos públicos e privados	1.2.1.04.1 Equipamentos públicos e privados	1.2.1.04.1 Equipamentos públicos e privados
1.2.1.05 Infra-estruturas de produção de energia	1.2.1.05.1 Infra-estruturas de produção de energia renovável	1.2.1.05.1 Infra-estruturas de produção de energia renovável	1.2.1.05.1 Infra-estruturas de produção de energia renovável
	1.2.1.05.2 Infra-estruturas de produção de energia não renovável	1.2.1.05.2 Infra-estruturas de produção de energia não renovável	1.2.1.05.2 Infra-estruturas de produção de energia não renovável
1.2.1.06 Infra-estruturas de captação, tratamento e abastecimento de águas para consumo	1.2.1.06.1 Infra-estruturas de captação, tratamento e abastecimento de águas para consumo	1.2.1.06.1 Infra-estruturas de captação, tratamento e abastecimento de águas para consumo	1.2.1.06.1 Infra-estruturas de captação, tratamento e abastecimento de águas para consumo
1.2.1.07 Infra-estruturas de tratamento de resíduos e águas residuais	1.2.1.07.1 Infra-estruturas de tratamento de resíduos e águas residuais	1.2.1.07.1 Infra-estruturas de tratamento de resíduos e águas residuais	1.2.1.07.1 Infra-estruturas de tratamento de resíduos e águas residuais
1.2.2.01 Rede viária e espaços associados	1.2.2.01.1 Rede viária e espaços associados	1.2.2.01.1 Rede viária e espaços associados	1.2.2.01.1 Rede viária e espaços associados
1.2.2.02 Rede ferroviária e espaços associados	1.2.2.02.1 Rede ferroviária e espaços associados	1.2.2.02.1 Rede ferroviária e espaços associados	1.2.2.02.1 Rede ferroviária e espaços associados
1.2.3.01 Terminais portuários de mar e de rio	1.2.3.01.1 Terminais portuários de mar e de rio	1.2.3.01.1 Terminais portuários de mar e de rio	1.2.3.01.1 Terminais portuários de mar e de rio
1.2.3.02 Estaleiros navais e docas secas	1.2.3.02.1 Estaleiros navais e docas secas	1.2.3.02.1 Estaleiros navais e docas secas	1.2.3.02.1 Estaleiros navais e docas secas
1.2.3.03 Marinas e docas pesca	1.2.3.03.1 Marinas e docas pesca	1.2.3.03.1 Marinas e docas pesca	1.2.3.03.1 Marinas e docas pesca
1.2.4.01 Aeroportos	1.2.4.01.1 Aeroportos	1.2.4.01.1 Aeroportos	1.2.4.01.1 Aeroportos
1.2.4.02 Aeródromos	1.2.4.02.1 Aeródromos	1.2.4.02.1 Aeródromos	1.2.4.02.1 Aeródromos
1.3.1.01 Minas a céu aberto	1.3.1.01.1 Minas a céu aberto	1.3.1.01.1 Minas a céu aberto	1.3.1.01.1 Minas a céu aberto
1.3.1.02 Pedreiras	1.3.1.02.1 Pedreiras	1.3.1.02.1 Pedreiras	1.3.1.02.1 Pedreiras
1.3.2.01 Aterros	1.3.2.01.1 Aterros	1.3.2.01.1 Aterros	1.3.2.01.1 Aterros
1.3.2.02 Lixeiras e Sucatas	1.3.2.02.1 Lixeiras e Sucatas	1.3.2.02.1 Lixeiras e Sucatas	1.3.2.02.1 Lixeiras e Sucatas
1.3.3.01 Áreas em construção	1.3.3.01.1 Áreas em construção	1.3.3.01.1 Áreas em construção	1.3.3.01.1 Áreas em construção
1.3.3.02 Áreas abandonadas em territórios artificializados	1.3.3.02.1 Áreas abandonadas em territórios artificializados	1.3.3.02.1 Áreas abandonadas em territórios artificializados	1.3.3.02.1 Áreas abandonadas em territórios artificializados
1.4.1.01 Parques e jardins	1.4.1.01.1 Parques e jardins	1.4.1.01.1 Parques e jardins	1.4.1.01.1 Parques e jardins
1.4.1.02 Cemitérios	1.4.1.02.1 Cemitérios	1.4.1.02.1 Cemitérios	1.4.1.02.1 Cemitérios
1.4.2.01 Equipamentos desportivos	1.4.2.01.1 Campos de golfe	1.4.2.01.1 Campos de golfe	1.4.2.01.1 Campos de golfe
	1.4.2.01.2 Outras instalações desportivas	1.4.2.01.2 Outras instalações desportivas	1.4.2.01.2 Outras instalações desportivas
1.4.2.02 Equipamentos de lazer	1.4.2.02.1 Parques de campismo	1.4.2.02.1 Parques de campismo	1.4.2.02.1 Parques de campismo
	1.4.2.02.2 Outros equipamentos de lazer	1.4.2.02.2 Outros equipamentos de lazer	1.4.2.02.2 Outros equipamentos de lazer
1.4.2.03 Equipamentos culturais e zonas históricas	1.4.2.03.1 Equipamentos culturais e zonas históricas	1.4.2.03.1 Equipamentos culturais e zonas históricas	1.4.2.03.1 Equipamentos culturais e zonas históricas

Fonte: extraído de DGT (2018, p. 14) “Especificações Técnicas da Carta de Uso e Ocupação do Solo (COS) de Portugal Continental para 1995, 2007, 2010 e 2015”

Com a realização de levantamentos funcionais podemos representar cartograficamente, através da planta funcional (figura 2), a localização das diferentes atividades económicas, sociais recreativas e habitacionais. Estes mapas, normalmente baseados em detalhes de grande pormenor, contribuem para identificar as características gerais de uma qualquer área de estudo, e torna-se numa importante ferramenta para a gestão e planeamento do território, tendo em consideração as realidades e as necessidades existentes.



**Fig. 2 – Planta funcional do centro de Amadora**

Fonte: extraído de Salgueiro e Cachinho (1994, p.18) “O Comércio no Centro da Amadora<sup>7</sup>”

### 1.2.5. Elementos da morfologia urbana

Uma vez fixado um povoamento, com o aumento populacional e consequente acréscimo de património edificado, o posterior crescimento urbano, que ao se adaptar ao local também o transforma, vai acumulando em si a interação de muitas ações individuais derivadas das tradições culturais moldadas pelas forças sociais, económicas e governativas. Neste campo, a morfologia urbana tem como foco o estudo da cidade desde a sua formação, dando especial atenção à sua transformação na identificação e interpretação dos diferentes componentes que moldaram as cidades, tendo como elementos principais da análise morfológica, o traçado das ruas, parques, jardins, edifícios e monumentos, que são vistos como estruturas constantemente utilizadas e transformadas ao longo do tempo (Moudon, 1997). O estudo e conhecimento adequado da evolução morfológica das cidades ganha particular relevo pelo papel de valorização histórica nas áreas de intervenções urbanísticas, pela salvaguarda e reabilitação do território urbano (Fernandes, 2015).

<sup>7</sup> Levantamento funcional efetuado em 1994 incidindo apenas na ocupação dos imóveis ao nível do rés-do-chão.

A malha, ou planta, urbana assume-se a forma identificada pela dependência entre os espaços construídos e não construídos, visível pelo traçado da rede viária, por onde se pode identificar. De acordo com Dickinson (1950, citado em Salgueiro, 2005a), existem três tipos básicos de malhas urbanas: a ortogonal, a radioconcêntrica e a irregular. O tipo de malha urbana surge então como resultado de combinações de diferentes fatores condicionantes do sistema urbano. Inicialmente as cidades teriam uma organização do traçado essencialmente ao acaso, com os seus habitantes a acomodarem-se e distribuírem-se conforme podiam, juntando ou alinhando ao pré-existente cada nova construção (Chabot 1963, citado em Beaujeu-Garnier, 1997), mas desde cedo se procurou planejar a cidade de forma mais harmoniosa. O traçado irregular, malha urbana muito característica das cidades muçulmanas, organiza-se privilegiando o elemento privado. A cidade muçulmana, habitualmente, articula vias hierárquicas. As primeiras ligadas às principais entradas da cidade e destas vias partem outras de nível hierárquico inferior, às quais se subdividiam passando a ruas estreitas de cariz mais reservado. A construção habitacional torna-se uma forma de aglomeração, onde as casas estão viradas para pátios interiores com poucas aberturas para a rua, originando um labirinto de traçados sinuosos e becos sem saída a garantir a privacidade do lar (Teixeira, 2010; Teixeira, 2015). Esta planta irregular, de crescimento desordenado e anárquico, confere aos seus habitantes privacidade e ao mesmo tempo relações de vizinhança de proximidade, contudo, nos dias de hoje levanta algum desconforto a quem lá vive pela dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de circulação automóvel e transporte de bens de maior dimensão. A planta ortogonal, utilizada tanto nas colónias gregas como a seguir pelos romanos (Salgueiro, 2005a), correspondia à organização de campo militar constituindo-se em duas grandes vias perpendiculares, o *cardo* e o *decumanos*. Através destas vias o espaço era dividido em setores regulares, com ruas paralelas umas às outras. Uma planta em quadrícula muito prática para a execução de loteamentos, de planeamento e construção simplificada, tornou-se o tipo de planta mais utilizada, principalmente nas cidades do novo mundo fundadas pelos colonizadores europeus (Beaujeu-Garnier, 1997). Ainda assim, não é uma solução urbanística isenta de inconvenientes. Existe uma considerável dificuldade em implementar esta solução em terrenos pouco planos, as ruas estão mais sujeitas aos ventos, os sucessivos cruzamentos de ruas em ângulo reto dificultam a visibilidade, podendo, atualmente, ser um constrangimento para a circulação automóvel. A planta radioconcêntrica, caracterizada por vias radiais em direção ao centro e vias circulares



em torno do mesmo, facilita o acesso ao centro e reforça uma certa posição de poder aos setores aí instalados. É uma malha que se encaixa facilmente na topografia do local ao se desenvolver de acordo com as curvas de nível (Beaujeu-Garnier, 1997), funcionando também como valor estético, uma malha planeada de modo a ser vista como um todo harmonioso (Salgueiro, 2005a). Porém, as distâncias ficam agora mais alongadas pelas vias arqueadas dos círculos, os blocos e fachadas dos edifícios são condicionados a formas de construção irregular, repercutindo-se no interior dos imóveis com plantas por vezes pouco convencionais ou com maior dificuldade de aproveitamento do espaço disponível.

#### **1.2.6. Inter-relação entre espaço urbano e rural**

Se outrora o mundo rural poderia ser percebido como um espaço de agricultores, esse mesmo ambiente é agora tido por múltiplos usuários, múltiplos agentes e diferentes atividades a coexistir em territórios de características físicas rurais, mas com os seus atores de características humanas de cariz urbana. As tendências contemporâneas de urbanização mostram cada vez mais movimentos de urbanização rural para além das grandes ou médias cidades, na medida em que quando os territórios são acessíveis e atraentes, são frequentemente escolhidos para residência e aí trabalhar remotamente, uma reversão da migração entre a cidade e campo, tanto na criação de novos produtos (resultado de atividades ainda que consideradas urbanas se instalam em meio rural) como na procura por uma melhor qualidade de vida (Bailly, 2006). A valorização do potencial relativo do espaço rural passa pela combinação de fatores de inovação, progresso técnico e organização, valorizando os recursos existente: recursos humanos (qualificações e competências e tradições); recursos naturais (hídricos, floresta, flora e fauna, biodiversidade, etc.). Podem abranger segmentos como indústria, agricultura, produção de energia, mercados de trabalho locais, serviços empresariais, mas cada vez mais lazer e turismo (Bailly, 2006).

## **2. ENQUADRAMENTO PEDAGÓGICO**

“Embora comum a outras áreas do saber, no seu desenvolvimento, a geografia faz uso de técnicas de recolha, tratamento e representação da informação que lhe são específicas e lhe conferem identidade própria. Através da geografia os alunos não só aprendem a levantar questões, emitir hipóteses, a pesquisar, seleccionar e organizar a informação necessária à compreensão e interpretação dos problemas, como exploram a metodologia do trabalho de campo, elaboram mapas mentais e esboços [...] representam fenómenos em mapas temáticos [...] tomam contacto com as novas tecnologias da informação [...]” (Cachinho, 2000, p. 89)

São inúmeros os argumentos que defendem e apontam a importância para que todos os indivíduos possam e, acima de tudo, devam beneficiar de uma educação geográfica. A educação geográfica deve ser abordada como uma das prioridades, pela importância de termos um correto conhecimento sobre o planeta que habitamos, nas suas dinâmicas físicas e sociais, em que o ser humano e a natureza estão interligados. Esta educação geografia deverá dar um tipo de conhecimento capaz de contribuir para o respeito que cada cidadão deverá ter pelos diferentes estilos de vida de diferentes populações, no respeito e defesa do ambiente natural, na perspectiva da sustentabilidade e qualidade ambiental das gerações vindouras (International Geographical Union Commission on Geographical Education, 2016). Com estes conhecimentos, mais consciente estaremos sobre a influência das nossas ações no meio em que estivermos inseridos e, certamente, mais perto estaremos para o exercício da cidadania.

### **2.1. O papel da Geografia**

#### **2.1.1. Geografia vista pelos outros e por geógrafos**

Não é raro, para as pessoas menos próximas da disciplina, associar a Geografia a uma enorme enciclopédia com as toponímias dos locais, descrição pormenorizada dos elementos físicos da superfície terrestre, relatos de viagens e elaboração de mapas. Mas, para um geógrafo, a disciplina tem o seu fundamento no estudo de variações de diferentes fenómenos de um lugar para outro e, o seu valor como ciência depende da extensão à qual pode esclarecer as relações e processos espaciais que explicam as características de uma área ou de um lugar (Holt-Jensen, 2003). A curiosidade

geográfica começa com a pergunta "por que é assim aqui?", (Haggett 1983, citado em Holt-Jensen, 2003).

### **2.1.2. Interesse da Geografia ao longo dos tempos**

Num resumo que não se pretende exaustivo, considerou-se a importância da Geografia, nos diferentes contextos da história. A breve narrativa que aqui vamos apresentar da história da geografia alicerça-se no trabalho de Paul Claval (2006) História da Geografia.

É de referir, desde logo, o interesse que os gregos tinham pela representação da Terra e pelos saberes relacionados com os lugares. Pois os mitos gregos estavam ligados a lugares precisos que todos deveriam saber a sua localização, constituindo assim a Geografia como objeto de estudo fundamental para essa finalidade, estando por de trás desse interesse razões culturais e religiosas. Claval menciona a civilização grega como o berço da Geografia enquanto ciência, com Heródoto no séc. V a.C. a surgir como primeiro historiador e geógrafo. Isto porque descreve conjuntos territoriais definidos por limites, pelos seus traços comuns, privilegiando os costumes em detrimento das paisagens e com uma visão sintética a demonstrar a mudança de escala.

Já os romanos, retêm da Geografia praticamente só o seu interesse prático, ou seja, para administrar um vasto império seria necessário possuir um conhecimento sistematizado sobre todas as províncias, tais como vias de acesso, fronteiras, recursos e populações.

De acordo com Claval, no declínio do império romano e entrada na idade média, a conversão ao cristianismo leva a uma mudança de paradigma cultural por vezes antagónica aos anteriores conhecimentos desenvolvidos e um declínio no interesse sobre o conhecimento geográfico. Como a forma de construção social que passa a vigorar na idade média passa por uma progressiva deslocação do poder administrativo, assente em relações pessoais, onde são os notáveis de cada local a exercer o poder, a proximidade faz do conhecimento das pessoas o suficiente para o exercício da governação. Não há aqui a necessidade de recolha de informação nem de formalizar o saber geográfico.

No mundo árabe, como povos nómadas que eram, tinham premente a necessidade de orientação e conhecimento dos lugares, desenvolvendo para o efeito a cartografia celeste e em seguida a cartografia terrestre.

O desenvolvimento da navegação reclama conhecimento geográfico. Surgem então formas de cartografia baseada na qualidade das medidas angulares para estabelecer representações fiéis de acordo com as medidas de posição.

Com o fim do regime feudal desperta-se para a utilidade da Geografia. Por um lado, a relação com a terra é alterada, a propriedade torna-se pessoal, logo o interesse em fixar limites e medir exatamente a extensão dos bens prediais, começando assim a descobrir-se a importância dos levantamentos e a elaboração de plantas cadastrais. Por outro lado, a base territorial reforça o estado, baseado no poder dos seus exércitos. Estes tornam-se mais eficientes quando podem contar com cartografia adequada, sendo exigível aos oficiais a capacidade de desenhar plantas e domínio na leitura de mapas.

À medida que a figura do estado moderno se vai impondo, de forma a preencher o relativo vazio de informações demográficas dos poderes governativos, o estado precisa de recorrer à recolha de dados, tanto demográficos como económicos, pois os exércitos dependem do número de pessoas e a sustentabilidade acarreta uma pressão fiscal eficaz e justa. Não é só o interesse prático que está em causa, mas também a racionalização da administração com critérios fundamentados.

Incontornavelmente, as grandes descobertas e a expansão marítima contribuem para um rápido aumento de conhecimento. Os relatos das grandes viagens, descrevendo tanto os ambientes exóticos como de povos e costumes peculiares, ou seja, a enorme quantidade de informação, estimula a reflexão geográfica e coloca a importante questão de sistematizar toda a informação tão rapidamente acedida e de todo um saber tão rapidamente renovado.

Surgem então, já no séc. XIX, as Sociedades de Geografia. Tanto para recolher informações precisas e disponibilizá-las aos homens de negócios que pretendiam efetuar investimentos nos territórios ultramarinos, como para compilar e assegurar a difusão de conhecimento científico.

O progresso verificado nos transportes e conseqüente encurtamento de distâncias abre portas a um espaço económico mundial onde a procura de

conhecimentos geográficos úteis ao desenvolvimento do comércio internacional ganha cada vez mais importância. O interesse e especialização dos trabalhos em Geografia Humana diversificam-se em áreas como a Geografia Económica, a Geografia Política ou a Geografia Urbana, sendo a Geografia uma disciplina em grande pujança na maioria dos países industrializados em meados do séc. XX.

Avançando o sec. XX, a sociedade procura na Geografia outros ensinamentos, nomeadamente conhecimentos e técnicas económicas, sobre a organização social ou em relação aos problemas ambientais.

No mundo atual os investigadores procuram compreender como a sociedade estrutura o espaço e como pode funcionar eficazmente. Tem como papel dar ouvido às pessoas, perceber as suas aspirações, inventariar a sua diversidade e contribuir para um desenvolvimento harmonioso, sem choques nem tensões. A Geografia torna-se fundamental como iniciação a todas as ciências do Homem.

### **2.1.3. Importância da Geografia no ensino**

De acordo com alguns autores, sendo a disciplina de Geografia verdadeiramente holística, uma ciência de charneira entre os domínios das Ciências da Terra e das Ciências Humanas, existe um vastíssimo número de temas e conteúdos que podem ser objeto de abordagem. Neste sentido não será difícil esgrimir argumentos de peso sobre o importante papel do ensino da Geografia no desenvolvimento de cada indivíduo.

Muito simplificada, pelo simples facto que é no planeta Terra que vivemos, logo uma eficaz educação geográfica contribuirá certamente para as necessárias competências de natureza existencial, ética, intelectual e prática. Através da Geografia passamos a conhecer os sistemas físicos e humanos da Terra, bem como a sua interdependência. No que concerne às ciências sociais e humanas o que incessantemente a geografia procura é respostas às perguntas: Que características possuem os fenómenos? Onde se localizam? Como se distribuem no espaço? Que fatores explicam a sua localização e distribuição? Que impactes produzem na sociedade? Qual a tendência? Como solucionar? (Cachinho, 2000). Com o exercício de resposta a estas perguntas, deverá contribuir por certo no despertar para a apreciação

do mundo que nos rodeia, nomeadamente sobre diferentes condições de vida, diferentes lugares, diferentes problemas, diferentes povos e culturas.

Encontramos na Carta Internacional da Educação Geográfica (UGI, 1992; UGI, 2016) relevantes argumentos sobre o ensino da geografia, considerando ser um dever essencial dos decisores políticos garantir um ensino de qualidade da geografia nas escolas. Pois a educação geográfica ajuda as pessoas a coexistir harmoniosamente, ajuda a aprofundar a compreensão de muitos desafios contemporâneos tão diversos como mudanças climáticas, segurança alimentar, escolhas de energia, sobre-exploração de recursos naturais ou urbanização. Por outro lado, ao nível do desenvolvimento de atitudes e valores, promove o respeito pela diferença cultural, promove ainda a compreensão, a tolerância e a amizade entre todos os povos, etnias e religiões. Educados geograficamente, ficamos com certeza mais informados sobre o mundo e com maior consciência do impacto do nosso comportamento na sociedade.

## **2.2. Trabalho de Campo em geografia escolar**

### **2.2.1. Conceito e enquadramento legal**

Para as atividades desenvolvidas fora da sala de aula e do edifício escolar, utilizam-se termos, tais como “aula de campo”, “saída de campo”, “saída de estudo”, “visita de estudo” ou “trabalho de campo”. Mesmo tratando-se de atividades com especificidades distintas, “visita de estudo”, é o termo que mais nos apercebemos de ser empregue por toda a comunidade do sistema educativo.

Devemos então distinguir o TC das restantes atividades desenvolvidas fora da sala de aula. Enquanto nas atividades mais enquadradas em visitas de estudo o ensino baseia-se na explicação do professor, numa visão panorâmica sobre determinadas áreas no TC são os alunos os principais atores das atividades, pretendendo assim um estudo mais aprofundado à cerca de uma qualquer realidade (Bailey, 1981; Ogallar, 1996). Na realidade, ambas podem se complementar e não está em causa a importância de cada uma. Segundo Foskett (1997), o TC pode ser considerado como qualquer atividade que ocorre fora da sala de aula e que fornece aos alunos conhecimento, compreensão, experiências ou desenvolvimento de competências. A *Quality*

*Assurance Agency* (2002)<sup>8</sup>, citado por Fuller, Edmondson, France, Higgitt, & Ratinen (2006), fornece uma definição para TC como um relacionamento ativo com o mundo exterior à sala de aula. Mais objetivo em relação ao conceito, o TC compreende atividades que implicam a recolha direta de informação nos lugares e com as pessoas, envolve análise, reflexão e comunicação dos resultados obtidos (Claudino, 2018). Ou seja, diferencia-se das restantes atividades que possam ser promovidas fora de sala de aula por conferir um papel mais ativo aos alunos, por pressupor não só a observação e interpretação de qualquer fenómeno em contexto real, mas por incluir a componente de recolha de dados para posterior processamento.

Toda via, em todos os documentos legais<sup>9</sup> provenientes dos órgãos que tutelam o sistema de ensino, “visita de estudo” é o termo utilizado. Considerando para o efeito a nomenclatura de “visita de estudo” a englobar e enquadrar, para efeitos logísticos, qualquer atividade quando realizada fora do espaço físico da escola ou da sala de aula. Os mesmos documentos, sendo normativos, estabelecem a necessidade de estas atividades estarem enquadradas no âmbito do desenvolvimento dos projetos curriculares, serem intencionalmente planeadas, de modo a servir objetivos de desenvolvimento e complemento dos conteúdos das áreas curriculares disciplinares, não disciplinares ou de carácter facultativo, cuja operacionalização deve estar definida no respetivo regulamento interno de cada escola.

### **2.2.2. Fundamentação teórica**

Existe uma panóplia de literatura elogiosa sobre os benefícios do TC. Graves (1978), considera a observação direta e o trabalho no local, métodos de ensino que devem ser proporcionados aos alunos o mais cedo possível. Referindo que este método, claramente relacionado com o conceito de TC, deve comportar três fases: i) Observação; ii) Reprodução; iii) Interpretação. Conclui que estes métodos de trabalho, mesmo que indiretamente, contribuem para o desenvolvimento de atitudes favoráveis à tolerância e compreensão de diferentes pontos de vista. Alegando que muitos dos

---

<sup>8</sup> Órgão independente responsável pela monitorização e aconselhamento sobre padrões e qualidade no ensino superior britânico, <https://www.uspcollege.ac.uk>

<sup>9</sup> Despacho nº 28/ME/91, publicado em Diário da República em 28/03/1991; Ofício Circular nº2, emitido pela Direção Regional de Educação de Lisboa em 4/01/ 2005; Circular Informativa nº 1/2017, emitida pela Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares em 22/05/ 2017.

desentendimentos entre os povos, independentemente das questões, podem ser consequências de ideias pré-concebidas e disseminadas nas informações obtidas em segunda ou terceira mão, que acabam por resultar em generalizações distorcidas. Ou seja, o método de observação direta e recolha de informação tem como efeito proporcionar aos alunos a observação e recolha de dados com rigor, contrapondo ou confirmando os conteúdos explanados nos manuais.

Não devemos deixar de salientar as vantagens do TC no que concerne a questões afetivas. Pelo facto de se efetuar um trabalho fora da escola, num ambiente menos formal, as adaptações entre as diferentes personalidades dos professores e alunos saem melhoradas e, não raras vezes, ajudam a superar alguns problemas nas relações com a turma (Bailey, 1981).

O TC é amplamente considerado como componente essencial do ensino de geografia e os professores consensualmente concordam que o TC encerra em si uma das formas mais eficazes e agradáveis de ensinar e de aprender, tendo um papel muito importante na assimilação de muitos conceitos teóricos e práticos ensinados dentro de sala de aula (Kent, Gilbertson, & Hunt, 1997).

Através de atividades como o TC, os alunos experienciam a paisagem e os seus elementos naturais e humanos, vivenciam os lugares e as suas populações, verificam as diferentes configurações espaciais dos fenómenos geográficos e a sua correspondente representação. Com o trabalho de campo os alunos confrontam-se com o ambiente real onde se pode desenvolver as competências da educação geográfica. Uma saída de campo é um dia de trabalho divertido e motivador, é uma quebra das rotinas do trabalho na sala de aula. O TC é por excelência o trabalho da Geografia, devendo esta atividade ser proporcionada aos alunos com alguma regularidade (Ministério da Educação, 2002).

No Reino Unido, por exemplo, há uma grande valorização desta prática, onde o Curriculum Nacional de Geografia exige que todos os alunos realizem TC, sendo mesmo uma obrigação estatutária para todas as escolas, pois consideram a utilização destas atividades um contributo essencial para um bom ensino (Kent & Foskett, 2005). Os mesmos autores salientam as componentes que envolve o TC, que passam pela observação e recolha de informação, a organização e processamento dos dados tendo em vista a apresentação de resultados, a análise e compreensão, e a aquisição de



competências e atitudes, desenvolvendo assim práticas intelectuais. Entre os principais contributos do TC, Kent & Foskett (2005) destacam as competências adquiridas ao nível da interpretação de mapas, do relacionamento de formas de relevo, o reconhecimento e exemplificação de recursos, a compreensão dos conceitos aprendidos em sala e, não menos importante, também os contributos no domínio afetivo, a consciência estética e o respeito dos lugares. Kent & Foskett (2005), realçam ainda os ganhos cognitivos efetivos, através do TC, contribuindo assim para um desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno. Constata-se uma aprendizagem melhorada por parte dos alunos quando o TC é implementado e desenvolvido.

Quanto à linha de orientações sobre as estratégias na progressão do TC, Kent & Foskett (2005) apontam 5 níveis como particularmente importantes: i) perícia e TC. A valorização do TC é reforçada pela investigação, sendo a investigação o ingrediente essencial para que o trabalho de campo seja significativo, ou seja, a construção de perguntas pertinentes e respetivas respostas. Argumento assente no facto de os alunos aprenderem mais eficazmente quando a aprendizagem é estruturada em questões chave; ii) TC e desenvolvimento das TIC. Salienta o potencial na utilização das TIC no desenvolvimento de competências bem como na facilidade de tratamento, processamento e armazenamento da informação recolhida; iii) TC e desenvolvimento de pensamento crítico. Citando estudos que sugerem o TC como um estímulo ao aprimoramento do raciocínio e do pensamento crítico, porque logo à partida o TC baseia-se na observação, registo, monitorização e avaliação de dados (as aptidões do conhecimento). Depois vem o desempenho, restringindo-se normalmente à resolução de problemas e às tomadas de decisão. A seguir o desenvolvimento do pensamento. Por último através do planeamento, revisão, avaliação e reflexão, os alunos desenvolvem as competências de autonomia; iv) TC e educação de valores. Experimentar o ambiente através do TC, num processo de consciencialização sensorial; v) TC e educação ambiental através da geografia. Com o objetivo de promover indivíduos com uma perspetiva crítica e analítica sobre as questões ambientais de forma a contribuir para a necessidade de mudanças de comportamentos nas interações com o meio ambiente.

Num trabalho dedicado à eficácia do TC na aprendizagem em Geografia, Fuller, Edmondson, France, Higgitt, & Ratinen (2006), através de uma revisão bibliográfica das evidências disponíveis, abordando o contributo das experiências, o

desenvolvimento de competências e os benefícios sociais, apontam para ganhos efetivos na aprendizagem com esta prática pedagógica antes, durante e depois do TC. Sugerem como ponto mais forte a experiência prática em mundo real e encorajam a implementação de TC, devidamente planeado, em toda e qualquer oportunidade para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Da visão mais tradicional do TC, as visitas escolares com o intuito de aplicar competências de observação e interpretação da paisagem, leitura de mapas e realização de esboços (no fundo uma aquisição de técnicas básicas onde o aluno tinha um papel relativamente passivo), até aos modelos mais quantitativos, com recolha de dados e análise estatística (com os alunos a terem um papel mais ativo nas atividades de TC), Esteves, Hortas & Mendes (2018) num trabalho sobre a importância do TC na educação geográfica, salientam o desenvolvimento de competências e conhecimentos, à partida inalcançáveis sem experiências didáticas extramuros.

### **2.2.3. Abordagem construtivista e competências instrumentais**

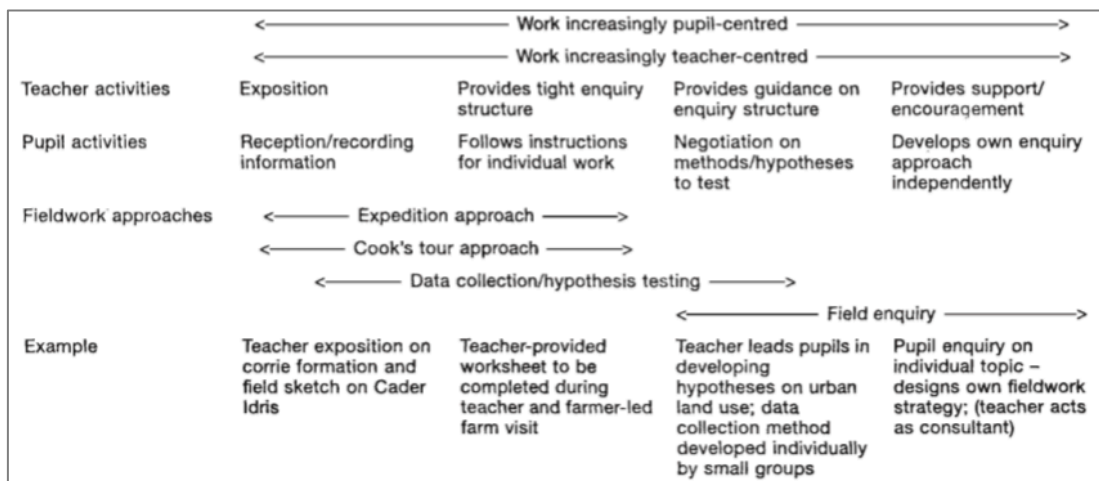
Os fundamentos teóricos do construtivismo pedagógico, embora diversificados, por partirem de várias teorias, entre outras, as de Piaget, Vygotsky, ou Ausubel (Massabni, 2007), encontram a introdução do termo *construtivismo* em Piaget, na sua obra *Logique et connaissance scientifique*, de 1967, numa tentativa de dar resposta à origem do conhecimento e desenvolvimento das estruturas cognitivas do sujeito. Para Piaget, o construtivismo implica uma necessária interação entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Sintetizando, é na ação que o sujeito ativo constrói as suas representações de mundo interagindo com o objeto (Castañon, 2015). Conforme Massabni (2007), práticas didáticas que considerem as ideias prévias dos alunos e estas serem aproveitadas como experiências educativas, práticas de interação e aproximação dos conteúdos escolares com os conhecimentos cotidianos dos alunos, bem como a valorização da componente de investigação, são também elementos que podem ser incluídos nos princípios das teorias construtivistas.

Estas teorias, dentro do campo da psicologia educacional, sugerem uma forte ligação entre a aprendizagem experimental e os melhores resultados de aprendizagem dos alunos, com os princípios subjacentes às visões construtivistas da aprendizagem, Driver & Easley (1978, citado em Kent & Foskett, 2005) realça a investigação ativa

como um veículo na promoção da aprendizagem significativa. O mesmo querera dizer que a aprendizagem geográfica dos alunos pode ser aprimorada ao serem incorporadas experiências de TC, quando a abordagem prevê a componente investigativa alicerçada em algumas questões-chave. De acordo com Slater (1982, citado em Kent & Foskett, 2005), os alunos aprendem mais eficazmente quando a aprendizagem gira em torno de questões-chave, ou seja, uma aprendizagem baseada em componentes investigativas.

Foskett (1997) ressalva a variedade de abordagens (quadro 4) dependendo da variedade dos fatores a ter em consideração, entre outros, os conteúdos a lecionar, os objetivos educacionais, o ambiente escolar ou os recursos disponíveis, serão os mais relevantes. Para Foskett (1997), cada abordagem tem a sua importância e não exclui uma abordagem mais expositiva no processo de ensino, alegando que desta forma se poderá fornecer o necessário enquadramento introdutório e explicação de todo o processo e técnicas a utilizar.

**Quadro 4 - Abordagens de ensino e aprendizagem para o Trabalho de Campo**



Fonte: extraído de Foskett (1997, p. 194) “Teaching and learning through fieldwork”

Foskett (1997), identifica diferentes perspectivas sobre estratégias de ensino e aprendizagem ligadas ao TC. Inicialmente seriam as expedições, práticas de TC baseadas em atividades ao ar livre, considerando aqui uma abordagem deficitária em no que diz respeito aos processos intelectuais e de análise geográfica, pois por esta via, estaria somente a fazer-se um estudo meramente descritivo e conduzido essencialmente pelos professores. Pós II Guerra Mundial, verificando-se uma considerável melhoria nas acessibilidades e disponibilidade de transportes, surge uma abordagem a contemplar também a dimensão turística, similares a visitas de estudo, com os alunos a visitar e visualizar as realidades geográficas consideradas em sala de

aula. O seu valor estava na perspectiva integradora que pode ser obtida numa visita, devendo esta conseguir fornecer uma visão geral inicial de um ambiente desconhecido, alega por isso a sua importância, principalmente quando serve de prefácio para outras formas de TC. Já nos anos 60 e 70 do séc. passado, cresce a abordagem quantitativa, a qual potenciava uma investigação ativa de campo, compreendendo assim o desenvolvimento de competências com base na recolha de dados e formulação de hipóteses.

Considerando esta relação muito mais ativa dos alunos na realização do TC como um passo positivo, Foskett (1997) chama atenção para a mecanização do exercício de recolha e medição dos dados, descorando depois o exercício para o desenvolvimento de competências relacionadas com a análise e interpretação dos resultados. Por último, Foskett (1997), identifica a forma de TC com a componente de pesquisa apoiado no inquérito, que visa um processo de TC estruturado a partir de uma abordagem sobre a identificação e gestão de problemas face à interação das pessoas com os mesmos, ou seja, a partir de uma estratégia, eventualmente até negociada entre professor e alunos, com o intuito de levar à identificação de causas, de processos e consequências através de, por exemplo, realização de entrevistas à população envolvida, recolha de dados, análise e apresentação de resultados com identificação de possíveis soluções. O mesmo autor defende que tal abordagem integra a dimensão conceptual dos conteúdos a lecionar com as competências intelectuais, as competências práticas e as competências afetivas.

As abordagens podem dar uma maior ou menor participação do aluno, dar uma maior ou menor autonomia, ser mais ou menos centrada no professor. Roberts (1996, citado em Kent & Foskett, 2005), à cerca desta matéria, distingue as diferentes abordagens de pesquisa segundo os estilos “fechado”, “enquadrado” e “negociado”, que representam um progressivo afastamento da aprendizagem centrada no professor e, em sentido contrário, um maior envolvimento e desenvolvimento de competências por parte do aluno. Uma abordagem de estilo “fechado” fica-se pelas questões e metodologias de investigação impostas e controladas pelo professor. Neste caso, é o professor que, para além do local e dos objetivos, escolhe as questões e os métodos de investigação, as perguntas a realizar e as hipóteses a serem testadas, define a estrutura e a dimensão da amostra, eventualmente ainda processa os dados e os alunos no final terão de dar as respostas às perguntas dirigidas do professor. Quando se trata de um

estilo “enquadrado”, a questão de investigação é dada pelo professor e este aplica limites sobre a natureza e o formato da investigação, mas são negociados alguns componentes. Os alunos são divididos em grupos e encarregados de decidir que perguntas devem investigar. Neste caso, o papel do professor é fornecer orientação e apoio em todo o processo, para no final os alunos apresentarem os resultados. Por sua vez, num estilo “negociado”, é o aluno que deve escolher o objeto de estudo, desenhar uma metodologia, elaborar as perguntas, analisar e interpretar os dados, e o professor aqui tem como papel ouvir as ideias, questionar e ajudar o aluno.

#### **2.2.4. Estudar a cidade com Trabalho de Campo**

De acordo com Esteves (2006), pelo facto assistirmos a um mundo cada vez mais urbanizado é de particular importância o estudo da cidade. Nesta matéria, entre as questões mais pertinentes, aponta as relacionadas com a organização das cidades, as transformações que têm ocorrido e como estas condicionam o nosso modo de vida. Acresce ainda o desenvolvimento de competências ligadas à observação, recolha de informação, registo da mesma, levantamento de hipóteses e apresentação de resultado, no caso concreto, investigar a cidade na procura de respostas em relação ao observado, cabendo ao professor organizar as situações de aprendizagem nesse sentido (Ministério da Educação, 2002; Esteves, 2006).

As questões de investigação que podem ser levadas a cabo em meio urbano, através de uma proposta didática direccionada aos alunos, são inúmeras (Holmes & Farbrother, 2000). As áreas urbanas são de acesso quase direto, fazem parte do quotidiano dos alunos e existe a vantagem de se obter tanto os dados secundários como primários. Os levantamentos funcionais e os inquéritos são então das atividades mais usadas em TC, sendo instrumentos úteis para a identificação de padrões e para a percepção de como o espaço urbano é vivido (Holmes & Farbrother, 2000).

Depreende-se das Orientações Curriculares (Ministério da Educação, 2002), que a elaboração de plantas do espaço observado em TC constitui um bom ponto de partida para uma a literacia geográfica, na medida em que se cria condições para ultrapassar as questões concretas de representação cartográfica, nomeadamente a escala, a orientação, símbolos a utilizar e legenda. Através de TC, com o levantamento funcional de uma determinada área de estudo, juntamente com a realização de

inquéritos e a construção da planta funcional, é possível aplicarem-se os princípios e conceitos subjacentes à orientação e localização geográfica, bem como desenvolver competências de observação, compreensão e investigação de fenómenos, estudar as atividades económicas numa área urbana e contactar com a realidade e problemas locais (Esteves, Hortas, & Mendes, 2018). Concretamente, tendo em conta a natureza das experiências que se podem proporcionar aos alunos, é importante privilegiar uma interligação entre as aulas de Geografia e o ambiente urbano, certamente com ganhos para os alunos ao nível da sua maturidade cívica e socio-afetiva, na potencialização de atitudes positivas e hábitos de relacionamento e cooperação, bem como no desencadear de intervenções conscientes e responsáveis na realidade circundante dos alunos, numa perspetiva de construção de uma cidadania territorial (Esteves et al., 2018).

### **2.2.5. Alguns constrangimentos identificados**

Apesar das potencialidades, verifica-se uma limitada realização das atividades de TC no ensino básico e secundário a nível nacional. Fisher (2001), considerou um leque de tópicos relativos à realização de TC, considerados constrangimentos para a sua implementação. Entre outros, pelo simples facto da não obrigatoriedade do TC na avaliação dos alunos, que acrescido ao tempo limitado para lecionar o programa, onde o TC não se enquadra num dia normal de trabalho, os professores acabam por apresentarem algum desinteresse por este tipo de atividades. Os professores veem na organização e realização do TC uma tarefa árdua e suplementar às suas responsabilidades, nomeadamente os riscos de acidentes para os alunos quando se encontram fora da escola, que no fim não trará quaisquer benefícios nas suas carreiras.

Acontece que a organização e planificação de projeto a envolver atividades de TC exige uma disponibilidade de tempo por parte do professor, incluindo-se aqui todo o tempo despendido no processo burocrático relacionado com os aspetos logísticos. Oliveira (2008) e Varela (2009), em trabalhos sobre as representações de professores e alunos em relação às visitas de estudo, que podemos considerar com um grau similar de logística a uma atividade de TC, referem que os constrangimentos mais apontados pelos professores estarão relacionados exatamente com aspetos logísticos e financeiros, bem como com os constrangimentos associados à agenda escolar.

Conforme Laws (1981) e Slater (1993), (citados em Kent et al., 1997), as competências necessárias para que os alunos usufruam efetivamente da aprendizagem centrada no aluno demoram algum tempo, não são ganhos instantâneos assim que é iniciado o processo de TC. Alguns alunos podem se sentir desconfortáveis quando confrontados com uma metodologia mais exigente do ponto de vista da sua participação e atuação, muito diferente do registo clássico e expositivo habitual de sala de aula.

A prática de TC é uma experiência que oferece oportunidades significativas quando realizada em pequenos grupos, tanto para os estudantes como para os professores. No entanto, com turmas de 30 alunos para se conseguir grupos com um número reduzido de elementos é necessário uma compensação do número de professores auxiliares, caso contrário, acompanhar um grupo com demasiados elementos torna-se mais difícil a supervisão e orientação, juntando-se aqui por arrasto os efeitos negativos de uma menor concentração, atenção e empenho dos alunos (Kent et al., 1997).

O mesmo autor faz a pertinente pergunta sobre a avaliação final do processo relacionado com o TC, ou seja, até que ponto a sua avaliação deve ser separada ou adicional para testar a competência geográfica de um aluno. Nesse sentido, refere, citando Rodaway & Slowe (1993) e Wheeler & Dunleavy (1995) que a avaliação do trabalho é uma das áreas de avaliação mais difíceis.

#### **2.2.6. Trabalho interdisciplinar com TIC**

O trabalho interdisciplinar, como refere Fialho (2007), sendo um conceito com algumas interpretações e nem sempre consensuais, não deixa de ser um intercâmbio entre diferentes áreas do conhecimento, que surge da necessidade prática de articular várias áreas do conhecimento. Olhando para os constrangimentos identificados para a realização de TC em turmas do ensino básico e secundário, chamar a disciplina de TIC a participar num projeto destes, deverá servir de atenuação para alguns desses constrangimentos. Constatando-se fazer parte das Metas Curriculares da disciplina de TIC, subdomínios com sugestões de desenvolvimento das atividades referente a processamento de dados estatísticos, com experimentação das funcionalidades de uma folha de cálculo, nomeadamente, introduzir e manipular dados numa folha de cálculo,

bem como criar gráficos simples a partir dos dados inseridos nas células (Ministério da Educação, 2012), adotar um trabalho interdisciplinar com a disciplina de TIC e, passar para esta os tempos letivos necessários ao tratamento e processamento da informação recolhida em campo, dará uma folga na gestão do tempo para a realização das tarefas, não condicionando tanto assim o cumprimento do programa letivo de cada disciplina.

À questão da economia de tempo, acresce ainda o facto de a aplicação das TIC ao ensino da Geografia poder significar um contributo didático de inovação com vista à melhoria de algumas atividades nas salas de aula (Dantas & Mendes, 2010). No mesmo sentido, Silva, Silva, & Varejão (2010), acreditam que sendo no TC que o aluno concilia a teoria com a prática, com a interdisciplinaridade o aluno consciencializa-se do potencial da interdisciplinaridade na integração do conhecimento, para além da atividade. Do leque de oportunidades para melhorar e inovar o processo de ensino aprendizagem em Geografia, está entre elas as TIC, que podem ajudar na eficiência das atividades e na melhoria do desenvolvimento de competências de investigação geográfica (Hassell, 2005).

### **2.2.7. Conceção e fases do projeto**

Depois de ultrapassado o processo burocrático, as calendarizações, as autorizações e a logística inerente, para que o TC seja uma experiência educativa significativa, motivadora e bem-sucedida é importante que seja cuidadosamente planificado e preparado de acordo com as necessidades e interesses dos alunos, bem como com as competências que se pretendem desenvolver.

Aqui chegados, Palacios (1988, citado em Ogallar, 1996), propõem a aplicação do método investigativo num modelo de TC mediante quatro fases: i) a fase de preparação em sala de aula; ii) a realização do trabalho no terreno; iii) o trabalho em sala de aula; iv) a aplicação da aprendizagem. Conforme Ogallar (1996), destrinchando estas fases, a primeira fase serve de introdução do tema e organização dos grupos de trabalho na turma, proporcionar a motivação necessária ao objeto de estudo e negociar com os grupos o foco do problema a investigar. Ainda nesta fase deverá ter lugar a elaboração de hipóteses. Já numa segunda fase, o trabalho no terreno propriamente dito, no contacto com a realidade na qual é recolhida informação mediante um



formulário previamente construído para o efeito. Nesta fase é importante, ainda que de modo provisório, uma análise sobre a realidade verificada e da hipótese inicial. Para a terceira fase, sugere que o trabalho realizado no exterior seja rentabilizado em sala de aula com trabalho de grupo para tratamento e processamento da informação recolhida, compilação dos resultados entre os grupos e considerações sobre as primeiras conclusões gerais. Na parte final, considerando esta fase a de maior rentabilidade didática, espera-se que os alunos consigam efetuar uma avaliação do processo e possam emitir as suas opiniões e conclusões. Dentro do momento destinado à apresentação de resultados, Ogallar (1996) apresenta várias modalidades, passando pela elaboração cartográfica, representação gráfica ou realização de material audiovisual.

### 3. AMBIENTE ESCOLAR

“[...] a investigação educacional demonstrou de forma inequívoca a impossibilidade de isolar ação pedagógica dos universos sociais que a envolvem. [...] As instituições escolares adquirem uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas.” (Nóvoa, 1992, p. 13)

As escolas têm diferentes problemas, precisando de recursos diferenciados para atingir os seus fins, têm de ser capazes de se adaptar, ser flexíveis aos diferentes contextos onde possam estar inseridas. A oferta de condições de trabalho favorável ao bom desempenho de todos os atores (pessoal docente, não docente e alunos), é uma das necessidades muito debatida (por exemplo a redução de alunos por turma), mas a falta de recursos tem sido sempre um forte entrave, ficando sempre o dilema entre a gestão e a pedagogia, onde as exigências do ministério, avaliações externas, pressão dos encarregados de educação, etc., cria um ambiente propício a que se faça prevalecer a primeira em detrimento da segunda.

#### 3.1. Unidade Organizacional

##### 3.1.1 Constituição do Agrupamento

A ESRDL pertence ao Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor (AERDL), uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por vários estabelecimentos de ensino. O AERDL foi criado em 31 de maio de 2013, a constituição deste agrupamento obedeceu ao critério de articulação curricular entre os níveis e ciclos educativos e à proximidade geográfica. Cada um dos estabelecimentos que integra o agrupamento mantém a sua identidade e denominação própria. Integra seis unidades educativas. Quatro escolas do 1º ciclo<sup>10</sup>, uma escola com 2º e 3º ciclo<sup>11</sup> e uma escola com 3º ciclo e secundário<sup>12</sup>. Este agrupamento localiza-se em Lisboa e, excluindo a Escola Básica Rainha Dona Estefânia localizada na freguesia de Arroios, todas as outras escolas situam-se na freguesia de Alvalade. O corpo

---

<sup>10</sup> Escola Básica Bairro de S. Miguel, Escola Básica dos Coruchéus, Escola Básica de Santo António e a Escola Básica Rainha Dona Estefânia.

<sup>11</sup> Escola Básica Eugénio dos Santos.

<sup>12</sup> Escola Secundária Rainha Dona Leonor, que é escola sede do agrupamento.

docente do AERDL é formado por cerca de 220 professores e é frequentado por cerca de 3300 alunos. A população estudantil é heterogénea. No entanto, a maioria dos encarregados de educação tem uma elevada formação académica, mais de 60% tem formação superior e inclui um número significativo de encarregados com grau de mestrado e doutoramento (AERDL, 2015)

### **3.1.2. Projeto Educativo**

O Projeto Educativo de Escola (PEE) é um conceito que, desde o final do século passado, tem acompanhado de perto a produção legislativa portuguesa, particularmente em relação às questões da autonomia e da administração e gestão das escolas públicas (Costa, 2004). Sendo o PEE um instrumento para a construção e afirmação da identidade das escolas, torna-se pertinente a sua leitura crítica.

O PEE do AERDL, elaborado para o triénio 2015/2018, pretende contribuir e assegurar o acesso de todos os jovens que frequentam o agrupamento a um ensino de qualidade, que responda às suas expectativas e ambições, assente em princípios de justiça, equidade, responsabilidade e exigência.

A sua visão assenta no direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para a qualidade e o sucesso educativo, favorecendo o desenvolvimento global da personalidade. A visão refere-se ao ideal que pretende realizar e, neste caso, pretende ser uma escola inclusiva. Implementa uma cultura de inclusão e procura respostas ajustadas, envolvendo todos os agentes educativos. O Agrupamento mobiliza os serviços especializados para uma resposta adequada aos alunos com necessidades educativas especiais, numa ação concertada entre os professores de educação especial e os outros docentes, bem como os diretores de turma, encarregados de educação e o serviço de psicologia e orientação.

Assume como missão a construção e consolidação de um agrupamento de escolas dinâmico e centrado no aluno, que crie oportunidades educativas e promova uma educação rigorosa de qualidade, tendo em vista o sucesso académico e educativo, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social do aluno, preparando-o, no presente para o exercício de uma cidadania interveniente e responsável.

O agrupamento admite uma baixa eficácia das medidas de apoio aplicadas aos alunos com dificuldades de aprendizagem e pouco envolvimento de alguns encarregados de educação na vida escolar. No entanto, pretende reforçar o apoio e acompanhamento dos alunos, onde assume a utilização de estratégias de diferenciação pedagógica, implementação de projetos de tutoria e a organização de espaços de apoio curricular. No fundo, o objetivo central da promoção do sucesso escolar, assenta numa cidadania consciente e solidária. É assim um duplo objetivo, reduzir a taxa de abandono escolar e favorecer o acesso ao ensino superior.

Um PEE é um instrumento para melhorar a eficácia do funcionamento escolar, mas terá de ter em atenção várias preocupações para que possa ser verdadeiramente facilitador de inovação, atingir a qualidade que se pretende no ensino, e não um camuflar dos problemas existentes. A questão que se levanta é se estamos perante um PEE exequível, um projeto sem projeto, por decreto, mosaico ou apenas um devaneio, isto de acordo com a classificação apresentada por Barroso (1992). Depreende-se deste projeto uma preocupação na prévia problematização da situação atual da escola para dar sentido à construção de um plano de ação consequente, operacionalizando estratégias e soluções. Mesmo servindo para responder a políticas administrativas comum a todas as instituições, da análise efetuada não é de considerar que seja um projeto por decreto, pois apesar de ser uma referência interna para todos os estabelecimentos visa uma afirmação da sua existência com o exterior. Trespasa por vários sectores e não é restrito, as intenções encontradas são objetivas e a sua operacionalidade é fundamentada. O PEE aqui analisado conta com um conjunto de objetivos referentes à promoção do sucesso escolar. Apresenta a sua visão e missão, assinala problemas e potencialidades. Podemos então considerar este projeto algo ambicioso, mas realista e exequível, na medida que se propõem a fazer dos pontos fracos oportunidades e dos pontos fortes uma resposta às ameaças, fazendo do mesmo uma alavanca para atingir os objetivos.

### **3.1.3. Departamento da Geografia**

A disciplina de Geografia insere-se no Departamento das Ciências Sociais e Humanas, junto com as disciplinas de História e Geografia de Portugal, História, Filosofia e Economia. Fazem parte do grupo de docência na disciplina de Geografia

quase uma dezena professores, todos pertencentes ao quadro de pessoal docente. O subdepartamento de Geografia colabora num projeto de investigação, promovido pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e Centro de Estudos Geográficos, relacionado com segurança em estabelecimentos escolares através de atividades a realizar na comunidade educativa. No que respeita às atividades organizadas pelo subdepartamento de Geografia, inseriu no plano de atividades anual da escola para o ano letivo 2017/2018 o correspondente a 16 atividades, comparativamente com as outras disciplinas verifica-se que o grupo de Geografia é um dos grupos disciplinares com maior dinamismo no que toca à organização e realização de atividades fora do contexto de sala de aula (AERDL, 2017b).

Maioritariamente as atividades propostas são visitas de estudo, principalmente a museus, locais de interesse natural e de paisagens urbanas, algumas em parceria com outras disciplinas. Estas atividades estão enquadradas e visam contribuir para alcançar algumas das metas e objetivos estratégicos definidos no PEE, nomeadamente: i) promoção do sucesso escolar, proporcionando oportunidades de aprendizagem de qualidade; ii) ambiente educativo e organização, fomentando atitudes e comportamentos adequados às aprendizagens, incentivando o trabalho em equipa e promovendo uma cultura de participação, integração, confiança e sentido de pertença ao agrupamento; iii) gestão do agrupamento, contribuindo tanto para a melhoria do funcionamento e eficácia dos órgãos e estruturas do agrupamento como na gestão mais eficaz dos recursos humanos e materiais. De referir o interessante espólio de cartografia temática que está ao dispor dos professores, recursos que, face à facilidade de utilização dos meios informáticos e da diversidade de cartografia possível de ser encontrada nestas ferramentas, são cada vez menos utilizados.

## **3.2. Unidade Escolar**

### **3.2.1. Breve informação histórica**

As razões para a escolha de Rainha Dona Leonor para o nome e patrono da escola está relacionada com as ações de D. Leonor em prol do povo português, como por exemplo a fundação do Hospital das Caldas da Rainha e a primeira Misericórdia. A favor do património nacional ordenou a construção do Mosteiro da Madre de Deus

em Lisboa e as conhecidas capelas imperfeitas do Mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha. Foi defensora da cultura, protegendo a imprensa e as artes.

A ESRDL teve a sua origem como Liceu Rainha Dona Leonor e iniciou a sua atividade para uma frequência exclusivamente feminina, no ano de 1947, em Alcântara. Em 1961, a escola instala-se na freguesia, agora denominada Alvalade. Após o 25 de abril de 1974, a população escolar passou a ser mista, tendo o termo Liceu dado lugar à designação de Escola Secundária.

### **3.2.2. Contexto sociogeográfico**

A ESRDL situa-se na freguesia de Alvalade. Freguesia que surge da união das antigas freguesias S. João de Brito, Campo Grande e Alvalade. Demograficamente, Alvalade viu, entre 2001 e 2011, decrescer o número de famílias e indivíduos. A população tem um grau de instrução elevado e superior à média da cidade (36% com formação superior contra 27%). Este setor da cidade é maioritariamente de cariz residencial, contudo regista-se uma forte presença comercial de diferentes atividades económicas (CML, 2013).

Relativamente próximo de uma estrutura viária principal, como é a 2ª circular, e servida de uma boa estrutura viária secundária, confere à área de localização da ESRDL boas acessibilidades rodoviárias. Também conta com um serviço de transportes públicos diversificado, linha de metro, várias carreiras de autocarros e proximidade à linha de comboio. O fator da acessibilidade e disponibilidade de emprego nesta área da cidade permite que se verifique uma percentagem significativa de alunos que frequentam a ESRDL mas que não é residente nem na freguesia nem nas proximidades, são filhos de uma população não residente na freguesia, mas que trabalha nesta área da cidade de Lisboa (AERDL, 2015).

### **3.2.3. Escola cooperante**

Fazem parte do corpo docente quase 100 professores para um universo de pouco mais de 1400 alunos. Os cerca de 1400 alunos que frequentam a ESRDL estão distribuídos por quase 50 turmas, o que faz uma média de 28 alunos por turma.

Atualmente é uma escola com o 3º ciclo do ensino básico e com ensino secundário e viu o edifício escolar (figura 3) recuperado e modernizado, numa intervenção que ficou concluída em 2009.



**Fig. 3 – Fachada principal da ESRDL**

A escola oferece as condições físicas fundamentais para o desenvolvimento da sua atividade, dispondo de equipamentos adequados para as aprendizagens dos alunos. Para além de 30 salas de aulas, dispõe de 18 salas de aulas específicas, como laboratórios destinados às ciências experimentais ou salas de informática. Está apetrechada com 1 biblioteca e 1 auditório. Em relação a espaços desportivos tem 2 ginásios, 2 campos de jogos e respetivos balneários. De resto, tem todas as estruturas de apoio ao normal funcionamento escolar, como por exemplo refeitório, bar, papelaria, etc. Como escola pública, conta com verbas provenientes do orçamento de estado e da autarquia. Para além destas, consegue verbas próprias, como lucros do bar, aluguer de infraestruturas e donativos, que são canalizadas, essencialmente, para a manutenção das instalações escolares, aquisição de equipamento informático e material didático, de modo a promover a melhoria e qualidade das condições de trabalho dos elementos da comunidade escolar.

#### **3.2.4. Salas de aulas**

Faz-se aqui uma breve consideração ao espaço de sala de aula, pelo seu papel de palco central da ação ensino-aprendizagem. Por certo, muitas vezes facilitador ou condicionante na aplicação de diferentes metodologias, as salas eram compostas de carteiras individuais, com bastante luz natural, uma boa acústica, com computador para uso do docente, acesso à internet e retroprojektor, com todas as condições de conforto

tanto para os alunos como para o docente. A sala 212 (figura 4), era a sala onde habitualmente a turma do 8º1 tinha as suas aulas, nomeadamente as aulas de Geografia, o que traz conforto para os alunos, uma vez que não têm de se deslocar entre intervalos de sala em sala, nem fazerem os intervalos com os seus pertences.



**Fig. 4 – Sala de aula da turma 8º1**

Porém, o espaço físico da sala torna-se um pouco pequeno para uma turma com 30 alunos, como é o caso, sendo mesmo necessário colocar uma carteira em posição de desconforto face à observação do quadro de projeção. O ideal para esta sala de aula seria de 28 ou 29 alunos no máximo.

A sala LI 2 (figura 5), era onde habitualmente a turma do 8º1 tinha as suas aulas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC).



**Fig. 5 – Sala de TIC da turma 8º1**



Cabe aqui referir as boas condições materiais que a escola dispõe no que diz respeito às salas onde decorrem as aulas de TIC. São salas munidas de 1 computador para cada 2 alunos, o que me parece um rácio muito aceitável. Claro que a pressão de utilização constante dos computadores exige uma manutenção também constante, o que nem sempre se verifica com a eficácia desejada, existindo sempre alguns computadores inoperacionais e alguma lentidão no acesso à internet. De qualquer forma estes pequenos constrangimentos não põem em causa nem limitam a realização dos trabalhos.

### 3.2.5. Caracterização da turma 8º1

A caracterização da turma, para além da informação transmitida pelo professor cooperante José António Baptista, da observação pessoal decorrente em Iniciação à Prática Profissional I (IPP I) e Iniciação à Prática Profissional II (IPP II), onde existiu um contacto regular com a turma e uma relação de alguma confiança, baseou-se também em recolha documental (anexo 1), obedecendo às devidas autorizações por parte do diretor de turma no acesso às fichas individuais dos alunos e, foi tido em conta as fichas e testes de avaliação realizados durante o primeiro período (anexo 2).

A turma do 8º1 da ESRDL é composta por 30 alunos, 17 rapazes e 13 raparigas. Destes, 2 alunos estavam a repetir o 8º ano de escolaridade.

É uma turma equilibrada em relação a idades e desempenho escolar, registando-se um desvio padrão de 0,6 tanto nas médias das notas finais dos períodos como em relação às idades, o que indica que os elementos da amostra estão agrupados muito perto da média (quadro 5).

**Quadro 5 – Média de idades e de desempenho escolar da turma 8º1**

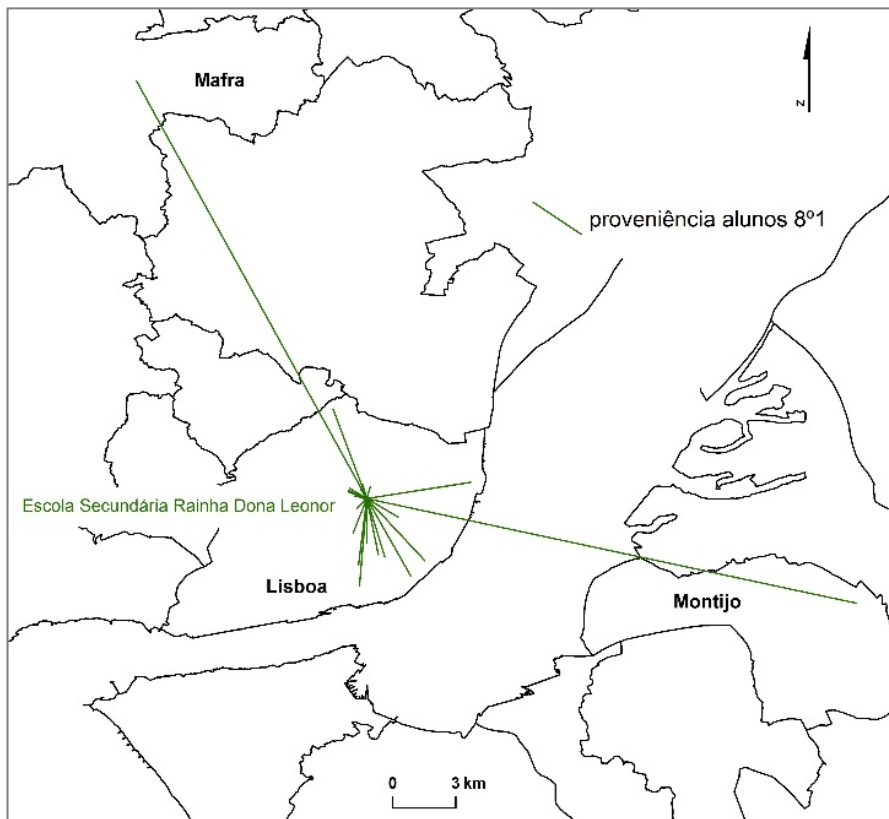
	idades (anos)	notas final 7º ano (class. 1 a 5)	1º trabalho em sala de aula (class. %)	1º teste (class. %)	tpc (class. %)	2º trabalho em sala de aula (class. %)	2º teste (class. %)	notas final 1º P (class. 1 a 5)
média	13,6	3,6	68,5	73,7	53,3	78,5	62,1	3,4
desvio padrão	0,6	0,6	22,9	13,7	44,1	16,7	13,7	0,6

(Dados processados em *Excel*)

Dos dados apurados em recolha documental para caracterização do ambiente social da turma, elementos de caracterização para uma dimensão social e familiar disponíveis nas fichas individuais dos alunos (anexo 1), todos os alunos têm

nacionalidade portuguesa, contudo, uma pequena parte dos encarregados de educação têm naturalidade estrangeira. Todos os alunos têm computador com acesso à internet em casa, nenhum aluno tem necessidades educativas especiais e todos concluíram o 7º ano de escolaridade com aproveitamento na disciplina de Geografia.

Fazendo referência aos alunos da turma do 8º1, para além de grande diversidade na origem residencial dos alunos, uma franja de alunos é proveniente de locais distantes da escola (figura 6).



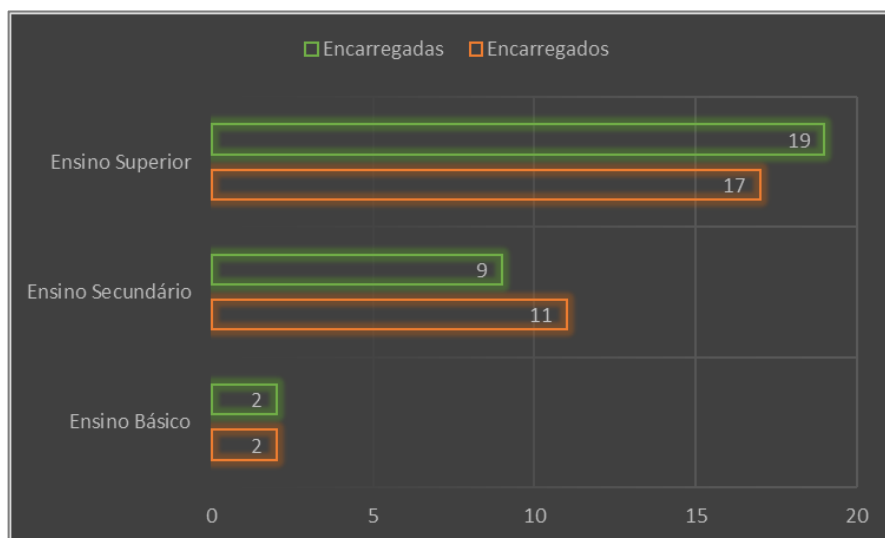
**Fig. 6 – Fluxo casa-escola dos alunos do 8º1**

(Cartografia elaborada em Arqgis, base cartográfica CAOP)

Do que foi possível apurar, em conversa com os alunos do 8º1 à cerca deste facto, também se salienta a opção de alguns pais atribuírem aos seus educandos a morada de familiares, normalmente dos avós, residentes na freguesia, tornando estes como encarregados de educação e, por esta via, conseguirem matrícula neste estabelecimento. Esta preferência dos pais em colocar os seus educandos na ESRDL, para além de uma possível razão de comodidade também se deverá ao reconhecimento da qualidade do ensino e prestígio da escola.

Em relação ao contexto familiar, tendo-se averiguado os dados relativos às habilitações literárias dos encarregados de educação (gráfico 1), permitem concluir

que a maior parte dos encarregados de educação detêm formação superior, seguindo-se os que detêm o ensino secundário e, em menor proporção, os que apenas possuem ensino básico.



**Gráfico 1 – Habilitações literárias dos encarregados de educação**

Como informações adicionais, testemunhos relatados por outros professores aquando os conselhos de turma, revelam que a turma tem muitos problemas de indisciplina, com muitas e graves queixas de vários professores de outras disciplinas, embora, tanto nas aulas observadas como nas lecionadas, os alunos comportaram-se de forma adequada, mostrando consideração e reconhecendo no professor a preocupação e dedicação que o mesmo tem pelos alunos. Como é normal, há alguns alunos mais participativos do que outros, alguns alunos mais distraídos do que outros, mas, de modo geral, trata-se de uma turma razoavelmente disciplinada. Pela observação efetuada, é uma turma medianamente trabalhadora, uma vez que apenas cerca de metade dos alunos concretiza os Trabalhos Práticos de Casa (TPC).

Para uma avaliação mais objetiva da turma e a identificação dos fatores que mais afetam o desempenho escolar elaborou-se uma matriz de correlações (quadro 6) com os elementos possíveis de quantificar dos alunos até ao final do 1º período (anexos 1 e 2). Nesta avaliação não se verificou qualquer relação forte negativa, entre as variáveis consideradas na análise. As variáveis, local de residência, género, agregado familiar, nacionalidade dos encarregados de educação, número de matrículas, idade, trabalhos em sala e trabalhos de casa, têm uma relação quase desprezível com as notas finais dos alunos. Por outro lado, a habilitação literária dos encarregados de educação tem uma relação positiva muito fraca. Na matriz de correlações as variáveis com mais





## **4. PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADO**

“ O mais óbvio é que para se poder lecionar Geografia ter-se-á que possuir conhecimentos sólidos de Geografia, porém este conhecimento não pode ser redutor ao ponto de tornar o ensino de Geografia como a transmissão de uma lista de factos e conceitos, a Geografia como disciplina dentro das ciências humanas pressupõe diferentes perspectivas de análise em questões sociais e dilemas do mundo contemporâneo, ou seja, é necessária uma postura social face ao conhecimento científico.” (González, 1999<sup>a</sup>, p. 5)

A geografia escolar deve partir de uma problemática real. Para educar geograficamente não é necessário uma descrição ou uma explicação exaustiva. Uma seleção dos principais problemas que afetem verdadeiramente o quotidiano dos diferentes contextos sociais, que quanto mais reais e próximos estiverem dos alunos, mais permitirá estabelecer relações com o que se passa no espaço de outros. Por outro lado, é formulando perguntas, é estabelecendo conjeturas e hipóteses, é questionando criticamente a informação recebida, que se promove o desenvolvimento de um verdadeiro raciocínio geográfico fundamental à criação de cidadãos responsáveis e geograficamente competentes (Cachinho, 2000).

### **4.1. Iniciação à Prática Profissional**

#### **4.1.1. Observação da prática docente**

Considerou-se da maior importância a observação de aulas, como um instrumento pedagógico fundamental na formação inicial de docentes, pois potencia o desenvolvimento didático-pedagógico e o amadurecimento do pensamento crítico-reflexivo (Nodari & Almeida, 2012). A observação de aulas, tanto na turma 8<sup>o</sup>1 com o professor cooperante como nas turmas de outros docentes, ocorridas em IPP I e IPP II (anexo 4), foram de grande utilidade para a perceção de diferentes contextos de alunos e abordagens de professores. Também serviu para interiorização dos diferentes momentos das aulas, ou seja, a importância das diferentes fases de uma aula. Estas devem ser bem marcadas e distintas. Verificando-se que nas aulas em que se consegue um início apelativo, um corpo de aula bem encadeado e um breve resumo no final, constituem ingredientes que contribuem para maior captação de atenção nos alunos.

Assistimos a várias reuniões de professores (anexo 5), todas com diferentes características. Considerou-se fundamental a participação nestas reuniões para a formação inicial de professores, na medida em que esta proporciona ao futuro professor o contacto próximo com as realidades inerentes à função de docente e um conhecimento das dinâmicas de funcionamento das mesmas. Nestas reuniões, entre outros assuntos, foram sendo debatidas questões logísticas, de planificação e calendarização de diferentes atividades, foram transmitidos os aspetos gerais aprovados pela direção da escola ou conselho pedagógico, foram reforçadas algumas regras e normas regulamentares, foram analisados e debatidos os resultados escolares, debatidas propostas para melhoria de resultados e reflexão sobre as estratégias que surtiram efeito positivo ou neutro. Concretamente, em relação à turma 8<sup>o</sup>1, informou-se sobre as atividades de TC e a visita de estudo a realizar, e também a opção de inverter a sequência na lecionação dos subdomínios previsto nas metas curriculares, lecionando em primeiro lugar os conteúdos referentes à “Diversidade cultural”, com o argumento de fazer uma maior ligação com os conteúdos lecionados referentes a “Mobilidade da População”, onde são abordadas as causas e consequências das migrações e por esta via enquadrar melhor os aspetos relacionados com a diversidade cultural, lecionando em seguida os conteúdos referente ao subdomínio “Cidades, principais áreas de fixação humana”. As reuniões de professores são um palco favorável à troca de experiências entre os docentes a todos os níveis, principalmente no que toca à avaliação de estratégias e ações de ajustamentos. No entanto, para uma verdadeira eficácia e gestão útil do tempo de reunião é importante a prévia preparação da mesma por parte de todos os professores em relação à ordem de trabalhos, levando as ideias bem estruturadas e fundamentadas.

Sendo o propósito realizar experiências educativas de TC e visita de estudo, foi de todo o interesse acompanhar as atividades escolares relacionadas neste domínio sobre o ponto de vista logístico (anexo 6). Objetivamente, o interesse prendeu-se em presenciar, com um olhar mais atento, as questões logísticas, de organização, dos custos, das preocupações legais, da responsabilidade e comportamento dos alunos. Sabendo que os alunos tendem a ver estas atividades como lúdicas, foi interiorizada a necessidade de se estruturarem estas experiências educativas tendo presente este facto, pois embora esta abordagem possa ser normal, por certo diminui as potencialidades destas atividades na construção de conhecimentos.

Resumindo, o beber vários estilos de lecionação e em diferentes contextos de alunos, possibilitou a vivência de diferentes experiências. Destas, poderemos sempre fazer a triagem dos aspetos que melhores efeitos surgiram nos alunos, dos pormenores mais facilitadores de aprendizagem, dos momentos captadores de motivação e maior atenção dos alunos, das dinâmicas e organização das aulas e outras atividades no que toca ao respeito da ordem. Para além de enriquecedoras, poderão ser validas e passíveis de serem adaptadas ou replicadas consoante as respostas a dar a diferentes contextos escolares.

#### **4.1.2. Planificação e calendarização**

Dando cumprimento ao estipulado no regulamento de iniciação à prática profissional (IGOT/IE - UL, 2016) para lecionação dos tempos letivos previstos para IPP III, decorreu, dentro da planificação anual para a disciplina de Geografia<sup>13</sup> no AERDL para ano letivo 2017/2018 (anexo 7), reuniões informais com o professor cooperante sobre a calendarização e operacionalização dos conteúdos a lecionar, estratégias a adotar e experiências educativas a proporcionar aos alunos. Por sua vez, por uma questão de organização e se chegar a uma calendarização das atividades exequível, foi elaborado uma planificação de médio prazo para o período letivo (anexo 8), tendo em conta o pressuposto a realizar em IPP III. Esta planificação de médio prazo visava as ações a realizar, com os conteúdos a lecionar, experiências educativas correspondentes e a sua calendarização ao longo desse tempo. Foi assim delineada uma perspetiva abrangente de todo o processo que, tendo em conta o horário da turma (anexo 9), se traduziu-se numa sequência didática<sup>14</sup> (anexo 10) na qual se lecionaram os conteúdos relacionados com o tema “Cidades, principais áreas de fixação humana” decorrentes das Metas Curriculares de Geografia para o 8º ano de escolaridade (Ministério da Educação e Ciência, 2013). A planificação desta unidade didática,

---

<sup>13</sup> A planificação de longo prazo para a disciplina de Geografia no AERDL para ano letivo 2017/2018, está em sintonia com as Metas Curriculares de Geografia para o 8º ano de escolaridade e traça uma orientação dos tempos letivos a serem considerados para cada subdomínio e respetivos descritores, bem como as experiências educativas a ter em conta.

<sup>14</sup> Esta planificação teve em conta as recomendações abordadas nas diferentes unidades curriculares do Mestrado em Ensino da Geografia, contou com algumas trocas de impressões e partilha de experiências com os restantes alunos de mestrado e, foram debatidas em reuniões com o professor cooperante, que desta forma também contribuíram de forma construtiva para a moldagem do plano de aulas.



incluindo os planos de aula e a descrição das aulas lecionadas, será objeto de análise nos itens seguintes.

Os planos de aula foram elaborados de acordo com um modelo inspirado em quadros de vários modelos existentes. A nomenclatura utilizada para título dos campos que compõem os planos de aula foi retirada e, ou, adaptada de vários documentos. Campos como ‘Domínio’, ‘Subdomínio’, ‘Objetivos gerais’ e ‘Descritores’ foram retirados do documento Metas Curriculares, 3º Ciclo do Ensino Básico de Geografia (Ministério da Educação e Ciência, 2013). O campo ‘Competências essenciais’ teve por base o documento Geografia - Orientações Curriculares - 3º Ciclo (Ministério da Educação, 2002). Quanto aos ‘Conceitos’ foi seguido os contemplados no manual ‘Geodiversidades 8’ (Amado, Baptista, & Baptista, 2014). Os campos ‘Sequência dos objetivos e estratégias para a aula’ e ‘Atividades a realizar e/ou experiências educativas para os alunos’, foram inspirados no livro de apoio ao professor ‘Geodiversidades 8’.

#### **4.1.3. Recursos utilizados**

Os recursos didáticos são uma importante ferramenta para cativar a atenção e facilitar a aprendizagem (Silva, Soares, Alves, & Santos, 2012). Estes vão da mais simples utilização do quadro às mais sofisticadas apresentações interativas.

Os manuais escolares são um recurso didático fundamental do processo de ensino-aprendizagem e tem um papel incontornável no sistema educativo, pois são fonte de inspiração para programação das aulas de muitos professores (Rego, Gomes, & Balula, 2012), tem um peso considerável nas despesas que as famílias efetuam com a educação dos seus filhos e uma das principais ferramentas de estudo dos alunos. Dada esta centralidade dos manuais escolares no processo educativo, considerou-se pertinente fazer um exercício de avaliação ao manual utilizado ‘Geodiversidades 8’ (anexo 11). Globalmente considerou-se um manual completo, apelativo e funcional, permitindo a lecionação dos conteúdos de diversas estratégias consoante o estilo do professor ou contexto escolar. Nesta fase de formação inicial de docente, considerou-se importante a leitura atenta do manual adotado para interiorizar o tipo de linguagem e graus de dificuldade correspondente à faixa etária dos alunos, procurando assim articular estratégias de ensino de modo a cumprir os objetivos traçados nas metas curriculares e poder construir um caminho o mais diversificado possível de fontes e

tipos de informação e assim também possuir uma maior capacidade para diferentes abordagens, no sentido de poder apresentar situações de diferentes graus de complexidade na construção dos recursos.

A utilização do quadro, um recurso sempre presente em qualquer sala de aula, serviu para o registo das ideias mais pertinentes a reter pelos alunos e que deveriam ser contempladas em registo nos seus cadernos. A utilização do quadro mostrou-se vantajosa, na medida em que enquanto os alunos transcrevem, dá tempo para que o docente tenha tempo para rever o plano, ajusta-lo em caso de necessidade e assim conseguir o melhor encadeamento da aula.

Como recurso incluíram-se também algumas fichas de trabalho, do manual e do caderno de atividades, no sentido de diversificar o tipo de aula, mas principalmente, para um apoio mais personalizado aos alunos com mais dificuldades.

Um dos recursos mais utilizados na sequência didática passou pela exploração de apresentações em PP (fotos, mapas, esquemas ou textos). Não raras vezes sem qualquer informação escrita, pois estes foram construídos com o objetivo de ilustrar ou exemplificar conteúdos e também para serem explorados com perguntas e confronto de ideias, onde se podia encontrar respostas no manual. Em outros casos continham apenas tópicos de informação escrita, construídos com o objetivo de ilustrar contextos e, a partir deles, desenvolver os conteúdos programáticos. Neste ponto pretendeu-se ir ao encontro das preferências dos alunos, como verificado no inquérito do final do primeiro período em IPP II, já referido anteriormente.

Entre as tecnologias disponíveis para trabalhar em sala de aula, o vídeo, que embora não substitua a relação pedagógica, é uma ferramenta potencialmente despertadora de atenções podendo proporcionar momentos de maior concentração e facilitar a aprendizagem (Ferreira & Santos, 2014). Por isso recorremos à visualização de vídeos enquadrados convenientemente com o tema em estudo, para posteriormente se fazer uma análise e solicitar os devidos comentários aos alunos.

Sempre que possível procurou-se variar os recursos, partilhámos a opinião de que a diversidade de recursos, métodos e estratégias facilita a aprendizagem (Silva et al., 2012). Procurou-se, assim responder á heterogeneidade dos alunos, apresentando propostas e recursos variados que facilitassem a aprendizagem em diferentes estilos de alunos.

#### **4.1.4. Opções estratégicas adotadas**

Não sendo intenção replicar na sua essência a sequência de aula adotada pelo professor cooperante foi assumido a continuidade de alguns métodos, nomeadamente os relacionados com os momentos iniciais das aulas. A apresentação do sumário foi encarado como parte integrante da aula. Para além do procedimento administrativo, funcionava como marco de início da própria aula e, conforme defende Mira & Silva (2007), o momento do sumário foi sempre encarado com seriedade pelo docente e pelos alunos. Ainda seguindo o registo do professor cooperante, a realização da síntese da aula anterior por um aluno previamente selecionado de acordo com o número de ordem dos alunos, foi uma estratégia utilizada para potenciar competências de síntese e desenvolvimento de comunicação oral com vocabulário geográfico, visitar os conteúdos anteriormente lecionados e, tanto quanto possível, interligá-los à presente aula. A completar este momento inicial da aula, era projetado um esquema resumo reforçando as considerações mais pertinentes a reter.

Na introdução do tema de cada aula problematizava-se o assunto para dar sentido ao tema a lecionar e despertar a atenção. Ou seja, partindo de uma problemática real, procurava-se aproximar os temas do mundo real, tornando os mesmos mais significativos e próximos do interesse dos alunos (Cachinho, 2000). A estratégia passava por envolver os alunos recorrendo a perguntas, abertas ou fechadas, direcionadas à turma ou alunos em concreto. Para além de envolver os alunos, era com esta estratégia que visava fazer o levantamento das ideias prévias, pois estas na generalidade são do conhecimento intuitivo dos alunos, muitas vezes erradas cientificamente e condicionadoras da aprendizagem (González, 1999b). A cada participação oral dos alunos, foi privilegiado o elogio e dado um comentário formativo e construtivo. Admitindo que nem sempre possa ter proporcionado aprendizagens significativas, o certo é que a interação com os alunos através da realização de perguntas, e por vezes em diálogo aberto, permitiu um bom envolvimento dos alunos que, em seguida, ao se solicitar a abertura e leitura de textos do manual, ligados ao tema a abordar, favoreceu a participação dos alunos.

Claro que conseguir constantemente aulas de cariz criativo e inovador, que favoreçam a discussão, pondo em prática o construtivismo, nem sempre é viável, pois com as condições reais do ensino com turmas de 30 alunos, um simples debate pode

torna-se um desafio ingerível se todos os alunos desejarem expressar-se. Como refere Massabni (2007), tal pode resultar num desgaste físico e mental no docente. Ou seja, o construtivismo teoricamente é muito válido, mas difícil de pôr em prática permanentemente em sala de aula. Assim, em alternativa, a abordagem de exposição oral dos conteúdos foi também a estratégia usada, que segundo Foskett (1997), também tem um papel importante no processo de ensino.

O TPC foi também utilizado durante o período letivo. Acreditando-se que o TPC, com conta, peso e medida, sirva de desafio e estimule a utilização de meios de pesquisa fora da sala, utilizou-se o mesmo para aplicação e consolidação de conhecimentos, podendo e devendo favorecer uma participação mais ativa dos encarregados de educação na progressão dos educandos, bem como criar hábitos de estudo autónomo e promover a autodisciplina, a autoconfiança, a organização e a gestão do trabalho.

A recolha e entrega dos trabalhos realizados, em aula ou em casa, foi acompanhado de comentários formativos sobre os mesmos. Tendo-se considerado importante no acompanhamento mais eficaz e personalizado aos alunos com mais dificuldades ou menos motivados.

Foi implementada a metodologia de TC para desenvolver os conteúdos programáticos. Neste âmbito organizou-se também uma visita de estudo com vista a uma abordagem da cidade, mais próxima do mundo empírico.

Algumas aulas foram destinadas quase exclusivamente a trabalho de grupo para elaboração de relatório, de acordo com guião de trabalho proposto.

Mais uma vez procurou-se privilegiar a diversidade, por um lado, para responder a afinidades de um maior leque de alunos face à heterogeneidade dos mesmos, pois cada indivíduo se sentirá mais confortável em relação a um ou outro método, por outro lado, para tornar as aulas menos previsíveis, logo mais dinâmicas e certamente mais apelativas (González, 1999a). A ideia foi sempre promover a diferenciação ou respeitar a diferença, sendo necessário para tal diversificar as estratégias utilizadas. Acreditamos que oferecendo aos alunos diferentes experiências, se torna mais fácil respeitar os seus estilos de aprendizagem, e por essa via, conseguir que os mesmos adquiram os conhecimentos e desenvolvam as competências preconizadas nos programas e orientações curriculares.

## 4.2. Descrição da Sequência Didática

Os alunos foram informados no início do período sobre as atividades a realizar fora do edifício escolar. Os constrangimentos considerados menores, relacionados com o tempo a despender para garantir as condições necessárias á realização das atividades, nomeadamente, os contactos com restantes docentes para garantia do pessoal acompanhante, as reuniões para agilização do trabalho interdisciplinar com TIC, as questões burocráticas e logísticas relacionadas com a apresentação do plano para aprovação da realização das atividades por parte da escola (anexo 12), o formulário de marcação da visita de estudo (anexo 13) e a autorização dos encarregados de educação (anexo 14), foram tratadas durante os dois meses anteriores à data de realização das atividades. O registo escrito das aulas para memória futura, relacionado com comportamento ou atitudes dos alunos, bem como o registo da informação essencial das conversas informais tidas esporadicamente com os alunos sobre a perceção dos mesmos em relação a diferentes aspetos, foi efetuado imediatamente aos términos das aulas em caderno de notas (figura 8).

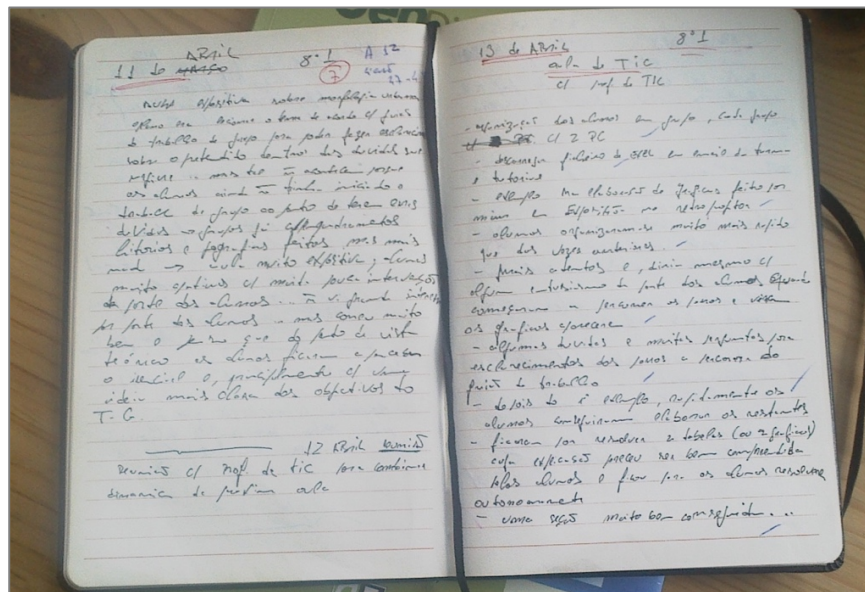


Fig. 8 – Exemplo do registo de aula lecionada

### 4.2.1. Aula 1

Lição nº 35 e 36 de 7 de Fevereiro de 2018.

Sumário: Entrega e correção do teste. Preparação e considerações sobre trabalho de campo e visita de estudo a realizar na próxima aula.

Conforme procedimentos em aulas do professor cooperante, iniciou-se o programa INOVAR<sup>15</sup> para os respetivos registos de presenças e de sumário, durante a entrada e acomodação dos alunos. Iniciou-se em seguida o arranque da apresentação em PP que serviria de apoio para o desenrolar do plano de aula (anexo 15). Para dar o início formal da aula fez-se a apresentação do sumário.

Foram então entregues os testes e realizada a correção do mesmo no quadro. Durante a correção foram sendo dadas explicações adicionais no sentido de dissipar algumas confusões encontradas.

Após a correção do teste, apresentou-se o tema a estudar nas próximas aulas e fez-se a contextualização das atividades propostas<sup>16</sup>. Ou seja, partes do tema “Cidades, principais áreas de fixação humana” iriam ser abordadas seguindo a metodologia de TC, fora do ambiente de sala de aula, em contexto real e, algumas partes do trabalho seriam realizadas na disciplina de TIC.

Foi distribuído o pré-guião (anexo 16) das atividades a serem realizadas. De seguida, perante muitas perguntas sobre a atividade e alguma agitação, foi comentada a apresentação em PP (anexo 17) para elucidar passo a passo os objetivos e tarefas a realizar em TC nas imediações da escola. Foram dadas todas as explicações às dúvidas colocadas. Foi explicado a dinâmica de um trabalho deste género com a projeção de exemplos de trabalhos para ilustrar a realização de uma planta funcional e elaboração de questionário. Foi referida a necessidade de algum trabalho de casa.

Nesta primeira fase, os alunos foram desafiados a focarem-se na exploração autónoma do manual para identificarem os conteúdos que o trabalho vai abordar segundo o pré-guião. Nesse sentido, em diálogo com os alunos, foram dados exemplos das questões de investigação que podemos levantar. Foi exemplificado a necessidade de pensar nas possíveis hipóteses de resposta e nas perguntas que temos de fazer para chegarmos a conclusões. Assim sendo, ficou para TPC a elaboração de perguntas para realização de inquérito. Foi acordado com os alunos que durante a semana seguinte

---

<sup>15</sup> Aplicação constituída por vários automatismos que permitem uma utilização na gestão administrativa das várias componentes escolares, <https://inovar-mais.com>

<sup>16</sup> Como os mestrandos Tiago Fidalgo e Daniela Silva iriam colaborar no acompanhamento de grupos de alunos durante a realização do TC e visita de estudo, estes estiveram presentes a assistir a esta aula com objetivo de conhecerem a turma.

deveriam formar os grupos de trabalho e remeter para o email do mestrando estagiário a constituição dos grupos e os respetivos contributos para se elaborar um questionário.

Foi enquadrada a visita de estudo ao Lisboa Story Centre, que deverá contribuir para a compreensão da origem e o crescimento das cidades, bem como para compreensão da organização morfofuncional das cidades e identificar os problemas urbanos no espaço e no tempo da cidade de Lisboa.

Feito o enquadramento da visita passou-se à indicação de que haveria lugar a um trabalho de grupo escrito sobre esta atividade, e este trabalho seria publicado no jornal da escola. Explicou-se também a componente de autoavaliação que os elementos de grupo terão de fazer e respetivo peso do trabalho na avaliação final.

Já quase no final da aula, procedeu-se à recolha das autorizações dos encarregados de educação.

Final da aula.

Da reação da turma face à apresentação destas atividades pareceu ver nos alunos um misto de entusiasmo e desconfiança. Na verdade, um entusiasmo por estar a ser proposto algo diferenciador das atividades de sala de aula, mas, ao mesmo tempo, uma leve sensação de que os alunos poderiam não corresponder às tarefas propostas. Em reunião com o professor cooperante, considerou-se de facto um projeto ambicioso, mas perfeitamente exequível. Em reunião com os mestrandos foi considerado que a quantidade de questões colocadas pelos alunos era um sinónimo de entusiasmo, mas também de dúvida sobre se alunos compreenderem realmente os objetivos.

Na semana seguinte, os alunos corresponderam ao trabalho proposto como TPC, com o respetivo envio de sugestões de perguntas por correio eletrónico (anexo 18) e que foram aproveitadas para elaborar os inquéritos no guião de trabalho.

#### **4.2.2. Aula 2**

Lição 37 e 38, 21 de Fevereiro de 2018.

Sumário: Trabalho de campo e visita de estudo.

As atividades realizadas neste dia efetuaram-se com a colaboração dos mestrandos Tiago Fidalgo e Daniela Silva, do professor cooperante José Baptista e da

professora de TIC Teresa Ribeiro. Conforme plano (anexo 19), enquanto entrada dos alunos iniciou-se o programa INOVAR para os devidos registos, apresentando o sumário correspondente a esta lição.

Inicialmente os alunos foram organizados em grupos e foram distribuídos os guiões de trabalho (anexo 20), recordando os procedimentos a ter em consideração. De seguida cada grupo, acompanhado de um docente, deslocou-se para o setor da Av. da Igreja correspondente ao seu grupo<sup>17</sup>.

Já na Av. da Igreja (figura 9), verificou-se alguma inércia e dúvidas por parte dos alunos. Aqui, o mestrando estagiário, regista o constrangimento entre as expectativas e ansiedades iniciais por parte de quem organiza a atividade com o ritmo de reação dos alunos.



**Fig. 9 – Grupo de alunos na Av. da Igreja**

Fonte: extraída do trabalho de grupo dos alunos

Claramente os alunos demonstram muito mais lentidão do que o previsto na ambientação à área onde teriam de realizar o TC. No que diz respeito à dinâmica proposta, os alunos não estavam de todo familiarizados com as mesmas. Mas com ajuda de cada docente, depois da assimilação de toda a informação, os alunos

---

<sup>17</sup> Inicialmente estava previsto serem 6 grupos, mas como só foi possível 5 acompanhantes os alunos foram distribuídos em 5 grupos durante o TC, sendo depois possível, para o trabalho de grupo posterior, a reformulação dos elementos para os iniciais 6 grupos (situação devidamente explicada aos alunos, compreendida e pacificamente aceite por estes).



começaram a envolver-se, começaram a organizar-se nas divisões de tarefas e passaram a demonstrar interesse na realização das mesmas em regime de rotatividade.

Todos os alunos realizaram inquéritos a transeuntes e comerciantes presentes naquele espaço da cidade (anexo 21). Um dos grupos acabou por não realizar o esboço do setor a que lhes estava destinado para o levantamento funcional. De qual quer modo, tal não pôs em causa a dinâmica pretendida para a fase posterior com os esboços dos grupos (anexo 22). Os alunos trabalharam de forma séria e empenhada seguindo as orientações do guião, contudo, verificou-se uma desvalorização generalizada por parte dos alunos para a realização do registo fotográfico.

No final, professores e alunos, avaliaram a atividade como muito interessante e produtiva. Dos aspetos que os alunos referiram mais terem gostado, foi a realização de inquérito às pessoas, e do que menos gostaram, foi fazer o esboço. Os comentários foram sempre no sentido de uma atividade bem organizada, diferente das dinâmicas habituais do contexto escolar. A atividade ocorreu dentro do plano e horários previstos e os objetivos traçados foram amplamente conseguidos.

Foi então feita a pausa para o almoço.

Da parte da tarde, a turma deslocou-se em direção ao Lisboa Story Centre para a visita de estudo (figura 10).



**Fig. 10 – Grupo de alunos no Lisboa Story Centre**

Apesar do cumprimento dos horários, não foi possível realizar as devidas considerações sobre o guião da visita de estudo, nomeadamente sobre as questões que era suposto os alunos responderem durante a visita. O Lisboa Story Centre é um

museu, localizado no Terreiro do Paço, em Lisboa, com equipamento interativo que conta os principais eventos ocorridos na cidade, do passado ao presente, mostrando as influências que ainda hoje marcam a paisagem urbana de Lisboa, sendo para isso necessária uma atenção adicional para encontrar as respostas ao longo da visita. Isto aconteceu por alguma desorganização no momento da entrada, pois havendo muita afluência de público, os responsáveis do Lisboa Story Centre acabaram por apressar a entrada, não dando tempo para explicar aos alunos os objetivos a alcançar. Tal fez com que, embora útil, a visita tenha ficado um pouco aquém do efeito pretendido. Os alunos já um pouco cansados com o trabalho realizado na parte da manhã mostraram-se menos envolvidos da parte da tarde, menos motivados e desvalorizaram um pouco a visita. Na verdade, talvez fosse mais produtivo, mais motivador e mais enriquecedor para os alunos, realizar a visita de estudo num dia diferente do TC. Ainda assim, o balanço é francamente positivo. No final elaborou-se o respetivo relatório de avaliação da atividade para a escola (anexo 23).

### **4.2.3. Aula 3**

Lição 39 e 40, 28 de Fevereiro de 2018.

Sumário: A origem e o crescimento das cidades: fatores e processo de desenvolvimento.

Esta aula contou com a presença da mestrandia Daniela Silva a assistir. A aula acabou por não seguir o plano de aula traçado, que previa a última parte da aula para exercícios de revisão para o teste, por ter ficado acordado com o professor cooperante, já depois do plano elaborado, anular a realização do próximo teste e substituí-lo por uma ficha sobre a visita de estudo, a mesma que não foi realizada durante a visita. O tempo que estava destinado às revisões passou a ser ocupado pela apresentação do guião do trabalho de grupo.

Aquando da entrada em sala dos alunos, iniciou-se o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos. Iniciou-se o arranque da apresentação em PP, que continha os recursos a serem projetados e que serviriam de apoio para o desenrolar do plano de aula (anexo 24). Os recursos utilizados na aula foi a projeção de imagens (resumos, fotos, mapas e esquemas), o manual e o quadro. As imagens projetadas (anexo 25), algumas não tinham qualquer informação escrita, apenas tópicos para

orientação, outras continham informação escrita, para os alunos passarem para o caderno diário.

Para iniciar formalmente a aula fez-se a projeção do sumário, fazendo uma breve apresentação ao estudo da Geografia urbana. Seguindo-se a apresentação oral da síntese da aula anterior por aluno previamente escalado para o efeito. Como a aula a que se deveria referir a síntese (aula sobre diversidade cultural) foi intercala pela aula do teste, da aula de correção do teste e preparação do TC e da própria aula em que se realizou o TC, os alunos, em particular o aluno escalado, já não estava a contar fazer essa apresentação. Assim sendo, foi apresentado o resumo tópico dos aspetos a reter dessa aula, e a síntese foi realizada pelo aluno com esta ajuda adicional.

Solicitou-se então a abertura do manual nas pp. 82 a 89 (anexo 26) e iniciou-se o tema com referência à evolução da população rural e urbana no tempo, com projeção de texto informativo, comentando os principais desafios desta realidade. Solicitou-se a participação dos alunos para darem a sua definição de cidade, procedendo-se assim a um breve levantamento das ideias prévias. Com a ajuda destas e da projeção de fotos de povoamentos de diferentes dimensões foi sendo comentado os principais aspetos que diferenciam o meio urbano do rural, incluindo a nem sempre fácil delimitação. Foram depois apresentados alguns critérios usados para que um povoado possa ser considerado de cidade, destacando o facto de não serem iguais em todos os países.

De seguida foi projetada uma sucessão de imagens de modo a fazer um enquadramento histórico e geográfico do aparecimento das primeiras cidades. A partir dessas imagens, com tópicos de informação adicional, foi sendo explorado com os alunos os fatores responsáveis pelo surgimento das cidades, e os sucessivos contextos que permitiram o desenvolvimento e as transformações das cidades em função de uma permanente adaptação às necessidades vividas em cada momento histórico. Nesta fase, foram sendo recordados pontos de passagem da visita de estudo, interligando esse conhecimento para ilustrar estas dinâmicas de crescimento e expansão.

Para abordar os diferentes ritmos de crescimento das cidades em países com diferentes graus de desenvolvimento e as consequências do forte crescimento urbano em países com diferentes graus de desenvolvimento, foi solicitado a um aluno a leitura do gráfico da fig.7 na p. 88 do manual (anexo 26). A partir da informação que essa

leitura nos deu, foi projetado um esquema síntese sobre o desenvolvimento das cidades no tempo e no espaço. Neste ponto foram explicados os fatores e as consequências do crescimento das cidades em diferentes países, bem como os enormes desafios que se coloca à gestão das cidades. Foi solicitado aos alunos que passassem o esquema para o caderno diário. Durante esse tempo verifiquei que todos os alunos estavam a cumprir o solicitado. Esta parte da aula foi mais teórica, mas os alunos mostraram-se muito interessados.

Para complementar a informação anterior, foi projetado um mapa com as maiores cidades do mundo. Depois de identificarem no mapa o padrão de localização das cidades mais populosas, fazendo referência aos países desenvolvidos e em desenvolvimento, os alunos foram aqui convidados a recordar os temas abordados anteriormente relacionados com os focos populacionais.

Neste contexto, projetaram-se imagens de uma megalópolis, e solicitou-se a leitura no manual do conceito. A partir desta leitura foi então explicado o seu processo de formação. Da mesma forma, projetaram-se imagens das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e solicitou-se a leitura no manual desse conceito. A partir desta leitura distinguiu-se este conceito do anterior e comentaram-se os objetivos destes aglomerados urbanos na gestão do território, dando exemplos concretos.

Conforme já referido, por ser uma aula prevista para preparar a realização do teste, não foi providenciado a entrega do guião do trabalho de grupo, tendo-se efetuado uma apresentação e considerações para sobre o trabalho de grupo a desenvolver, incluindo uma breve explicação sobre o processamento dos dados recolhidos em TC, a serem trabalhados agora nas próximas aulas de TIC.

Final de aula.

Das observações a pontar desta aula fica uma avaliação muito positiva. Os alunos mostraram disponibilidade e interesse, havendo comentários entre eles, registado pela mestranda Daniela Silva, referindo-se a uma aula que passou sem se dar conta do tempo. Uma boa avaliação também dada pelo professor cooperante, com muita interação com os alunos. Porém, considerou-se que nas próximas aulas se deva debater ainda um pouco mais sobre a expansão urbana, nomeadamente nas questões relacionadas com os subúrbios, pois a interação com os alunos sendo mais motivadora

para os alunos, acaba por condicionar, de certa forma, a lecionação e explicação dos conteúdos programáticos.

#### **4.2.3.1. Aula TIC (processamento de dados)**

Aula de TIC, 2 de Março de 2018. Depois de reunido e agilizado com a professora de TIC os objetivos para a aula, foi desenhado e enviado para o correio eletrónico da turma o tutorial para o processamento de dados (anexo 27). Foi para o efeito exemplificado, com o tutorial, o processo para organização dos dados recolhidos e a sua inserção dos dados numa folha de cálculo. Os alunos corresponderam ao trabalho proposto e os objetivos traçados para a aula de TIC foram cumpridos, tendo os alunos trabalhado em grupo, com 2 computadores disponíveis para cada grupo de trabalho.

#### **4.2.4. Aula 4**

Lição 41 e 42, 7 de Março de 2018.

Sumário: Expansão urbana: crescimento dos subúrbios e problemas das cidades.

Com a entrada em sala dos alunos, iniciou-se o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos. Iniciou-se o arranque da apresentação em PP que continha os recursos a serem projetados e que serviriam de apoio para o desenrolar do plano de aula (anexo 28). Os recursos utilizados foram a projeção de imagens (resumo, ficha de atividade e imagem satélite), o manual e o quadro. As imagens projetadas (anexo 29), continham apenas tópicos para orientação e serviria para desafiar os alunos na sua interpretação.

Para dar o início formal da aula fez-se a projeção do sumário. Seguindo-se a apresentação oral da síntese da aula anterior por aluno previamente escalado para o efeito. Após esta intervenção, foi apresentado o resumo tópico, comentando os aspetos a reter.

Como combinado na aula anterior, o teste iria ser substituído por uma ficha sobre a visita de estudo. Esta era com consulta, incluindo a possibilidade de utilizarem

o telemóvel para qualquer pesquisa na internet. Foram então projetadas as perguntas da ficha, exatamente as mesmas do guião de trabalho de campo e visita de estudo, e os alunos iniciaram a realização da mesma. Os alunos mostram-se agradados com esta alteração do teste. Numa primeira fase, todos, ou quase todos, utilizaram os telemóveis para pesquisa na internet, mas numa segunda fase já consultavam o manual. Isto porque ao não se lembrarem de alguns aspetos e não encontrando na internet a resposta direta, solicitavam ajuda, a ajuda dada era no sentido de consultarem, explorarem o manual.

Ao fim de cerca de 30 minutos, as fichas foram recolhidas e solicitou-se a abertura do manual nas páginas 90 a 93 (anexo 30). Foi então projetada uma imagem satélite da região de Lisboa, no sentido de se abordar a expansão urbana, problematizando os impactes da suburbanização e clarificar este conceito. Através da imagem distinguiram-se as áreas de maior densidade de construção, coincidente com os diferentes eixos de crescimento. A partir deste facto identificaram-se os fatores que influenciam estes eixos de crescimento, as vias rodovias e ferroviárias, comentando a sua importância.

Para enquadrar os alunos a algumas partes do trabalho de grupo, desafiou-se os mesmos a identificarem os problemas das cidades. Foi promovido um diálogo com a turma interligando com os problemas apontados no inquérito de TC, solicitando os seus testemunhos em relação a esta matéria e cruzando a informação contida no manual. Teceram-se algumas considerações e dicas para a trabalho de grupo a desenvolver, cujo guião seria distribuído na aula seguinte.

Final da aula.

Registou-se um entusiasmo generalizado na realização da ficha de atividade, podendo-se atribuir esta observação ao facto de os alunos poderem utilizar o telemóvel em sala de aula.

#### **4.2.5. Aula 5**

Lição 43 e 44, 14 de Março de 2018.

Sumário: Cidades sustentáveis. Possíveis soluções para os problemas urbanos (trabalho de grupo).

Esta aula não contou com a presença do professor cooperante por motivos de doença, contudo, a aula já estava agendada para a turma trabalhar em grupo e teve a colaboração do mestrando Tiago Fidalgo. Aquando a entrada em sala dos alunos, iniciou-se o arranque da apresentação em PP que continha os recursos a serem projetados e que serviriam de apoio para se concretizar o plano de aula (anexo 31). Os recursos utilizados foram a projeção de imagens com esquemas, guião para o trabalho de grupo, projeção de vídeo, o manual e o quadro. As imagens projetadas (anexo 32), continham apenas tópicos de informação para orientação do trabalho de grupo.

Para dar o início formal da aula foi apresentada a dinâmica que se pretendia realizar em sala de aula. Seguiu-se a organização da turma nos grupos de trabalho já definidos. Naturalmente, estes momentos foram marcados por alguma confusão e barulho, com a mudança de lugares.

Com a sala já organizada em grupos, o conceito de cidades sustentáveis e possíveis soluções para os problemas urbanos foi introduzido com a projeção do vídeo “Programa cidades sustentáveis”, com quase 9 minutos de duração e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EBOoWVTYJcE&t=58s>. Este vídeo foi editado com recurso ao programa *Movie Maker*, retirando conteúdos fora da realidade de cidades como Lisboa de forma se tornar um vídeo mais curto. Este vídeo enumera metas e algumas soluções adotadas para atenuar alguns problemas urbanos. Desta feita, os alunos visualizavam o vídeo e de seguida foram projetadas algumas questões, de modo a explorar com os alunos respostas possíveis que se encontravam no vídeo. No final fez-se um pequeno balanço das respostas sugeridas pelos alunos. Para completar e clarificar o conceito de cidades sustentáveis, foi projetado um esquema sobre a estratégia nacional Cidades Sustentáveis 2020, apenas para um breve enquadramento conceptual. Foi então solicitado aos alunos que realizassem alguma pesquisa no manual, entre as pp. 94 e 95 (anexo 33) ou na internet e elaborassem um texto sobre cidades sustentáveis. Referiu-se que este trabalho a ser realizado agora em aula, seria aproveitado para o trabalho de grupo, conforme consta no guião de trabalho (anexo 34), posteriormente entregue e explicado passo a passo em cada grupo.

Depois de uma considerável inércia no início dos trabalhos, com ajuda e orientação, os grupos começaram a organizar-se e a trabalhar ordeiramente. Seguindo a sugestão dada, os grupos dividiram as tarefas. Alguns dos elementos estavam a trabalhar no texto sobre cidades sustentáveis e outros elementos a catalogar os

estabelecimentos comerciais pelos grandes ramos de atividade no sentido de elaborarem a planta funcional da área de estudo em TC.

Em relação ao trabalho sobre problemas urbanos e as cidades sustentáveis, foram poucas as solicitações de ajuda. Já em relação ao agrupamento dos estabelecimentos por grandes ramos de atividade, surgiram muitos pedidos de esclarecimentos, dúvidas sobre se o estabelecimento X pertencia ao grupo Y ou Z. Mas as principais dificuldades apresentadas foi ao nível da compreensão do processo para elaborar uma planta funcional. Para facilitar os grupos nesta matéria, cruzando com o exemplo do manual, foi utilizado o quadro para desenhar um esboço da Av. da Igreja e exemplificar a elaboração da planta funcional. Todos os grupos solicitaram ajuda e todos os grupos foram igualmente acompanhados. Durante o acompanhamento dos trabalhos, foi sendo feito o registo de desempenho dos grupos. Dos 6 grupos constituídos, 2 (estes com um número reduzido de elementos), mostraram alguma inércia e fraco empenho no desenvolvimento do trabalho.

Perto do final da aula, a sala foi reorganizada para o próximo tempo letivo.

Final da aula.

Das considerações dos mestrandos estagiários ficou o registo que apesar da inexperiência na organização e gestão destas atividades, a atividade correu dentro do plano. Apesar da sensação de uma limitada produtividade no trabalho realizado, genericamente, os alunos empenharam-se. Corresponderam, com alguma desconfiança e desvalorização no início, mas que se foi transformando em entusiasmo e dedicação com o decorrer do tempo. Claro, com muita brincadeira à mistura, em particular de 2 grupos, que apesar de uma maior atenção e ajuda por parte do mestrando estagiário, demonstraram enorme resistência em se envolverem na realização das tarefas propostas.

#### **4.2.6. Aula 6**

Lição 45 e 46, 21 de Março de 2018.

Sumário: Trabalho de grupo. Avaliações de final de período.

Aquando a entrada em sala dos alunos, iniciou-se o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos. Para dar o início formal à aula apresentou-se o



sumário, comentando a dinâmica que se pretendia realizar em sala de aula e, de acordo com o plano de aula (anexo 35), nesta aula não foi projetados qualquer recurso, pois esta destinava-se a dar continuidade ao trabalho de grupo da aula anterior, embora mais focada nos aspetos de diferenciação do espaço urbano e um maior acompanhamento na elaboração das plantas funcionais.

Seguiu-se a organização da turma nos grupos de trabalho já definidos. Naturalmente, estes momentos foram marcados por alguma confusão e barulho, com a mudança de lugares, mas bem mais organizados que na aula anterior. Já com os grupos organizados, foi entregue a ficha de atividade sobre a visita de estudo com a respetiva avaliação. Após a entrega da ficha, foi comentada a sua correção, interligando algumas questões com indicações para o trabalho de grupo. Os grupos foram agora desafiados a elaborar um texto de enquadramento teórico sobre funções urbanas, completando assim mais alguns pontos do guião do trabalho de grupo com o apoio do docente. Foi sugerida a exploração do manual para realização desta tarefa, mas tinham a possibilidade de utilizarem os telemóveis para pesquisa na internet, acabando por ser esta a ferramenta mais utilizada. Foi dada liberdade na gestão das tarefas que quisessem realizar nesta aula, isto é, os grupos poderiam trabalhar outros pontos do guião. Mas a ideia seria dividirem as tarefas, definirem bem quem vai fazer o quê e aproveitarem a aula para colocar as respetivas dúvidas. Durante a aula, foi sendo feito o registo de desempenho dos grupos. Nesta seção de trabalho, o tempo disponível foi mais reduzido devido às considerações sobre as avaliações de final de período, a terem lugar na segunda parte da aula.

Com um pouco mais de metade da aula decorrida, a sala foi reorganizada. Foi em seguida realizada uma conversa com os alunos, abordando caso a caso o seu desempenho e avaliação. Este momento foi da responsabilidade do professor cooperante.

#### Final da aula

Todos os grupos solicitaram ajuda e todos os grupos foram igualmente acompanhados, embora com mais alguma dedicação nos 2 grupos que demonstraram uma maior inércia na seção anterior. Contudo, apesar de uma maior atenção e ajuda por parte do mestrando estagiário, estes grupos demonstraram enorme resistência em se envolverem na realização das tarefas propostas.

#### **4.2.7. Aula 7**

Lição 47 e 48, 11 de Abril de 2018.

Sumário: A organização morfofuncional das cidades: funções urbanas, áreas funcionais e tipos de plantas.

Aquando da entrada em sala dos alunos, iniciou-se o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos. Iniciou-se o arranque da apresentação em PP que continha os recursos a serem projetados e que serviriam de apoio ao desenrolar do plano de aula (anexo 36). Os recursos usados foram a projeção de imagens (fotos, mapas e esquemas), o manual e o quadro. Das imagens projetadas (anexo 37), algumas não tinham qualquer informação escrita, apenas tópicos para orientação, outras continham informação escrita, para os alunos passarem para o caderno diário.

Para o início formal da aula fez-se a projeção do sumário, fazendo uma breve consideração sobre o que já tinha sido abordado em aulas anteriores relacionado o tema da presente aula. Não houve lugar a síntese da aula anterior, pois estas para além de já terem sido no período passado foram dedicadas aos trabalhos de grupo.

Solicitou-se então a abertura do manual nas pp. 96 a 101 (anexo 38) e iniciou-se o tema projetando fotos ilustrativas de diferentes funções urbanas. Solicitou-se aos alunos que identificassem a função a urbana a que se referia cada caso, comentando posteriormente a partir das intervenções dos alunos outros exemplos concretos. Os alunos foram sendo interpolados sobre o que já sabem sobre o tema e o que já avançaram no guião de trabalho de grupo. Ficando patente que os grupos pouco tinham avançado em relação ao trabalho de grupo.

De seguida, com a projeção de cartografia sobre as áreas funcionais de Lisboa, caracterizaram-se as principais áreas funcionais das cidades. Foi aconselhado os alunos a passarem para o caderno os apontamentos projetados e foi pedido aos alunos para descreverem partes da cidade. A partir destas intervenções, relacionou-se o aparecimento de novas centralidades com o crescimento das cidades e a revitalização dos centros urbanos, chamando atenção para as transformações verificadas com as deslocações de algumas áreas funcionais no espaço e no tempo, consoante o desenvolvimento tecnológico e novas condicionantes, nomeadamente com o exemplo do Parque das Nações. Este momento foi aproveitado para recordar e interligar assuntos abordados em aulas anteriores sobre expansão urbana.

O estudo sobre morfologia urbana foi introduzido desafiando os alunos a recordar algumas passagens da visita de estudo ao Lisboa Story Centre. Projetaram-se então imagens de partes da cidade de Lisboa representativas de diferentes malhas urbanas, comparando a planta irregular, radioconcêntrica e ortogonal. Relacionaram-se as plantas com a evolução do planeamento das cidades e apontaram-se as características, as vantagens e as desvantagens das mesmas. Esta informação constava nos diapositivos e os alunos passaram para o caderno esses apontamentos. Depois de se ter visionado exemplos na cidade de Lisboa, foi solicitada a participação dos alunos para darem exemplos de outras cidades. Também que contextualizassem a área de estudo em TC, pois este ponto fazia parte do trabalho de grupo.

A parte final da aula, foi ocupada com as considerações sobre o trabalho de grupo já realizado e os próximos passos a percorrer na aula de TIC.

Final da aula.

Das observações a pontar desta aula, pode-se dizer que esta acabou por ser um pouco mais expositiva que as aulas anteriores. O plano era lecionar os temas de modo a ir ao encontro do guião de trabalho. Acontece que os trabalhos estavam numa fase ainda atrasada. Nesta aula os alunos mostraram-se algo apáticos, com poucas intervenções. Contudo, partilho da opinião do professor cooperante, que esta foi uma aula bem conseguida. Do ponto de vista teórico, os alunos acompanharam a aula com atenção e ficou a ideia de que ficaram a compreender os conceitos abordados. Ficou também a ideia de os alunos estão agora mais sensibilizados sobre os objetivos do trabalho de grupo.

#### **4.2.7.1. Aula TIC (elaboração de gráficos)**

Aula de TIC, 13 de Abril de 2018. Esta aula estava inicialmente agendada para 16 de Março, mas apesar da coordenação e prévio agendamento com a professora de TIC, devido a imprevistos no final do período relacionados com greves da função pública, condicionou o agendamento dos trabalhos e não se pode realizar naquela data. Todavia, depois de definidos com a professora de TIC os objetivos para a aula, foi enviado para o correio eletrónico da turma o tutorial para o processamento de dados e realização de gráficos com a utilização do programa *Excel* (anexo 39). Para o efeito, exemplificou-se com o tutorial o processo de organização dos dados recolhidos e a sua

inserção numa folha de cálculo, bem como os passos a percorrer para a elaboração de gráficos. Os alunos corresponderam ao trabalho proposto e os objetivos traçados para a aula de TIC foram cumpridos, tendo os alunos trabalhado em grupo, com 2 computadores disponíveis para cada grupo de trabalho.

#### **4.2.8. Aula 8**

Lição 49 e 50, 18 de Abril de 2018.

Sumário: As relações que se estabelecem entre o meio rural e urbano. Acompanhamento final dos trabalhos de grupo e revisões para o teste.

Esta aula contou com alguma participação ativa do professor cooperante, principalmente no que concerne às revisões e preparação do teste. Iniciou-se o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos. Conforme plano de aula (anexo 40), iniciou-se a aula com a apresentação do sumário, comentando a dinâmica que se pretendia realizar. Nesta aula não foi projetado qualquer recurso, pois seria uma aula com poucos conteúdos a lecionar, optando-se por explorar o manual. Era objetivo desta aula considerar apenas os conteúdos do estudo das relações entre o meio rural e urbano para depois se focar nas revisões e consolidação das aprendizagens.

Posto isto foi realizada a apresentação oral da síntese da aula anterior por aluno previamente escalado para o efeito. Após esta intervenção, foi comentado resumidamente os aspetos a reter.

De seguida foi solicitada a abertura do manual nas pp. 102 a 107 (anexo 41), e sugerida a exploração das pp. 102 e 103, envolvendo assim os alunos na leitura dos esquemas do manual, fazendo a partir destas a contextualização das relações de interdependência e complementaridade que se estabelecem entre o espaço rural e o espaço urbano. Foram depois discutidas as potencialidades ambientais, sociais e económicas do espaço rural, através da exploração da informação contida no manual.

Para preparar o estudo para o teste a realizar na próxima aula, os alunos foram desafiados a realizar as questões de atividades do manual, com posterior correção das mesmas em sala de aula. Antes do final da aula, foi feito um ponto de situação sobre os trabalhos de grupo e as considerações finais sobre os mesmos, cujo prazo de entrega estava previsto para essa semana.

Final da aula.

Embora se possa considerar uma aula um pouco mais descontraída devido aos conteúdos lecionados serem reduzidos, foi uma aula de maior trabalho no sentido que os alunos tiveram um tempo mais longo para realizar as questões do manual, constatando-se não ter sido uma atividade muito motivadora para alguns. Em conversa informal com alguns alunos que nitidamente não estavam a aproveitar estes momentos destinados ao estudo acompanhado em sala de aula, as respostas eram no sentido “eu depois estudo melhor em casa”. No entanto, o mestrando estagiário verifica que os 2 alunos que tiveram este tipo de respostas, são alunos que nunca fizeram os TPC. Apesar dos alunos estarem mais preocupados com o tipo de perguntas e conteúdos a serem postos à prova no teste, também mostraram algumas dúvidas sobre a conclusão e entrega dos trabalhos de grupo.

Os grupos enviaram o trabalho por correio eletrónico durante a semana conforme combinado (anexo 42), posteriormente os trabalhos foram avaliados pelo mestrando estagiário de acordo com a matriz de avaliação, previamente apresentada e discutida com o professor cooperante, que será objeto de análise mais à frente. Também foi elaborado pelo mestrando estagiário um artigo para o jornal da escola a partir de uma compilação de partes dos vários trabalhos de grupo. Este artigo (anexo 43) contou exclusivamente com enxertos, alguns integrais outros parciais, dos trabalhos realizados e enviados pelos alunos. Para o efeito, apenas se organizaram os conteúdos, se corrigiram alguns erros ortográficos, se alterou algum vocabulário e alguma construção frásica.

#### **4.2.9. Aula 9**

Lição 51 e 52, 2 de Maio de 2018.

Sumário: Teste sumativo.

Depois de iniciado o programa INOVAR para se proceder aos devidos registos, no início formal da aula apresentou-se o sumário (para esta aula não foi elaborado o plano de aula, pois esta era dedicada á realização de prova escrita), de seguida, foi dado o tempo necessário para os alunos exporem todas as dúvidas e foram tecidas as devidas recomendações sobre o teste. De resto, o teste de avaliação sumativo

(anexo 44), tanto a conceção como a correção do mesmo, a englobar todos os conteúdos lecionados desde o início do segundo período até ao final do tema “Cidades, principais áreas de fixação humana”, foi da responsabilidade do professor cooperante. Todos os alunos deram com terminada a prova escrita uns cerca de 25 minutos antes do fim da aula, pelo que se recolheu os testes por essa altura.

O restante tempo foi dedicado à apresentação do tema de estudo que se iria seguir até ao final do ano letivo, nomeadamente nas próximas lições nº53 e 54, que seria as atividades económicas.

#### **4.2.10. Aula 10**

Lição 55 e 56, 23 de Maio de 2018.

Sumário: Entrega e correção do teste.

Depois da entrada e acomodação dos alunos em sala, arranque do programa INOVAR e apresentação do sumário, foram entregues os testes e realizada a correção do mesmo solicitando a intervenção dos alunos.

De seguida foi distribuído aos alunos a ficha de auto e heteroavaliação sobre o trabalho de grupo (anexo 45) e solicitada aos alunos a participação na resposta a um questionário (anexo 46) para avaliação crítica e reflexiva da sequência didática lecionada (esta avaliação solicitada aos alunos, visava em particular as aulas lecionadas sobre o tema “Cidades, principais áreas de fixação humana”, por terem sido nestas aulas que se implementaram as atividades objeto de análise do presente trabalho).

Após este momento, a continuação da aula e continuação da leção dos temas relacionados com as atividades económicas, iniciada na aula anterior, já foi da total responsabilidade do professor cooperante.

### **4.3. Corolário da sequência didática**

#### **4.3.1. Elementos de avaliação**

O modelo pedagógico que encontramos no sistema de ensino assenta numa relação entre professor-alunos, no qual a sociedade exige que se ensine, o professor

promova as aprendizagens dos alunos e as orientações curriculares e políticas estabelecem os critérios de uma avaliação que reflita esta dinâmica (Pinto & Santos, 2006). Neste contexto, os critérios de avaliação na disciplina de Geografia para o 3º ciclo do ensino básico definidos pelo Departamento de Ciências Sociais e Humanas do AERDL, determinam que as provas de avaliação (escritas ou de investigação com apresentações orais) devem ter um peso de 75%, outras técnicas e instrumentos de avaliação (participação em sala de aula, trabalhos de casa, trabalhos de grupo, trabalhos individuais, responsabilidade e empenho, trabalho de campo, visitas de estudo, etc.) devem ter um peso de 25% (AERDL, 2017a).

Durante parte do 2º e 3º período letivo, correspondente às atividades desenvolvidas em IPP III, no que concerne à sequência didática anteriormente descrita, quanto aos elementos de avaliação, foram utilizados, em 7 momentos diferentes, 7 registos de avaliação (anexo 47) para os alunos do 8º1. Os instrumentos de avaliação considerados foram: 1 TPC; 1 TC; 1 ficha de atividade; 2 trabalhos de grupo em sala de aula; 1 teste; 1 trabalho de grupo em TPC.

Foram então considerados 2 instrumentos de avaliação incluídos em TPC. Para o contributo dos alunos com questões para o inquérito do guião de TC, de forma a se poder avaliar em termos relativos o trabalho dos alunos, tendo em conta que eram solicitadas várias perguntas, optou-se por atribuir 20 pontos a cada pergunta sugerida<sup>18</sup>. Neste TPC, apesar das recomendações para a elaboração das perguntas em grupo, alguns alunos fizeram-no individualmente e uma pequena parte não o realizou. Do que se conseguiu apurar, a não realização deste trabalho, deve-se, de acordo com a opinião dos alunos, ao esquecimento ou à falta de tempo. Estas razões levaram a uma interpretação nossa, de alguma falta de motivação e desvalorização deste elemento de avaliação no que toca ao peso da nota final, isto apesar de todos os alertas por parte do mestrando estagiário no sentido da sua importância.

O trabalho escrito de grupo envolvia também uma componente significativa de TPC. Com um grau de complexidade superior aos anteriores TPC, a matriz de avaliação<sup>19</sup> previa uma cotação que variava entre 1 e 10 pontos por cada item do guião de trabalho, consoante a importância do mesmo. A avaliação deste trabalho é

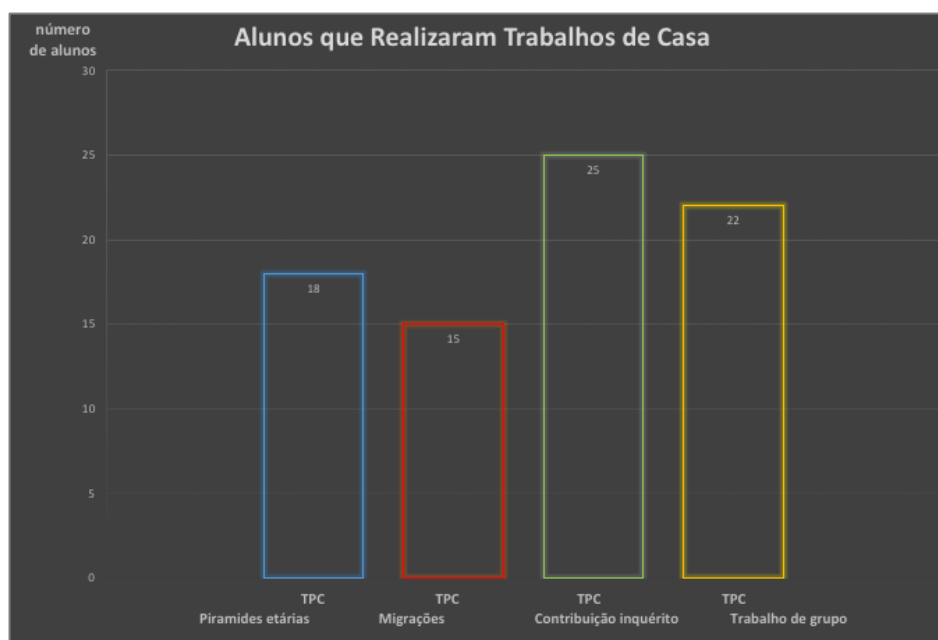
---

<sup>18</sup> Ver anexo 47 para matriz de avaliação e anexo 18 para trabalhos dos alunos.

<sup>19</sup> Ver anexo 47 para matriz de avaliação e anexo 42 para trabalhos dos alunos.

complementada com auto e heteroavaliação<sup>20</sup>. Pela sua dimensão, os alunos foram alertados para um maior peso do mesmo nas notas finais, o que não impediu que estes não tenham sido realizados por 2 grupos de alunos. Precisamente os grupos mais amorfos nos trabalhos de grupo em sala e que mostraram sempre uma enorme resistência em realizar as atividades propostas do trabalho de grupo. No total, 4 alunos não realizaram nenhum dos 4 TPC propostos durante todo o ano letivo e apenas 1 aluno realizou todos os TPC. O facto de se ter respeitado a vontade dos alunos na escolha dos grupos, não contribuiu para o aumento de empenho nos alunos mais absentistas. Em oposição, verificaram-se casos de alunos que normalmente não realizavam o TPC (exemplo dos alunos nº 1, nº 3, nº 10 e nº 15) que, agora em grupo, resultou num aumento de empenho, como podemos constatar nas avaliações dos seus pares<sup>21</sup>.

Ao analisarmos a matriz de correlações<sup>22</sup>, na qual se verifica que os resultados nos testes têm uma correlação média positiva com o desempenho nas fichas de trabalho e TPC realizados, podemos sugerir que a implementação da metodologia de TC contribuiu para criar condições favoráveis a um melhor aproveitamento escolar, visto ter resultado num aumento do número de alunos a realizar os TPC (gráfico 2).



**Gráfico 2 – TPC de Geografia durante o ano letivo**

<sup>20</sup> Ver anexo 47.

<sup>21</sup> Ver anexo 47.

<sup>22</sup> Ver quadro 5.



Quanto à responsabilidade e empenho na participação dos alunos no TC, perante a dificuldade em avaliar objetivamente este tipo de atividade em toda a sua dimensão, de forma a se poder quantificar em percentagem o trabalho dos alunos, tendo em conta que eram propostas quatro tarefas, consideradas incontornáveis para posterior desenvolvimento dos trabalhos, optou-se por atribuir 25 pontos a cada tarefa realizada, conforme matriz de avaliação<sup>23</sup>. Para além desta avaliação quantitativa, ficou o registo de um excelente comportamento cívico por parte dos alunos no contacto com as pessoas a serem inquiridas. Não foi de todo estranho este comportamento, mas foi notória a diferença de postura de alguns alunos, que em sala de aula configuram um comportamento algo infantil de influência rebelde, mas que em contexto de TC assumiram uma atitude francamente mais humilde e próxima de comportamentos de adulto. Verificou-se também um reforço nas relações afetivas entre alunos, patente na entreajuda e espírito de equipa, bem como na relação de confiança e respeito entre alunos-professores e professores-alunos.

Nas aulas imediatamente a seguir ao TC, os alunos na generalidade mostraram uma disponibilidade acrescida na participação e acompanhamento da lição, mesmo quando esta se revelava mais expositiva. Deduzindo-se deste facto uma influência positiva do TC no interesse dos alunos para os conteúdos lecionados.

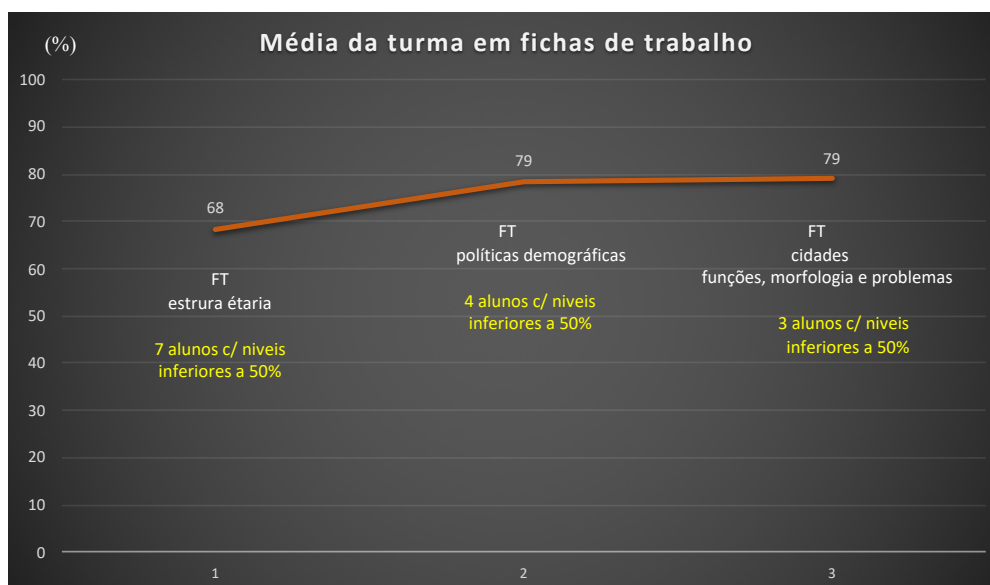
Os trabalhos individuais em sala de aula, componente de avaliação formativa, importante para identificação de dúvidas e para a possibilidade de um acompanhamento mais personalizado a alunos com mais dificuldade, contribuiu para a diversificação de experiências educativas, mas também para a consolidação de conhecimentos e completar o leque de instrumentos de avaliação. Durante o ano letivo foram avaliadas 3 fichas de trabalho realizadas em sala de aula (gráfico 3). Estas fichas, com grau de dificuldade semelhante, registaram resultados também muito idênticos. Contudo, na ficha de trabalho realizada na sequência didática em análise<sup>24</sup>, que dizia respeito a aspetos encontrados na visita de estudo ao Lisboa Story Centre, verificou-se um decréscimo de alunos com prestações inferiores a 50%, conforme matriz de avaliação<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Ver anexo 47.

<sup>24</sup> Ver anexo 20 p. 6 ou anexo 29.

<sup>25</sup> Ver anexo 2 para fichas 1 e 2 e anexo 47 para ficha 3.



**Gráfico 3 – Fichas de trabalho em Geografia durante o ano letivo**

Os trabalhos de grupo em sala de aula foram divididos em 2 seções na sequência didática. Perante a dificuldade em avaliar objetivamente este tipo de atividades, de forma a se poder quantificar em percentagem o trabalho de grupo, foram considerados 3 aspetos, optando-se por, como consta da matriz de avaliação<sup>26</sup>, atribuir 30 pontos à organização de divisão de tarefas, 30 pontos para a organização da pesquisa e 40 pontos para o trabalho realizado na seção. Estando este trabalho intimamente relacionado com o trabalho de grupo escrito, já anteriormente comentado, foi também complementado com a auto e heteroavaliação<sup>27</sup>. O entusiasmo verificado no final da realização do TC e posterior disponibilidade dos alunos em se empenharem nas seções de trabalho de grupo em sala de aula dedicadas a questões de investigação decorrentes do TC, percepção que persistiu na expectativa do mestrando estagiário, não foi o suficiente para condicionar motivação extra aos 7 alunos que constituíam os grupos 4 e 6. Podendo haver dúvidas se o TC teve algum efeito motivacional positivo nos alunos, a avaliar pelas conversas informais com os alunos e no número de solicitações para esclarecimento de procedimentos para elaboração dos trabalhos, acreditamos que sim. Nesta turma de 30 alunos e 6 grupos de trabalho, houve dificuldade em gerir as solicitações dos alunos, pois estes, quando não atendidos de imediato, facilmente se dispersavam em conversas paralelas, em nada relacionadas com o trabalho, ficando uma percepção de reduzida produtividade. Toda via, neste tipo

<sup>26</sup> Ver anexo 47.

<sup>27</sup> Ver anexo 47.

de trabalhos, o mestrando estagiário desvalorizou a baixa produtividade, considerando-a normal nestas atividades, realçando o aspeto positivo que esta experiência educativa encerra em si, ao proporcionar aos alunos uma forma de trabalho próxima do que vão encontrar ao longo da vida, tanto académica como profissional, pois o mais certo é que venham a trabalhar em colaboração com diferentes pessoas. Nesse sentido, nas sessões de trabalho de grupo, tal com verificado em TC, observou-se um reforço das relações afetivas entre alunos, patente na entre ajuda e espírito de equipa, bem como na relação de confiança e respeito entre aluno-professor e professor-aluno.

Os elementos de avaliação referente aos testes, foram sempre da responsabilidade do professor cooperante, tanto ao nível da sua elaboração como na correção dos mesmos. Estes foram os instrumentos de avaliação com mais peso na nota final dos alunos. Estes foram os momentos de avaliação em que os alunos deram maior importância e demonstraram maior preocupação quanto aos mesmos. Durante a sequência didática foi realizado apenas 1 teste<sup>28</sup>, cujos conteúdos postos à prova foram os referentes aos temas “Mobilidade da população” e “As cidades: principais áreas de fixação humana” (quadro 7). Ao analisar o tipo de questões com melhor e menor desempenho<sup>29</sup>, verificou-se o melhor desempenho no grupo de questões 2 (correspondendo a perguntas de escolha múltipla), o grupo de questões 4 (correspondendo a perguntas de associação) e o grupo de questões 7 (correspondendo a perguntas de resposta direta). Por oposição, as questões com menor desempenho integram o grupo de questões 3 (perguntas de resposta direta). Ao destringir o tipo de perguntas relacionadas com o tema das mesmas, verificamos que as questões de resposta direta, que hipoteticamente exigem um conhecimento mais consolidado, foram questões com percentagens mais elevadas de sucesso no tema “Cidades: principais áreas de fixação humana”, caso do grupo de questões 7. Por oposição, o mesmo tipo de perguntas no tema “Mobilidade da população” registou percentagens de sucesso mais baixas, caso do grupo de questões 3. Constatando-se um desempenho positivo da turma em todas as questões relacionadas com os conteúdos da sequência didática e, tendo em conta que todos estes grupos de questões contavam com perguntas de resposta direta, pondo à prova conhecimentos mais consolidados, os resultados,

---

<sup>28</sup> Ver anexo 44.

<sup>29</sup> Ver anexo 47.

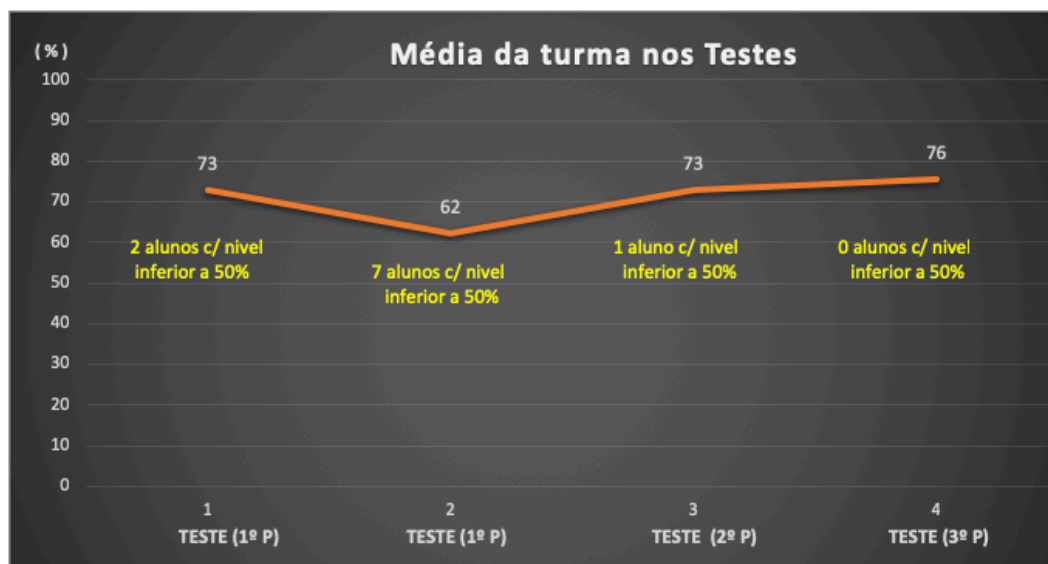
mesmo que tenuemente, sugerem que a metodologia adotada no processo de aprendizagem dos alunos registou contributos positivos.

	Mobilidade da população				Cidades: principais áreas de fixação humana		
grupo de questões	1	2	3	4	5	6	7
cotação	12	28	8	14	14	13	11
desempenho (%)	78,9	88,6	38,8	81,7	60,5	73,1	80,3
			desempenho inferior a 50%				
			desempenho superior a 80%				

**Quadro 7 – Desempenho da turma por grupo de questões**

(Dados processados em *Excel*)

Durante o ano letivo, os alunos foram postos à prova em teste de avaliação por quatro ocasiões (gráfico 4). Apesar da diminuição do desempenho escolar do primeiro para o segundo teste no 1º período, verifica-se alguma consistência no desempenho geral da turma. A comparação dos resultados nos testes vai ao encontro do já referido. Mesmo que tenuemente, estes sugerem que a metodologia adotada no processo de aprendizagem durante a sequência didática contribuiu positivamente, não só para o melhor desempenho da turma, verificado no teste do 3º período, mas também para o pleno sucesso escolar na disciplina de Geografia, visto todos os alunos terem conseguido positiva no teste.



**Gráfico 4 – Desempenho escolar nos testes ao longo do ano**

### 4.3.2. Perceção dos alunos

Para melhorar a reflexão do processo de ensino-aprendizagem levado a cabo na sequência didática presente neste trabalho, foram previstos dois momentos para realização de inquéritos aos alunos, e assim perceber a análise que os mesmos fazem dos diferentes momentos vivenciados, bem como a influência de cada um desses momentos.

No questionário efetuado no dia dedicado ao trabalho de campo e visita de estudo, presente no final do guião<sup>30</sup>, pedia-se aos alunos um balanço da atividade. A primeira parte do questionário dizia respeito à avaliação de cada momento, correspondendo com uma atribuição de 1 a 7, em que 1 significava concordar totalmente e 7 discordar totalmente. Pelas respostas (quadro 8), conclui-se que os alunos, de uma forma geral, consideraram ser de muita utilidade as atividades propostas, sentiram-se motivados e terá contribuído para um investimento no estudo autónomo. Claramente o que os alunos mais gostaram de fazer foi a realização de entrevistas e o que menos apreciaram foi a elaboração do esboço.

fiz estudo autónomo de preparação	2,12
realizei as fichas de trabalho	3,00
senti-me motivado(a) antes da atividade	1,77
senti-me motivado(a) durante da atividade	1,77
gostei de desenhar o esboço	3,23
gostei de realizar entrevistas	1,46
foi útil visitar o Lisboa Story Centre	2,19

**Quadro 8 – Reações gerais dos alunos**

(Os valores representam a média de pontos que cada aluno atribuiu a cada afirmação)

Quanto aos aspetos positivos e menos positivos que fossem pertinentes salientar, cerca de 10 alunos não acrescentaram qualquer opinião. As considerações positivas mais referidas pelos alunos, com 11 apontamentos nesse sentido, foram as que se enquadravam no facto de se ter realizado uma atividade bastante interativa com a população e com o comércio. 5 alunos consideraram importante a atividade no exterior, pelo comportamento, por ser diferente do habitual e por ser realizada com bastante autonomia. Também foi salientado o contributo da atividade para o conhecimento da história da cidade. Em relação aos aspetos menos positivos, alguns

<sup>30</sup> Ver anexo 20.

alunos apontaram o contexto mais atribulado na entrada para o Lisboa Story Centre. Havendo também referências pontuais sobre o início desinteressante da atividade e o condicionalismo referente ao número de elementos em cada grupo.

O questionário solicitado no final da sequência didática levada a cabo em IPP III<sup>31</sup>, visava identificar as perceções dos alunos e contextualizar os resultados obtidos. Ainda que se possa considerar algumas perguntas algo redundantes, o interesse das duas primeiras perguntas estava em verificar se os resultados demonstravam a mesma correspondência entre a motivação, o empenho e a contribuição para as aprendizagens das mesmas atividades ou se registava incoerências. As respostas foram dadas de modo a hierarquizar cada atividade, através da atribuição de um valor de 1 a 7, em que a 1 significava a de menor importância e 7 a de maior importância, em função de cada momento e que cada aluno considerou ter influenciado em si cada atividade. Das respostas (quadro 9), verificou-se que a sequência das atividades de maior influência na motivação dizia respeito à mesma sequência de atividades em que os alunos mais se empenharam e, por sua vez, eram as atividades que os alunos consideraram ter um maior contributo nas aprendizagens, respetivamente. As atividades consideradas ter tido um maior efeito motivador foi o TC e a visita de estudo. No lado oposto, as tarefas de pesquisa e a redação do trabalho foram os momentos com menor motivação.

<b>momentos</b>		maior motivação	maior empenho	maior contributo
	Trabalho de Campo (Av. Igreja)	6,52	6,32	5,97
	Visita de estudo (Lisboa Story Centre)	5,21	4,75	4,34
	Conteúdos lecionados em sala de aula	4,28	4,00	4,21
	Trabalho de grupo em sala de aula	3,93	4,32	3,66
	Processamento de dados (trabalho interdisciplinar)	3,55	3,64	3,52
	Pesquisa/ estudo autónomo	2,55	2,82	3,41
	Redação do trabalho de grupo	2,24	2,75	2,93

### **Quadro 9 – Avaliação de cada fase**

(Os valores representam a média de pontos que cada aluno atribuiu a cada fase)

As respostas dos alunos na pergunta sobre a influência do trabalho proposto na dedicação de mais tempo em pesquisa ou em estudo autónomo, sugerem que o trabalho proposto resultou positivamente num aumento de investimento de tempo para essas tarefas. Foram 12 os alunos a considerarem ter investido mais tempo (assinalarem as opções 1 e 2, correspondente ao significado concordo totalmente). 16

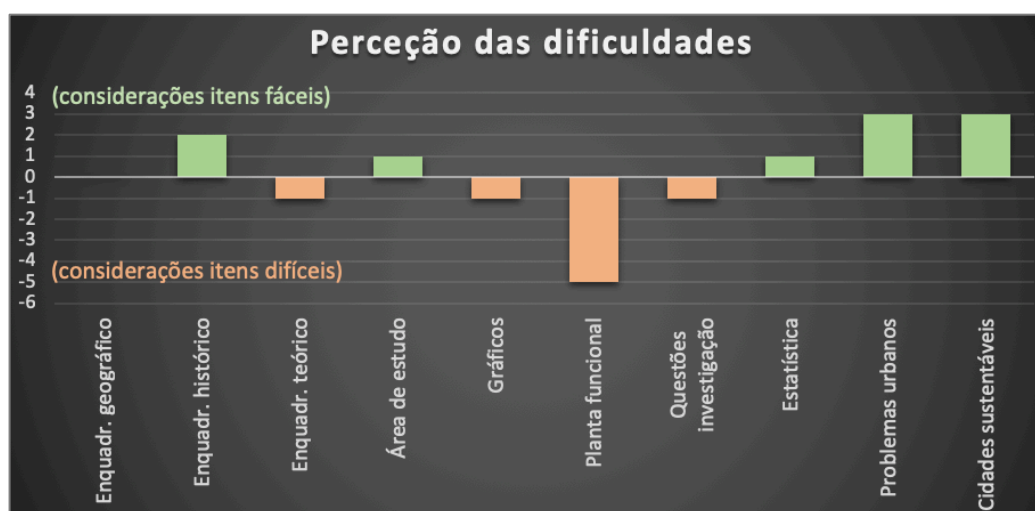
<sup>31</sup> Ver anexo 46.

alunos consideraram alguma irrelevância (assinalaram as opções 3, 4 e 5, correspondente ao significado nem concordo nem discordo) e apenas 1 aluno considerou não ter investido mais tempo (assinalando a opção correspondente a discordo totalmente).

Parece ser clara a preferência dos alunos em realizarem trabalhos de grupo em detrimento de trabalhos individuais. 20 alunos demonstraram preferir trabalhar em grupo (assinalaram as opções 1 e 2, correspondente ao significado concordo totalmente). 7 alunos mostraram alguma indiferença (assinalaram as opções 3, 4 e 5, correspondente ao significado nem concordo nem discordo) e 2 alunos consideraram preferir os trabalhos individuais (assinalando a opção 6 e 7, correspondente a discordo totalmente).

Verbalmente os alunos manifestaram algumas opiniões sobre a dimensão do trabalho de grupo, diziam ser muito extenso. No entanto, em relação ao guião do trabalho de grupo, assinalaram no questionário respostas que, no geral, não traduziu essa ideia, apenas 5 alunos consideraram ter sido um guião muito extenso (assinalaram as opções 1 e 2, correspondente ao significado concordo totalmente). 22 alunos mostraram alguma indiferença (assinalaram as opções 3, 4 e 5, correspondente ao significado nem concordo nem discordo) e 2 alunos consideraram não ter sido um guião extenso (assinalaram as opções 6 e 7, correspondente a discordo totalmente).

Nas dificuldades que os alunos atribuíram a cada item do trabalho de grupo, os poucos que responderam, ficaram-se pelas ideias genéricas de mais fácil ou mais difícil (gráfico 5).



**Gráfico 5 – Dificuldades atribuídas a cada item do trabalho de grupo**

Poucos alunos responderam a esta parte do inquérito e foi muito pouco verbalizada quanto ao tipo de dificuldades e as estratégias seguidas para as ultrapassar. Ainda assim, verificou-se que foi a elaboração da planta funcional que gerou mais dificuldade, e este item ficou incompleto no trabalho final da maioria dos grupos. Apontamentos deixados por alguns alunos consideraram ser excessivo o número de alunos por grupo. Também houve referência à dificuldade no tratamento dos dados e elaboração de gráficos, considerando só ter sido ultrapassada com o tutorial disponibilizado e com a ajuda dos docentes.

Pelo inquérito constatamos que as fontes de informação utilizadas pelos alunos, embora diversificadas, claramente as mais privilegiadas para a realização do trabalho foram as informações retiradas do manual e a pesquisa na internet, onde as páginas eletrónicas mais consultadas foi a *Wikipédia*, o *Google Maps* e as páginas da junta de freguesia de Alvalade e da câmara municipal de Lisboa. A bibliografia e os vídeos cedidos pelo mestrando, bem como o recurso a possíveis informações junto de familiares, mereceram pouca ou nenhuma atenção dos alunos na sua exploração.

Não obstante metade dos alunos não emitiram qualquer comentário, solicitado no final do inquérito sobre as atividades realizadas, as opiniões emitidas pelos alunos foram ao encontro dos comentários do inquérito anterior, tanto nos aspetos positivos como nos aspetos que podem ser objeto de melhoria. Mais uma vez foi referido ter sido uma boa iniciativa a proposta de atividades completamente diferentes do habitual, terem sido atividades muito interessantes e divertidas principalmente no que diz respeito ao TC. Os comentários dos alunos que merecem um reparo para alterar ou melhorar alguns procedimentos estão relacionados com alguma desorganização, nomeadamente em alguns momentos das aulas de TIC e de trabalho de grupo, bem como o número de alunos por grupo que deveria ter sido inferior. Alguns alunos assumiram que a divisão de tarefas dentro do grupo não correu bem e outros confessaram arrependimento na escolha do grupo.

#### **4.3.3. Discussão dos resultados**

Os resultados alcançados estão algo dentro do expectável e próximo dos resultados que podemos consultar em alguns trabalhos académicos relacionados com experiências educativas similares ao TC.



Como tal, os alunos do 8º1 reconheceram nas atividades de TC e visita de estudo benefícios relacionadas com o quebrar de rotinas, usufruir de momentos lúdicos, oportunidade de diferentes vivências e o contributo para outros conhecimentos, de uma forma geral em consonância com os estudos de Oliveira (2012), Varela (2009) e Oliveira (2008). Por outro lado, acompanhando os resultados que estes autores expõem, por questões muito pontuais, os alunos do 8º1 também consideraram aspetos menos positivos, tais como os momentos de alguma confusão.

Em todo o processo podemos elencar também as mesmas vantagens que os autores anteriores explanam, tais como sendo um veículo facilitador da assimilação mais natural e integral de conhecimentos, proporcionando aprendizagens significativas num ambiente educativo propício ao desenvolvimento de interações, muito benéficas nas relações professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno.

Do que nos apercebemos pela convivência e reações dos alunos, estes estão sempre ansiosos por realizarem visitas de estudo ou atividades fora da sala de aula e, conseqüentemente, ficam muito entusiasmados quando elas acontecem, ou seja, aumenta a motivação dos alunos. Sendo a motivação do aluno um elemento central no seu processo de aprendizagem, pois é força que impulsiona o aluno a adotar comportamentos de respostas instrumentais para atingir um objetivo (Pereira, 2013), acaba por ser natural o efeito comportamental positivo na realização das atividades. Admitindo neste ponto a justificação para que tenham sido as atividades realizadas no dia do TC e visita de estudo os momentos de maior motivação dos alunos, que por esta via, consideramos o TC como a alavanca para aumentar a disponibilidade dos alunos em realizar as atividades de menor entusiasmo e menor motivação, como foi o processamento da informação recolhida, o estudo autónomo e a redação do trabalho, favorecendo assim aprendizagens significativas e o desempenho escolar.

Dentro dos constrangimentos, ou dificuldades na realização deste tipo de atividades, apontados no levantamento efetuado por Oliveira (2008), aparecem, respetivamente por ordem descendente de importância: os custos; o calendário escolar; o processo burocrático; a seleção do local; grupos de alunos demasiados grandes; ausência de trabalho colaborativo; falta de motivação dos alunos e indisciplina.

Nesta matéria, a atividade que nos propusemos está de facto distante da tradicional visita de estudo em termos de constrangimentos. Os custos, a seleção do

local, a falta de motivação dos alunos e a indisciplina não se traduz em qualquer entrave. Claro que o processo burocrático obriga a um dispêndio de tempo suplementar por parte do docente e o ajustamento ao calendário escolar exige alguma ginástica criativa, constrangimento que consideramos quase irrelevante face ao dispêndio de tempo que já acontece na planificação e o exercício criativo na preparação das lições. A incontornável necessidade de colaboração de outros docentes, tanto no acompanhamento dos alunos quando fora do recinto escolar, como na reunião de pontos comuns do programa para a interdisciplinaridade, não tendo sido nenhum problema conseguir este entendimento, admitimos ser uma questão a ultrapassar que está sempre presente, principalmente quando o docente está perante muitas turmas e de diferentes níveis. Adicionamos como elemento de maior constrangimento na experiência educativa em análise alguns momentos pós TC, nomeadamente o trabalho de grupo em sala de aula e o processamento de dados em trabalho interdisciplinar.

Causou-nos surpresa os alunos do 8º1 terem considerado uma maior motivação em relação aos conteúdos lecionados em sala de aula em detrimento dos momentos destinados ao trabalho de grupo (que são sempre aulas mais informais e descontraídas) e face às aulas dedicadas ao processamento de dados (sendo estas aulas essencialmente práticas e dinâmicas). Na verdade, o facilitismo dado na escolha para constituição dos grupos de trabalho terá dado aso a uma escolha de grupo de amigos, claudicando a dinâmica de grupo de trabalho.

## REFLEXÃO FINAL

O presente trabalho é o culminar de um processo dedicado à formação inicial de professor de acordo com o protocolo do MEG. Incidiu particularmente numa sequência didática levada a cabo na turma 8<sup>o</sup>1 da ESRDL e teve em foco a implementação da metodologia relacionada com o TC para lecionar o subdomínio “Cidades, principais áreas de fixação humana”. Aqui chegados, cabe agora fazer um balanço do percurso, refletir sobre as questões de investigação, bem como apontar os contributos e as limitações.

Os assuntos desta unidade didática estão ligados a um dos maiores desafios das sociedades contemporâneas, nomeadamente o aumento consolidado da população a habitar em espaço urbano. Por ser indispensável um conhecimento profundo dos temas que se pretende abordar (X. S. González, 1999a), primeiramente foi feita uma revisão científica à cerca dos conteúdos a lecionar, que atravessaram as questões inerentes à origem e ao crescimento das cidades, à organização morfofuncional e às inter-relações com espaço rural. Naturalmente, o domínio teórico da matéria foi um ingrediente elementar para estruturar a sequência didática com um encadeamento lógico, a começar pela problematização do tema no início (que funcionou eficazmente na captação de atenções), passando pela construção dos recursos variados (de enorme utilidade no desenrolar das aulas) e na preparação de diferentes estratégias (ao encontro dos interesses e motivação dos alunos), mas principalmente pela segurança no acompanhamento didático aos alunos durante as atividades (transmitiu-se entusiasmo e favoreceu o envolvimento dos alunos).

De seguida, considerando os objetivos gerais do subdomínio “Cidades, principais áreas de fixação humana” propícios para realização de TC, foram contextualizadas as especificidades intrínsecas do TC. Com esta experiência educativa, num processo devidamente planeado de trabalho à escala local, mais precisamente nas imediações da escola, pretendeu-se por este meio abordar os conteúdos do programa de Geografia do 8<sup>o</sup> ano referente ao subdomínio acima referido. Assim, tendo em conta o âmbito e a profundidade do que se pretendia, o TC foi utilizado como motivação para o estudo do tema e como ponto de partida para a realização de um projeto de estudo mais aprofundado que englobou o método investigativo. Os alunos fizeram recolha de dados, organizaram e processaram estatisticamente a informação recolhida em trabalho interdisciplinar, analisaram os

resultados obtidos e elaboraram um artigo em trabalho de grupo para publicação no jornal da escola.

Neste trabalho procurou-se encontrar respostas que ajudem a identificar as percepções e expectativas dos alunos quanto às estratégias adotadas, concedendo particular atenção ao TC. Nesse sentido foram colocadas as seguintes questões de investigação: i) que fase do processo ou tipo de trabalhos mais motivou o interesse e dedicação dos alunos?; ii) quais as principais dificuldades encontradas durante o processo e aspetos menos motivadores?; iii) como é que os alunos ultrapassaram as dificuldades?; iv) será que o TC contribuiu para a aquisição e consolidação de aprendizagens significativas ao nível da melhor compreensão dos conteúdos programáticos?; v) será que o TC despertou interesse no aluno para investir mais tempo no estudo autónomo?; vi) deve-se considerar alguma discriminação positiva favorecendo alunos com mais dificuldades e mais baixos desempenhos escolares?; vii) será que o TC contribuiu para desenvolvimento pelos alunos de competências geográficas essenciais?

Quanto à 1ª questão, as atividades consideradas terem tido maior efeito motivador nos alunos foram o TC e a visita de estudo. Dentro dos trabalhos propostos, foram os inquéritos realizados o exercício que obtiveram maior satisfação por parte dos alunos em os realizar. Atribui-se a justificação para este resultado ao facto de ter sido uma atividade diferente das rotinas escolares cotidianas, uma experiência educativa em que os alunos tiveram um papel mais ativo (antes e durante a atividade) e com momentos lúdicos a ter em conta.

Por oposição, na 2ª questão, foram as tarefas relacionadas com métodos de estudo que se mostraram os momentos menos motivadores. Concretamente, realização das fichas do manual, trabalho de pesquisa e estudo autónomo e, principalmente, a redação do trabalho de grupo, geraram pouca motivação nos alunos. As principais dificuldades encontradas pelos alunos durante o processo foram a elaboração do esboço e a elaboração da planta funcional, bem como o processamento de dados.

Para completar as questões anteriores a 3ª questão visava aferir como é que os alunos ultrapassaram as dificuldades. Esta questão foi muito pouco verbalizada pelos alunos, talvez até pouco valorizada por os mesmos. Constatamos que os alunos privilegiaram o estudo pelo manual e pesquisa na internet na realização dos trabalhos.

No entanto este procedimento não foi suficientemente eficaz para ultrapassar a maior dificuldade, que foi a elaboração da planta funcional, e este item ficou incompleto no trabalho final da maioria dos grupos. Quanto à dificuldade expressa pelos alunos no tratamento dos dados e elaboração de gráficos, esta foi ultrapassada com o tutorial disponibilizado pelo mestrando estagiário e com a ajuda dos docentes.

Já na 4ª questão, os resultados observados permitem dizer que o TC contribuiu positivamente para a aquisição de aprendizagens e melhor compreensão dos conteúdos programáticos. Podemos sugerir que a implementação da metodologia de TC contribuiu para um aumento do número de alunos a realizar os TPC. Contribuiu para melhorar o desempenho da turma nas fichas de trabalho, nos testes, mas também para o sucesso escolar, visto todos os alunos terem conseguido positiva no teste e a turma ter 100% de aproveitamento na disciplina de Geografia.

A resposta à 5ª questão, se o TC despertou interesse nos alunos para investir mais tempo no estudo autónomo, poderá ser algo paradoxal. Se, por um lado, o estudo autónomo é uma das partes do processo que menos motivação nutre nos alunos, por outro, as respostas dos alunos bem como os trabalhos apresentados por estes, sugerem ter resultado positivamente num aumento de investimento de tempo para essa tarefa.

Em relação à 6ª questão, o estudo é limitado para se poder avaliar se se conseguiu efetivamente uma discriminação positiva no favorecimento a alunos com mais dificuldades e mais baixos desempenhos escolares. Acreditamos que sim, pelas solicitações permanentes dos alunos (para os devidos esclarecimentos na elaboração dos trabalhos), pelo incentivo dado aquando o acompanhamento mais personalizado aos alunos com comportamentos desviantes da dinâmica de trabalho que se pretendia. Contudo, não foi suficiente para ultrapassar o absentismo e a inércia a um pequeno grupo de alunos, cuja dinâmica do trabalho de grupo desvalorizaram.

Por fim, a 7ª questão, será que o TC contribuiu para o desenvolvimento de competências geográficas essenciais nos alunos? Certamente que sim. O TC e o trabalho de grupo são considerados um ponto de partida para a discussão de ideias, formular conclusões, adquirir e utilizar destrezas geográficas (Ministério da Educação, 2002). Os alunos trabalharam segundo um método investigativo. Foram desafiados a formular questões, a recolher diferentes dados, a registar a informação recolhida, a produzir informação estatística, e posteriormente ensaiar possíveis soluções e as

devidas conclusões. Genericamente, corresponderam ao desafio. Se podem ser apontados alguns pormenores menos bem conseguidos, nomeadamente a elaboração cartográfica, outros aspetos foram amplamente atingidos, como a realização de inquéritos e o tratamento adequado da informação recolhida com a utilização de gráficos.

Durante todo o percurso (calendarização, planificação e operacionalização), foi sempre possível o mestrando estagiário desenvolver a prática docente com total liberdade de opções. Certamente haverá aspetos a melhorar, mas as considerações e observações apontadas pelo professor cooperante foram sempre encorajadoras e construtivas, acima de tudo bastante enriquecedoras para a minha formação inicial de docente.

## REFERÊNCIAS

- AERDL. (2015). *Projeto Educativo*. Obtido de [http://www.aerdl.eu/site/images/Doc\\_Agrupamento/Doc\\_orientadores/PROJET O EDUCATIVO.pdf](http://www.aerdl.eu/site/images/Doc_Agrupamento/Doc_orientadores/PROJET O EDUCATIVO.pdf)
- AERDL. (2017a). *Critérios de Avaliação da Disciplina de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico*. Obtido de [http://www.aerdl.eu/site/images/Doc\\_Agrupamento/Criterios/3ciclo/17-18/CA\\_GEOGRAFIA\\_3ºciclo\\_\\_2017\\_18.pdf](http://www.aerdl.eu/site/images/Doc_Agrupamento/Criterios/3ciclo/17-18/CA_GEOGRAFIA_3ºciclo__2017_18.pdf)
- AERDL. (2017b). *Plano Anual de Atividades 2017/2018*. Obtido de [http://www.aerdl.eu/site/images/Doc\\_Agrupamento/Plano\\_Atividades/PAA\\_2016-17.pdf](http://www.aerdl.eu/site/images/Doc_Agrupamento/Plano_Atividades/PAA_2016-17.pdf)
- Amado, E., Baptista, J., & Baptista, J. (2014). *GEO Diversidades, Geografia 8º ano*. Didática Editora.
- Bailey, P. (1981). Trabajo de Campo. Em *Didáctica de la Geografía* (pp. 161–174). Madrid: Cincel.
- Bailly, A. (2006). Développement Territorial Durable en Milieu Exurbain et Rurbain. Em M. Fonseca (Ed.), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer* (pp. 61–72). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Barroso, J. (1992). Fazer da Escola um Projecto. Em R. Canário (Ed.), *Inovação e Projecto Educativo de Escola* (pp. 17–55). Lisboa: EDUCA.
- Beaujeu-Garnier, J. (1997). A planta e a extensão urbana. Em J. Beaujeu-Garnier (Ed.), *Geografia Urbana (R. Brito Trad.)* (2ª edição, pp. 91–109). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original de 1995).
- Brundtland, G., & Khalid, M. (1987). *Our Common Future*. Nova York. Obtido de <https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>
- Cachinho, H. (2000). *Geografia Escolar: Orientação Teórica e Praxis Didáctica*.

- Inforgeo*, 15, 69–90. Obtido de [http://www.apgeo.pt/sites/default/files/inforgeo\\_15.pdf#page=65](http://www.apgeo.pt/sites/default/files/inforgeo_15.pdf#page=65)
- Cachinho, H. (2015). *Manuais Escolares - Contributos para o desenho de um modelo conceptual*. Didática da Geografia, IGOT/CEG-ULisboa.
- Castañón, G. (2015). O Que é Construtivismo? *Cad. Hist. Fil. Ci.*, 1(2), 209–242. Obtido de <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/744/627>
- Claudino, S. (2018). Educação geográfica, trabalho de campo e cidadania. *Instituto de Geografia e Ordenamento do Território*. Obtido de <https://drive.google.com/file/d/0B0JyPoaa7SRGX3d2MjF2dFNmMmM/view>
- CML. (2013). *Caraterização Social*. Obtido de [http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Reforma\\_Administrativa/Juntas\\_de\\_Freguesia/JF\\_Alvalade.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Reforma_Administrativa/Juntas_de_Freguesia/JF_Alvalade.pdf)
- Cohen, B. (2004). Urban growth in developing countries: A review of current trends and a caution regarding existing forecasts. *ELSEVIER*, 32(1), 23–51. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2003.04.008>
- Costa, E. M. (2002). Cidades Médias: contributos para a sua definição. *Finisterra*, XXXVII(74), 101–128. Obtido de [https://www.researchgate.net/profile/Eduarda\\_Marques\\_da\\_Costa/publication/28180780\\_Ciudades\\_medias\\_contributos\\_para\\_a\\_sua\\_definicao/links/5412033b0cf2bb7347dad3.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eduarda_Marques_da_Costa/publication/28180780_Ciudades_medias_contributos_para_a_sua_definicao/links/5412033b0cf2bb7347dad3.pdf)
- Costa, P. (1993). *Cidades e Urbanização: Uma Sociologia, Geografia ou Economia Urbana?* (No. 4). Lisboa. Obtido de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1600/1/pc-wp934.pdf>
- Dantas, L., & Mendes, M. (2010). A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. *Geonordeste*, 2, 193–218. Obtido de <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/5772/4774>



- Davis, K. (1955). The Origin and Growth of Urbanization in the world. *Chicago Journals*, 60, 429–437. Obtido de [http://demografi.bps.go.id/phpfiletree/bahan/kumpulan\\_tugas\\_mobilias\\_pak\\_chotib/Kelompok\\_8/Kel\\_8\\_Literatur/The\\_Origin\\_and\\_Growth\\_of\\_Urbanization\\_in\\_the\\_World.pdf](http://demografi.bps.go.id/phpfiletree/bahan/kumpulan_tugas_mobilias_pak_chotib/Kelompok_8/Kel_8_Literatur/The_Origin_and_Growth_of_Urbanization_in_the_World.pdf)
- DGT. (2015). *Cidades Sustentáveis 2020*. Obtido de [http://www.dgterritorio.pt/ordenamento\\_e\\_cidades/cidades/cidades\\_sustentaveis\\_2020/forum\\_das\\_cidades/](http://www.dgterritorio.pt/ordenamento_e_cidades/cidades/cidades_sustentaveis_2020/forum_das_cidades/)
- DGT. (2018). *Especificações Técnicas da Carta de Uso e Ocupação do Solo (COS) de Portugal Continental para 1995, 2007, 2010 e 2015*. Obtido de <http://mapas.dgterritorio.pt/atom-dgt/pdf-cous/COS2015/ET-COS-1995-2007-2010-2015.pdf>
- Domingues, Á. (1994). (Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Geografia*, X/XI, 5–18.
- Esteves, M. H. (2006). Ensinar a «cidade» no ensino básico. *Finisterra*, 41(81), 205–213. <https://doi.org/10.18055/finis1469>
- Esteves, M. H., Hortas, M. J., & Mendes, L. (2018). FIELDWORK IN GEOGRAPHY EDUCATION: AN EXPERIENCE IN INITIAL TEACHER TRAINING PROGRAM. *Didática da Geografia*, (19), 77–101. Obtido de <http://www.age-geografia.es/didacticageografica/index.php/didacticageografica/article/download/417/390>
- Farahani, R. Z., Miandoabchi, E., Szeto, W. Y., & Rashidi, H. (2013). A review of urban transportation network design problems. *European Journal of Operational Research*, 229(2), 281–302. <https://doi.org/10.1016/j.ejor.2013.01.001>
- Fernandes, M. (2015). O estudo da forma urbana em Portugal, entre geógrafos. Em Vítor Oliveira, T. Marat-Mendes, & P. Pinho (Eds.), *O Estudo da Forma Urbana em Portugal* (pp. 53–64). Universidade do Porto. Obtido de <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=8uvRCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=morfologia+urbana&ot>

s=IHHpXfQOBS&sig=RX\_AgOgpnD3Z7bcJvodtmSqNnhU&redir\_esc=y#v=onepage&q=morfologia urbana&f=false

- Ferrão, J. (2003). Intervir na Cidade: Complexidade, Visão, Rumo. Em N. Portas, A. Domingues, & J. Cabral (Eds.), *Políticas Urbanas – Tendências, Estratégias e Oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, R. D. S., & Santos, J. H. V. (2014). O uso do vídeo em sala de aula. *SCIENTIA PLENA*, 10, 1–8. Obtido de <https://scientiaplena.org.br/sp/article/view/1942/978>
- Fialho, E. (2007). O Meio Ambiente: O discurso geográfico rumo a transdisciplinaridade. *Revista Ponto de Vista*, 4, 37–45. Obtido de [https://www.researchgate.net/publication/228451785\\_O\\_meio\\_ambiente\\_O\\_discurso\\_geografico\\_rumo\\_a\\_transdisciplinaridade](https://www.researchgate.net/publication/228451785_O_meio_ambiente_O_discurso_geografico_rumo_a_transdisciplinaridade)
- Fisher, J. (2001). The demise of fieldwork as an integral part of science education in United Kingdom schools: A victim of cultural change and political pressure? *Pedagogy, Culture and Society*, 9(1), 75–96. <https://doi.org/10.1080/14681360100200104>
- Foskett, N. (1997). Teaching and learning through fieldwork. Em D. Tilbury & M. Williams (Eds.), *Teaching and Learning Geography* (pp. 189–201). London: Routledge.
- Fuller, I., Edmondson, S., France, D., Higgitt, D., & Ratinen, I. (2006). International perspectives on the effectiveness of geography fieldwork for learning. *Journal of Geography in Higher Education*, 30(1), 89–101. <https://doi.org/10.1080/03098260500499667>
- González, X. S. (1999a). De la Teoría ala práctica: los contenidos y las unidades didáticas en un proyecto. *Revista educativa Voluntad*, pp. 4–18.
- González, X. S. (1999b). Metodología y estrategias de aprendizaje. Em S. González (Ed.), *Didáctica de la Geografía. Problemas Sociales y conocimiento del medio* (pp. 125–145). Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Graves, N. (1978). Métodos de ensino: Observação directa. Em Comissão do Ensino

da Geografia da União Geográfica Internacional (Ed.), *Manual da UNESCO para o Ensino da Geografia* (pp. 71–123). Lisboa: Editorial Estampa.

Hall, T. (2006). *Urban Geography. Urban Geography*. Abingdon: Routledge.

Hassell, D. (2005). Issues in ICT and Geography Title. Em Maggie Smith (Ed.), *Teaching Geography in Secondary Schools* (pp. 148–159). Taylor & Francis.

Holmes, D., & Farbrother, D. (2000). *A-Z Advancing Geography: Fieldwork*. Geographical Association.

Holt-Jensen, A. (2003). What is Geography? Em *Geography: History and Concepts* (pp. 1–16). London: SAGE.

IGOT/IE - UL. (2016). *Regulamento de Iniciação à Prática Profissional, Mestrado em Ensino de Geografia*. Obtido de <http://www.igot.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2016/09/Regulamento-de-Iniciação-à-Prática-Profissional-Mestrado-em-Ensino-de-Geografia-16-de-setembro-de-2016.pdf>

International Geographical Union Commission on Geographical Education. (2016). *International Charter on Geographical Education. Igu Ugi*. <https://doi.org/10.1007/978-94-017-1942-1>

Kent, A., & Foskett, N. (2005). Fieldwork in the school Geography curriculum Pedagogical issues and development. Em Margaret Smith (Ed.), *Teaching Geography in Secondary Schools* (pp. 160–181). Taylor and Francis e-Library.

Kent, M., Gilbertson, D., & Hunt, C. (1997). Fieldwork in Geography Teaching : a critical review of the literature and approaches. *Journal of Geography in Higher Education*, 21, 313–332. <https://doi.org/10.1080/03098269786183>

Magalhães, F. (2009). Cidades sustentáveis – o que o poder local e uma formação adequada em urbanismo podem fazer? *Malha Urbana - Revista Lusófona de Urbanismo*, (2). Obtido de <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/malhaurbana/article/view/74>

Marques, T. S. (2005). Sistema Urbano e Territórios em Transformação. Em C. A. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades*

- (pp. 190–210). Círculo de Leitores.
- Massabni, V. (2007). O construtivismo na prática de professores de ciências : realidade ou utopia? *Ciências & Cognição*, 10, 104–114. Obtido de <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/744/627>
- Matos, F. L., & Salgueiro, T. B. (2005). Habitar nas Cidades Portuguesas. Em C. A. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades* (pp. 313–342). Círculo de Leitores.
- MESOPOTÂMIA uma terra entre dois rios. (1977). Em *História do Homem nos Últimos Dois milhões de Anos* (pp. 48–59). Seleções do Reader's Digest.
- Ministério da Educação. (2002). *Geografia Orientações Curriculares 3º Ciclo*. Ministério da Educação. Obtido de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_geog\\_orient\\_curriculares\\_3c.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_geog_orient_curriculares_3c.pdf)
- Ministério da Educação. (2012). *METAS CURRICULARES Tecnologias de Informação e Comunicação 7º e 8º anos*. Obtido de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_tic\\_7\\_e\\_8\\_ano.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_tic_7_e_8_ano.pdf)
- Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais, Articulação com Perfil dos Alunos*. Obtido de [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/geografia\\_3c\\_8a\\_ff.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/geografia_3c_8a_ff.pdf)
- Ministério da Educação e Ciência. (2013). *Metas Curriculares 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos) Geografia*. Obtido de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas\\_curriculares\\_geog\\_eb.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_geog_eb.pdf)
- Mira, A. R., & Silva, L. M. (2007). Notas sobre o valor formativo do sumário na aula. Em *Educação Temas e Problemas* (Vol. 4, pp. 295–307). Edições Colibri.
- Monbeig, P. (1941). O estudo geográfico das cidades. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, 7(73). Obtido de

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/481/511>

- Morgado, P. (2016). Uso e Ocupação do Solo. Obtido de [https://www.aml.pt/susProjects/susWebBackOffice/uploadFiles/wt1wwpgf\\_aml\\_sus\\_pt\\_site/componentText/SUS57FCBBEE58CA4/EATLAS\\_AML\\_USO\\_SOLO\\_FORMATADO.PDF](https://www.aml.pt/susProjects/susWebBackOffice/uploadFiles/wt1wwpgf_aml_sus_pt_site/componentText/SUS57FCBBEE58CA4/EATLAS_AML_USO_SOLO_FORMATADO.PDF)
- Moudon, A. V. (1997). Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. *Urban Morphology*, 1(1), 3–10. <https://doi.org/1027-4278>
- Nodari, J. I., & Almeida, M. R. (2012). REFLETINDO SOBRE A AGÊNCIA DOCENTE ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DE AULAS. Em F. Fogaça & J. Nodari (Eds.) (Vol. 2, pp. 24–46). Edição Comemorativa 15 anos do CELIN. Obtido de <http://revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/29306/20372>
- Nóvoa, A. (1992). Para uma análise das instituições escolares. Em A. Nóvoa (Ed.), *As Organizações Escolares em Análise* (p. 13). Publicações Dom Quixote.
- Ogallar, A. (1996). El Trabajo de Campo y las Excursiones. Em A. Jiménez & M. Gaité (Eds.), *Enseñar Geografía, De la Teoría a la Práctica* (pp. 159–183). Editorial Síntesis.
- Oliveira, H. (2012). *As Potencialidades Didáticas das Visitas de Estudo: A Percepção dos Alunos Sobre a Aprendizagem Desenvolvida. XIII Coloquio Ibérico de Geografía*.
- Oliveira, M. (2008). *As Visitas de Estudo e o ensino e a aprendizagem das Ciências Físico-Químicas: um estudo sobre concepções e práticas de professores e alunos*. Universidade do Minho. Obtido de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8326/1/Disserta%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Manuela%2520Teixeira.pdf>
- Pacheco, E. (2005). Mobilidade e Transportes. Em C. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades* (pp. 366–374). Círculo de Leitores.
- Pacione, M. (2005). *Urban Geography: from global to local*. Abingdon: Routledge.

- Pereira, A. (2013). Motivação na Aprendizagem e no Ensino. Em F. Veiga (Ed.), *Psicologia da Educação - Teoria, Investigação e Aplicação Envolvimento dos Alunos na Escola* (pp. 445–493). Lisboa: Climepsi Editores.
- Pinto, J., & Santos, L. (2006). A avaliação como uma congruência entre os objetivos e o desempenho dos alunos. Em *A avaliação como um julgamento de especialistas* (pp. 27–32). Lisboa: Universidade Aberta.
- Rego, B., Gomes, C., & Balula, J. P. (2012). A avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal: um contributo para a excelência. Em M. Patrício, L. Sebastião, J. Justo, & J. Bonito (Eds.), *Da Exclusão à Excelência: caminhos Organizacionais para a qualidade da Educação* (pp. 129–138). Obtido de [http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/RegoGomesBalula\\_2012.pdf](http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/RegoGomesBalula_2012.pdf)
- Ribeiro, O. (1975). Cidade. Em J. Serrão (Ed.), *Dicionário de História de Portugal (Vol. II)* (pp. 60–66). Livraria Figueirinhas.
- Salgueiro, T. B. (1996). O Tema. Em T. B. Salgueiro (Ed.), *Do Comércio à Distribuição, Roteiro de uma mudança* (pp. 1–28). Oeiras: CELTA EDITORA.
- Salgueiro, T. B. (2005a). Elementos da Morfologia. Em C. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades* (pp. 231–243). Círculo de Leitores.
- Salgueiro, T. B. (2005b). Problemas em Torno de um Conceito Complexo. Em C. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades* (pp. 176–189). Círculo de Leitores.
- Salgueiro, T. B. (2005c). Segregação e Fragmentação. Em C. Medeiros (Ed.), *GEOGRAFIA de PORTUGAL Sociedade, Paisagem e Cidades* (pp. 306–312). Círculo de Leitores.
- Santos, M. (1964). Brasília, a nova capital brasileira. *Caravelle*, (3), 369–385. Obtido de [www.persee.fr/doc/carav\\_0184-7694\\_1964\\_num\\_3\\_1\\_1107](http://www.persee.fr/doc/carav_0184-7694_1964_num_3_1_1107)
- Silva, J., Silva, M., & Varejão, J. (2010). Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia. *Vértices*, 12(3), 187–197.

- Silva, M., Soares, I. R., Alves, F. C., & Santos, M. (2012). Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí. Em *Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação*. Obtido de <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/3849/2734>
- Teixeira, A. (2018). Solidão nas cidades pode matar mais do que a obesidade. Obtido 22 de Setembro de 2018, de <https://www.jn.pt/nacional/especial/interior/solidao-nas-cidades-pode-matar-mais-do-que-a-obesidade-9147699.html>
- Teixeira, M. (2010). Traçados Urbanos Portugueses, Simbiose de Culturas. Em F. Oliveira, J. Oliveira, & M. Patrocínio (Eds.), *Espaços e Paisagens Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas Vol. 3. História, Arqueologia e Arte* (pp. 278–287). Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- Teixeira, M. (2015). As influências de Roma e do Islão. Em Vitor Oliveira, T. Marat-Mendes, & P. Pinho (Eds.), *O estudo da Forma Urbana em Portugal* (pp. 28–30). Universidade do Porto. Obtido de [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=8uvRCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA25&dq=traçado+irregular+cidades+muçulmanas&ots=IHHpXkURGN&sig=wSqype401vSaGRlOdhAE1CZTu2k&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=8uvRCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA25&dq=traçado+irregular+cidades+muçulmanas&ots=IHHpXkURGN&sig=wSqype401vSaGRlOdhAE1CZTu2k&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- UN HABITAT. (2016). *Urbanization and Development: Emerging Futures. World Cities Report 2016*. Obtido de <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/03/WCR- Full-Report-2016.pdf>
- UNFPA. (2007). *State of the World Population 2007 - Unleashing The Potential of Urban Growth*. Obtido de [https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/695\\_filename\\_sowp2007\\_eng.pdf](https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/695_filename_sowp2007_eng.pdf)
- Varela, C. (2009). *As Visitas de Estudo e o Ensino Aprendizagem das Ciências Naturais: um estudo sobre representações de professores e alunos do 9º ano de escolaridade*. Universidade do Minho. Obtido de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10396/1/TESE.pdf>

## ANEXOS

### Anexo 1 – Elementos de caracterização da turma 8º1

nº aluno	nome	sexo	idade	morada	naturalidade	agregado familiar	hab. liter. encarregado	naturalidade encarregado	hab. Liter. encarregada	naturalidade encarregada	computador em casa	internet em casa	necessidades educativas	nº de matrículas	nota final geografia 7º ano
1	AR	M	13,9	1700-074	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	3
2	AD	M	14,0	1700-011	Portugal	3	Bas.	Portugal	Bas.	Portugal	sim	sim	não	1	3
3	CB	F	13,2	1000-214	Portugal	5	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	3
4	CM	F	14,3	1700-348	Portugal	3	Sup.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
5	CC	F	13,3	1700-185	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	3
6	FC	M	13,1	1700-178	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	3
7	GP	M	13,4	1900-363	Portugal	4	Sup.	Angola	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	4
8	GM	M	14,2	1700-254	Portugal	5	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
9	HC	M	14,7	1150-090	Portugal	5	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
10	IS	F	13,3	1700-344	Portugal	3	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
11	JP	M	13,6	1700-004	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
12	JV	M	15,8	1700-302	Portugal	2	Sec.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
13	JM	M	13,7	1750-172	Portugal	3	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
14	JR	M	13,3	1700-360	Portugal	4	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	4
15	KR	M	14,5	1900-411	Portugal	6	Bas.	Moçambique	Bas.	India	sim	sim	não	1	3
16	MS	F	13,9	1700-348	Portugal	4	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
17	MF	M	13,1	1170-398	Portugal	5	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	5
18	MR	F	12,8	1150-192	Portugal	6	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	5
19	MM	F	13,5	1170-330	Portugal	4	Sec.	Brasil	Sup.	Moçambique	sim	sim	não	1	4
20	MV	M	13,1	2665-190	Portugal	4	Sec.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
21	MR	F	12,8	2870-723	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
22	MG	F	13,1	1700-259	Portugal	3	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	1	3
23	MF	F	13,3	1700-115	Portugal	5	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
24	MP	M	13,6	1200-459	Portugal	5	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
25	PF	M	13,4	1000-090	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
26	RF	F	13,4	1700-015	Portugal	3	Sec.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
27	RT	F	12,9	1700-344	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	4
28	RS	M	13,6	1700-060	Portugal	3	Sec.	Portugal	Sec.	Portugal	sim	sim	não	2	3
29	SB	M	13,2	1990-027	Portugal	4	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	2	4
30	SS	F	13,5	1050-058	Portugal	7	Sup.	Portugal	Sup.	Portugal	sim	sim	não	1	3



## Anexo 2 – Desempenho escolar do 8º ano no 1º período

nº aluno	respostas ceras (dx 7,43)	Pontuação	nº aluno	Classificação	nº aluno	Pontuação	nº aluno	1.1 (15)	1.2 (20)	1.3 (35)	Pontuação	nº aluno	1.1 (15)	1.2 (20)	1.3 (35)	Pontuação	nº aluno	eixos pirâmide (50)	título (10)	legenda (10)	escala (10)	rigor (10)	Pontuação	nº aluno	1.1 (15)	1.2 (20)	1.3 (35)	Pontuação	nº aluno	Classificação	nº aluno	nota final 1º p	
																																	25/10/2017
1	7,43	71,43	1	86,00	1	0	1	15	10	30	35	1	15	10	30	35	90	1					0	1	15	10	30	35	90	1	63,00	1	3
2	7,43	64,29	2	60,00	2	50	0	5	5	10	0	70	2	15	15	25	35	70					0	2	15	15	25	35	90	2	59,00	2	3
3	7,43	71,43	3	58,00	3	50	5	5	5	0	5	0	3	15	10	0	20	45					0	3	15	10	0	20	45	3	40	3	3
4	7,43	71,43	4	65,00	4	50	10	10	10	10	5	95	4	15	10	0	20	45					0	4	15	10	0	20	45	4	47	4	4
5	7,43	35,71	5	81,00	5	50	10	10	10	10	5	95	5	15	10	30	30	85					0	5	15	10	30	30	85	5	73,00	5	4
6	7,43	64,29	6	62,00	6						0	0	6	15	10	30	35	90					0	6	15	10	30	35	90	6	63,00	6	3
7	7,43	42,86	7	82,00	7						0	0	7	15	5	25	35	80					0	7	15	5	25	35	80	7	73,00	7	4
8	7,43	85,71	8	88,00	8						0	0	8	15	20	30	30	95					0	8	15	20	30	30	95	8	47	8	3
9	7,43	78,57	9	71,00	9						0	0	9	15	10	30	30	85					0	9	15	10	30	30	85	9	55,00	9	3
10	7,43	28,57	10	70,00	10						0	0	10	15	5	5	25	50					0	10	15	5	5	25	50	10	44	10	3
11	7,43	57,14	11	77,00	11						0	0	11	15	10	30	35	90					0	11	15	10	30	35	90	11	70,00	11	4
12	13,5	96,43	12	94,00	12						0	0	12	15	15	30	30	90					0	12	15	15	30	30	90	12	50,00	12	4
13	7,43	28,57	13	45,00	13						0	0	13	15	0	0	25	40					0	13	15	0	0	25	40	13	64,00	13	3
14	7,43	92,86	14	83,00	14	50	10	5	5	10	5	85	14	15	10	30	30	85					0	14	15	10	30	30	85	14	81,00	14	4
15	7,43	100,00	15	59,00	15						0	0	15	15	20	30	30	80					0	15	15	20	30	30	80	15	50,00	15	3
16	7,43	71,43	16	64,00	16	50	5	5	5	5	75	16	15	15	30	20	80						0	16	15	15	30	20	80	16	46	16	3
17	7,43	85,71	17	88,00	17	50	10	10	10	10	95	17	15	15	30	35	95						0	17	15	15	30	35	95	17	81,00	17	5
18	7,43	85,71	18	87,00	18	50	10	5	10	5	90	18	15	15	25	30	85						0	18	15	15	25	30	85	18	68,00	18	4
19	7,43	57,14	19	69,00	19	50	10	10	10	10	100	19	15	20	30	35	100						0	19	15	20	30	35	100	19	59,00	19	3
20	7,43	71,43	20	73,00	20	50	5	5	10	10	85	20	15	15	5	30	65						0	20	15	15	5	30	65	20	55,00	20	3
21	7,43	71,43	21	89,00	21	50	10	10	10	10	100	21	15	5	30	35	85						0	21	15	5	30	35	85	21	89,00	21	4
22	7,43	85,71	22	70,00	22	50	10	10	10	10	95	22	15	10	30	30	85						0	22	15	10	30	30	85	22	47	22	3
23	7,43	85,71	23	86,00	23	50	10	10	10	10	95	23	15	10	30	35	90						0	23	15	10	30	35	90	23	70,00	23	4
24	7,43	28,57	24	84,00	24	50	10	5	10	5	95	24	15	10	30	35	90						0	24	15	10	30	35	90	24	91,00	24	4
25	7,43	78,57	25	46	25	50	10	5	10	5	85	25	15	5	30	30	80						0	25	15	5	30	30	80	25	44	25	3
26	7,43	92,86	26	94,00	26	50	10	5	10	5	90	26	15	10	30	30	85						0	26	15	10	30	30	85	26	72,00	26	4
27	7,43	92,86	27	78,00	27	50	10	5	10	5	90	27	15	5	0	35	55						0	27	15	5	0	35	55	27	80,00	27	4
28	4,5	32,14	28	60,00	28	50	10	5	10	5	90	28	15	0	10	30	55						0	28	15	0	10	30	55	28	55,00	28	3
29	13,5	96,43	29	87,00	29	50	10	5	10	5	90	29	15	15	5	35	70						0	29	15	15	5	35	70	29	65,00	29	4
30	7,43	28,57	30	54,00	30	50	10	10	10	10	95	30	15	10	30	25	80						0	30	15	10	30	25	80	30	61,00	30	3

### Anexo 3 – Questionário para crítica reflexiva das aulas lecionadas em IPP II

Escola Secundária Rainha Dona Leonor		Dezembro de 2017	
Geografia 8º ano			
<b>Avaliação/reflexão crítica das aulas sobre os temas:</b> <b>Evolução da População Mundial e Distribuição da População Mundial</b>			
Este inquérito é individual e anónimo. Pretende ser uma recolha de informação que sirva de indicador e orientação à formação de professor. Ficando desde já o meu agradecimento ao Vosso contributo, conto com as respostas o mais sinceras possível.			
José Luís Magalhães			
Nas aulas lecionadas quais os recursos utilizados que mais te despertaram atenção. (atribui de 1 a 5, em que 1 significa o de maior atenção e 5 o de menor atenção)		Em relação aos recursos projetados, o que te desperta mais atenção. (atribui de 1 a 4, em que 1 significa o de maior atenção e 4 o de menor atenção)	
Apresentação em <i>PowerPoint</i> _____		Projeção de fotos _____	
Vídeos _____		Projeção de gráficos _____	
Quadro _____		Projeção de mapas _____	
Manual _____		Projeção de texto _____	
Textos _____			
Quais as disciplinas que mais gostas de estudar. (atribui de 1 a 8, em que 1 significa a que mais gostas e 8 a que menos gostas)			
Ciências Naturais ___; Físico-química ___; Geografia ___; História ___; Inglês ___; Francês ___; Português ___; Matemática ___			
Das atividades/desafios propostos/realizados nas aulas, qual a que mais te motivou. (atribui de 1 a 9, em que 1 significa a de maior motivação e 9 a de menor motivação)		Sugere alguma(s) atividades que gostasses de ver realizadas em sala de aulas.	
Síntese da aula anterior _____			
Exploração dos conteúdos com perguntas à turma _____			
Perguntas direcionadas a ti _____			
Seres chamado ao quadro _____			
Ficha de trabalho do caderno _____			
TPC com tutorial, recolha de dados e construção de gráfico _____			
Ficha de trabalho, depois de visualização de vídeo e leitura individual _____			
Acompanhar a aula com o manual _____			
Perguntas de escolha múltipla projetadas _____			
Que aspetos aconselharias a corrigir/melhorar na postura ou na forma como as aulas foram lecionadas.			
Que aspetos consideraste mais positivos durante as aulas.			

#### Anexo 4 – Relação de aulas assistidas

Observação de aulas em IPP I	<b>Aulas Professor José A. Baptista</b>	
	Aula 45 min. turma 7º1	28 Mar. 2017
	Aula 90 min. turma 7º1	29 Mar. 2017
	Aula 90 min. turma 11º2	29 Mar. 2017
	Aula 45 min. turma 7º1	4 Abr. 2017
	Aula 90 min. turma 7º1	3 Mai. 2017
	<b>Aulas Professora Maria Vieira</b>	
	Aula 90 min. turma 11ºS.E.1	19 Abr. 2017
	Aula 90 min. turma 11ºS.E.1	21 Abr. 2017
	Aula 90 min. turma 11ºS.E.2	21 Abr. 2017
	Aula 90 min. turma 11ºS.E.1	26 Abr. 2017
	<b>Aulas Mestrando Tiago Fidalgo</b>	
	Aula 90 min. turma 11º2	3 Mai. 2017
	<b>Aulas Mestrando Miguel Silva</b>	
	Aula 90 min. turma 11ºS.E.1	16 Mai. 2017

Observação de aulas em IPP II	<b>Aulas Professor José A. Baptista</b>	
	Aula 90 min. turma 8º1	27 Set. 2017
	Aula 90 min. turma 10º7	27 Set. 2017
	Aula 90 min. turma 10º8	3 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 8º1	4 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 8º1	11 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 10º7	11 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 10º8	17 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 10º7	25 Out. 2017
	Aula 90 min. turma 10º7	2 Nov. 2017
	<b>Aulas Professora Ana Mendes</b>	
	Aula 45 min. turma 7º1	8 Nov. 2017
	<b>Aulas Professora Teresa Ribeiro (TIC)</b>	
	Aula 90 min. turma 8º4	15 Nov. 2017
	<b>Aulas Mestranda Cíntia Couto</b>	
	Aula 90 min. turma 7º1	12 Out. 2017
	<b>Aulas Mestranda Daniela Silva</b>	
	Aula 90 min. turma 10º7	22 Nov. 2017
	<b>Aulas Mestrando Tiago Fidalgo</b>	
	Aula 90 min. turma 10º8	28 Nov. 2017

Observação de aulas em IPP III	<b>Aulas Professor José A. Baptista</b>	
	Aula 90 min. turma 8º1	9 Mai. 2018
	Aula 90 min. turma 8º1	23 Mai. 2018
	Aula 90 min. turma 8º1	30 Mai. 2018
	Aula 90 min. turma 8º1	6 Jun. 2018

### Anexo 5 – Presença em reuniões de professores


Reuniões de professores em IPP II	Descrição	
	Reunião subdepartamento disciplina de Geografia	5 Set. 2017
	Reunião conselho de turma 8º1	8 Set. 2017
	Reunião conselho de turma extraordinária 8º1	14 Nov. 2017
	Reunião conselho de turma 8º1 (avaliação final de período)	20 Dez. 2017

Reuniões de professores em IPP III	Descrição	
	Reunião subdepartamento disciplina de Geografia	18 Jan. 2018
	Reunião conselho de turma 8º1 (avaliação intercalar)	20 fev. 2018



### Anexo 6 – Acompanhamento em visitas de estudo

Visitas de estudo em IPP II	Descrição	
	Sintra - disciplina de Português, 8º1	18 Out. 2017
	Batalha e Mira de Aire - disciplina de Geografia, 10º7	9 Nov. 2017
	IGOT – disciplina de Geografia, 10º7	5 Jan. 2018


## Anexo 7 – Planificação anual da disciplina de Geografia no AERDL

 <p>REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO</p>	<p><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p>8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p>Disciplina: Geografia</p>		<p>Nº de unid. letivas total: 68</p> <p>1º Período – 26</p> <p>2º Período – 24</p> <p>3º Período – 18</p>		
<p><b>Tema: POPULAÇÃO E POVOAMENTO</b></p>					
<p><b>Domínio Subdomínio</b></p> <p><b>Evolução da população mundial</b></p> <p><b>[14 tempos]</b></p>	<p><b>Objetivos gerais</b></p> <p>1. Compreender e conhecer diferentes indicadores demográficos</p> <p>2. Aplicar o conhecimento de conceitos para determinar indicadores demográficos</p> <p>3. Compreender a evolução demográfica mundial</p>	<p><b>Descritores:</b> no final, o aluno deve ser capaz de:</p> <p>1.1. Explicar a importância dos recenseamentos gerais da população para a Geografia e para o ordenamento do território.</p> <p>1.2. Definir: demografia, natalidade, mortalidade, crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxa de crescimento natural, índice sintético de fecundidade, índice de renovação das gerações, índice de envelhecimento, esperança média de vida à nascença, migração, saldo migratório, crescimento real ou efetivo.</p> <p>2.1. Calcular: crescimento natural, crescimento real ou efetivo, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de crescimento natural, taxa de mortalidade infantil, saldo migratório, índice de envelhecimento.</p> <p>2.2. Explicar o significado dos resultados obtidos através do cálculo de indicadores demográficos, refletindo sobre as respetivas implicações do ponto de vista demográfico.</p> <p>3.1. Descrever a evolução da população a nível mundial, a partir de leitura de gráficos.</p> <p>3.2. Distinguir regime demográfico primitivo de transição demográfica, explosão demográfica e regime demográfico moderno.</p> <p>3.3. Comparar a evolução da população em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>3.4. Explicar a evolução das taxas de natalidade e mortalidade, e de outros indicadores demográficos, em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p>	<p><b>Experiências educativas</b></p> <p>Comparação dos ritmos de evolução da população nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento, através de gráficos.</p> <p>Tratamento gráfico e cartográfico das variáveis demográficas.</p> <p>Leitura comentada de documentos do manual.</p> <p>Estudo de caso «Evolução demográfica na Suécia e no México».</p>	<p><b>Avaliação</b></p> <p>Avaliação diagnóstica</p> <p>Registo do desempenho na sala de aula</p> <p>Avaliação formativa</p> <p>Avaliação de trabalho de grupo e/ou pares</p> <p>Avaliação sumativa</p> <p>Participação oral</p>	<p><b>N.º aulas</b></p>

(continuação anexo 7)


 <p>REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO</p>	<p><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p>8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p>Disciplina: Geografia</p>			<p>Nº de unid. letivas total: 68</p> <p>1º Período – 26</p> <p>2º Período – 24</p> <p>3º Período - 18</p>
	<p>4. Representar a estrutura etária da população e compreender a adoção de diferentes políticas demográficas</p> <p>5. Compreender a diversidade demográfica em Portugal, através da análise de pirâmides etárias</p> <p>6. Compreender a implementação de políticas demográficas tendo em consideração a realidade demográfica de um país</p>	<p>3.5. Problematicar as consequências da desigual evolução demográfica em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>3.6. Explicar o impacto dos diferentes regimes demográficos no desenvolvimento sustentável mundial.</p> <p>4.1. Caracterizar a estrutura etária da população, a partir da construção de pirâmides etárias de diferentes países.</p> <p>4.2. Identificar fatores que interferem na evolução da composição da população por grupos etários e sexo.</p> <p>4.3. Discutir as consequências da evolução da composição da população por grupos etários e sexo, assim como a necessidade de um ajustamento permanente entre os comportamentos demográficos e os recursos disponíveis.</p> <p>5.1. Comparar, com recurso a pirâmides etárias, a evolução da estrutura etária da população em Portugal, nas últimas décadas.</p> <p>5.2. Comparar as realidades demográficas regionais em Portugal.</p> <p>6.1. Distinguir políticas antinatalistas de políticas natalistas, enumerando medidas que promovam o aumento e a diminuição da natalidade.</p> <p>6.2. Referir exemplos de países onde são implementadas políticas natalistas e políticas antinatalistas.</p> <p>6.3. Discutir as políticas demográficas implementadas e a implementar em Portugal em função da sua realidade demográfica.</p>	<p>Construção e análise de pirâmides etárias.</p> <p>Estudar o exemplo concreto de Portugal e de outros países para reconhecer a existência de populações com estruturas etárias contrastadas.</p> <p>Resolução de fichas de trabalho.</p> <p>Estudo de casos concretos de países/ regiões do Mundo com estruturas etárias contrastadas.</p> <p>Exploração de sites.</p> <p>Trabalho de pares.</p> <p>Análise de textos.</p> <p>Análise comparativa de imagens.</p>	<p>Avaliação formativa</p> <p>Registo contínuo de desempenho em sala de aula</p>



(continuação anexo 7)

 <p><b>REPÚBLICA PORTUGUESA</b> EDUCAÇÃO</p>	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center"><b>8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</b></p> <p align="center"><b>Disciplina: Geografia</b></p>	<p align="right"><b>Nº de unid. letivas total: 68</b></p> <p align="right">1º Período - 26</p> <p align="right">2º Período - 24</p> <p align="right">3º Período - 18</p>		
<p><b>Distribuição da população mundial</b></p> <p><b>-6 tempos-</b></p>	<p>7. Compreender a distribuição da população mundial</p> <p>8. Compreender a distribuição da população em Portugal</p>	<p>7.1. Distinguir população total de população relativa/densidade populacional.</p> <p>7.2. Descrever a distribuição da população mundial, a partir de mapas, através da localização dos principais vazios humanos e das grandes concentrações populacionais.</p> <p>7.3. Explicar os fatores naturais e humanos que influenciam a repartição mundial da população.</p> <p>8.1. Interpretar a distribuição da população em Portugal a partir da leitura de mapas, destacando a litoralização e a bipolarização.</p> <p>8.2. Explicar os principais fatores que influenciam a distribuição da população em Portugal.</p>	<p>Identificar questões/temas geográficos sobre os diferentes padrões de distribuição da população e do povoamento.</p> <p>Visionamento de documentários/ programas de informação sobre os problemas demográficos da actualidade.</p> <p>Análise e interpretação de mapas de distribuição da população.</p> <p>Interpretar planisférios e mapas para localizar concentrações demográficas e vazios humanos.</p> <p>Interpretar mapas para localizar as maiores concentrações demográficas em Portugal.</p> <p>Analisar material audiovisual de diferentes regiões, para distinguir lugares com características e dimensões populacionais diferentes.</p> <p>Estudo de caso. (Brasil/Holanda e Portugal).</p>	<p>Autoavaliação</p> <p>Heteroavaliação</p> <p>Avaliação de atividades do manual</p> <p>Participação escrita na sala de aula</p> <p>Registo contínuo do desempenho na sala de aula</p>



	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center">8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p align="center">Disciplina: Geografia</p>		<p align="center">Nº de unid. letivas total: 68</p> <p align="center">1º Período – 26 2º Período – 24 3º Período – 18</p>	
<p><b>Mobilidade da população</b> -6 tempos-</p>	<p>9. Compreender as causas e as consequências das migrações</p> <p>10. Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais</p> <p>11. Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal</p>	<p>9.1. Distinguir migração de emigração e de imigração. 9.2. Caracterizar diferentes tipos de migração: permanente, temporária e sazonal; externa e interna; intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural e deriva urbana. 9.3. Explicar as principais causas das migrações. 9.4. Explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada.</p> <p>10.1. Caracterizar os grandes ciclos migratórios internacionais, através da interpretação de mapas com os fluxos migratórios. 10.2. Localizar as principais regiões/países de origem da população migrante e principais regiões/países de destino da população migrante. 10.3. Caracterizar a população migrante. 10.4. Referir os fatores atrativos/repulsivos que influenciam as migrações. 10.5. Discutir a importância dos movimentos migratórios na redistribuição da população europeia e mundial.</p> <p>11.1. Caracterizar a evolução temporal da emigração em Portugal. 11.2. Localizar os principais destinos da emigração portuguesa. 11.3. Caracterizar a evolução da imigração em Portugal, referindo as principais origens dos imigrantes. 11.4. Caracterizar a situação atual de Portugal no contexto das migrações internacionais.</p>	<p>Identificar causas da tomada de decisão dos migrantes, a partir das características das áreas de partida e de chegada.</p> <p>Estudo de Caso – Trabalho de Grupo * O Mediterrâneo e os Refugiados na Europa – Principais consequências: económicas, sociais e culturais.*</p> <p>Debate sobre as consequências da imigração nos países europeus.</p> <p>Exploração de sites.</p>	<p>Avaliação das atividades e do Caderno de Atividades</p> <p>Registo contínuo do desempenho na sala de aula</p> <p>Avaliação das atividades e do Caderno de Atividades</p> <p>Avaliação formativa</p>



 <p>REPÚBLICA PORTUGUESA Educação</p>	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center">8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p align="center">Disciplina: Geografia</p>		<p>Nº de unid. letivas total: 68</p> <p>1º Período - 26</p> <p>2º Período - 24</p> <p>3º Período - 18</p>
<p><b>Cidades, principais áreas de fixação humana</b></p> <p>-8 tempos-</p>	<p>12. Compreender a origem e o crescimento das cidades</p>	<p>12.1. Referir critérios utilizados na definição de cidade.</p> <p>12.2. Referir fatores responsáveis pelo surgimento das cidades.</p> <p>12.3. Explicar os principais fatores de crescimento das cidades em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>12.4. Explicar o processo de formação de uma área metropolitana e de uma megalópoli, localizando as principais megalópoli, a nível mundial.</p> <p>12.5. Discutir as consequências do forte crescimento urbano em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>12.6. Mencionar possíveis soluções para os problemas das cidades.</p> <p>12.7. Discutir a importância das cidades sustentáveis.</p>	<p>Analisar plantas de cidades e/ou plantas funcionais construídas, para relacionar as diferentes formas de usos e de ocupações do solo com situações de conflito que daí possam emergir.</p>
<p>13. Compreender a organização morfofuncional das cidades</p>	<p>13.1. Distinguir função urbana de área funcional.</p> <p>13.2. Caracterizar as funções das cidades: residencial, comercial, industrial, político-administrativa, cultural, religiosa (...).</p> <p>13.3. Caracterizar as principais áreas funcionais das cidades.</p> <p>13.4. Relacionar o aparecimento de novas centralidades com o crescimento das cidades e a revitalização dos centros das cidades.</p> <p>13.5. Comparar planta irregular, planta radioconcentrica e planta ortogonal.</p> <p>13.6. Relacionar as diferentes plantas com a evolução ou o planeamento das cidades.</p>	<p>Comparação de plantas e mapas (para relacionar as diferentes formas de uso e ocupação do solo) de PD e PED.</p>	
<p>14. Compreender a inter-relação entre o espaço rural e o urbano</p>	<p>14.1. Descrever as diferenças entre modo de vida rural e modo de vida urbano.</p> <p>14.2. Explicar as relações de interdependência e complementaridade que se estabelecem entre o espaço rural e o espaço urbano.</p>		


	<b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b> 8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018 Disciplina: Geografia		 Nº de unid. letivas total: 68 1º Período - 26 2º Período - 24 3º Período - 18
<b>Diversidad e cultural</b> -2 tempos-	15. Compreender a importância dos fatores de identidade das populações no mundo contemporâneo	14.3. Discutir as potencialidades ambientais, sociais e económicas do espaço rural.  15.1. Discutir os conceitos de identidade territorial, cultura, etnia, língua, religião; técnicas, usos e costumes, aculturação, globalização, racismo, xenofobia e multiculturalismo. 15.2. Explicar de que forma a língua, a religião, a arte, os costumes, a organização social (...) são fatores de identidade cultural. 15.3. Relacionar o respeito dos direitos humanos com a construção de sociedades inclusivas. 15.4. Problematizar as consequências da globalização, tanto na unidade cultural como na afirmação da diversidade cultural mundial. 15.5. Refletir sobre a importância da construção de comunidades multiculturais inclusivas, mas também culturalmente heterogéneas, em diferentes territórios (país, cidade, escola).	Recolher informação sobre os espaços urbanos e rurais de Portugal e de outros países, utilizando atlas, livros, enciclopédias, Internet, ortofotomapas, fotografias, mapas e plantas, para comparar os modos de vida da população urbana e rural.  Exploração de documentos do manual.  Realizar debates para analisar e refletir sobre a diversidade cultural e as formas de coexistência dos diferentes grupos, num determinado território.  Exploração de filmes.  Estudar exemplos de casos concretos de Portugal, da Europa e do Mundo, para reconhecer a existência de populações com características diferentes, a partir da recolha de informação em atlas, livros, enciclopédias, filmes, videogramas, CD-Rom e Internet. (Complemento do trabalho de grupo em curso)  Análise de dados estatísticos. Análise de textos de imprensa. Identificar questões, sobre a diversidade do espaço português, europeu e mundial.

(continuação anexo 7)

	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center">8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p align="center">Disciplina: Geografia</p>			<p>Nº de unid. letivas total: 68</p> <p>1º Período – 26</p> <p>2º Período – 24</p> <p>3º Período – 18</p>
<p><b>Os recursos naturais</b></p> <p>-5 tempos-</p>	<p>16. Compreender a desigual distribuição dos recursos</p> <p>17. Compreender as relações entre a distribuição e o consumo dos diferentes tipos de recursos</p>	<p>16.1. Distinguir recursos renováveis de recursos não renováveis, recorrendo a exemplos.</p> <p>16.2. Explicar a importância dos diferentes tipos de recursos.</p> <p>16.3. Interpretar a distribuição mundial dos recursos naturais.</p> <p>17.1. Interpretar a relação entre a evolução da população e o consumo de recursos, numa perspetiva de desenvolvimento sustentável.</p> <p>17.2. Explicar as causas do aumento do consumo dos recursos.</p> <p>17.3. Discutir a relação entre áreas produtoras e consumidoras de recursos e o grau de desenvolvimento das mesmas.</p> <p>17.4. Explicar os impactos decorrentes da exploração dos recursos naturais.</p>	<p>Identificar as profissões dos familiares dos alunos da turma, e agrupá-los por setores de atividade.</p> <p>Elaboração/leitura de sectogramas.</p> <p>«Jogo de papéis» prós e contras da utilização dos recursos energéticos renováveis e não renováveis.</p> <p>Elaboração de quadro-síntese sobre os recursos naturais.</p>	<p>Diagnóstica</p> <p>Formativa</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Trabalho de pares</p> <p>Fichas de reforço</p> <p>Trabalho de grupo</p>
<p><b>A agricultura</b></p> <p>-5 tempos-</p>	<p>18. Compreender a repartição das atividades económicas em setores</p> <p>19. Conhecer e compreender os fatores que interferem na atividade agrícola</p> <p>20. Compreender as diferenças</p>	<p>18.1. Diferenciar os setores primário, secundário e terciário.</p> <p>18.2. Distinguir população ativa de população não ativa.</p> <p>18.3. Relacionar a evolução da distribuição da população ativa por setores de atividade em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>19.1. Referir os fatores físicos e humanos que condicionam a atividade agrícola.</p> <p>19.2. Explicar a influência de cada um dos fatores condicionantes da atividade agrícola.</p> <p>20.1. Distinguir: policultura de monocultura, rendimento de produtividade e agricultura extensiva de agricultura intensiva.</p>	<p>Análise de fotografias sobre agricultura tradicional e agricultura moderna.</p> <p>Exploração de vídeo/grama sobre práticas agrícolas.</p> <p>Interpretar planisférios para localizar áreas de: agricultura de mercado e de subsistência.</p> <p>Realização de um debate sobre</p>	<p>Fichas de remediação</p> <p>Trabalhos individuais</p> <p>Avaliação de</p>

(continuação anexo 7)

	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center">8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p align="center">Disciplina: Geografia</p>		<p align="right">Nº de unid. letivas total: 68</p> <p align="right">1º Período – 26 2º Período – 24 3º Período – 18</p>
<p>entre a agricultura tradicional e a agricultura moderna</p> <p>21. Compreender a existência de formas de produção agrícola sustentáveis</p> <p>22. Compreender a complexidade da agricultura em Portugal</p> <p>23. Compreender a importância da pecuária no mundo atual</p>	<p>20.2. Distinguir agricultura tradicional/subsistência de agricultura moderna/mercado, exemplificando com diferentes tipos.</p> <p>20.3. Localizar regiões onde predomine a agricultura tradicional e a agricultura moderna, à escala mundial.</p> <p>20.4. Relacionar o rendimento e a produtividade agrícola com o grau de desenvolvimento científico e tecnológico.</p> <p>20.5. Justificar as diferentes percentagens de população ativa agrícola em países com diferentes graus de desenvolvimento.</p> <p>20.6. Explicar as principais consequências da agricultura tradicional e da agricultura moderna.</p> <p>21.1. Caracterizar a agricultura biológica, identificando vantagens e desvantagens da sua utilização.</p> <p>21.2. Identificar outras formas de produção agrícola ambientalmente sustentáveis (biodinâmica, natural, permacultura...).</p> <p>22.1. Caracterizar os principais tipos de agricultura praticados em Portugal.</p> <p>22.2. Explicar os fatores físicos e humanos que condicionam a agricultura em Portugal.</p> <p>22.3. Discutir as potencialidades do espaço agrícola em Portugal.</p> <p>23.1. Distinguir criação de gado em regime extensivo e intensivo, identificando as principais vantagens e inconvenientes de cada um dos regimes de criação.</p> <p>23.2. Localizar as principais áreas de criação de gado em regime extensivo e intensivo, à escala mundial e nacional.</p> <p>23.3. Explicar a complementaridade da criação de gado em</p>	<p>vantagens e desvantagens da produção e consumo de transgénicos.</p> <p>Análise de textos/ mapas.</p> <p>Exercícios do manual escolar.</p> <p>Ficha de trabalho.</p> <p>Leitura e análise de artigos de imprensa.</p> <p>atividades do manual</p> <p>Avaliação de trabalho de grupo e/ou pares</p> <p>Participação oral</p> <p>Registo contínuo do desempenho na sala de aula</p> <p>Avaliação das atividades e do Caderno de Atividades</p>	

	<p align="center"><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p align="center"><b>8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</b></p> <p align="center"><b>Disciplina: Geografia</b></p>		<p align="center">Nº de unid. letivas total: 68</p> <p align="center">1º Período – 26 2º Período – 24 3º Período – 18</p>	
<p><b>A pesca</b> -4 tempos-</p>	<p>24. Compreender a importância do oceano como fonte de recursos e património natural</p> <p>25. Localizar as áreas oceánicas com maior potencial piscatório</p>	<p>relação à agricultura e à indústria.</p> <p>24.1. Explicar a importância do oceano como fonte de recursos, enfatizando os alimentares.</p> <p>24.2. Problematicar a importância da preservação ambiental dos oceanos.</p> <p>25.1. Referir os principais fatores físicos que condicionam a atividade piscatória.</p> <p>25.2. Caracterizar o relevo marinho: plataforma continental, talude, zona abissal.</p> <p>25.3. Localizar a plataforma continental e as correntes marítimas, relacionando-as com os recursos piscatórios.</p> <p>25.4. Relacionar a temperatura das águas com a quantidade e variedade de espécies.</p> <p>25.5. Localizar as principais áreas de pesca no mundo, enumerando as espécies capturadas com maior relevância.</p>	<p>Localizar as principais áreas piscatórias a nível mundial.</p> <p>Recolha e análise de notícias na imprensa diária.</p> <p>Pesquisa de informação na Internet orientada pelo professor.</p> <p>Visualização de documentários</p>	<p>Avaliação formativa</p> <p>Registo contínuo do desempenho na sala de aula</p> <p>Avaliação das atividades e do Caderno de Atividades</p> <p>Avaliação do trabalho de pesquisa individual</p>
<p>26. Compreender os diferentes tipos de pesca</p> <p>27. Conhecer as vantagens e desvantagens da aquacultura</p>	<p>26.1. Distinguir os diferentes tipos de pesca em função da localização, da permanência e dimensão das embarcações e tripulação.</p> <p>26.2. Discutir os impactos da atividade piscatória industrial.</p> <p>26.3. Discutir as soluções para os problemas de sustentabilidade das pescas.</p> <p>27.1. Definir aquacultura.</p> <p>27.2. Localizar as principais áreas produtoras de aquacultura.</p> <p>27.3. Referir as vantagens e as desvantagens da aquacultura.</p>	<p>Exploração do manual digital «As diferentes formas de praticar aquacultura».</p>	<p>Registo contínuo do desempenho na sala de aula</p>	

(continuação anexo 7)

	<p><b>PLANIFICAÇÃO A LONGO PRAZO</b></p> <p>8º Ano de Escolaridade - Ano Letivo de 2017/2018</p> <p>Disciplina: Geografia</p>		<p>Nº de unid. letivas total: 68</p> <p>1º Período - 26 2º Período - 24 3º Período - 18</p>
<p>28. Compreender a pesca em Portugal</p>	<p>28.1. Caracterizar os principais tipos de pesca praticados em Portugal. 28.2. Identificar fatores que condicionam a atividade piscatória em Portugal. 28.3. Refletir sobre a criação e ampliação da ZEE portuguesa e o seu potencial em termos piscatórios.</p>	<p>Pesquisa de informação sobre o alargamento da ZEE Portuguesa.</p>	<p>Avaliação das atividades e do Caderno de Atividades</p> <p>Avaliação do trabalho de pares</p> <p>Avaliação das atividades realizadas em sala de aula</p> <p>Avaliação do TPC</p>



(continuação anexo 8)

**Planificação Médio Prazo (para os conteúdos a lecionar em IPP III)**

2º Período (3 de Janeiro a 21 de Março de 2018)

Janeiro 2018							Fevereiro 2018							Março 2018						
2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	sáb.	dom.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	sáb.	dom.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	sáb.	dom.
1	2	3	4	5	6	7	5	6	7	8	9	10	11	5	6	7	8	9	10	11
8	9	10	11	12	13	14	12	13	14	15	16	17	18	12	13	14	15	16	17	18
15	16	17	18	19	20	21	19	20	21	22	23	24	25	19	20	21	22	23	24	25
22	23	24	25	26	27	28	26	27	28	26	27	28	29	30	31					
29	30	31																		

Lições asseguradas pelo mestre João Luís Magalhães  
 Lições asseguradas pelo professor José António Baptista

**Domínio:** População e Povoamento

Subdomínio	Objetivos Gerais	Ações estratégicas	Datas
Mobilidade da população	- Compreender as causas e as consequências das migrações - Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais - Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal	Apresentação em <i>PowerPoint</i> Projeção de vídeo Análise de dados estatísticos Exploração de gráficos e mapas Ficha de atividades Recolha e análise de notícias da imprensa Debate na turma Elaboração de quadro síntese	3 Jan. 10 Jan.
Diversidade cultural	- Compreender a importância dos fatores de identidade das populações no mundo contemporâneo	Apresentação em <i>PowerPoint</i> Projeção de vídeo Exploração de textos e imagens Fichas de atividade Pesquisa de informação na internet	17 Jan. 24 Jan.
Cidades, principais áreas de fixação humana	- Compreender a origem e o crescimento das cidades - Compreender a organização morfofuncional das cidades - Compreender a inter-relação entre o espaço rural e urbano	Apresentação em <i>PowerPoint</i> Projeção de vídeo Fichas de atividade Trabalho de campo Realização de inquéritos Levantamento funcional Visita de estudo Trabalho de grupo Pesquisa de informação na internet	7 Fev 28 Fev. 14 Mar. 21 Mar.
		<b>Momentos de avaliação:</b> 1º Teste 2º Período 2º Teste 3º Período <b>Atividades fora de sala de aula:</b> Trabalho de campo (Av. Igreja) e visita de estudo (Lisboa Story Centre)	31 Jan. 7 Mar. 21 Fev.



Anexo 9 – Horário da turma 8º1

08º01		EB - 3º Ciclo									
		Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta	
<b>1</b>	8:15 9:00	PORT3 S212		PORT3 S212		Mat S212				OfMul LI3	
<b>2</b>	9:00 9:45					Ing I S212		Fran II S212		TIC LI3	
<b>3</b>	10:00 10:45	Mat S212		Fran II S212		Geog S212		Hist S212		Mat S212	
<b>4</b>	10:45 11:30							PORT3 S212			
<b>5</b>	11:45 12:30	Hist S212		CFQ S212		CNat S212		EdFis EF4		CFQ. T1. LQ2 CNA T2 S115	
<b>6</b>	12:30 13:15							Ing I S212		CFQ. T2. LQ2 CNA T1 S115	
<b>7</b>	13:30 14:15										
<b>8</b>	14:30 15:15	FC S212						EdVis DES3			
<b>9</b>	15:15 16:00	EdFis EF3									
<b>10</b>	16:10 16:55										
<b>11</b>	16:55 17:40										
<b>12</b>	17:45 18:30										

Extraído de AERDL, [http://www.aerdl.eu/site/images/Doc\\_Agrupamento/abertura\\_ano/horar\\_rdl/17-18/h0801v2.pdf](http://www.aerdl.eu/site/images/Doc_Agrupamento/abertura_ano/horar_rdl/17-18/h0801v2.pdf)

### Anexo 10 – Tempos letivos referente aos conteúdos lecionados em IPP III

	<b>Duração (min.)</b>	<b>Subdomínios</b>	<b>Datas</b>
Ensino supervisionado	45 + 45	Mobilidade da População	3 Jan. 2018
	45 + 45	Mobilidade da População	10 Jan. 2018
	45 + 45	Diversidade Cultural	17 Jan. 2018
	45 + 45	Diversidade Cultural	24 Jan. 2018
	45 + 45 (teste)	Mobilidade da População; Diversidade Cultural	31 Jan. 2018
	45 (entrega, correção de teste)	Mobilidade da População; Diversidade Cultural	7 Fev. 2018
	45	Cidades, principais áreas de fixação humana	
	45 + 45 (trabalho de campo) (visita de estudo)	Cidades, principais áreas de fixação humana	21 Fev. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	28 Fev. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	7 Mar. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	14 Mar. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	21 Mar. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	11 Abr. 2018
	45 + 45	Cidades, principais áreas de fixação humana	18 Abr. 2018
	45 + 45 (teste)	Cidades, principais áreas de fixação humana	2 Mai. 2018
	45 (entrega, correção de teste)	Cidades, principais áreas de fixação humana	23 Mai. 2018

## Anexo 11 - Análise ao manual escolar

De acordo como as recomendações da UNESCO (citado em Cachinho, 2015), os manuais escolares devem responder, no essencial, a quatro funções distintas: i) estarem de acordo com o programa oficial; ii) serem um bom instrumento de trabalho para o professor, seja na planificação da prática pedagógica, seja para trabalhar na sala de aula com os alunos; iii) constituírem um espaço de excelência para a aprendizagem dos alunos; iv) serem um recurso didático imprescindível em sala de aula. Assim, os critérios de avaliação, nos quadros seguir discriminados, estão baseados nos fundamentos estudados na unidade curricular de “Didática da Geografia”.

1. RELAÇÃO PROGRAMA – MANUAL	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. CONFORMIDADE					5	perfeita conformidade
2. LACUNAS					5	não se deteta lacunas
3. COMPLEMENTARIDADE					5	importante informação extra
4. ESTRATÉGIA					5	diversidade de estratégias
5. INTERDISCIPLINARIDADE				4		eventualmente poderia ter mais
6. MANUAL - PROFESSOR					5	excelente

Parâmetros de avaliação em relação ao manual com programa de Geografia

2. PLANO DO MANUAL	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. PLANO DE CONJUNTO					5	índice e organigrama excelente
2. MODO DE UTILIZAÇÃO					5	muito intuitivo
3. ACTIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO					5	completo e motivador
4. EQUILÍBRIO				4		o equilíbrio é sempre subjetivo
5. ITINERÁRIOS				4		é subjetivo

Parâmetros de avaliação em relação ao plano geral do manual

3. CONTEÚDOS DO MANUAL	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. OBJECTIVOS					5	organização muito funcional
2. CIENTIFICIDADE					5	rigoroso cientificamente
3. TRANSPARÊNCIA					5	vocabulário correto e acessível
4. DIVERSIDADE					5	excelente
5. CLAREZA				4		é subjetivo
6. DESENVOLVIMENTO					5	permite desenvolver cada tema

Parâmetros de avaliação em relação aos conteúdos

(continuação anexo 11)

4. QUALIDADE PEDAGÓGICA	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. ESPAÇO-TEMPO					5	enquadramentos bem cuidado
2. PLURALISMO						(não se coloca)
3. IMAGENS					5	excelente
4. TEXTO-IMAGEM					5	articulação excelente
5. MANUAL-REVISTA					5	funções além dos conteúdos
6. MÉTODO					5	incentiva diferentes métodos

Parâmetros de avaliação em relação à qualidade pedagógica





5. QUALIDADE TÉCNICA	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. CAPA				4		é subjetivo
2. TIPOGRAFIA					5	adaptado ao contexto escolar
3. AREJAMENTO					5	bastante harmonioso
4. SOLIDEZ					5	robusto
5. PREÇO				4		dentro da média de mercado
6. OBJECTO-INSTRUMENTO					5	excelente

Parâmetros de avaliação em relação à qualidade técnica


6. FUNCIONALIDADE	Níveis de satisfação					Apreciação global
	1	2	3	4	5	
1. SALA DE AULA					5	funcional em diferentes contextos
2. REFERÊNCIAS					5	sugere fontes de investigação
3. RESUMO					5	útil e bem elaborados
4. AUTONOMIA					5	intuitivo
5. MANUAL-ALUNO					5	promove a exigência
6. MOTIVAÇÃO					5	motivador

Parâmetros de avaliação em relação à sua funcionalidade



## Anexo 12 – Plano da atividade para autorização da direção

 <b>REPÚBLICA PORTUGUESA</b> <small>educação</small>		<b>VISITAS DE ESTUDO</b>			
				Data: <u>21 / Fevereiro / 2018</u>	
Destino/ Local: - <u>Av. da Igreja (Alvalade – Lisboa) e Lisboa Story Centre (Terreiro do Paço – Lisboa)</u>					
Hora prevista de: <u>Partida 09h00m</u>		Chegada <u>17h30m</u>			
Ano(s)/Turmas(s) - <u>8º1</u> Nº de alunos por turma - <u>30</u>					
Número de alunos com ASE: Escalão A <input type="checkbox"/>		Escalão B <input type="checkbox"/>			
Objetivos da visita - <u>Compreender a origem e o crescimento das cidades; compreender a organização morfofuncional das cidades.</u>					
Professor Responsável <u>José António Baptista</u>			Professor(es) acompanhante(s): <u>Teresa Ribetiro</u>		
Contacto (telefone) - <u>918456386</u>					
Plano Anual de Atividades: Visita Prevista <input checked="" type="checkbox"/> Não prevista <input type="checkbox"/>			Parecer da Direção:		
<p><b>Nota:</b> Na Direção deve ser entregue: <u>lista dos alunos participantes na Visita de Estudo, cópia do documento enviado aos EEs, guião de exploração do (s) local (ais) a visitar e Plano de Ocupação dos alunos não abrangidos pela visita.</u></p>					
 <b>REPÚBLICA PORTUGUESA</b> <small>educação</small>					
<p><b><u>Plano de ocupação dos alunos não abrangidos pela visita</u></b></p>					
<p>Os alunos do 8º1 que não participem nas atividades previstas em trabalho de campo/visita de estudo do dia 21 de fevereiro de 2018 à Av. da Igreja (Alvalade - Lisboa) e Lisboa Story Centre (Terreiro do Paço - Lisboa) no âmbito da disciplina de Geografia sobre o tema “As cidades: principais áreas de fixação humana”, devem realizar as fichas de trabalho nº 18,19, 20 e 21, do caderno de atividades Geodiversidades8.</p>					

## Anexo 13 – Formulário marcação de visita ao Lisboa Story Centre

																					
<b>FORMULÁRIO – Reserva de visitas ao Lisboa Story Centre</b>																					
Após preenchido, envie ao cuidado do Serviço Educativo para <a href="mailto:ssilva@lisboastorycentre.pt">ssilva@lisboastorycentre.pt</a> . A marcação será confirmada até dois dias úteis. Se preferir faça a reserva através do 91 644 08 27 ou 21 194 10 27.																					
Dia/Mês/Ano e Hora	21/Fevereiro/2018 10 h 00m																				
Entidade que promove a visita	Escola Secundária Rainha Dona Leonor																				
Proveniência – país	Portugal																				
Proveniência – concelho	Lisboa																				
Número de visitantes + acompanhantes	30 + 3																				
Faixa etária dos visitantes	13 a 15 anos																				
Nome do responsável	José António Baptista																				
Telemóvel do responsável	918436386																				
E-mail do responsável	J.baptista @ esrdLeu																				
Grupo escolar / Outro	(assinale a opção) (assinale a opção)																				
Nível de ensino	<table border="1"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Pré-escolar</td> <td><input checked="" type="checkbox"/> 3.º Ciclo do Ensino Básico</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Pré-escolar</td> <td><input type="checkbox"/> 7.º ano</td> </tr> <tr> <td><input checked="" type="checkbox"/> 1.º Ciclo do Ensino Básico</td> <td><input checked="" type="checkbox"/> 8.º ano</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 1.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> 9.º ano</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 2.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> Ensino Secundário</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 3.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> 10.º ano</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 4.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> 11.º ano</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 2.º Ciclo do Ensino Básico</td> <td><input type="checkbox"/> 12.º ano</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 5.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> Curso EFA</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 6.º ano</td> <td><input type="checkbox"/> Outro</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/> Pré-escolar	<input checked="" type="checkbox"/> 3.º Ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/> Pré-escolar	<input type="checkbox"/> 7.º ano	<input checked="" type="checkbox"/> 1.º Ciclo do Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 8.º ano	<input type="checkbox"/> 1.º ano	<input type="checkbox"/> 9.º ano	<input type="checkbox"/> 2.º ano	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário	<input type="checkbox"/> 3.º ano	<input type="checkbox"/> 10.º ano	<input type="checkbox"/> 4.º ano	<input type="checkbox"/> 11.º ano	<input type="checkbox"/> 2.º Ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 12.º ano	<input type="checkbox"/> 5.º ano	<input type="checkbox"/> Curso EFA	<input type="checkbox"/> 6.º ano	<input type="checkbox"/> Outro
	<input type="checkbox"/> Pré-escolar	<input checked="" type="checkbox"/> 3.º Ciclo do Ensino Básico																			
	<input type="checkbox"/> Pré-escolar	<input type="checkbox"/> 7.º ano																			
	<input checked="" type="checkbox"/> 1.º Ciclo do Ensino Básico	<input checked="" type="checkbox"/> 8.º ano																			
	<input type="checkbox"/> 1.º ano	<input type="checkbox"/> 9.º ano																			
	<input type="checkbox"/> 2.º ano	<input type="checkbox"/> Ensino Secundário																			
	<input type="checkbox"/> 3.º ano	<input type="checkbox"/> 10.º ano																			
	<input type="checkbox"/> 4.º ano	<input type="checkbox"/> 11.º ano																			
	<input type="checkbox"/> 2.º Ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/> 12.º ano																			
	<input type="checkbox"/> 5.º ano	<input type="checkbox"/> Curso EFA																			
	<input type="checkbox"/> 6.º ano	<input type="checkbox"/> Outro																			
	Ensino Superior	<table border="1"> <tr> <td><input type="checkbox"/> CEF</td> <td><input type="checkbox"/> 2.º Ciclo</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> 1.º Ciclo</td> <td><input type="checkbox"/> 3.º Ciclo</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/> CEF	<input type="checkbox"/> 2.º Ciclo	<input type="checkbox"/> 1.º Ciclo	<input type="checkbox"/> 3.º Ciclo															
<input type="checkbox"/> CEF	<input type="checkbox"/> 2.º Ciclo																				
<input type="checkbox"/> 1.º Ciclo	<input type="checkbox"/> 3.º Ciclo																				
Disciplina(s) que promove(m) a visita	Geografia																				
Curso que promove a visita																					
Observações/Questões	Esta atividade insere-se no âmbito da disciplina de Geografia do 8º ano, com objetivos de abordar a origem e o crescimento das cidades bem como a organização morfofuncional das cidades.																				
Assinale os idiomas pretendidos no áudioguia (a utilização deste equipamento está contemplada no valor do ingresso).	<table border="1"> <tr> <td><input checked="" type="checkbox"/> Português</td> <td><input type="checkbox"/> Castelhana</td> <td><input type="checkbox"/> Alemão</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Italiano</td> <td><input type="checkbox"/> Francês</td> <td><input type="checkbox"/> Japonês</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Mandarim</td> <td><input type="checkbox"/> Inglês</td> <td><input type="checkbox"/> Russo</td> </tr> <tr> <td colspan="3"><input type="checkbox"/> Português (versão infantil)</td> </tr> </table>	<input checked="" type="checkbox"/> Português	<input type="checkbox"/> Castelhana	<input type="checkbox"/> Alemão	<input type="checkbox"/> Italiano	<input type="checkbox"/> Francês	<input type="checkbox"/> Japonês	<input type="checkbox"/> Mandarim	<input type="checkbox"/> Inglês	<input type="checkbox"/> Russo	<input type="checkbox"/> Português (versão infantil)										
	<input checked="" type="checkbox"/> Português	<input type="checkbox"/> Castelhana	<input type="checkbox"/> Alemão																		
	<input type="checkbox"/> Italiano	<input type="checkbox"/> Francês	<input type="checkbox"/> Japonês																		
	<input type="checkbox"/> Mandarim	<input type="checkbox"/> Inglês	<input type="checkbox"/> Russo																		
<input type="checkbox"/> Português (versão infantil)																					
<p>Serviço Educativo * Lisboa Story Centre - Terreiro do Paço N.º 78-81, 1100-148 LISBOA            Tlrx: +351 91 644 08 27 * Tel.: +351 21 194 10 27 * Fax: +351 21 115 32 80 * Email: <a href="mailto:ssilva@lisboastorycentre.pt">ssilva@lisboastorycentre.pt</a></p>																					

## Anexo 14 – Ficha de autorização para encarregados de educação

 <b>REPÚBLICA PORTUGUESA</b> EDUCAÇÃO	 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
<b>Informação da visita de estudo aos Encarregados de Educação</b>	
Exmo(a) Encarregado(a) de Educação de _____ Aluno(a) nº _____ do 8º ano da turma 1. Informo que no(s) dia(s) <u>21 de Fevereiro de 2018</u> se realiza uma visita de estudo à <u>Av. da Igreja (Alvalade – Lisboa) e Lisboa Story Centre (Terreiro do Paço – Lisboa)</u> , enquadrada pela(s) disciplina(s) de <u>Geografia</u> para o que solicito a sua autorização.	
<b>Dados da visita:</b>	
-Hora de início: <u>09h00m</u> - Hora de fim: <u>17h30m</u> Custo da visita: <u>2,50€ + 2 viagens de metro (ida e volta)</u>	
Observações: <u>Interrupção da atividade na ESRDL para almoço livre entre as 12h30m e as 14h00m</u>	
O(A) aluno(a) deverá comparecer:	
<input checked="" type="checkbox"/> na escola, deslocando-se ida e volta com os professores acompanhantes.	
<input type="checkbox"/> no ponto de encontro _____, deslocando-se ida e volta pelos seus próprios meios.	
O/A Professor/a de <u>Geografia</u> : _____	
Autorizo/ Não Autorizo o meu /a minha educando(a) _____ do Ano/Turma <u>8º1</u> a participar na visita de estudo do dia <u>21 de fevereiro de 2018</u> , responsabilizando-me pelo seu comportamento.	
O Encarregado de Educação	
_____/_____/2018	

## Anexo 15 – Plano para aula 1

<b>Piano para aula 1</b>		
Estabelecimento: Esc. Sec. Rainha D. Leonor	Turma: 8º1	Sala: 212
Data: 7/Fev./2018		Horário: 10h00m / 11h30m
Mestrando: José Luís Magalhães Professor cooperante: José António Baptista		
Dominio:	Subdomínio:	Objetivos gerais:
População e Povoamento	Cidades, principais áreas de fixação humana.	
<b>Aprendizagens anteriores neste Dominio:</b> Evolução da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b>		
<b>Recursos:</b> Computador; Projetor; Apresentação em PowerPoint; Manual; Quadro.		
<b>Conceitos:</b> Povoamento rural e urbano; Funções urbanas; Área Funcional.		
<b>Sumário (lição 35 e 36):</b> Entrega e correção do teste. Preparação e considerações sobre trabalho de campo e visita de estudo a realizar na próxima aula.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)	<b>tempo (min.)</b>	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Marcar início da aula. Apresentação do sumário, com apresentação em <i>PowerPoint</i> . Este recurso servirá para projeção das imagens e textos dando suporte a todo o desenrolar da aula.	05	Consciencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula.
Recordar aprendizagens. Entrega e correção do teste.	10	Acompanham a correção do teste. Identificam e esclarecem dúvidas.
Envolver os alunos. Projeção do pré-guião e de exemplos de trabalhos já para explicação passo a passo dos objetivos e tarefas a realizar em trabalho de campo. Identificar possíveis questões de investigação e preparar questionário com o contributo dos alunos na formulação das perguntas (parte deste trabalho a ser completado como trabalho de casa e em grupo nas aulas de TIC).	45	Acompanham a apresentação. Desenvolvem o pensamento na formulação de questões geográficas.
Enquadrar a visita de estudo ao Lisboa Story Centre e a sua contribuição para a compreensão da origem e o crescimento das cidades, bem como na compreensão da organização morfofuncional das cidades e identificar os problemas urbanos no espaço e no tempo (principalmente no caso concreto da cidade de Lisboa).	75	Consciencializa-se para o empenho nas tarefas. Apresentam e vêm esclarecidas dúvidas.
Preparar final de aula. Comentar a importância de se explorar antecipadamente o manual nas páginas correspondentes a estes conteúdos. Recolha das autorizações dos encarregados de educação. Vincar a importância de um trabalho rigoroso e aferir sobre alguma questão que tenha ficado menos bem esclarecida.	90	Saída.
<b>Avaliação:</b>		<b>Observações:</b> Correção do teste da responsabilidade do Professor cooperante.



## Anexo 16 – Pré-guião



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º 1  
Geografia  
Fevereiro de 2018

Organização:

José Luís Magalhães

José António Baptista

### Trabalho de Campo



### Levantamento Funcional e Problemas Urbanos

Como em quase tudo na vida, o sucesso de qualquer atividade depende em grande parte de uma boa preparação. Assumindo este pressuposto, vamos ter de nos preparar convenientemente, tendo em conta alguns aspetos da maior importância.

Esta experiência de observação *in loco* tem como objetivo fazer o levantamento das atividades exercidas e identificar problemas urbanos, adotando a metodologia de trabalho de campo em Geografia. Para alcançar este objetivo torna-se necessário que esta unidade funcional da cidade seja observada e interpretada através de uma perspetiva geográfica. Caracterizar o que se observa, recolher informação e proceder à sua análise compreensiva.

(continuação anexo 16)



#### Quando vamos?

Os trabalhos terão início no dia 21 de Fevereiro de 2018, com saída da Escola Secundária Rainha Dona Leonor pelas 9h00m e chegada prevista pelas 17h30m (interrompendo a atividade para almoço entre as 12h30m e as 14h00m)

Não esquecer o preenchimento da autorização para participação na atividade pelo encarregado de educação.

#### Para onde vamos?



A nossa área de estudo será a Avenida da Igreja, freguesia de Alvalade em Lisboa.

#### Que informação devemos previamente conhecer?

A área em estudo corresponde a pertence a um sector urbanístico da cidade, aprovado em 1945, espacializando conceitos como a unidade de vizinhança, a distância habitação escola, conjugação de várias tipologias (casas de renda económica, de renda limitada, moradias, blocos, etc.), organizado num modelo urbanístico articulado, funcional e diversificado (incluindo alojamentos, equipamentos coletivos, espaços comerciais, espaços industriais, zonas verdes, etc.).

Devemos então iniciar com alguma pesquisa sobre a matéria para nos inteirarmos das questões que vamos trabalhar. Para tal, é essencial a leitura do manual Geodiversidades 8 (pp80-107) e resolver as fichas de trabalho do caderno de atividades da n° 18 à n°23.

(continuação anexo 16)



#### **O que é suposto fazermos?**

Fora da sala de aula a recolha de informação pode ser feita de varias formas e é fundamental que seja efetuado. Desenhar um esboço, anotar informações, registo fotográfico, efetuar inquéritos. Todo o trabalho a realizar será em grupos de 4 a 5 elementos.

Sendo o nosso foco os problemas urbanos, é agora hora de pensar em algumas perguntas para construir um pequeno inquérito sobre as questões de investigação que queremos apresentar. Qual o problema urbano que queremos investigar e aferir a sua existência ou grau de gravidade? Os preços? Os serviços? Porquê as pessoas fazem as suas compras neste setor da cidade e não noutro? Quais as perguntas que temos de fazer para obtermos as respostas que precisamos (ex. satisfação ou insatisfação face a...), etc...(devem enviar as perguntas por email para [jlmagalhaes@campus.ul.pt](mailto:jlmagalhaes@campus.ul.pt) até ao dia 16 de Fevereiro afim de se poder preparar uma grelha com o inquérito).

#### **O que precisamos levar para fazer um bom trabalho?**

É da nossa responsabilidade observar de forma exploratória à área de estudo e fazer os devidos registo. É absolutamente incontornável levar o seguinte material: guião da visita; bloco de notas; caneta; lápis (alguns lápis de cor podem ser muito uteis); régua com +/- 15 cm; maquina fotográfica (ou telemóvel com camara).

#### **Quais os objetivos?**

Para além de proporcionar momentos de convivência, sentido de camaradagem e cooperação, pretende-se por este meio abordar os conteúdos do programa de Geografia do 8º ano referente ao tema "As Cidades: principais áreas de fixação humana" em contexto real. Fora do ambiente de sala de aula vamos enriquecer o nosso conhecimento pelo contacto direto com a realidade, vamos desenvolver o espírito de investigação com recolha de dados e análise crítica, vamos processar a informação recolhida em ligação interdisciplinar com a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação.

#### **Considerações**

- Ter em atenção e respeitar as orientações dos docentes;
- Ter sempre bom humor e espirito participativo;
- Proibido o uso de fones nos ouvidos durante toda a atividade;
- Em qualquer lugar que visitemos, só fica o nosso agradecimento...

(continuação anexo 16)



**Fontes de informação**

Geodiversidades Geo+ (pp. 48-49)

Geodiversidades S (pp. 80-107)

Lisboa. Quatro estudos de caso Sta. Catarina, Alvalade, Benfica e Expo Sul (pp. 69-77) em: [http://www.cm-](http://www.cm-lisboa.pt/FilesAdmin/UTVER/Urbanismo/urbanismo/livros/lac.pdf)

[lisboa.pt/FilesAdmin/UTVER/Urbanismo/urbanismo/livros/lac.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/FilesAdmin/UTVER/Urbanismo/urbanismo/livros/lac.pdf)

Diagnostico Socio-urbanistico da cidade de Lisboa em: [\[lisboa.pt/FilesAdmin/UTVER/Urbanismo/urbanismo/livros/41d.pdf\]\(http://www.cm-lisboa.pt/FilesAdmin/UTVER/Urbanismo/urbanismo/livros/41d.pdf\)](http://www.cm-</a></p></div><div data-bbox=)

Diagnostico Social de Lisboa em: <http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1245064061D0aCC1bx8Iv10DT8.pdf>

Junta de Freguesia de Alvalade - <http://www.if-alvalade.pt/>

Câmara Municipal de Lisboa - <http://www.cm-lisboa.pt/>

## Anexo 17 – Recurso aula nº1 (descodificação de pré-guião)

Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º 1  
Geografia  
Fevereiro de 2018

José Luís Magalhães

### Trabalho de Campo



### Levantamento Funcional e Problemas Urbanos

#### Quais os objetivos?

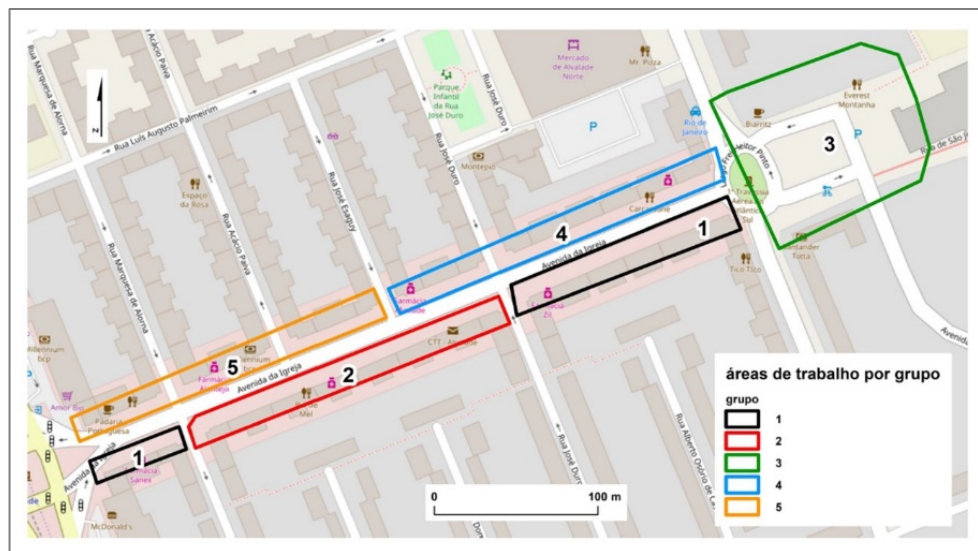
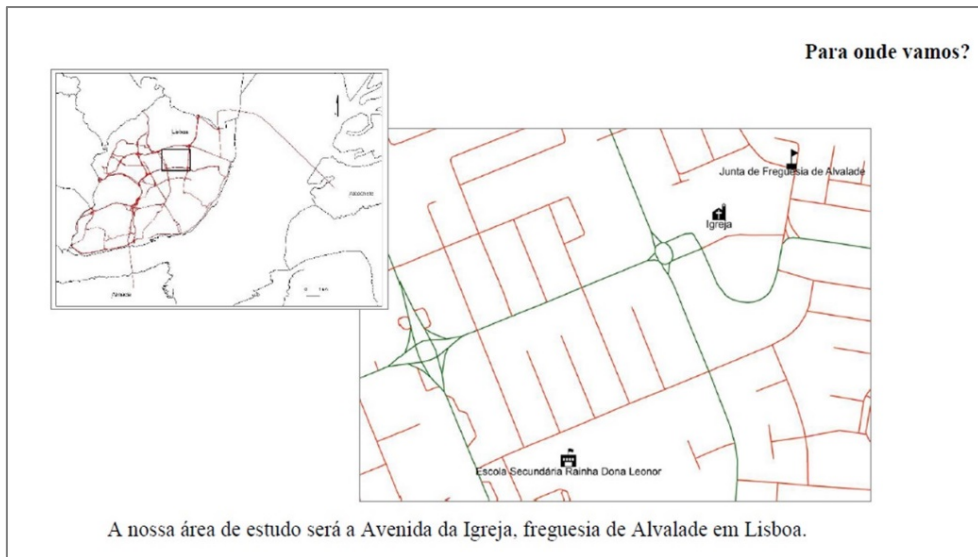
Para além de proporcionar momentos de convivência, sentido de camaradagem e cooperação, pretende-se por este meio abordar os conteúdos do programa de Geografia do 8º ano referente ao tema “As Cidades: principais áreas de fixação humana” em contexto real. Fora do ambiente de sala de aula vamos enriquecer o nosso conhecimento pelo contacto direto com a realidade, vamos desenvolver o espírito de investigação com recolha de dados e análise crítica, vamos processar a informação recolhida em ligação interdisciplinar com a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação.

#### Quando ?

Os trabalhos terão início no dia 21 de Fevereiro de 2018, com saída da Escola Secundária Rainha Dona Leonor pelas 9h00m e chegada prevista pelas 17h30m (interrompendo a atividade para almoço entre as 12h30m e as 14h00m)

Não esquecer o preenchimento da autorização para participação na atividade pelo encarregado de educação.

(continuação anexo 17)



(continuação anexo 17)

#### Que informação devemos previamente conhecer?

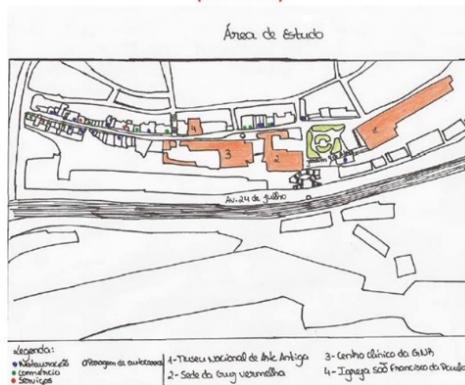
Devemos então iniciar com alguma pesquisa sobre a matéria para nos inteirmos das questões que vamos trabalhar. Para tal, é essencial a leitura do manual Geodiversidades 8 (pp80-107) e resolver as fichas de trabalho do caderno de atividades da nº 18 à nº23.

#### O que é suposto fazermos?

Fora da sala de aula a recolha de informação pode ser feita de varias formas e é fundamental que seja efetuado. Desenhar um esboço, anotar informações, registo fotográfico, efetuar inquéritos. Todo o trabalho a realizar será em grupos de 4 a 5 elementos.

Sendo o nosso foco os problemas urbanos, é agora hora de pensar em algumas perguntas para construir um pequeno inquérito sobre as questões de investigação que queremos apresentar. Qual o problema urbano que queremos investigar e aferir a sua existência ou grau de gravidade? Os preços? Os serviços? Porquê as pessoas fazem as suas compras neste setor da cidade e não noutro? Quais as perguntas que temos de fazer para obtermos as respostas que precisamos (ex. satisfação ou insatisfação face a...), etc...(devem enviar as perguntas por email para jlmagalhaes@campus.ul.pt até ao dia 16 de Fevereiro afim de se poder preparar uma grelha com o inquérito).

#### Levantamento Planta Funcional (EXEMPLO)



#### 1 ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS

Talhos; mercearias; congelados; padarias; peixaria; etc...

#### 2 VESTUÁRIO, CALÇADO E ACESSÓRIOS

Pronto a vestir; sapatarias; retrosaria; malas; etc...

#### 3 ARTIGOS PARA O LAR

Móveis; eletrodomésticos; bazares; ferragens; casa e jardim; etc...

#### 4 CULTURA E LAZER

Agencias de viagem; livrarias; salão de jogos; cinema; etc...

#### 5 SAÚDE E BELEZA

Perfumarias; farmácias; consultórios; clinicas; etc...

6 outros....

(continuação anexo 17)

**Questionário  
(EXEMPLO)**

We are six sixth formers studying AS-level Geography at Sneed School. We are researching the changes in shopping behaviour in recent years. Could you spare a few minutes to help us to explore this issue by considering the following questions?

- 1 What is the name of the town centre/retail park where you typically go for most of your shopping needs? .....
- 2 What is your main mode of transport when visiting the above place? Tick the box  
 Car  Public transport  Taxi  Bicycle/motorbike  On foot
- 3 What attracts you most to this shopping area? Please rank the most influential reasons by placing a (1) for the most important, etc.
  - a  Close to home/work
  - b  Accessible in terms of public transport (including frequency)
  - c  Convenience of car parking (space availability, cost, proximity to shops, security)
  - d  Quality and range of shops (including competitive pricing)
  - e  All weather shopping under one roof, i.e. shopping centres, arcades and malls
  - f  Personal security – you perceive it to be a low risk environment
  - g  Facilities/amenities, e.g. clean toilets, play areas, provision for disabled, food outlets
  - h  Pleasing environment for shopping (landscaping, music, displays, pedestrianised zone, etc.)
  - i Other .....
- 4 Is there any one particular shop or feature which stands out and draws in people like you?  
 Yes  No If Yes, please state .....

Statement	Strongly disagree (1)	Disagree (2)	Unsure/ don't know (3)	Agree (4)	Strongly agree (5)
1 Shopping areas are now more consumer-friendly					
2 Shopping represents better value for money than in the past					
3 There is now less stress in shopping					
4 Shopping can now be a leisure experience in itself					
5 Shopping areas are safer than they used to be					

Thank you for answering these questions and happy shopping.

Age:  Teenager  20-40 years  41+ retirement  Senior citizen  
Gender:  male  female Type: .....

(Divorces appearance, e.g. physically disabled, mother and children, ethnic minority, punk)  
Note: You should complete the bottom sections discreetly.

Extraição de: Holmes and Farbrother, 2000

### O que precisamos levar para fazer um bom trabalho?

É da nossa responsabilidade observar de forma exploratória à área de estudo e fazer os devidos registo. É absolutamente incontornável levar o seguinte material: guião da visita; bloco de notas; caneta; lápis (alguns lápis de cor podem ser muito uteis); régua com +/- 15 cm; maquina fotográfica (ou telemóvel com camara).

### Considerações

Ter em atenção e respeitar as orientações dos docentes;

Ter sempre bom humor e espírito participativo;

Proibido o uso de fones nos ouvidos durante toda a atividade;

Em qualquer lugar que visitemos, só fica o nosso agradecimento...



(continuação anexo 17)

Este membro da equipa:	Avalie-se a si mesmo	Membro da equipa	Membro da equipa	Membro da equipa	Membro da equipa	Membro da equipa
		Nome	Nome	Nome	Nome	Nome
1. Foi sempre claro e disciplinado	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
2. Respeitou sempre s compromissos acordados	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
3. Cumpriu sempre as tarefas no tempo fixado	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
4. Estabeleceu uma excelente interacção com o grupo favorável ao desenvolvimento do trabalho	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
5. Foi sempre cordial comigo ao longo do trabalho	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
6. Teve sempre uma atitude positiva perante o trabalho	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
7. Informou sempre a equipa quando não podia realizar as tarefas no tempo fixado	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
8. Crou em mim a vontade de querer voltar a trabalhar com ele	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
9. Era um líder, não um mero seguidor dos restantes membros da equipa	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
10. Teve um desempenho que excedeu as minhas expectativas	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7

## Anexo 18 – Perguntas propostas pelos alunos

para eu ▾

1. Acha que existe poluição sonora, nesta avenida?
2. Pensa que existe diversidade de lojas, nesta avenida?
3. Prefere a cidade ou o campo?

para eu ▾

[REDACTED]

- 1ª Pergunta: Classifique o preço qualidade do mercado do bairro.
- 2ª Pergunta: Costuma fazer as suas compras neste setor da cidade ou noutro?
- 3ª Pergunta: Acha que a população está bem servida de serviços públicos?
- 4ª Pergunta: Gosta de viver aqui? Se sim/não porquê?

para eu ▾

Bom dia,

Venho por este meio informar que as perguntas são as seguintes:

- Gosta de habitar neste local? Se não porquê?
- Acha que em geral os preços destas lojas são razoáveis?
- Porque é que faz as suas compras aqui?
- Trabalha nesta zona? Se sim gosta de o fazer?

para eu ▾

[REDACTED]

Perguntas:

- O que acha dos preços da x loja?
- Qual seria o preço indicado para esse produto?
- Acha que o atendimento dos funcionários é correto?

para eu ▾

Bom dia, aqui estão as perguntas do questionário.

- 1-Á quanto tempo a sua loja está aberta?
- 2-Gosta de viver nesta zona? se sim porquê?
- 3-Que tipo de produtos vende?
- 4-Qual o horário do estabelecimento?
- 5-Porque escolheu esta zona para venda?
- 6-É uma zona muito movimentada ou não?
- 7-Costuma ter muitos clientes?

para eu ▾

Bom dia professor, s [REDACTED]°.

As minhas perguntas são:

- " Neste momento, preferia viver no campo ou na cidade?"
- "Acha que Lisboa é uma cidade com potencia a nível social, por exemplo, escolas, hospitais ets?"
- "Acha que há falta de espaços verdes em lisboa?"
- "Acha que em lisboa, os transportes públicos funcionam relativamente bem?"
- "Acha que a baixa de lisboa é um local de fácil acesso?"
- "Acha que alvalade é um bairro independente, principalmente a av. Da igreja, isto é, que não e preciso sair do bairro para ir fazer compras ou lazer?"

## Anexo 19 – Plano para aula 2

<b>Plano para aula 2</b>		
<u>Estabelecimento:</u> Esc. Sec. Rainha D. Leonor	<u>Turma:</u> 8º1	<u>Horário:</u> 10h00m / 11h30m
		<u>Sala:</u> 212
<u>Data:</u> 21/Fev./2018		
<u>Mestrando:</u> José Luis Magalhães Professor cooperante: José António Baptista		
<b>Domínio:</b> População e Povoamento	<b>Subdomínio:</b> Cidades, principais áreas de fixação humana.	<b>Objetivos gerais:</b>
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b>		
<b>Recursos:</b> Guião de trabalho de campo.		
<b>Conceitos:</b> Funções urbanas; Planta funcional; Problemas urbanos.		
<b>Sumário (lição 37 e 38):</b> Trabalho de campo e visita de estudo.		
<p><u>Organizar a turma.</u> <u>Receção dos alunos em sala de aula.</u> <u>Organização dos grupos.</u> <u>Entrega dos guiões de trabalho.</u></p> <p><u>Marcar início dos trabalhos.</u> <u>Saída em grupos em direção Av. Igreja.</u></p> <p><u>Envolver os alunos.</u> <u>Trabalho de campo (levantamento funcional, realizar inquéritos, registo fotográfico).</u></p> <p><u>Gerar bom ambiente.</u> <u>Intervalo para almoço.</u></p> <p><u>Envolver os alunos.</u> <u>Visita de estudo ao Lisboa Story Centre.</u></p>	tempo (min.)	<p style="text-align: center;"><b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)</p> <p style="text-align: center;"><b>Realizam trabalho de campo, recolhem informação.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Visualizam material audiovisual sobre o crescimento urbano e os problemas urbanos associados.</b></p>
<b>Avaliação:</b>		<b>Observações:</b>

## Anexo 20 – Guião de trabalho de campo e visita de estudo



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º 1  
Geografia  
21 de Fevereiro de 2018

Organização:

José Luís Magalhães

José António Baptista

### Trabalho de Campo e Visita de Estudo



### Levantamento Funcional e Problemas Urbanos

Esta experiência de observação *in loco* tem como objetivo fazer o levantamento das atividades económicas presentes no bairro de Alvalade e identificar problemas, adotando a metodologia de trabalho de campo em Geografia. Para alcançar este objetivo torna-se necessário que esta área da cidade seja observada e interpretada através de uma perspetiva geográfica. Caracterizar o que se observa, recolher informação e proceder à sua análise compreensiva.

Este guião pertence ao grupo nº\_\_\_\_, constituído pelos elementos:

nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

(continuação anexo 20)

<b>Participantes</b>			
Alunos	contacto	Alunos	contacto
1 A		16	
2 A		17	
3 C		18	
4 C		19	
5 C		20	
6 F	to	21	
7 C		22	
8 C		23	
9 F		24	
10		25	
11		26	
12		27	
13		28	
14		29	
15		30	

Docentes	Contacto
José Luís Magalhães	
José António Baptista	
Teresa Ribeiro	
Daniela Silva	
Tiago Fidalgo	

**PROGRAMA**

10h00m Concentração ESRDL (sala 212)	14h00m Concentração ESRDL (junto à entrada)
10h20m Saída direção Av. da Igreja	14h10m Saída direção Lisboa Story Centre
10h30m Av. da Igreja, início dos trabalhos	15h00m Visita Lisboa Story Centre
12h30m Regresso à ESRDL e pausa para almoço	16h30m Fim da visita e regresso à ESRDL
	17h30m Chegada à ESRDL e fim da atividade

(Atenção, o tempo é curto, devemos pautar sempre pelo cumprimento dos horários)

**Objetivos**

Para além de proporcionar momentos de convivência, sentido de camaradagem e cooperação, pretende-se por este meio abordar os conteúdos do programa de Geografia do 8º ano referente ao tema "*As Cidades: principais áreas de fixação humana*", em contexto real. Extra muros da escola vamos enriquecer o nosso conhecimento através do contacto direto com a realidade, vamos desenvolver o espírito de observação com recolha de dados, vamos processar e analisar a informação recolhida em ligação interdisciplinar com a disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação.

**Considerações**

- Ter em atenção e respeitar as orientações dos docentes;
- Ter sempre bom humor e espírito participativo;
- Proibido o uso de fones nos ouvidos durante toda a atividade;
- Em qualquer lugar que visitemos, só fica o nosso agradecimento...

**Não esquecer**

É da nossa responsabilidade observar de forma exploratória a área de estudo e fazer os devidos registos. É absolutamente incontornável levar o seguinte material: guião da visita; bloco de notas; caneta; lápis (alguns lápis de cor podem ser muito úteis); régua com +/- 15 cm; máquina fotográfica (ou telemóvel com câmara).

2

(continuação anexo 20)

AERDL  
Agência de Estudos e Realizações Urbanísticas

**Parcelas da Av. da Igreja atribuídas a cada grupo**



áreas de trabalho por grupo

grupo
1
2
3
4
5

Avenida da Igreja, freguesia de Alvalade, Lisboa  
Imagem World Imagery, Google

A área em estudo corresponde a um projeto urbanístico da cidade, aprovado em 1945, espacializando conceitos como a unidade de vizinhança, a distância habitação escola, conjugação de várias tipologias (casas de renda económica, de renda limitada, moradias, blocos, etc.), organizado num modelo urbanístico articulado, funcional e diversificado (incluindo alojamentos, equipamentos coletivos, espaços comerciais, espaços industriais, áreas verdes, etc.).

Fonte: Lisboa. Quatro estudos de caso Sta. Catarina, Alvalade, Benfica e Expo Sul (pp. 69-77) em: <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/livros/luc.pdf>

**Fora da sala de aula a recolha de informação pode ser feita de várias formas e é fundamental que efetues o seguinte:**

Depois de identificares, de te situares e observares, faz um registo fotográfico referente à parcela da Avenida que vais trabalhar (vai ser útil para a fase seguinte do trabalho).

3



(continuação anexo 20)



**A realização de inquéritos à população nas áreas de estudo permite caracterizar as dinâmicas locais, o relacionamento com o espaço e as suas funções.**

Sendo o nosso foco a percepção dos problemas urbanos verificados neste setor da cidade, bem com as alterações nos ramos de atividade que possam ter existido, vamos tentar aferir o grau de satisfação/ insatisfação da população face à existência ou grau de gravidade desses problemas.

(apresenta o âmbito do trabalho que está a realizar às pessoas e solicita a sua participação no questionário com um sorriso)

**Questionário para os estabelecimentos:**

A) O estabelecimento está em atividade desde que data?

B) Qual era o ramo de atividade exercida anteriormente neste espaço?

C) Qual foi o motivo de se instalar neste setor da cidade?

Mobilidade \_\_\_ Segurança \_\_\_ Preços das rendas acessível \_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

Obs. \_\_\_\_\_

**Questionário para população em geral:**

i) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja? Sim \_\_\_ Não \_\_\_

ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz?

Reside/ trabalho perto \_\_\_ Diversidade de lojas \_\_\_ Preço \_\_\_ Atendimento \_\_\_ Segurança \_\_\_ Acessibilidade \_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

iii) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja?

Restauração \_\_\_ Vestuário e acessórios \_\_\_ Serviços bancários/seguros \_\_\_ Artigos lar \_\_\_

Serviços de saúde \_\_\_ Farmácia \_\_\_ Mercaria \_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

iv) Em geral, considera alguma diferença dos preços praticados na Av. da Igreja em relação a outros setores da cidade? Mais barato \_\_\_ Igual \_\_\_ Mais caro \_\_\_\_\_

v) Que problemas existem no bairro de Alvalade?


vi) Para os problemas que se seguem, diga-me qual o grau de gravidade que assumem no bairro de Alvalade. Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito grave e 5 nada grave.


	1 muito grave	2	3	4	5 nada grave
Poluição sonora					
Insegurança (criminalidade)					
Falta de espaços verdes					
Transportes públicos					
Recolha de lixo					

(acaba o questionário com uma palavra de agradecimento)



(continuação anexo 20)





**No Lisboa Story Centre, irás viajar no tempo como se percorresses um livro ilustrado trazido à vida. Este equipamento interativo conta-nos, do passado ao presente, os principais eventos ocorridos na cidade.**

Quais foram os primeiros colonizadores de Lisboa?

Qual a principal função da cidade de Lisboa na Idade Média?

Com os descobrimentos a cidade de Lisboa passou a ter outro papel importante. Qual?

Que tipo de planta de cidade (malha urbana) se verificava em Lisboa antes do terramoto de 1755?

Na reconstrução da cidade de Lisboa foi implementado uma nova planta (malha), qual?

O Terreiro do Paço já foi utilizado com vários fins. A cada um dos fins enumera as funções urbanas associadas.

Tenta enunciar alguns problemas com que Lisboa se deparou ao longo dos tempos.

6

(continuação anexo 20)

(esta parte é individual e anónima)

### AVALIAÇÃO

Faz a tua avaliação sobre as atividades que realizaste.

(assinala com X na opção, em que 1 significa concordar totalmente e 7 discordar totalmente)

	1	2	3	4	5	6	7
Fiz estudo autónomo de preparação.							
Realizei as fichas de trabalho.							
Senti-me motivado(a) antes da atividade.							
Senti-me motivado(a) durante a atividade.							
Gostei de desenhar o esboço.							
Gostei de realizar entrevistas.							
Foi útil visitar o Lisboa Story Centre.							

Descreve aspetos que consideraste mais positivos durante a atividade.

---

---

Descreve aspetos que consideraste menos positivos e a melhorar durante a atividade.

---

---

No verso da página, tenta fazer um comentário ou outro tipo de avaliação em relação à atividade (comportamento, empenho na participação das atividades propostas, utilidade da visita, sugestão de atividades, principais dificuldades que tiveste, etc...)

(no final entrega este guião aos professores para avaliação)

# Anexo 21 – Alguns exemplos de questionários preenchidos pelos alunos

**AIRDI**

Através de uma planta funcional podemos identificar as principais atividades económicas e funções urbanas de um determinado território.

Para poderes fazer um levantamento funcional, desenha um esboço (planta) da parcela da Avenida que estás a trabalhar, identificando os estabelecimentos existentes com as informações:

Nº de polícia: \_\_\_\_\_  
 Nome do estabelecimento: \_\_\_\_\_  
 Ramo de atividade: (Devolutois, Café, Mercaria, Farmácia, Sapataria, Florista, Banco, etc.) \_\_\_\_\_  
 Ano de abertura: \_\_\_\_\_  
 Ramo de atividade anterior: \_\_\_\_\_

Nº de polícia	Nome do estabelecimento	Ramo de atividade	Ano de abertura	Ramo de atividade anterior
37c	Farmácia Sines	Farmácia	1949	
37a	Zona Optica	Opticista	1960	opticas de viagens
99	Nova Uska	pastelaria	1957	Pastelaria
77b	Nova Uska	opticas	1960	
17/11a	Detar	optica	1998	
9d	Farmácia do	farmacia	1993	sapataria
9d	Farmácia do	farmacia	1949	
9b	Jouência Sba	roupa		
9a	rauel	roupa		
7	pratinha	restaurante	1980	maquina de costar
7c	Kids	roupa	1955	
7b	Pa	roupa	1965	
7a	PDi	roupa		
5D	SJ Avenida	papelaria	2014	papelaria
5c	Milano	roupa	1965	
5b	CO Schöner	colchaes	2009	putique
	belome	scallaria	1993	balneária

(toda informação será processada posteriormente, com entrega de pó guile para desenvolvimento do trabalho)

**AIRDI**

Através de uma planta funcional podemos identificar as principais atividades económicas e funções urbanas de um determinado território.

Para poderes fazer um levantamento funcional, desenha um esboço (planta) da parcela da Avenida que estás a trabalhar, identificando os estabelecimentos existentes com as informações:

Nº de polícia: \_\_\_\_\_  
 Nome do estabelecimento: \_\_\_\_\_  
 Ramo de atividade: (Devolutois, Café, Mercaria, Farmácia, Sapataria, Florista, Banco, etc.) \_\_\_\_\_  
 Ano de abertura: \_\_\_\_\_  
 Ramo de atividade anterior: \_\_\_\_\_

Nº de polícia	Nome do estabelecimento	Ramo de atividade	Ano de abertura	Ramo de atividade anterior
25F	Orelha do Moné	Churrascaria	1994	Loja de decoração
25D	Rio de Paq	Churrascaria	1996	Snack-bar
26A	Artisan	Loja de roupa	1998	Não sabe
26B	Artisan	Loja de roupa	1958	Loja de roupa
27A	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27B	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27C	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27D	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27E	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27F	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27G	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27H	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27I	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27J	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27K	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27L	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27M	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27N	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27O	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27P	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27Q	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27R	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27S	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27T	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27U	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27V	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27W	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27X	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27Y	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa
27Z	Artisan	Loja de roupa	1962	Loja de roupa

**AIRDI**

A realização de inquéritos à população nas áreas de estudo permite caracterizar as dinâmicas locais, o relacionamento com o espaço e as suas funções.

Sendo o nosso foco a percepção dos problemas urbanos verificados neste setor da cidade, bem como as alterações nos ramos de atividade que possam ter existido, vamos tentar aferir o grau de satisfação/insatisfação da população face à existência ou grau de gravidade desses problemas.

(responda a todos os itens que estão a realizar a pesquisa e inclua a sua participação no questionário com um sorriso)

**Questionário para os estabelecimentos:**

A) O estabelecimento está em atividade desde que data? Desde 2015

B) Qual era o ramo de atividade exercida anteriormente neste espaço? Um spa.

C) Qual foi o motivo de se instalar neste setor da cidade? Mobilidade, Segurança, Preço das rendas acessível, Outros: Mobilidade e localizaçã

Out: \_\_\_\_\_

**Questionário para população em geral:**

i) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja? Sim  Não

ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz? Rende trabalho por... Diversidade de lojas... Preço... Atendimento... Segurança... Acessibilidade... Outros \_\_\_\_\_

iii) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja? Restauraçã... Vestuário e acessórios... Serviços bancários/seguros... Antigos lar... Serviços de saúde... Farmácia... Mercaria... Outros \_\_\_\_\_

iv) Em geral, considera alguma diferença dos preços praticados na Av. da Igreja em relação a outros setores da cidade? Mais barato... Igual  Mais caro... \_\_\_\_\_

v) Que problemas existem no bairro de Alvalade? Poluição sonora... Falta de espaços verdes... Transportes públicos... Recolha de lixo... Outros: Etilocamento

vi) Para os problemas que se seguem, diga-me qual o grau de gravidade que assumem no bairro de Alvalade. Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito grave e 5 nada grave.

	1 muito grave	2	3	4	5 nada grave
Poluição sonora					
Insegurança (criminalidade)					
Falta de espaços verdes					
Transportes públicos					
Recolha de lixo					

(lembra o questionário com uma palavra de agradecimento)

**AIRDI**

A realização de inquéritos à população nas áreas de estudo permite caracterizar as dinâmicas locais, o relacionamento com o espaço e as suas funções.

Sendo o nosso foco a percepção dos problemas urbanos verificados neste setor da cidade, bem como as alterações nos ramos de atividade que possam ter existido, vamos tentar aferir o grau de satisfação/insatisfação da população face à existência ou grau de gravidade desses problemas.

(responda a todos os itens que estão a realizar a pesquisa e inclua a sua participação no questionário com um sorriso)

**Questionário para os estabelecimentos:**

A) O estabelecimento está em atividade desde que data? 2016/1

B) Qual era o ramo de atividade exercida anteriormente neste espaço? Vestuário

C) Qual foi o motivo de se instalar neste setor da cidade? Outros: residência e atividade

Out: \_\_\_\_\_

**Questionário para população em geral:**

i) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja? Sim  Não

ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz? Rende trabalho por... Diversidade de lojas... Preço... Atendimento... Segurança... Acessibilidade... Outros \_\_\_\_\_

iii) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja? Restauraçã... Vestuário e acessórios... Serviços bancários/seguros... Antigos lar... Serviços de saúde... Farmácia... Mercaria... Outros \_\_\_\_\_

iv) Em geral, considera alguma diferença dos preços praticados na Av. da Igreja em relação a outros setores da cidade? Mais barato... Igual  Mais caro... \_\_\_\_\_

v) Que problemas existem no bairro de Alvalade? Poluição sonora... Falta de espaços verdes... Transportes públicos... Recolha de lixo... Outros: falta de iluminação

vi) Para os problemas que se seguem, diga-me qual o grau de gravidade que assumem no bairro de Alvalade. Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito grave e 5 nada grave.

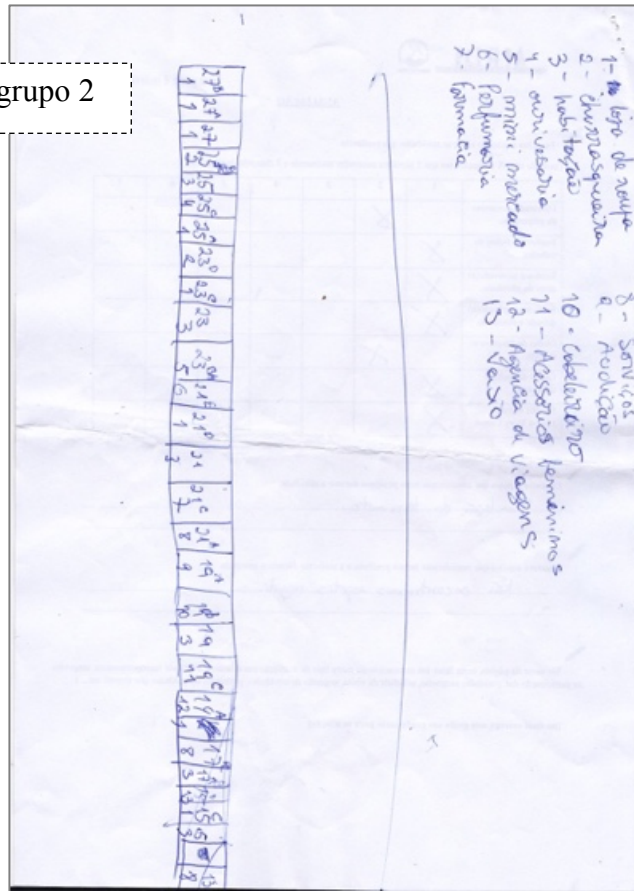
	1 muito grave	2	3	4	5 nada grave
Poluição sonora					
Insegurança (criminalidade)					
Falta de espaços verdes					
Transportes públicos					
Recolha de lixo					

(lembra o questionário com uma palavra de agradecimento)

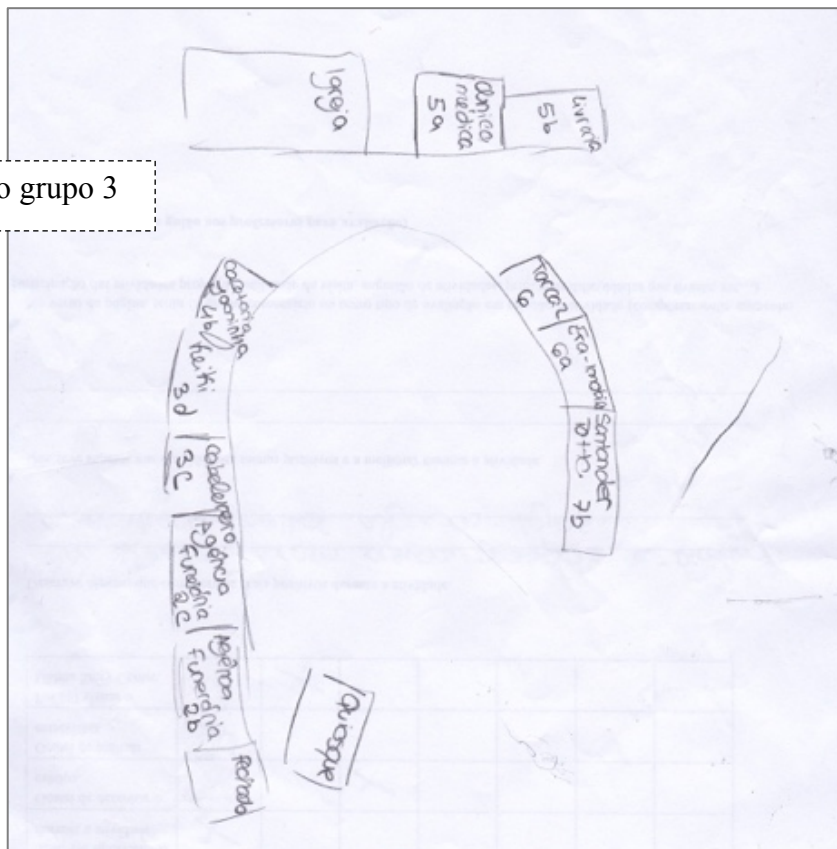


(continuação anexo 22)

esboço grupo 2

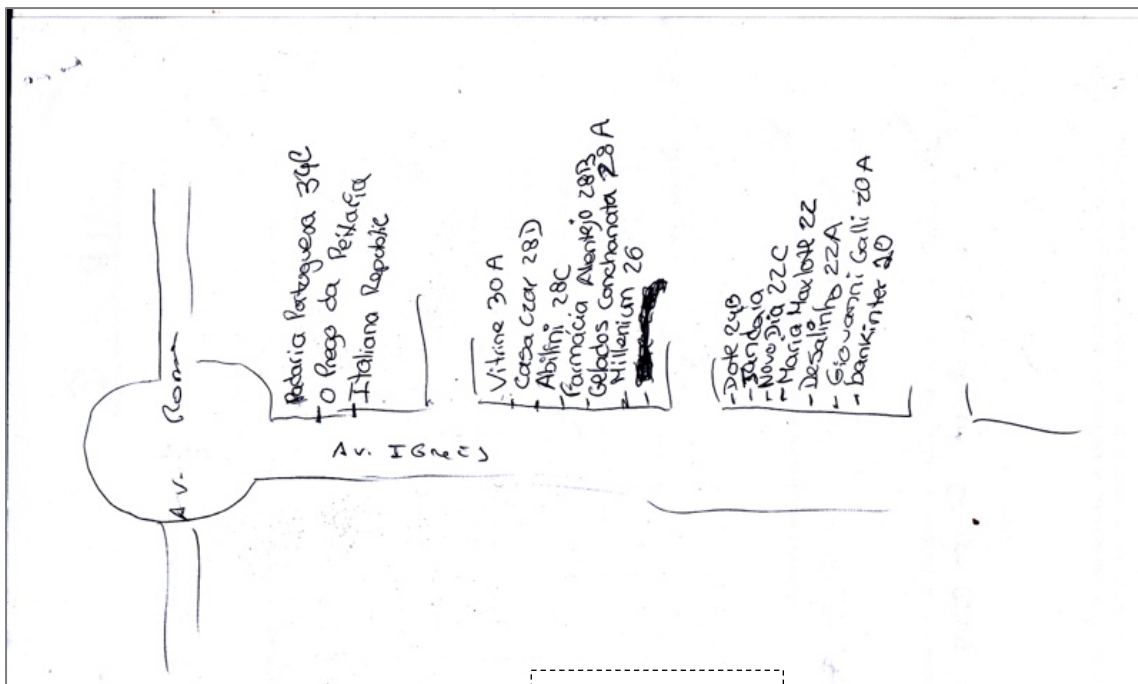


esboço grupo 3



(continuação anexo 22)

(... grupo 4 não realizou esboço)



esboço grupo 5

## Anexo 23 – Relatório de avaliação



Ano Letivo 2017 / 2018

VISITA DE ESTUDO

RELATORIO DE AVALIAÇÃO

Data da visita: 21 / fevereiro / 2018      Duração: 1 dia

Destino: Av. da Igreja (Alvalade – Lisboa) e Lisboa Story Centre (Terreiro do Paço – Lisboa)  
Professores participantes (disciplinas): (Geografia) Professor José António Baptista; Mestrando José Luís Magalhães; Mestrando Daniela Silva; Mestrando Tiago Fidalgo. (TIC) Professora Teresa Ribeiro

Ano/ Turmas	<u>8º 1</u>			
N.º de Alunos	<u>30</u>			

Esta visita de estudo teve dois momentos distintos, pretende-se abordar os conteúdos do programa de Geografia do 8º ano referente ao tema “As Cidades: principais áreas de fixação humana”.

Durante a manhã teve como objetivo fazer o levantamento das atividades económicas presentes na Av. da Igreja em Alvalade e identificar problemas urbanos existentes, adotando a metodologia de trabalho de campo em Geografia. Os alunos trabalharam de forma séria e empenharam-se na realização das tarefas propostas no guião de visita. Professores e alunos, consideraram a atividade interessante e produtiva.

De tarde foi a visita ao Lisboa Story Centre, equipamento interativo que conta os principais eventos ocorridos na cidade do passado ao presente. A atividade ocorreu dentro do plano previsto sendo cumprido os horários estipulados.

Genericamente os objetivos traçados foram amplamente conseguidos, não havendo a registar qualquer incidente.

Data do relatório: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

O Professor responsável

\_\_\_\_\_

## Anexo 24 – Plano para aula 3

Plano para aula 3		
Estabelecimento: Esc. Sec. Rainha D. Leonor	Turma: 8º1	Horário: 10h00m / 11h30m
Mestrando: José Luis Magalhães		Professor cooperante: José António Baptista
Data: 28/Fev./2018	Sala: 212	
<b>Domínio:</b> População e Povoamento	<b>Subdomínio:</b> Cidades, principais áreas de fixação humana.	<b>Objetivos gerais:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades.
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b>		
<b>Recursos:</b> Computador; Projetor; Apresentação em PowerPoint; Manual; Quadro; Caderno de atividades.		
<b>Conceitos:</b> Povoamento rural e urbano; Área Metropolitana; Megalópolis; Problemas urbanos.		
<b>Sumário (lição 39 e 40):</b> A origem e o crescimento das cidades: fatores e processo de desenvolvimento.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)	tempo (min.)	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b>
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Marcar início da aula. Apresentação do sumário, com apresentação em <i>PowerPoint</i> . Este recurso servirá para projeção das imagens e textos dando suporte aos conteúdos a lecionar. Solicita-se a abertura do manual nas pp 82-91.	05	Consciencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula com a presença do manual.
Recordar aprendizagens. Acompanhar a síntese da aula anterior a ser realizada por aluno já selecionado. Identificar dificuldades e complementar com apresentação de um resumo.	10	Respeitam e valorizam a comunicação oral pela voz de um aluno. <b>Podem identificar questões geográficas.</b> Utilizar um correto vocabulário geográfico nas descrições orais.
Problematizar o estudo da Geografia urbana. Iniciar o tema com referência à evolução da população rural e urbana no tempo (projeção de texto informativo), comentando os principais desafios desta realidade.	15	Tomam conhecimento sobre os desafios do crescimento urbano.
Introduzir alguns conceitos. <b>Critérios utilizados na definição de cidade.</b> Solicitar a participação dos alunos para a caracterização e definição de cidade (projeção de imagens de diferentes povoadamentos), procedendo-se assim a um levantamento das ideias prévias. Explicar os critérios para definir cidade. <b>Fatores responsáveis pelo surgimento das cidades.</b> Fazer um enquadramento histórico sobre o aparecimento das primeiras cidades (projeção de imagens e tópicos de informação), referindo os fatores determinantes para o surgimento, desenvolvimento e transformações das cidades de acordo com as necessidades contextuais. Interligar informações adquiridas na visita de estudo.	20	Acompanham a lição visualizando imagens. <b>Expõem ideias, identificam critérios de distinção entre rural e urbano. Identificam impactes do crescimento e transformação das áreas urbanas. Podem identificar questões geográficas.</b> Podem formular e responder a questões geográficas.
Envolver os alunos. <b>Principais fatores de crescimento das cidades em países com diferentes graus de desenvolvimento. Consequências do forte crescimento urbano em países com diferentes graus de desenvolvimento.</b> Solicitar a leitura do gráfico da fig. 7 do manual, a partir desta leitura explicar os fatores e consequências do crescimento das cidades em diferentes países (projeção de esquema síntese sobre o desenvolvimento das cidades no tempo e no espaço).	30	Participam em leitura de textos e gráficos, passam para o caderno diário esquema síntese dos diferentes ritmos de crescimento urbano em diferentes contextos de desenvolvimento. Devem refletir sobre a importância da gestão do território.
<b>Processo de formação de uma área metropolitana e de uma megalópolis.</b> Solicitar a leitura no manual dos conceitos 'Área Metropolitana' e 'Megalópolis', a partir desta leitura explicar o seu processo de formação (projeção de mapas), dando exemplos concretos e referindo o caso nacional.	35	Participam em leitura de excertos de textos. <b>Localizam as principais aglomerações urbanas mundiais.</b>
Preparar estudo para o teste. Identificar dúvidas e prestar esclarecimentos, solicitando aos alunos a realização das fichas do caderno de atividades ou do manual.	45	Estudam autonomamente, identificam dificuldades e são acompanhados de forma personalizada. Realização de fichas, responder a questões geográficas
Preparar final de aula. Recomendações gerais para o teste.	85	Consciencializa-se para o empenho nas tarefas.
Final de aula.	90	Saída.
<b>Avaliação:</b>	<b>Observações:</b>	



## Anexo 25 – Recursos aula nº 3 (origem e crescimento das cidades)



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º ano  
Geografia

Síntese aula anterior (aula 31 e 32):

**Diversidade cultural:**

**efeitos da globalização e a importância da construção de sociedades inclusivas.**

Sumário (aula 39 e 40):

**A origem e o crescimento das cidades:**

**fatores e processo de desenvolvimento.**

(páginas 82 a 97 do manual)

José Luís Magalhães

**Globalização** - processo económico e social que estabelece uma integração entre países e pessoas do mundo todo. Através deste processo, as pessoas, os governos e as empresas trocam ideias, realizam transações financeiras e comerciais e espalham aspetos culturais pelos quatro cantos do planeta.

**Aldeia Global** - está relacionado com a criação de uma rede de conexões, que deixam as distâncias cada vez mais curtas, facilitando as relações culturais e económicas de forma rápida e eficiente.

**Aculturação** - mudanças que podem acontecer numa sociedade diante a fusão de elementos culturais externos, através da interação social resultante do contato entre duas culturas.

**Multiculturalismo** - existência de diferentes culturas numa região, cidade ou país.

**Fundamentalismo** - defendem uma só doutrina, modo de vida e salvação.

**Racismo** - preconceito e discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos.

**Xenofobia** - medo, profunda antipatia, aversão e por vezes ódio, em relação aos estrangeiros.

**Sociedade inclusiva** - uma sociedade, aberta, acessível e que estimula a participação de todos. Uma sociedade que acolhe e aprecia a diversidade da experiência humana. Uma sociedade cuja meta principal é oferecer oportunidades iguais para todos realizarem seu potencial humano.

54% da população mundial vive em áreas urbanas.

As projeções apontam para cerca de 66% em 2050.

Muito do crescimento urbano terá lugar nos países em desenvolvimento.

Esses países enfrentarão inúmeros desafios para atender às necessidades do crescimento da população urbana: habitação; infraestruturas; transportes; energia; emprego; serviços básicos como a educação e saúde.

A urbanização sustentável é a chave para um desenvolvimento com sucesso...

Fonte: [www.unric.org](http://www.unric.org)

(continuação anexo 25)

### O que é uma cidade?

Durante séculos a delimitação geográfica das cidades não colocou problemas...  
Um espaço que em tudo contrastava com o mundo rural envolvente.  
Hoje vivemos em cidades sem confins ...  
Marcado pela continuidade dos espaços construídos e que foi dando lugar a áreas metropolitanas.

(J. Ferrão, 2003)



Reguengos de Monsaraz



Lisboa

### Povoamento Urbano



Lisboa

### Cidade

### Povoamento Rural



Faial, Açores

### Aldeia

...diversidade de contextos socioculturais e pluralidade de perspetivas de análise

Os mínimos populacionais

Funcionais  
Mistos

lei 11/82 de 2 de Junho

(art. 13.º) Uma vila só pode ser elevada à categoria de cidade quando conte mais de 8 000 eleitores em aglomerado populacional contínuo e possua, pelo menos, metade dos seguintes equipamentos coletivos (hospital com serviço permanente, corporação de bombeiros, casas de espetáculos, transportes públicos...).

Para surgir as primeiras cidades foi preciso ocorrer um conjunto de fatores na vida da aldeia neolítica

- Agricultura e criação de animais;
- Fertilidade dos solos;
- Proximidade aos rios.



(continuação anexo 25)

Foi preciso que durante centenas de anos, se verificasse...

- Expansão das áreas de cultivo e pastagens;
- Desenvolvimento de novas técnicas e aumento da produção agrícola;
- Aumento populacional;
- Desenvolvimento do comércio.

Ur foi uma importante cidade-estado na antiga Suméria, localizada nas margens do rio Eufrates



<https://en.wikipedia.org/wiki/Ur>

Foi preciso...

Defesa e proteção



[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Siege\\_of\\_Lisbon\\_by\\_Roque\\_Gameiro.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Siege_of_Lisbon_by_Roque_Gameiro.jpg)

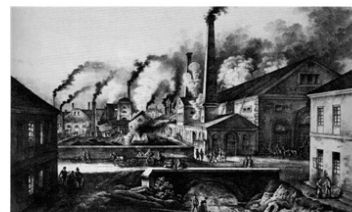
Monumentalidade



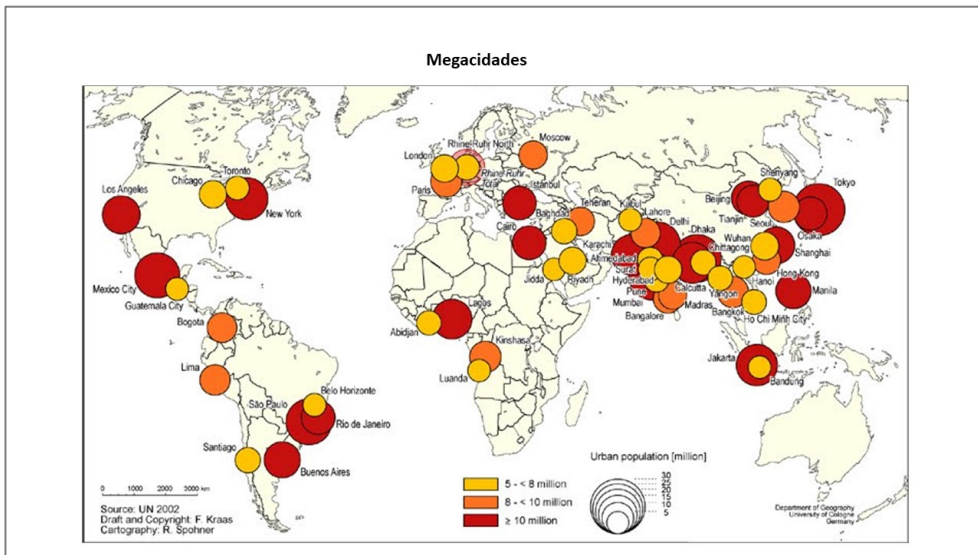
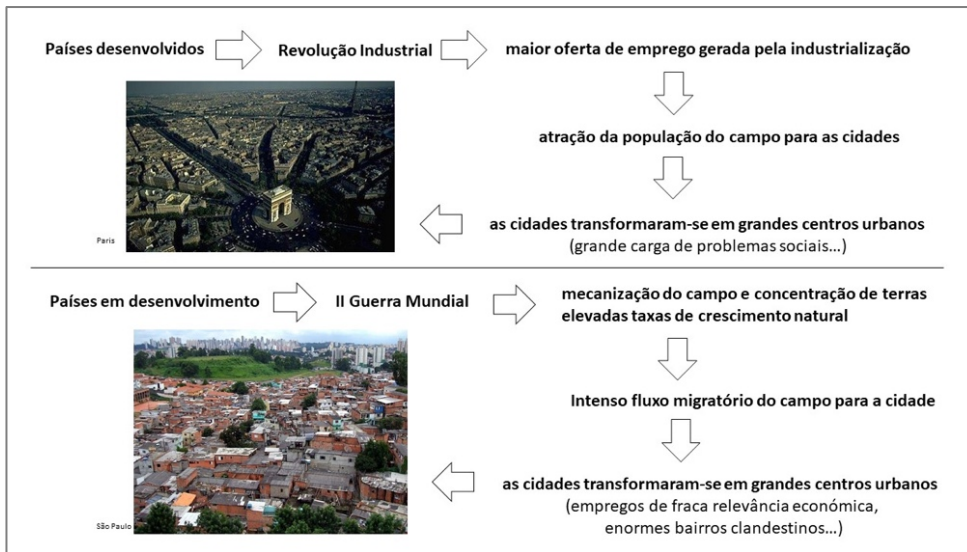
Comércio



Indústria



(continuação anexo 25)



**Megalópolis** Conjunto de áreas metropolitanas, cujo crescimento urbano acelerado leva ao contato da área de influência de umas com as outras. As megalópolis geralmente são aglomerações de grandes cidades numa mancha urbana contínua.

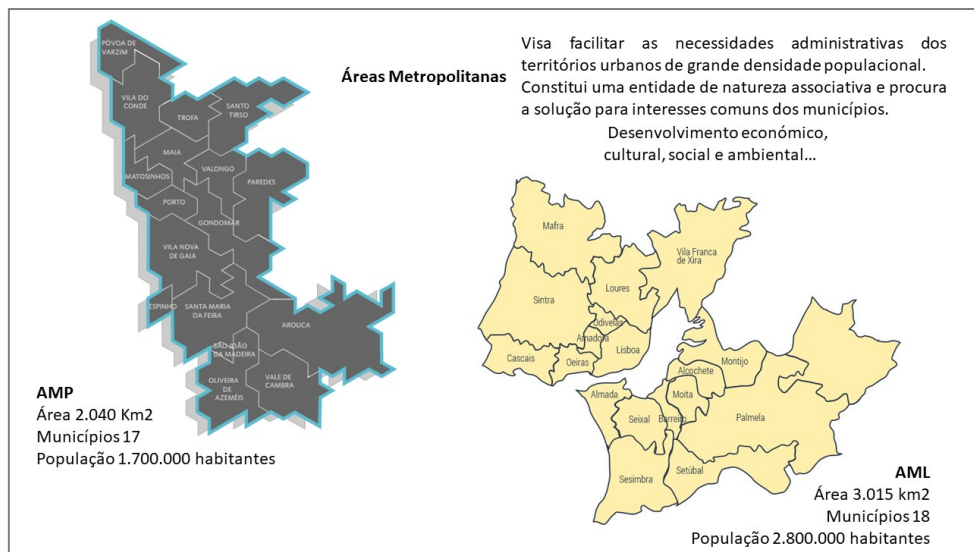
**The Emerging Megaregions**

E. U. A.

Região de São Paulo

Área 7.946 km<sup>2</sup>  
Municípios 39  
População 21.000.000 habitantes

(continuação anexo 25)



# 1 População e Povoamento

## 1.4 As cidades: principais áreas de fixação humana

### As Grandes Questões

Como se define e quem os responsáveis rurais das urbanas?

Como se explica o fenómeno de suburbanização?

Como se explica a heterogeneidade funcional dentro de uma cidade?

O que é uma cidade?

Como se define e quem os responsáveis rurais das urbanas?

Organizações rurais diferenciadas em áreas urbanas, artes, cursos, pelo tipo e distribuição das habitações, pela profissão dos residentes e pela densidade populacional.

Como se explica o fenómeno de suburbanização?

A separação de cidade para além das áreas (trabalho e recreio) com o desenvolvimento dos transportes e como a utilização vertiginosa nos espaços interiores.

Como se explica a heterogeneidade funcional dentro de uma cidade?

Dentro de uma cidade, distinguem-se várias áreas funcionais, como o centro histórico e comercial, as áreas residenciais e as áreas industriais.

O que é uma cidade?

A cidade é uma aglomeração organizada para a vida coletiva e onde a maior parte da população se dedica ao comércio e à prestação de serviços.

### Neste capítulo vai aprender...

- As características do povoamento rural e do povoamento urbano.
- Os critérios utilizados para a classificação de cidade.
- Os fatores responsáveis pelo povoamento e crescimento das cidades.
- As causas do aumento da taxa de urbanização, a rural mundi.
- A identificação as várias áreas funcionais de uma cidade.
- Como se processa a suburbanização.
- A explicar o processo de formação de uma área metropolitana e de uma megalópole.
- Quais os problemas que podem surgir numa cidade.
- Por que existem várias planas urbanas.
- As relações de interdependência e complementaridade entre o espaço rural e o espaço urbano.

### O que pode fazer?

- Calcular taxas de urbanização.
- Explicar áreas com diferentes ocupações funcionais dentro de uma cidade.
- Registar o local os contrastes entre o centro e o periferia da sua cidade.
- Elaborar planas funcionais.
- Realizar trabalhos.
- Fazer resumos e esquemas.
- Inventariar os problemas urbanos.
- Identificar os tipos diferentes tipos de planas urbanas.
- Leitura de cidades.

### Termos • Noções • Conceitos

- Subúrbios
- Assentamentos pendulares
- Cidade-dormitório
- Cidade-satélite
- Área metropolitana
- Megalópole
- Periferias urbanas
- Plano funcional
- C.B.U.
- (Centro Histórico Urbano)
- Centralidade
- Acumulabilidade
- Cidade sustentáveis
- Área de influência de uma cidade
- Povoamento rural
- Povoamento urbano
- Taxa de urbanização
- Plano organizacional
- Planas multidimensionais
- Planas insular
- Funções urbanas
- Área funcional

## Parte à descoberta!

**Atividade**

### Quais as maiores cidades no passado e no presente?

As cidades do mundo têm problemas como que nos diferentes momentos já se localizam nos habitantes de Nova, de Roma e de Alexandria. Contudo, as metrópoles eram, na altura tão raras que podia dizer-se que constituíam um fenómeno contemporâneo.

No século XXII, o filósofo David Ricardo afirmou que, no futuro, nenhuma cidade poderia ter mais de 700 000 habitantes. Mais realista, Júlio Verne (1828-1904) imaginou cidades que poderiam atingir os 10 milhões de habitantes. Porém, o crescimento demográfico de muitas cidades ultrapassou, no século XX, todas aquelas previsões.

As causas fundamentais foram sobretudo por detrás que podem atingir 200 os mais pessoas, as ruas foram tornadas por vitórias e transportes, a densidade demográfica das construções cresceu de modo incontornável e os problemas de circulação, de ruído e mesmo de segurança começaram a pôr-se com maior acuidade.

**Fig. 2 – As maiores cidades em 2011.**

Cidade	População (em milhões)
1. Múrcia, Índia	30,8
2. São Paulo, Brasil	29,8
3. Cidade de Mianmar, Mianmar	25,6
4. Nova Deli, Índia	25,6
5. Jacarta, Indonésia	25,6
6. São Paulo, Brasil	21,4
7. Bombaim, Índia	21,4
8. Los Angeles, EUA	19,8
9. Pequim, China	19,8
10. Colón, Cuba	19,8
11. Cidade de Pequim, China	18,7
12. Toronto, Canadá	18,6
13. Jacarta, Indonésia	18,5
14. Buenos Aires, Argentina	18,5
15. Havana, Cuba	18,5
16. Pequim, China	18,3
17. Moscú, Rússia	18,3
18. Moscú, Rússia	18,3
19. Moscú, Rússia	18,3
20. Moscú, Rússia	18,3
21. Moscú, Rússia	18,3

Fonte: WorldPop, 2011

Cada cidade tem tido uma muito específica para ser amigável. Com o tempo, cada aglomerado urbano abrange a sua vizinhança, do mesmo modo que as associações de cada época terão tido os seus próprios centros urbanos.

**Atividade:** a maior parte das grandes cidades localiza-se nos países em desenvolvimento.

Observe as Figs. 1 e 2, onde são apresentadas as maiores cidades, em diferentes momentos da História da Humanidade, e responda às questões que se seguem:

1. Em que continentes se situavam as dez maiores cidades no ano 100 a. C.?
2. Quais as três maiores cidades no início do século XVI?
3. Qual o aumento médio anual da cidade de Londres, entre 1800 e 1950?
4. Onde se localizam as maiores cidades mundiais no ano 2011?
5. Qual o aumento demográfico registado nas cidades de Tóquio, Nova Iorque e Xangai, entre 1950 e 2011?
6. Quais os principais problemas sentidos pelos habitantes que vivem em grandes metrópoles?

### Atividade

As cidades do mundo têm problemas como que nos diferentes momentos já se localizam nos habitantes de Nova, de Roma e de Alexandria. Contudo, as metrópoles eram, na altura tão raras que podia dizer-se que constituíam um fenómeno contemporâneo.

No século XXII, o filósofo David Ricardo afirmou que, no futuro, nenhuma cidade poderia ter mais de 700 000 habitantes. Mais realista, Júlio Verne (1828-1904) imaginou cidades que poderiam atingir os 10 milhões de habitantes. Porém, o crescimento demográfico de muitas cidades ultrapassou, no século XX, todas aquelas previsões.

As causas fundamentais foram sobretudo por detrás que podem atingir 200 os mais pessoas, as ruas foram tornadas por vitórias e transportes, a densidade demográfica das construções cresceu de modo incontornável e os problemas de circulação, de ruído e mesmo de segurança começaram a pôr-se com maior acuidade.

**Fig. 1 – As maiores cidades desde 100 a. C. até 1920.**

Ano	100 a. C.	1000	1500	1950
1.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
2.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
3.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
4.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
5.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
6.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
7.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
8.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
9.	100 000	200 000	400 000	1 000 000
10.	100 000	200 000	400 000	1 000 000

### 1.4 As cidades: principais áreas de fixação humana

## Que tipos de povoamento existem na superfície da Terra?

As formas como o ser humano tem povoado a superfície da Terra são muito variadas. O que é o povoamento?

Que tipos de povoamento existem?

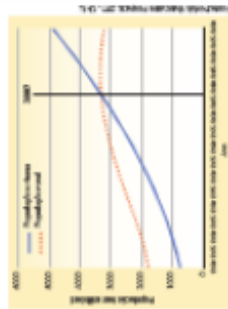


Fig. 3 – Evolução da população rural e da população urbana desde 1950, com projeção até 2030.

No passado, o povoamento rural foi a forma dominante na ocupação do território em muitas partes. Atualmente, mais de metade da população mundial vive em aglomerados urbanos (Fig. 3).

## Como definir cidade?

Se viver numa cidade, não se será difícil enumerar os elementos que a distinguem de um aglomerado rural – observe o esquema do Esquema 1.



Esquema 1

- Para elaborar uma definição de cidade, urbanista, normalmente, dá-se ênfase:
- o critério demográfico, o qual se baseia em quantidades de população;
  - o critério funcional, o qual se baseia nas atividades terciárias realizadas



Fig. 4 – Vista aérea da cidade de São Paulo.

O critério demográfico, só por si, nem sempre é suficiente para definir uma cidade, porque o valor quantitativo populacional necessário para dar a um aglomerado urbano a categoria de cidade é muito variável de país para país.

Por exemplo, na América, bastam 300 pessoas para formar uma cidade. No Canadá, são necessárias 1000 e no Reino Unido 10 000. Em Portugal, uma população só pode ser elevada a cidade se tiver mais de 1000 habitantes concentrados num aglomerado urbano contínuo.

Mais universal é o critério funcional, isto é, aquele que define a cidade como um aglomerado onde a população trabalha em atividades ligadas com o comércio, serviços ou indústrias.

Todas as cidades apresentam um conjunto de características comuns tal como as que se apresentam no Esquema 2.

Apesar das semelhanças que se podem encontrar entre as diversas cidades, cada uma possui uma personalidade própria, que resulta de condições naturais do meio físico, da sua história, do património arquitectónico ou das actividades que desenvolvem.

**Atenção**  
A cidade é um espaço de forte concentração demográfica, dotada de infraestruturas sociais (escolas, hospitais, lojas, centros recreativos, etc.) e de actividades económicas ligadas aos sectores terciário (comércio e serviços) e secundário (indústrias).



Esquema 2 – Características comuns à maioria das cidades



### Quando e onde surgem as primeiras cidades?

Atualmente, as cidades ocupam espaços cada vez maiores, e a população urbana não para de aumentar. Porém, no passado, isso não foi assim.

Como se justifica a redução da dimensão das cidades no passado?

Qual a função das muralhas em torno das cidades no período medieval?

Quais as consequências que a Revolução Industrial trouxe para as cidades?

Que características apresentaram as cidades na atualidade?

Para dizer respeito às questões anteriores, consulte a informação que acompanha cada uma das ilustrações da Fig. 5.

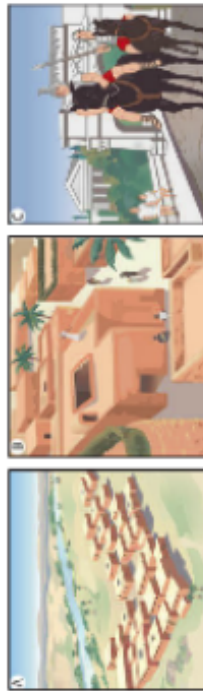


Fig. 5 – Principais tipos de desenvolvimento urbano

No passado, quando as distâncias se percorriam a pé, a dimensão das cidades era pequena e as necessidades situavam-se perto do local de trabalho.

As muralhas, muito comuns nas cidades medievais, tinham função de defesa do espaço urbano e das pessoas que viviam no seu interior.

Com a Revolução Industrial, sobe-se o crescimento muito acentuado das cidades. Já os romanos e ao aparecimento de novos núcleos urbanos ligados à atividade industrial.

Atualmente, a maioria das cidades apresenta-se como um centro que concentra um elevado número de serviços (educação, saúde, banca, seguros, laboratórios de investigação, etc.) e de atividades comerciais.



Fig. 6 – Um bairro, cidade Frankfurt, em França

As dimensões e a cidade crescem em espaço bem delimitado, o mesmo não se passa nos tempos atuais, porque a cidade cresce para além dos seus limites administrativos, inundando o espaço rural.

Bole já não é fácil saber onde começa e onde acaba uma cidade.

#### Documento 1

#### Atividades

1. Localiza num mapa do teu município os locais da Terra onde surgiram as primeiras cidades.
2. Reflete os motivos que levaram ao aparecimento das primeiras cidades.
3. Justifica a função das muralhas em volta das cidades no período medieval.
4. Explica por que razão não é fácil saber onde começa e onde acaba uma cidade na atualidade.



## Anexo 27 – Tutorial para organização e processamento de dados



Numero do grupo

Levantamento grupo: Dados levantamento funcional

Lrg. F. H. Pinto	Av. Igreja	Nº de policia	Nome do estabelecimento	Ramo de atividade atual	Ano de abertura	Ramo de atividade anterior	Motivo de se instalar neste setor da cidade
	x	3E	Leonidas	Café	2016	vestuário	n/s

Identificar

Nº de estabelecimento	Nome do estabelecimento	Ramo de atividade	Ano de abertura	Ramo de atividade anterior
37c	Farmácia S. José	Farmácia	1949	
37g	Zona optica	optica	1960	agencia de viagens
99	Nova Lisboa	postoficio	1857	Presidencia
77b	Nova cidade	farmacia	1960	
1771a	Dietas	farmacia	1999	
9b	Fidibus	farmacia	1993	superfaria
9a	Industria PR	farmacia	1949	
9b	Jardim Siba	roupa	1960	
9a	ruel	roupa		
7	prantiboi	restaurante	1980	miquara de castel
7c	Piada	roupa	1955	
7b	Pa	roupa	1960	
7a	Pa	roupa		
5D	Sil Amadora	papelaria	2074	papelaria
5c	Ni Bano	roupa	1965	
5E	Co Schaeffer	colheira	2009	putique
	bebere	farmacia	1993	farmacia

Questionário para os estabelecimentos:

A) O estabelecimento está em atividade desde que data? 2016/

B) Qual era o ramo de atividade exercida anteriormente neste espaço? Vestuário

C) Qual foi o motivo de se instalar neste setor da cidade?  
 Motividade: Segurança, Projeção da imagem comercial, Otimizar  
 os processos e atividades

(toda informação será processada posteriormente, com o objetivo de gerar guias para diagnóstico do trabalho)

Depois de todos os dados inseridos

↓

Enviar ficheiro por email, com o nº do grupo  
Para [jmagalhaes@campus.ul.pt](mailto:jmagalhaes@campus.ul.pt)

↓

De seguida cada grupo recebe por email  
os dados de todos os grupos...

(continuação anexo 27)

		nº de estabelecimentos		total	%
1	alimentação e bebidas	talho			
		mercearias			
		congelados			
		frutarias			
		peixarias			
	(...)				
2	moda vestuário acessórios	pronto a vestir			
		sapataria			
		retrosaria			
		malas			
		bijouteria			
	relojaria/ourivesaria				
	(...)				
3	artigos para o lar	moveis			
		decoreação			
		eletrodomésticos			
		ferragens			
		casa e jardim			
		materiais de construção			
	revestimentos				
	(...)				

4	cultura e lazer	papelaria			
		livraria			
		brinquedos			
		jogos			
		agencia de viagens			
		cinema			
		fotografia			
		informatica			
	(...)				
5	saúde	farmacia			
		oculista			
		clinicas			
	(...)				
6	serviços diferenciad	bancos			
		seguros			
		correios			
	(...)				
7	estética e beleza	perfumarias			
		cabeleireiro			
	(...)				
8	outros	funerárias			
		mechanca/ automóvel			
		telecomunicações			
		(...)			

**EXEMPLO: inserir dados (1º quest.)**

**Questionário para população em geral:**

i) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja?  Sim  Não

ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz?  
 Reside/trabalho perto  Diversidade de lojas  Preço  Atendimento  Segurança  Acessibilidade  Outro

iii) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja?  
 Restauração  Vestuário e acessórios  Serviços bancários/seguros  Artigos lar   
 Serviços de saúde  Farmácia  Merceria  Outro

iv) Em geral, considera alguma diferença dos preços praticados na Av. da Igreja em relação a outros setores da cidade? Mais barato  Igual  Mais caro

v) Que problemas existem no bairro de Alvalade?  
 estacionamento

vi) Para os problemas que se seguem, diga-me qual o grau de gravidade que assumem no bairro de Alvalade. Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito grave e 5 nada grave.

	1 muito grave	2	3	4	5 nada grave
Polluição sonora		<input checked="" type="checkbox"/>			
Insegurança (criminalidade)					<input checked="" type="checkbox"/>
Falta de espaços verdes				<input checked="" type="checkbox"/>	
Transportes públicos					<input checked="" type="checkbox"/>
Recolha de lixo			<input checked="" type="checkbox"/>		

(continuação anexo 27)

**EXEMPLO: inserir dados (2ª quest.)**

I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total
sim	1 1	2
não		0

II) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz?		total
Reside/trabalho perto	1 1	2
Diversidade de lojas		0
Preço		0
Atendimento		0
Segurança		0
Acessibilidade		0
Outro		0

III) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja?		total
Restauração	1	1
Vestuário e acessórios		0
Serviços bancários/seguros		0
Artigos lar		0
Serviços de saúde		0
Farmácia	1	1
Merceria		0
Outro		0

IV) Diferença dos preços praticados na Av. da Igreja		total
Mais barato		0
Igual	1 1	2
Mais caro		0

V) Que problemas existem no bairro de Alvalade		total
estacionamento	1	1
sem opinião	1	1

VI) Gravidade dos problemas no bairro (1 muito grave e 5 nada grave)		total
Poliuição sonora	2 1	3
Insegurança (criminalidade)	5 4	9
Falta de espaços verdes	4 4	8
Transportes públicos	5 5	10
Recolha de lixo	3 4	7

**Questionário para população em geral:**

i) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja? Sim  Não

ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz?  
 Reside/trabalho perto  Diversidade de lojas  Preço  Atendimento  Segurança  Acessibilidade  Outro

iii) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja?  
 Restauração  Vestuário e acessórios  Serviços bancários/seguros  Artigos lar   
 Serviços de saúde  Farmácia  Merceria  Outro

iv) Em geral, considera alguma diferença dos preços praticados na Av. da Igreja em relação a outros setores da cidade? Mais barato  Igual  Mais caro

v) Que problemas existem no bairro de Alvalade?  
**Não sabe**

vi) Para os problemas que se seguem, diga-me qual o grau de gravidade que assumem no bairro de Alvalade. Utilize a escala de 1 a 5, sendo 1 muito grave e 5 nada grave.

	1 muito grave	2	3	4	5 nada grave
Poliuição sonora	<input checked="" type="checkbox"/>				
Insegurança (criminalidade)				<input checked="" type="checkbox"/>	
Falta de espaços verdes				<input checked="" type="checkbox"/>	
Transportes públicos					<input checked="" type="checkbox"/>
Recolha de lixo				<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

II) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz?		total	3
Reside/trabalho perto	1 1 1		3
Diversidade de lojas			0
Preço			0
Atendimento			0
Segurança			0
Acessibilidade	1 1		2
Outro			0

III) Qual o tipo de comércio ou serviço que mais utiliza na Av. da Igreja?		total	2
Restauração	1 1		2
Vestuário e acessórios			0
Serviços bancários/seguros			0
Artigos lar			0
Serviços de saúde			0
Farmácia	1 1 1		3
Merceria			0
Outro			0

IV) Diferença dos preços praticados na Av. da Igreja		total	5
Mais barato			0
Igual	1 1 1 1 1		5
Mais caro			0

V) Que problemas existem no bairro de Alvalade		total	3
estacionamento	1 1 1		3
lixo na rua	1		1
sem opinião	1		1

VI) Gravidade dos problemas no bairro (1 muito grave e 5 nada grave)		total	8
Poliuição sonora	2 1 1 2 2		8
Insegurança (criminalidade)	5 4 3 5 5		21
Falta de espaços verdes	4 4 5 3 5		21
Transportes públicos	5 5 4 3 5		22
Recolha de lixo	3 4 4 3 5		19

**EXEMPLO: dados inseridos**

↓

Enviar ficheiro por email, com o nº do grupo  
 Para [jlmagalhaes@campus.ul.pt](mailto:jlmagalhaes@campus.ul.pt)

↓

De seguida cada grupo recebe por email  
 os dados de todos os grupos...

**Dados grupo 1**

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

**Dados grupo 2**

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

+

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

+

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

+

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

+

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

=

Questionário para população em geral		total de inquiridos	6
I) Costuma frequentar os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja		total	5
sim	1 1 1 1 1		5
não	1		1

**EXEMPLO: somatório dos dados**

Dados grupo 3  
 +  
 Dados grupo 4  
 +  
 Dados grupo 5

**Toda a informação recolhida**

Anexo 28 – Plano para aula 4

<b>Plano para aula 4</b>		
<p>Estabelecimento: Esc. Sec. Rainha D. Leonor      Turma: 8º1      Date: 07/Mar./2018      Horário: 10h00m / 11h30m      Sala: 212</p> <p>Mestrando: José Luis Magalhães      Professor cooperante: José António Baptista</p>		
<b>Domínio:</b>	<b>Subdomínio:</b>	<b>Objetivos gerais:</b>
População e Povoamento	Cidades, principais áreas de fixação humana.	Compreender a origem e o crescimento das cidades.
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial. Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades.		
<b>Recursos:</b> Computador; Protetor; Apresentação em PowerPoint; Manual; Quadro; Ficha de atividade.		
<b>Conceitos:</b> Área Metropolitana; Megalópolis; Subúrbios.		
<b>Sumário (lição 41 e 42):</b> Expansão urbana: crescimento dos subúrbios e problemas das cidades.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)		
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	tempo (min.)	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)
Marcar início da aula. Apresentação do sumário, com apresentação em <i>PowerPoint</i> . Este recurso servirá para projeção das imagens e textos dando suporte aos conteúdos a lecionar. Solicita-se a abertura do manual nas pp 90-93.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Recordar aprendizagens. Acompanhar a síntese da aula anterior a ser realizada por aluno já selecionado. Identificar dificuldades e complementar com apresentação de um resumo.	05	Consciencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula com a presença do manual.
Incentivar o estudo e pesquisa autónoma. Realização individual de ficha de atividade sobre visita de estudo ao Lisboa Story Centre com consulta (incluindo telemóvel).	10	Respeitam e valorizam a comunicação oral pela voz de um aluno. <b>Podem identificar questões geográficas.</b> Utilizar um correto vocabulário geográfico nas descrições orais.
Problematizar o estudo concreto dos eixos de expansão de Lisboa. Com a projeção de imagem satélite, identificar as vias rodo e ferroviárias que influenciaram os eixos de crescimento. Comentar a importância destes fatores nas dinâmicas que originam.	15	Realizam a ficha de atividade. Testam conhecimentos adquiridos. <b>Realizam pesquisa autónoma.</b>
Envolver os alunos. Desafiar os alunos a identificarem os problemas das cidades, diálogo com a turma interligando com os problemas apontados no inquérito de trabalho de campo e das suas vivências pessoais e ou familiares.	50	<b>Analísam imagens satélite para distinguir áreas com densidades populacionais diferentes.</b> Identificam e localizam os principais eixos de crescimento da cidade de Lisboa.
Preparar o final de aula. Considerações sobre o trabalho de grupo a desenvolver. Final da aula.	60	Exploram o manual. <b>Debatem sobre os problemas urbanos que mais lhes afetam.</b>
	80	Consciencializa-se para o empenho nas tarefas.
	90	Saída.
<b>Avaliação:</b>		<b>Observações:</b>

## Anexo 29 – Recurso aula nº 4 (expansão urbana)



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º ano  
Geografia

Síntese aula anterior (aula 39 e 40):

**A origem e o crescimento das cidades:  
fatores e processo de desenvolvimento.**

Sumário (aula 41 e 42):

**Expansão urbana:  
Crescimento dos subúrbios, problemas das cidades.**

(páginas 82 a 97 do manual)

José Luís Magalhães

### **Povoamento Urbano**

#### As primeiras cidades

- Expansão das áreas de cultivo e pastagens;
- Desenvolvimento de novas técnicas e aumento da produção agrícola;
- Aumento populacional;
- Desenvolvimento do comércio.

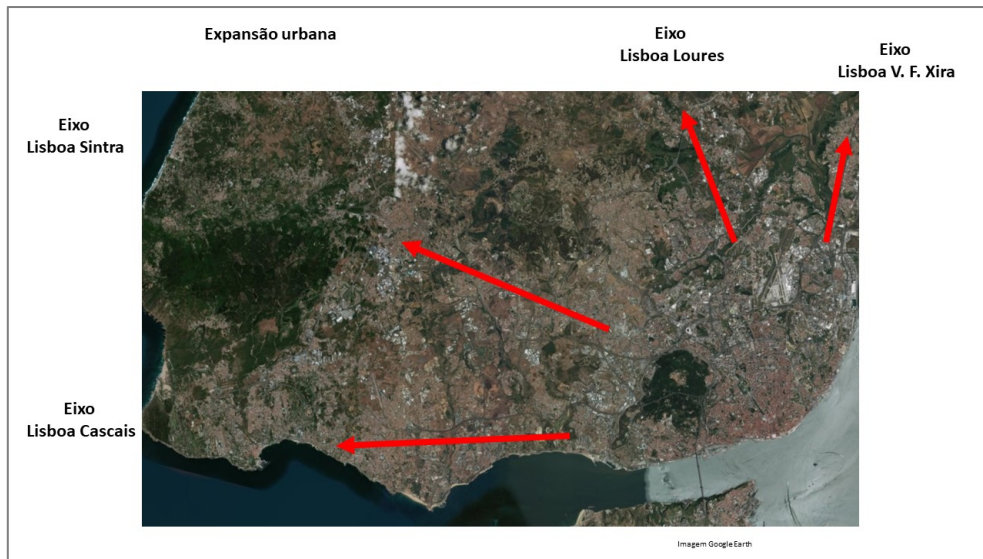
#### Crescente urbanização a nível mundial... mas a ritmos desiguais

- Países desenvolvidos
- Países em desenvolvimento

O Lisboa Story Centre contou-nos, do passado ao presente, os principais eventos ocorridos na cidade de Lisboa.

- 1) Quais foram os primeiros colonizadores de Lisboa?
- 2) Qual a principal função da cidade de Lisboa na Idade Média?
- 3) Com os descobrimentos a cidade de Lisboa passou a ter outro papel importante. Qual?
- 4) Que tipo de planta de cidade (malha urbana) se verificava em Lisboa antes do terramoto de 1755?
- 5) Na reconstrução da cidade de Lisboa foi implementado uma nova planta (malha), qual?
- 6) O Terreiro do Paço já foi utilizado com vários fins. A cada um dos fins enumera as funções urbanas associadas.
- 7) Tenta enunciar alguns problemas com que Lisboa se deparou ao longo dos tempos.

(continuação anexo 29)



**Quais os problemas urbanos que as cidades enfrentam?**







### Quais os problemas das cidades?

O crescimento das cidades e dos seus subúrbios, por vezes de forma descontrolada, tem agravado alguns dos problemas ambientais e sociais, tal como a poluição atmosférica e sonora, a falta de saneamento básico, a escassez de transportes públicos, o aumento da criminalidade, a falta de habitação, entre outros.

Atualmente, apesar de continuarem a ter muitos aspetos positivos, as grandes cidades apresentam múltiplos problemas, que estão resumidos no Esquema 8.



Esquema 8 – Problemas urbanos

As infraestruturas urbanas nem sempre se encontram adequadas para responder ao aumento demográfico das cidades e ao crescimento espacial, provocando problemas de sustentabilidade e diminuição da qualidade de vida da população.

Muitas das grandes metrópoles apresentam níveis de poluição atmosférica preocupantes, devido a uma escorçada concentração de indústrias e de veículos em direção às cidades. Os debates têm de abordar-se, claramente, os benefícios, de energia e de materiais plásticos, mas nem sempre as infraestruturas físicas, como as redes de transportes e as redes de distribuição de água e de energia, conseguem responder de forma eficaz às necessidades da população.

A utilização excessiva do transporte individual contribui para o aumento das congestionamentos e medeia a facilidade de deslocação nas cidades.



Fig. 13 – A poluição industrial é uma das responsáveis pelo aumento da poluição atmosférica nas cidades.



Fig. 14 – As cidades congestionadas na cidade de Moscovo.



Uma parte da população urbana é confrontada com problemas sociais graves como o desemprego, a pobreza, a exclusão social, a criminalidade, a toxicodependência, entre outros.



Fig. 15 – Problemas confrontados nas cidades durante um desenvolvimento rápido.



1. A Fig. 15 mostra que muitas cidades nem tudo correm bem nesse dia.
  - 1.1 Reflita os problemas de ordem social ocorridos na cidade representada na Fig. 15 durante esse dia.
  - 1.2 Mencione os problemas de natureza ambiental descritos na Fig. 15.
  - 1.3 Propõe medidas para evitar alguns dos problemas menos positivos que se apresentam nesse dia na cidade.
  - 1.4 Solte alguns aspetos positivos que possam ter ocorrido durante o dia nessa cidade.

## Anexo 31 – Plano para aula 5

<b>Plano para aula 5</b>		
<p><u>Estabelecimento:</u> Esc. Sec. Rainha D. Leonor</p> <p><u>Turma:</u> 8º1</p> <p><u>Mestrando:</u> José Luis Magalhães</p> <p><u>Professor cooperante:</u> José António Baptista</p>	<p><u>Data:</u> 14/Mar./2018</p> <p><u>Horário:</u> 10h00m / 11h30m</p> <p><u>Sala:</u> 212</p>	
<p><b>Domínio:</b></p> <p>População e Povoamento</p>	<p><b>Subdomínio:</b></p> <p>Cidades, principais áreas de fixação humana.</p>	<p><b>Objetivos gerais:</b></p> <p>Compreender a origem e o crescimento das cidades.</p>
<p><b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.</p>		
<p><b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades.</p>		
<p><b>Recursos:</b> Computador; Projetor; Apresentação em PowerPoint; Manual; Quadro; Guião de trabalho de grupo.</p>		
<p><b>Conceitos:</b> Problemas urbanos; Cidades sustentáveis.</p>		
<p><b>Sumário (lição 43 e 44):</b> Cidades sustentáveis. Possíveis soluções para os problemas urbanos (trabalho de grupo).</p>		
<p><b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)</p> <p><u>Organizar a turma.</u> Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.</p> <p><u>Marcar início da aula.</u> Apresentação do sumário, com apresentação em <i>PowerPoint</i>. Este recurso servirá para projeção das imagens e vídeo ou outro tipo de suporte à aula.</p> <p><u>Organizar a turma nos grupos de trabalho já previamente combinados entre os alunos.</u> Sugerir aos alunos juntar as mesas em núcleos.</p> <p><u>Despertar o interesse.</u> <b>Mencionar possíveis soluções para os problemas urbanos. Discutir a importância das cidades sustentáveis.</b> Introduzir o conceito de cidades sustentáveis com a visualização de vídeo (9m30s) sobre programa cidades sustentáveis. Solicitar os alunos a pesquisar e elaborar um texto, de acordo com o guião de trabalho de grupo, sobre o tema. Apresentar e comentar a estratégia nacional Cidades Sustentáveis 2020, como matéria de enquadramento conceptual e pesquisa de soluções. Desafiar e auxiliar os grupos que demonstrem mais dificuldades ou inércia.</p> <p><u>Preparar o final de aula.</u> Acompanhar os grupos no decorrer da aula. Fazer o registo de desempenho dos grupos. Reorganizar a sala para o próximo tempo letivo</p> <p>Final da aula.</p>	<p><b>tempo (min.)</b></p> <p>00</p> <p>05</p> <p>10</p> <p>15</p> <p>75</p> <p>90</p>	<p><b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)</p> <p><u>Entram e acomodam-se nos seus lugares.</u></p> <p><u>Consciencializam-se do início da aula.</u> Transcrevem o sumário.</p> <p><u>Organizam-se em grupos.</u></p> <p><u>Tomam conhecimento sobre os desafios do crescimento e importância da gestão do espaço urbano. Organizam-se na divisão de tarefas para realizarem trabalho de grupo.</u> Pesquisam e analisam casos concretos e refletem sobre possíveis soluções. São acompanhados num registo mais personalizado.</p> <p><u>Expõem ideias.</u> Apresentam dúvidas. Estruturam tarefas para próxima fase. Preparam a arumação da sala.</p> <p>Saída</p>
<p><b>Avaliação:</b> Avaliação formativa, registo de desempenho.</p>		
<p><b>Observações:</b> Aula apoiada por mestrando Tiago Fidalgo</p>		

## Anexo 32 – Recurso aula nº 5 (trabalho de grupo)



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º ano  
Geografia

Sumário (aula 43 e 44):

**Cidades sustentáveis. Possíveis soluções para os problemas das cidades.**

(páginas 82 a 97 do manual)

José Luis Magalhães

Vídeo: Programa Cidades Sustentáveis



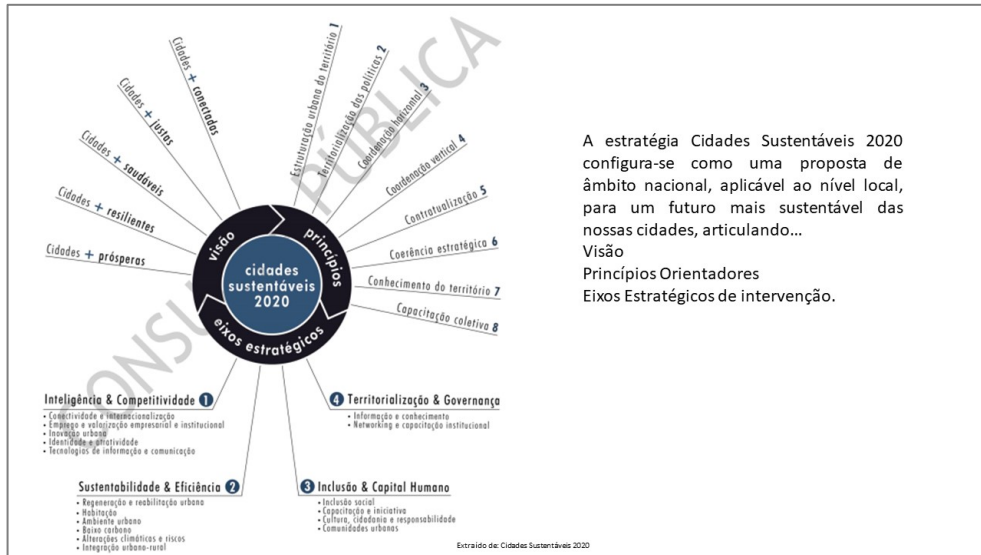
[www.youtube.com/watch?v=EOoWVTYJcE&t=58s](http://www.youtube.com/watch?v=EOoWVTYJcE&t=58s)

**PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS**

**Grandes problemas da expansão urbana.**  
**(problemas das cidades, problemas urbanos)**

**Objetivos Cidades Sustentáveis.**

**Problemas urbanos identificados no bairro de Alvalade e possíveis soluções ao abrigo dos programas Cidades Sustentáveis.**



A estratégia Cidades Sustentáveis 2020 configura-se como uma proposta de âmbito nacional, aplicável ao nível local, para um futuro mais sustentável das nossas cidades, articulando...  
 Visão  
 Princípios Orientadores  
 Eixos Estratégicos de intervenção.

### Quais as soluções para os problemas urbanos?

A resolução dos problemas urbanos exige um trabalho continuado e com elevados custos. O planeamento é um processo essencial para prevenir, quer na resolução dos problemas urbanos.

#### Que medidas devem ser tomadas para resolver os problemas urbanos?

- Muitas tentativas de minimizar os problemas urbanos, as responsáveis municipais, não veem várias medidas com vista à melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, tais como:
  - aumento das áreas verdes no interior das cidades;
  - limitação da circulação automóvel em certas áreas históricas;
  - criação de corredores de velocidade, incluindo a deslocação por bicicleta;
  - recuperação do espaço habitacional;
  - maior planeamento urbanístico.

O aumento das áreas verdes permite a redução do ruído, serve de campo de jogo e torna a cidade mais respirante (Fig. 16).

A resolução dos problemas de trânsito passa pela criação de mais estacionamento, pela melhoria dos transportes públicos, pela redução do transporte automóvel individual e pela criação de ciclovias (Fig. 17).

Para a diminuição da poluição causada pelos resíduos sólidos e líquidos é necessário a construção de estações de tratamento de lixo e de EPAR (Estações de Tratamento de Águas Residuárias) (Fig. 18).

Para melhorar os problemas habitacionais é necessário a construção de bairros organizados, nomeadamente os bairros do tipo a construção de novas habitações compatíveis com os rendimentos das famílias (Fig. 19).



Fig. 16 - Os espaços verdes são essenciais na cidade.



Fig. 17 - Ciclovias numa cidade.



Fig. 18 - Reciclo, energia e tratamento do lixo.



Fig. 19 - Bairros planejados no Rio de Janeiro (Brasil).

As ideias de habitação para a fixação dos jovens no centro da cidade, promovida, desta forma, a revitalização dessas áreas, por vezes muito desertificadas.

A revitalização de uma área urbana pressupõe a criação de novas atividades e infraestruturas, ou a melhoria das já existentes, de modo a promover o dinamismo socioeconómico desse espaço e a melhoria da qualidade de vida e criação de locais de população. Focar-se em problemas ambientais e sociais que afetam as grandes cidades, é necessário tomar as cidades ambientalmente sustentáveis.

#### O que é uma cidade sustentável?

Uma cidade sustentável é aquela que promove uma justa distribuição de bens, serviços, direitos e deveres para garantir o equilíbrio e a dignidade humana.

Uma cidade sustentável deve oferecer equipamentos sociais, transportes e serviços públicos adequados às necessidades e necessidades da população e às características locais.

- As cidades sustentáveis tomam medidas para evitar:
  - a utilização inadequada dos recursos urbanos;
  - o uso excessivo do solo urbano;
  - a poluição e a degradação ambiental.

#### Quais as cidades que são bons exemplos de sustentabilidade urbana?

As cidades de Vancouver (Canadá), Curitiba (Brasil), Friburgo (Brasil), Copenhaga (Dinamarca) e Singapura são consideradas modelos de sustentabilidade urbana, não só pela qualidade de vida que oferecem aos habitantes, mas também pela boa gestão económica que fazem na utilização dos recursos (Consulte o Doc. 3).



**Cidades sustentáveis são cidades que possuem uma política de desenvolvimento para promover o ambiente. Têm uma cidade sustentável, e população faz um uso eficiente e sem desperdício de água, energia e outros recursos.**

#### Documento 3

##### COPENHAGA, CAPITAL VERDE EUROPEIA 2014

Copenhaga foi selecionada como um bom exemplo em termos de Ordenamento do Território e planeamento urbano. É uma cidade planeada na área de mobilidade com o ambiente e o período de tempo a melhor do mundo para os cidadãos.

O investimento em ciclovias não só reduz as emissões de CO<sub>2</sub> como também melhora a saúde dos cidadãos e a sua qualidade de vida. A implementação de um sistema de bicicletas públicas melhorou a qualidade de vida dos cidadãos e ajudou a aumentar a utilização de bicicletas, tornando a cidade mais vibrante e competitiva.



Fig. 20 - Aceito do porto de Copenhaga.



#### Atividades

1. **Reflexão** as medidas a tomar para se resolverem os problemas do território nas grandes cidades.
2. **Mencione** duas medidas que visam a resolução dos problemas de habitação nas cidades.
3. **Reflexão** a importância das áreas verdes nas cidades.
4. **Defina** cidade sustentável.

## Anexo 34 – Guião de trabalho de grupo

### Guião de Trabalho



### Cidades, principais áreas de fixação humana

*"A cidade é uma aglomeração de gente, de capitais e de outras forças de produção num espaço limitado, mas é também uma forma de povoamento, um lugar na paisagem dotado de características peculiares em termos de forma e imagem..."*

Teresa Barata Salgueiro

Objetivos gerais que se pretende alcançar com este trabalho de grupo:

- Compreender a organização morfofuncional das cidades;
- Refletir sobre possíveis soluções para os problemas urbanos;
- Discutir a importância das cidades sustentáveis.

(continuação anexo 34)

### Orientações para a redação do trabalho

**1) Título do trabalho**

Devem dar um nome ao trabalho.

**2) Introdução.**

Devem redigir uma breve apresentação sobre o trabalho escrito.

**3) Enquadramento geográfico.**

Devem identificar e localizar a área de estudo.



Sugestões para recolha de informação:

Procurar nas páginas eletrónicas da Junta de Freguesia de Alvalade (<http://www.if-alvalade.pt>) e da Câmara Municipal de Lisboa (<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/juntas-de-freguesia/freguesia-de-alvalade>)

**4) Enquadramento histórico**

Devem redigir uma breve apresentação da história do bairro de Alvalade.

Sugestões para recolha de informação:

Tentar questionar familiares ou amigos sobre a história do bairro. Visitar a Junta de Freguesia de Alvalade no sentido de obter informação para que possam fazer um breve enquadramento histórico do bairro.



(continuação anexo 34)



## 5) Enquadramento teórico

### 5.1 Devem elaborar um texto referindo as diferentes funções urbanas das cidades.

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver páginas 96 e 97)

### 5.2 Devem elaborar um texto referindo as diferentes áreas funcionais das cidades.

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver páginas 98 e 99)

### 5.3 Devem elaborar um texto referindo os diferentes tipos de plantas de uma cidade (malha urbana).

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver páginas 100 e 101)

## 6) Caracterização área de estudo

### 6.1 Devem elaborar um pequeno texto a caracterizar o tipo de planta (malha urbana) existente na área de estudo.

De acordo com o enquadramento histórico devem tentar relacionar esse traçado com a época de construção do bairro.

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver páginas 100 e 101)

Dados recolhidos no local

Pesquisar em páginas eletrónicas utilizando palavras chave (exemplo: planeamento bairro Alvalade; etc...)

### 6.2 Devem caracterizar a área de estudo quanto às funções dominantes existentes nesse espaço.

Devem também elaborar uma planta funcional da Av. da Igreja. A planta funcional tem em conta o agrupamento dos estabelecimentos comerciais em grandes grupos de atividade e devem criar uma legenda a identificar cada grupo (cores, números ou símbolos).

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver página 97)

Dados recolhidos no local (ou a recolher/confirmar)

Dados recolhidos no local em: ficheiro Excel "dados\_AvIgreja" enviado para email da turma

Plantas do local e esboços feitos pelos alunos em: versão jpeg enviado para email da turma

Google maps street view

(continuação anexo 34)



## 7) Questões de investigação

7.1 Devem apresentar os resultados dos inquéritos efetuados, identificando e comentando quais os principais motivos que levam as pessoas inquiridas a frequentarem os estabelecimentos comerciais da Av. da Igreja, qual o tipo de estabelecimentos mais utilizados e a perceção dos preços praticados (é valorizado a ilustração desta informação com gráficos e fotos do local).

Sugestões para recolha de informação:

Dados recolhidos no local

Dados recolhidos no local em: ficheiro Excel "dados\_AvIgreja" enviado para email da turma

7.2 Devem elaborar um gráfico que ilustre a representação percentual de cada grande grupo de atividade comercial.

Devem elaborar uma tabela, ou gráfico, identificando os ramos de atividade com mais representação em número de estabelecimentos e verificar e comentar se o ramo de atividade mais representativo corresponde aos estabelecimentos mais frequentados pelas pessoas inquiridas.

Sugestões para recolha de informação:

Dados recolhidos no local

Dados recolhidos no local em: ficheiro Excel "dados\_AvIgreja" enviado para email da turma

Elaboração de gráficos em: tutorial enviado para email da turma

7.3 Devem fazer uma estatística sobre o número de estabelecimentos que já mudaram de ramo de atividade e o número de estabelecimentos que permanecem com o mesmo ramo de atividade (breve comentário).

Devem fazer a identificação dos ramos de atividade que existiam anteriormente e os ramos de atividade que lhes sucederam (breve comentário).

Devem fazer uma estatística sobre a idade dos estabelecimentos em atividade na área da Av. da Igreja (agrupar os estabelecimentos por anos de abertura, por exemplo em intervalos de 5 anos). Fazer também um comentário sobre os motivos que levaram os estabelecimentos a abrirem atividade nesta área da cidade.

Sugestões para recolha de informação:

Dados recolhidos no local

Dados recolhidos no local em: ficheiro Excel "dados\_AvIgreja" enviado para email da turma

(continuação anexo 34)



## **8) Problemas das cidades**

### **8.1 Devem elaborar um texto sobre os problemas das cidades.**

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver pagina 92 e 93)

### **8.2 Devem apresentar os problemas identificados pelas pessoas inquiridas. Devem apresentar o grau de gravidade que as pessoas inquiridas atribuem aos problemas apresentados.**

Sugestões para recolha de informação:

Dados recolhidos no local

Dados recolhidos no local em: ficheiro Excel "dados\_Avilgreja" enviado para email da turma

### **8.3 Devem elaborar um texto sobre os objetivos das Cidades Sustentáveis, bem como os problemas identificados no bairro de Alvalade e possíveis soluções ao abrigo dos programas Cidades Sustentáveis.**

Sugestões para recolha de informação:

Procurar e explorar a informação contida no manual Geodiversidades 8º ano (ver pagina 94 e 95)

## **9) Conclusão**

Devem elaborar um texto sobre a experiência realizada com este trabalho (exemplo: o que mais motivou o grupo; o que acharam mais interessante; as principais dificuldades encontradas; como ultrapassaram as dificuldades; parte menos interessante ou que acharam menos importante; o que aprenderam; o que pensam da pertinência ou importância deste trabalho para a formação dos alunos; avaliação sobre o interesse deste método de trabalho; que ferramentas de pesquisa e fontes de informação utilizaram; etc...)

**Um trabalho sério deve sempre ser divulgado.**

Serão seleccionados alguns trabalhos para a serem publicados no jornal da escola.

Bom trabalho,  
José Luís Magalhães

(continuação anexo 34)



**Bibliografia e informação adicional de apoio ao trabalho**

Lisboa. Quatro estudos de caso Sta. Catarina, Alvalade, Benfica e Expo Sul (ver página nº 69) em: <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/livros/lec.pdf>

Diagnóstico Sócio-urbanístico da cidade de Lisboa em: <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/livros/4fd.pdf>

Diagnóstico Social de Lisboa em: <http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1245064061D0aCC1bx8ly10DT8.pdf>

Geografia de Portugal, Planeamento e Ordenamento do Território (ver página 348) em: versão pdf enviado para o email da turma

Geografia de Portugal, Sociedade, Paisagens e Cidades (ver páginas 232 a 237) em: versão pdf enviado para o email da turma

Cidades sustentáveis 2020 - Direção-Geral do Território em: versão pdf enviado para email da turma

Video Cidades Sustentáveis - Planeamento Urbano em: <https://youtu.be/EBOoWVTYJcE>

Video Programa Cidades Sustentáveis em: <https://youtu.be/5cTRik3rdag>

Video Cidade 100% sustentável na Alemanha em: <https://youtu.be/VDwB7PLUNw>

Video Cidades alemãs transformam esgoto em eletricidade em: <https://youtu.be/VtoMieXaFY>

Anexo 35 – Plano para aula 6

Plano para aula 6		
Estabelecimento: Esc. Sec. Rainha D. Leonor	Turma: 8º1	Horário: 10h00m / 11h30m Sala: 212
Mestrando: José Luís Magalhães		Professor cooperante: José António Baptista
<b>Domínio:</b> População e Povoamento	<b>Subdomínio:</b> Cidades, principais áreas de fixação humana.	<b>Objetivos gerais:</b> Compreender a organização morfofuncional das cidades.
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades.		
<b>Recursos:</b> Computador; Projetor; Manual; Quadro; Guião de trabalho de grupo.		
<b>Conceitos:</b> Funções urbanas; Área funcional; Planta funcional.		
<b>Sumário (lição 45 e 46):</b> Trabalho de grupo. Avaliação final de período.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)	<b>tempo (min.)</b>	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Marcar início da aula. Apresentação do sumário. Solicita-se a abertura do manual nas paginas correspondentes.	05	Consciencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula com a presença do manual.
Organizar a turma nos grupos de trabalho já previamente combinados entre os alunos. Sugerir aos alunos juntar as mesas em núcleos.	10	Organizam-se em grupos.
Recordar aprendizagens. Entrega e correção da ficha de atividade. Complementar a correção da ficha com as indicações para o trabalho de grupo.	15	Acompanham a correção da ficha, identificam e esclarecem dúvidas.
Envolver os alunos. Distinguir função urbana de área funcional. Caracterizar as funções das cidades. Desafiar os alunos em trabalho de grupo, a preparar um texto, de acordo com o guião de trabalho de grupo, sobre o tema e explorando o manual. Incentivar os alunos a cumprirem as tarefas sugeridas no guião de trabalho de grupo. Desafiar e auxiliar os grupos que demonstrem mais dificuldades ou inércia.	20	Tomam consciência para a realização das tarefas. Organizam-se na divisão de tarefas para realizarem trabalho de grupo. São acompanhados num registo mais personalizado.
Preparar para as avaliações do período. Reorganizar a sala.	65	Apresentam dúvidas. Estruturam tarefas para próxima fase. Preparam a arrumação da sala.
Avaliação do período. Conversa com os alunos, caso a caso, sobre a sua avaliação. Final da aula.	70	Consciencializam-se do trabalho realizado.
	90	Saída.
<b>Avaliação:</b>		
<b>Observações:</b>		

Anexo 36 – Plano para aula 7

<b>Plano para aula 7</b>		
<p><u>Estabelecimento:</u> Esc. Sec. Rainha D. Leonor      <u>Turma:</u> 8º1      <u>Data:</u> 11/Abr./2018      <u>Horário:</u> 10h00m / 11h30m      <u>Sala:</u> 212</p> <p><u>Mestrando:</u> José Luis Magalhães      <u>Professor cooperante:</u> José António Baptista</p>		
<b>Domínio:</b>	<b>Subdomínio:</b>	<b>Objetivos gerais:</b>
População e Povoamento	Cidades, principais áreas de fixação humana.	Compreender a organização morfofuncional das cidades.
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades.		
<b>Recursos:</b> Computador. Projetor. Apresentação em PowerPoint. Manual: Quadro.		
<b>Conceitos:</b> C. B. D.; Centralidade; Acessibilidade; Área de influência de uma cidade.		
<b>Sumário (lição 47 e 48):</b> A organização morfofuncional das cidades: funções urbanas, áreas funcionais e tipos de plantas.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)	<b>tempo (min.)</b>	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitudes a tomar / experiências educativas / competências essenciais)
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Marcar início da aula. Apresentação do sumário, com apresentação em <i>PowerPoint</i> . Este recurso servirá para projeção das imagens e textos dando suporte aos conteúdos a lecionar. Solicita-se a abertura do manual nas pp 96-101.	05	Conscencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula com a presença do manual.
Recordar aprendizagens. Interpelar os alunos sobre as funções urbanas e áreas funcionais, aferindo o que já sabem sobre o tema e o que já avançaram no guião de trabalho de grupo. Complementar essas participações com exposição de fotos ilustrativas dos diferentes conceitos e comentando exemplos concretos.	10	Acompanham a lição visualizando imagens. <b>Identificam os elementos que caracterizam as funções das cidades.</b>
<u>Interligar conhecimentos. Caracterizar as principais áreas funcionais das cidades. Relacionar o aparecimento de novas centralidades com o crescimento das cidades e a revitalização dos centros urbanos.</u> Com a projeção de cartografia sobre as áreas funcionais de Lisboa explicar o conceito de área funcional. Desafiar os alunos a descrever partes da cidade Lisboa caracterizando-as. Comentar as transformações e as deslocações de algumas áreas funcionais no espaço e no tempo consoante o desenvolvimento tecnológico e novas condicionantes.	30	Acompanham a lição visualizando cartografia da cidade. Transcrevem para o caderno diário síntese da informação projetada. <b>Identificam os elementos que caracterizam as áreas funcionais.</b> Verificar e interpretar inter-relações de fenómenos humanos.
Introduzir o estudo sobre morfologia urbana. <b>Comparar planta irregular, planta radiocêntrica e planta ortogonal. Relacionar as diferentes plantas com a evolução ou o planeamento das cidades.</b> Projetar imagens de partes da cidade de Lisboa representativas de diferentes malhas urbanas e apontar as características, vantagens e desvantagens de cada. Desafiar os alunos a identificar tipo de malhas urbanas recorrendo a exemplos de outras cidades.	60	Acompanham a lição visualizando cartografia da cidade. Transcrevem para o caderno diário síntese da informação projetada. <b>Identificam os elementos que caracterizam as áreas funcionais.</b> Verificar e interpretar inter-relações de fenómenos humanos.
Preparar final da aula. Acompanhamento e considerações sobre o trabalho de grupo Final da aula.	80 90	Tomam consciência para a realização das tarefas e gestão do tempo. Saída
<b>Avaliação:</b>		<b>Observações:</b>

## Anexo 37 – Recurso aula nº 7 (organização das cidades)



Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
8º ano  
Geografia

Sumário:

**A organização morfofuncional das cidades:  
Funcões urbanas, áreas funcionais e tipos de plantas.**

(paginas 96 a 101 do manual)

José Luis Magalhães

### Funcões urbanas

São as atividades predominantes exercidas numa cidade.

Podem ser: residencial, cultural, comercial, industrial, turística, político-administrativa, religiosa, (...)



### Funcões urbanas



### Político-administrativa



### Comercial



### Turística



### Cultural

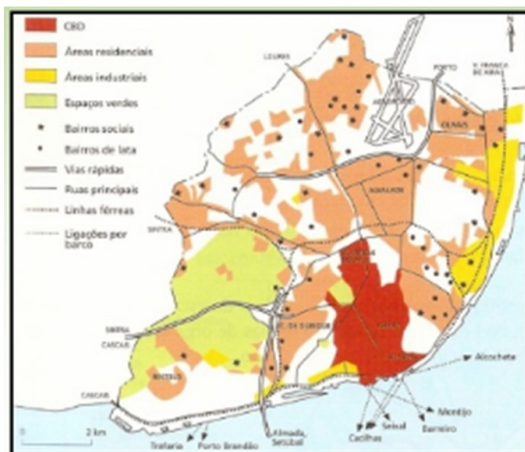


(continuação anexo 37)

É possível considerar em todas as cidades várias áreas funcionais que se concretizam em diferentes locais.

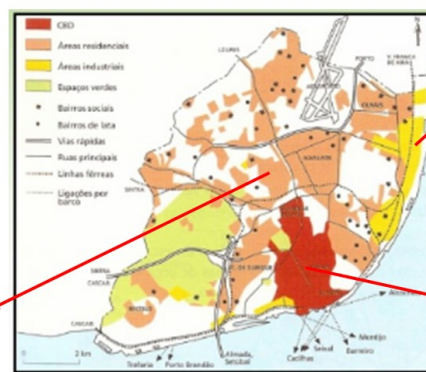
Normalmente as mais representativas são:  
residencial (Blocos de apartamentos, vivendas)  
comercial (Lojas diversas)  
industrial (Fábricas)

Áreas funcionais de Lisboa nos anos 70 do século passado



As atividades que têm relação entre si tem localizações próximas originando **áreas funcionais** (espaços, no interior da cidade, onde predomina uma determinada função urbana)

Áreas funcionais de Lisboa nos anos 70 do século passado



**Áreas residenciais**  
Espaços onde se concentra edifícios destinados à habitação

**Áreas industriais**  
Espaços normalmente situados na periferia, com infraestruturas destinadas a fabricas e/ou armazéns

**CBD (centro ou baixa)**  
Área da cidade com forte acessibilidade, espaço preferido para a localização de comércio e serviços (boas acessibilidades, forte concentração de comércio e serviços, atrai muita população e torna o preço do solo muito elevado)



(continuação anexo 37)

### Morfologia Urbana

Que elementos constituem a morfologia urbana?  
Que tipos de malha se podem encontrar na cidade?  
Como se caracterizam os diferentes tipos de malhas?  
Que fatores podem explicar o traçado da malha urbana?

A morfologia urbana da cidade é a análise das formas, do ambiente  
construído e da sua transformação:

A malha, planta ou traçado da cidade  
As construções e os espaços livres (ruas, praças e jardins)  
O uso do solo

As malhas refletem a organização da sociedade e,  
de um modo geral, adaptam-se ao sítio onde são usadas.

... podem distinguir-se nas cidades três tipos de malhas.

Ortogonal



Radioconcêntrica



Irregular



Imagens Google Earth

(continuação anexo 37)



**A malha ortogonal**

Plano simples, uma grelha de vias regulares, intersecadas em ângulos retos, configuram um conjunto de quarteirões quadrados ou retangulares, de tamanho variável, fruto do terreno disponível ou da função destinada

**Vantagens:** questões de ordem prática ligadas à facilidade do seu traçado estão na base da sua difusão por todo o mundo. A comodidade da organização dos lotes para construção e a facilidade de prolongar a construção da cidade

**Inconvenientes:** criação de numerosas intersecções, que dificultam a fluidez do tráfego e o alongamento dos percursos, por vezes resolvido com a construção de diagonais



**A malha Radioconcêntrica**

Configura-se em torno de um conjunto de ruas que partem de um centro: umas radiais e outras concêntricas

**Vantagens:** do ponto de vista urbanístico, facilita o acesso da periferia ao centro, através do conjunto de radiais, reforçando o poder do centro – o coração da cidade

**Inconvenientes:** a irregularidade das parcelas, dificultando as construções e o alongamento das distâncias, pela necessidade de se descreverem arcos de círculo.



**A malha irregular**

Não obedece a nenhum traçado preconcebido, resulta de um crescimento orgânico. Desenvolve-se com maior incidência nas cidades do norte de África. As ruas dispõem-se de forma irregular a partir de um núcleo central rodeado de muros

**Vantagens:** do ponto de vista urbanístico, separação entre o espaço público e privado, redução do movimento, privacidade

**Inconvenientes:** a irregularidade das parcelas, dificulta a reabilitação dos edifícios, as vias pouco adequadas aos transportes, nomeadamente ao automóvel. Os espaços públicos, de encontro e de estar são reduzidos

Atividade

### O que são funções urbanas?

Os aglomerados urbanos não são apenas concentrações de edifícios e de ruas, mas também de pessoas que desenvolvem determinadas atividades ou funções, que variam de cidade para cidade, conferindo-lhes uma cara peculiaridade.

#### O que são funções urbanas?



Fig. 21 - Coimbra - Cidade antiga e função cultural e do comércio

#### A reter

As funções urbanas correspondem às atividades desenvolvidas exercidas por uma cidade no seu interior ou nas áreas envolventes. Estas podem ser: político-administrativas, comerciais, industriais, culturais, turísticas, recreativas (fitness), religiosas e desportivas.

A função político-administrativa surge, normalmente, nas cidades que são capitais dos países, pois é aí que se concentram os diferentes ministérios e a sede do governo. Cidades como Bruxelas e Lisboa são ótimos exemplos (Fig. 22).

A função comercial é a mais comum em todas as cidades, já que o comércio é a atividade mais frequente em qualquer centro urbano. Temos como exemplos as cidades de Londres e de Milão.

A função industrial surge em centros onde a presença da indústria é muito forte, envolvendo muita população nas suas atividades. São exemplos as cidades do Suroeste do Brasil e de Turim.

A função religiosa corresponde aos centros cujo desenvolvimento se deve à presença de lugares de culto e de peregrinação. Temos como exemplos as cidades de Fátima, de Lourdes e do Vaticano (Fig. 23).

A função cultural existe em cidades cuja função dominante está relacionada com a presença de universidades e de centros de investigação. São exemplos as cidades de Coimbra, de Oxford e de Cambridge (Fig. 24).

A função turística relaciona-se com a existência de atividades recreativas e de lazer. São exemplos disto as cidades do Algarve, de Nazaré e do Bazar.

Se algumas cidades apresentam uma maior predominância de uma determinada atividade ou função, outras são muito diversificadas, concentrando num mesmo conjunto de atividades e serviços, sendo, por isso, difíceis atribuir-lhes uma função.



Fig. 22 - Lisboa - cidade turística e cidade e função administrativa e do comércio



Fig. 23 - Lisboa - cidade turística e função cultural e do comércio

### Como se diferencia o espaço urbano?

Ao atravessarmos uma cidade, observamos esta, em cada área, cumprir um certo tipo de atividade, função.



Fig. 24 - Espetáculo de uma cidade com a localização das diferentes funções urbanas

Dentro de uma cidade, a localização, as características, as habitações e as funções específicas de um espaço funcional são determinadas por fatores como: a localização, a função residencial, a função comercial, a função industrial (Fig. 25).

#### A reter

Planta funcional - representação cartográfica onde estão analisadas, por meio de símbolos e/ou de manuais, as localizações das diferentes atividades económicas, sociais, recreativas e habitacionais.

Quando se utilizam diferentes símbolos para assinalar na planta de uma cidade a localização das diferentes atividades económicas, sociais, recreativas e habitacionais, diz-se que esta é uma planta funcional.



Fig. 25 - Planta funcional de uma localidade

Na planta funcional da Fig. 25, são visíveis os armazéns, os quartéis e as casas de uma pequena cidade. Sobre os diferentes edifícios foram colocados símbolos que representam a função ou funções desenvolvidas nesse espaço na legenda anexa à respetiva figura.

Busque a planta funcional de uma rua da tua cidade ou localidade.

### 1.4

As cidades: principais áreas de fixação humana

## Quais as áreas funcionais da cidade?

Não importa de qualquer cidade vamos encontrar áreas com características diferentes, como as ruas comerciais e aglomeradas, os bairros residenciais, as zonas industriais, etc.



#### 3. releze

Dentro de uma cidade distinguem-se várias áreas funcionais:

- o núcleo histórico;
- as áreas comerciais e administrativas;
- as áreas residenciais;
- as áreas industriais;
- as áreas recreativas.

O núcleo histórico corresponde à área próxima da cidade, onde se situam os edifícios mais antigos, que são utilizados como centros culturais, museus, bibliotecas, etc.

As ruas são, geralmente, estreitas e, muitas vezes, de traçado irregular (Fig. 28).

Em alguns casos, estas velhas núcleos sofrem modificações, sendo possível identificar áreas remanebais, com ruas de traçado geométrico.

No centro comercial e administrativo, encontramos os edifícios de empresas, os bancos, as companhias de seguros, o comércio especializado, hotéis, agências de viagens, organizações municipais, sedes de organizações públicas. Este centro situa-se, normalmente, próximo do núcleo histórico e, por vezes, está mesmo ligado a esta área antiga da cidade.

Devido à grande acessibilidade, o preço do solo na área comercial e administrativa é muito elevado, o que explica a presença de actividades como lojas de luxo, escritórios e serviços de administração.

Diz-se que um local é acessível quando nele se cruzam as principais vias de comunicação e quando é servido por muitos transportes urbanos.

Recorramos, verifica-se também o aparecimento de novas áreas de negócios e comércio, por vezes longe dos centros históricos, mas com melhores acessibilidades e infraestruturas.

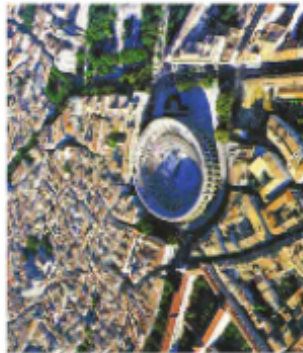


Fig. 28 - Centro histórico de Lisboa - França



Fig. 27 - Esquema de cidade europeia

População e crescimento

#### Atividades



Fig. 29 - Esquema de cidade norte-americana

No centro comercial e administrativo da cidade, há uma concentração de edifícios, infraestruturas, e distinção de C.B.D. (Central Business District), área central de negócios. Em Portugal é normalmente constituído por Baixa.

A população residente no C.B.D. é reduzida, isto é, o centro apresenta, geralmente, um número de pessoas que não ultrapassa, mas que vivem noutras áreas da cidade ou nas suas arredores.

Algumas áreas mais degradadas dos centros das cidades têm sido sujeitas a reabilitações, procurando apossar novos equipamentos e atividades que lhes conferem um novo estatuto de centralidade.

O aparecimento de novas estruturas de atividades de lazer nos centros históricos das cidades, mesmo populacionais, mais comerciais e, sobretudo, mais dinâmicas para estas áreas.

As áreas residenciais adquirem características diferentes, de acordo com o estatuto social da população que nelas reside.

Normalmente, é nas áreas onde o preço do solo é menor e as condições ambientais e de acessibilidade são mais que se formam os bairros históricos das áreas mais desenvolvidas.

As habitações das classes sociais localizam-se, geralmente, em áreas tranquilas, com bons acessos e com edifícios de construção mais antigos.

As áreas industriais necessitam de bons acessos, pelo que se localizam, normalmente, junto das principais vias de comunicação. Por outro lado, as indústrias necessitam de vastos espaços, tendo de recorrer a áreas da periferia da cidade onde o preço do solo é mais barato.



Fig. 28 - Bairro residencial em Lisboa, França

Subsistema de comunicação  
Ficha 21

#### Atividade



#### Atividades

1. Explique o significado da área C.B.D. e compare-a com as áreas funcionais.
2. Justifique a localização das áreas industriais nas regiões suburbanas da cidade.
3. Compare as Fig. 27 e 28 e indique duas diferenças entre o centro e a periferia das duas modalidades de cidade.

1.4 As cidades: principais áreas de fixação humana

Atividade

Quais os tipos de plantas de uma cidade?

Cada cidade reflete a originalidade da criação e da cultura dos seus habitantes, possuindo uma arquitetura própria e uma planta particular.

O que é a planta de uma cidade?

A planta de uma cidade é o resumo da sua história. Por ela podemos seguir as etapas do seu desenvolvimento. É um documento essencial para o geógrafo.

Atenção

A planta de uma cidade é uma representação cartográfica, de grande escala, que apresenta um grau de pormenor superior à generalidade das mapas.

Podemos distinguir três tipos de plantas de cidade: ortogonal ou regular; radiconcêntrica; irregular ou desordenada.

Como se caracteriza cada um dos tipos de plantas?



Fig. 30 - Planta ortogonal de Chicago.

A planta radiconcêntrica é caracterizada pela presença de ruas circulares e concêntricas em torno do centro da cidade. A partir deste, partem avenidas em forma de raios, à semelhança de uma estrela, que criam as ruas circulares e fazem o centro em comunicação com a periferia (Fig. 31). São exemplos desta tipo de plantas cidades como Viena, Amsterdão, parte de Paris e Moscovo.



Fig. 31 - Planta radiconcêntrica do centro de Viena.

A planta irregular caracteriza-se pela disposição desordenada das ruas, que apresentam, geralmente, tortuosas e com um alinhamento aleatório de blocos sem limites de parcelas fixados. Este tipo de planta surge em inúmeras cidades medievais e nos aglomerados urbanos árabes, onde muitos das ruas parecem labirintos, por vezes com escadarias e calçadas. Impedida ou dificultada a circulação de veículos (Fig. 32). Esta planta de crescimento anárquico e desordenado surge em algumas cidades portuguesas, principalmente nas áreas medievais, como por exemplo nos bairros de Alfama e Mouraria (Lisboa) e em alguns locais históricos do Porto ou de Faro.

A melhor parte das cidades são apresentadas uma planta ortogonal, mas são raras ou mais raras, cada um deles correspondendo a épocas distintas.



Fig. 32 - Vista aérea do centro de Viena regular, com planta ortogonal.

Se faço... Não esqueço!

- Observa uma planta de cidade onde vives ou de que se fala mais perto da tua localidade.
- Identifica os tipos de traçado predominantes na tua cidade.
- Distingue no mapa as áreas com diferentes tipos de plantas.
- Relaciona os diferentes traçados com as épocas históricas em que foram construídos.



Fig. 33 - Planta irregular do bairro de Turra.

Em muitas cidades europeias, o núcleo central histórico, por vezes de origem medieval, apresenta uma planta de traçado irregular ou radiconcêntrica, mas nas áreas periféricas da cidade já é possível encontrar plantas de traçado ortogonal, as quais resultaram de intervenções urbanísticas recentes como planeamento prévio.

Os países da América anglo-saxónica e a Austrália, por serem países novos, com uma história recente, criaram cidades com ruas largas com plantas ortogonais de modo a serem mais funcionais e fáceis de construir.

Atividade

# Anexo 39 – Tutorial para elaboração de gráficos

**EXEMPLO GRÁFICOS PARA ILUSTRAR INQUÉRITOS**

**1) Selecionar, clicar na 1ª célula da coluna pretendida e com botão esquerdo do rato pressionado arrastar até à última célula da coluna**

**ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz**

Reside/trabalho perto	18
Diversidade de lojas	5
Preço	1
Atendimento	0
Segurança	1
Acessibilidade	3
Outro	4

**2) Selecionar, com a tecla 'Ctrl' pressionada clicar na 1ª célula da 2ª coluna pretendida e com botão esquerdo do rato pressionado arrastar até à última célula da coluna**

**3) Clicar Inserir**

**4) Explorar e selecionar tipo de gráfico pretendido**

**ii) Se costuma frequentar os estabelecimentos, porque é que o faz**

Reside/trabalho perto	18
Diversidade de lojas	5
Preço	1
Atendimento	0
Segurança	1
Acessibilidade	3
Outro	4

**Exemplo**

**INSERIR OS ESTABELECIMENTOS POR GRANDES RAMOS DE ATIVIDADE**

		nº de estabelecimentos	
1	café		
	restaurante		
	churrasqueira	1	1
2	(...)		
	talho		
	mercearias		
	congelados		
	frutarias		
3	pronto a vestir	1	1
	sapataria		
	malas		
	bijouteria		
	relojaria/ourivesaria		

Nome do estabelecimento	Ramo de atividade atual
A Grelha do Manel	Churrasqueira
Rio de Mel	Churrasqueira
Ardézia	Roupa
Vitrine	Roupa masculina
Riviera	Cosmetica
Castor casa (...)	Roupa
Pé de meias	Meias
Ourivesaria Costa	Ourivesaria

(continuação anexo 39)

### EXEMPLO GRÁFICOS TOTAL DE ESTABELECIMENTOS POR RAMO DE ATIVIDADE

- 1) Selecionar, clicar na 1ª célula da coluna pretendida e com botão esquerdo do rato pressionado arrastar até à última célula da coluna
- 2) Selecionar, com a tecla 'Ctrl' pressionada clicar na 1ª célula da 2ª coluna pretendida e com botão esquerdo do rato pressionado arrastar até à última célula da coluna
- 3) Selecionar, com a tecla 'Ctrl' pressionada clicar na 1ª célula da 3ª coluna pretendida e com botão esquerdo do rato pressionado arrastar até à última célula da coluna

- 4) Repetir o mesmo processo até estarem selecionadas todas as células correspondentes ao tipo de lojas e respetivo número de estabelecimentos
- 5) Clicar Inserir

4) Explorar e selecionar gráfico

Exemplo

Ramo de Atividade	Número de Estabelecimentos
pronto a vestir	8
chateaux	5
bebidas	4
café	4
colchão	4
lojas de roupa	4
restauração	4
perfumaria	3
clínica	3
seguros	3
tabaco	3
parafarmácia	3
casas de banho	3
telecomunicações	3
agência de viagens	3
cozinha	3
passagens	3
farmácia	3
desporto	3
higiene	3
confeitos	3
funerária	3
correios	3
matérias de construção	3
informática	3
meios de transporte	3

### EXEMPLO GRÁFICOS REPRESENTAÇÃO DOS GRANDES RAMOS DE ATIVIDADE

- 1) Repetir o mesmo processo anterior até estarem selecionadas todas as células correspondentes ao grande ramo de atividade respetivo número total de estabelecimentos
- 2) Clicar Inserir
- 3) Explorar e selecionar tipo de gráfico pretendido

Exemplo

Ramo de Atividade	Porcentagem
restauração	25%
moda vestuário acessórios	23%
artigos para o lar	10%
bebidas	9%
tabaco	11%
serviços financeiros	6%
cultura e lazer	6%
outros	5%

## Anexo 40 – Plano para aula 8

<b>Plano para aula 8</b>		
Estabelecimento: Esc. Sec. Rainha D. Leonor		Turma: 8º1
Data: 18/Abr./2018		Horário: 10h00m / 11h30m
Mestrando: José Luis Magalhães		Professor cooperante: José António Baptista
Sala: 212		
<b>Domínio:</b> População e Povoamento	<b>Subdomínio:</b> Cidades, principais áreas de fixação humana.	<b>Objetivos gerais:</b> Compreender a organização morfológica das cidades; Compreender a inter-relação entre o espaço rural e urbano.
<b>Aprendizagens anteriores neste Domínio:</b> Evolução da população mundial; Distribuição da população mundial; Mobilidade da população; Diversidade cultural.		
<b>Aprendizagens anteriores neste Subdomínio:</b> Compreender a origem e o crescimento das cidades; Compreender a organização morfológica das cidades.		
<b>Recursos:</b> Computador; Projetor; Manual; Quadro; Caderno de atividades.		
<b>Conceitos:</b> C. B. D.; Centralidade; Acessibilidade; Área de influência de uma cidade.		
<b>Sumário (lição 49 e 50):</b> As relações que se estabelecem entre o meio rural e urbano. Acompanhamento final dos trabalhos de grupo e revisões para o teste.		
<b>Tópicos para a sequência da aula:</b> (momentos / descritores / estratégias)	tempo (min.)	<b>Atividades a realizar pelos alunos:</b> (atitude a tomar / experiências educativas / competências essenciais)
Organizar a turma. Receção dos alunos. Iniciar programa INOVAR para verificação de presenças e registos.	00	Entram e acomodam-se nos seus lugares.
Marcar início da aula. Apresentação do sumário. Solicita-se a abertura do manual nas pp 102-107.	05	Consciencializam-se do início da aula. Transcrevem o sumário e acompanham a aula com a presença do manual.
Recordar aprendizagens. Acompanhar a síntese da aula anterior a ser realizada por aluno já selecionado. Identificar dificuldades e esclarecer dúvidas.	10	Respeitam e valorizam a comunicação oral pela voz de um aluno. <b>Podem identificar questões geográficas.</b> Utilizar um correto vocabulário geográfico nas descrições orais.
Envolver os alunos. <b>Descrever as diferenças entre modo de vida rural e modo de vida urbano. Explicar as relações de interdependência e complementaridade que se estabelecem entre o espaço rural e o espaço urbano. Discutir as potencialidades ambientais, sociais e económicas do espaço rural.</b> Exploração da informação contida no manual. Análise dos esquemas, leitura dos textos pelos alunos e comentários complementares ilustrativos das dinâmicas que ocorrem entre o rural e o urbano.	15	Acompanham a aula pelo manual. Tomam conhecimento da importância e potencialidades do espaço rural.
Preparar estudo para o teste. Realização de fichas do caderno de atividades.	40	Realizam a fichas de trabalho. Testam conhecimentos adquiridos e esclarecem dúvidas.
Preparar final da aula. Acompanhamento e considerações sobre o trabalho de grupo	80	Tomam consciência para a realização das tarefas e gestão do tempo.
Final da aula.	90	Saída
<b>Avaliação:</b>	<b>Observações:</b> Contributo do professor cooperante na lecionação dos conteúdos e revisões para o teste.	



### 1.4 As cidades: principais áreas de fixação humana

## Como se diferenciam os aglomerados rurais dos urbanos?

Os aglomerados urbanos e rurais não se opõem só pela diferença em número de habitantes. Tal oposição envolve, também, aspectos relacionados com a organização social e económica – observe os Esquemas 7 e 8.

Fig. 34 – Centro histórico de Moscovo

Fig. 35 – Aldeia do Norte de Portugal

Fig. 36 – Cidade como estrutura

Cidade	Vizinhos	Bairro urbano	Bairro rural
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhor variedade de serviços</li> <li>• Melhor oferta de serviços culturais</li> <li>• Melhor oferta de serviços educativos</li> <li>• Melhor oferta de serviços de saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequenos serviços de comércio</li> <li>• Pequenos serviços de saúde</li> <li>• Pequenos serviços educativos</li> <li>• Pequenos serviços culturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequenos serviços de comércio</li> <li>• Pequenos serviços de saúde</li> <li>• Pequenos serviços educativos</li> <li>• Pequenos serviços culturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pequenos serviços de comércio</li> <li>• Pequenos serviços de saúde</li> <li>• Pequenos serviços educativos</li> <li>• Pequenos serviços culturais</li> </ul>

**Esquema 8**

**Fig. 37 – Relações cidade-campo**

**Quais as potencialidades do espaço rural?**

O espaço rural apresenta múltiplas potencialidades de natureza económica, social e ambiental.

O espaço rural possui recursos que permitem desenvolver diferentes atividades económicas tais como a agricultura, a pecuária, a silvicultura, a indústria extractiva, etc.

A qualidade paisagística e ambiental do espaço rural é também um potencial que, devidamente aproveitada, pode inverter-se em fixação para estas regiões.

Do mesmo modo, as características sociais relacionadas com as tradições, com a arquitetura e com o gastronomia são cada vez mais valorizadas por aqueles que procuram o espaço rural.

**Quais as relações que se estabelecem entre a cidade e o campo?**

Entre o campo e a cidade desenvolvem-se relações de complementaridade. A cidade está dependente do espaço rural, mas este é também muito influenciado pela cidade. A Fig. 37 representa, esquematicamente, algumas das principais trocas que se estabelecem entre a cidade e o campo.

Com a melhoria das transportes e das comunicações, a cidade e o espaço estão cada vez mais próximos, verificando-se:

- o aumento da mobilidade da população;
- a aglomeração do modo de vida rural ao modo de vida urbano.

As funções tradicionalmente desempenhadas pelo cidade e pelo campo têm vindo a registar alterações, sobretudo no que se refere às áreas mais próximas dos centros urbanos.

As áreas rurais, tradicionalmente famosas pela bonificação, não do obio e manufatura-primas estabelecem, atualmente, novas relações de complementaridade com a cidade, oferecendo:

- habitação principal ou secundária;
- espaços / atividades de lazer;
- novos produtos provenientes das atividades urbanas e/ou rurais.

O espaço urbano disponibiliza bens de consumo, máquinas, serviços especializados, entre outros aspectos.

**Se faço... Não esqueço!**

Promova-se, sempre, com a colaboração do(s) local(is) profissional(is), um debate sobre o seguinte tema:

- As potencialidades ambientais, sociais e económicas do espaço rural
- A complementaridade que se pode estabelecer entre esse espaço e as cidades.
- Discuta as várias potencialidades oferecidas pelo espaço rural, apresentando exemplos concretos;
- Discuta e avalie as relações de interdependência e de complementaridade que se estabelecem entre o campo e a cidade.

População e Território

103



**Modo de dispersão das casas no espaço rural** → **Popovulação rural** → **Agglomerados rurais: aldeias e vilas**



**Autoavaliação**



**ÁREAS DE FORMAÇÃO HUMANA**

**Utilização consuetudinária da paisagem a nível municipal**

- Non países desenvolvidos, as zonas de urbanização são caracterizadas por áreas de aldeias.
- Non países em desenvolvimento, as zonas de urbanização são caracterizadas por áreas de aldeias.

**Popovulação urbana**

- As cidades são as organizações todas de maior forma.
- As cidades originam vários problemas:
  - Poluição
  - Falta espaço verde
  - Falta de habitação
  - Conhecimento do espaço
  - Segurança e ordenabilidade

**Centros urbanos - Cidades**

**Tipos de plantas**

- Orgânica
- Inorgânica
- Indo-ocidental

**Áreas funcionais**

- C.A.H.
- Áreas industriais
- Áreas comerciais

**Suburbanização**

- Óbitos-dormitórios
- Óbitos-castelos

**Confirma os teus conhecimentos**

No final desta unidade, deves ser capaz de:

- ✓ Distinguir povoamento rural de povoamento urbano (p. 84)
- ✓ Redefinir os critérios utilizados na definição de cidade (pp. 84 e 85)
- ✓ Definir cidade (p. 85)
- ✓ Explicar a origem das primeiras cidades (pp. 86 e 87)
- ✓ Caracterizar o crescimento urbano nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (p. 88)
- ✓ Definir fase de urbanização (p. 89)
- ✓ Explicar a origem do fenómeno de suburbanização (p. 90)
- ✓ Caracterizar diferentes paisagens suburbanas (p. 91)
- ✓ Avaliar as consequências do exagerado crescimento de algumas cidades (pp. 92 e 93)
- ✓ Apresentar medidas para minimizar os problemas urbanos (pp. 94 e 95)
- ✓ Exemplificar diferentes funções urbanas (p. 96)
- ✓ Definir planta funcional (p. 97)
- ✓ Identificar as diferentes áreas funcionais existentes no interior da cidade (pp. 98 e 99)
- ✓ Identificar diferentes tipos de malha urbana numa planta (pp. 100 e 101)
- ✓ Redefinir vantagens e limitações dos vários tipos de plantas (pp. 100 e 101)
- ✓ Indicar vantagens e inconvenientes da vida na cidade e no campo (p. 102)
- ✓ Definir área de influência de uma cidade (p. 102)

*Sempre que teures dificuldades, consulta o teu manual (pág. 84) (realizado) (entre parêntesis, ou pede ajuda ao(a) técnico(a) professor(a)).*

**Regista novos conceitos geográficos**

Completa o teu **Manual de Geografia** com os novos termos/conceitos que aprendeste ao longo desta unidade.

Obs.: Consulta a lista de termos na pág. 81

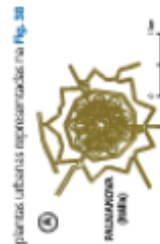
104



## Testa a tua aprendizagem

### Ficha formativa

- As cidades desenvolvem determinadas funções, confidenciais uma com a outra.
  - Explica o que é a função urbana.
  - Indica as áreas funcionais de uma cidade.
  - Compara o CBD, quanto:
    - à densidade da população residente;
    - à densidade de emprego;
    - à densidade da rede de transportes;
    - ao preço do solo;
    - ao número de pessoas que aí trabalham.
  - Explica a existência de áreas residenciais, com características diferentes, na cidade.
- Justifica o crescimento dos subúrbios nas cidades atuais.
- Refere as vantagens que oferecem as cidades-espelto em relação às cidades-dormitório.
- As cidades dos países em desenvolvimento apresentam um crescimento demográfico que põe em risco a qualidade de vida dos seus cidadãos.
  - Menciona os principais problemas urbanos na atualidade.
  - Sugere algumas medidas que devam ser implementadas para mitigar os problemas urbanos.



4

MUMBAI (Índia)



6

ANGOULÊME (França)



5

CHICAGO (EUA)

Fig. 28

- Identifica as planas A, B e C do Fig. 28.
- Apresenta uma variação da planta urbana representada pela forma C.
- Esboça uma densificação da planta B.
- Dá exemplo de uma cidade com um tipo de planta híbrida ao do Fig. 28 A.

- Volta agora a distinguir as características dos adormecidos rurais das características dos adormecidos urbanos. Para isso basta fazer a correspondência das características apresentadas na Coluna A, como respeito ao tipo de alojamento da Coluna B.



#### Coluna A

- predomínio de empresas industriais e serviços;
- habitação unifamiliar;
- predomínio de habitações unifamiliares;
- predomínio de estradas de ater primário;
- redes de rede de transportes públicos;
- recursos de atividades culturais;
- redes de rede de infraestruturas;
- grandes áreas de habitação;
- grande diversidade de equipamentos.

#### Coluna B

- Adormecido rural
- Adormecido urbano



### Exercita a tua cidadania

#### À descoberta da cidade

A cidade é criada por ruas e avenidas que permitem a circulação. As ruas definem os quarteirões, os edifícios são todos da mesma altura e desamparados, funções diferentes (plataformas são destinadas a residências, outros edifícios industriais e outros escritórios e comércio).

- Procura entender melhor a cidade onde estás ou a que fica mais próxima do lugar onde habitas.
  - Identifica áreas com diferentes características funcionais na cidade.
- Recorre uma área da cidade e estuda-a com mais pormenor.
  - Quantifica as ruas dessa área quanto:
    - à largura/comprimento;
    - à circulação de carros e peões;
    - à função ou funções dominantes.
- Define a situação particular de cada rua estudada, relativamente ao conjunto da cidade.
- Visita o mercado que abastece a área que estás a estudar.

– Entrevista alguns dos vendedores e investiga a proveniência de alguns dos produtos aí comercializados.

– Identifica alguns dos problemas dessa cidade quer a nível ambiental (poluição sonora, atmosférica, falta de espaços verdes, etc.) quer a nível social (alta de habitação, ausência de equipas sociais, abastecimento, etc.).

– Recolhe todos os elementos e elabora um trabalho escrito.

Nota: Tiveste fotografias que possam vir a documentar alguma destas observações na cidade. Não te esqueças de que a função da entrevista é ajudar na identificação de muitos problemas que afetam a população da cidade, de forma específica, participativa, na exploração de melhor das observações que fizeste.

# Anexo 42 – Trabalhos de grupo realizados pelos alunos

## Trabalho grupo 1

### Uma visita de estudo à Avenida da Igreja

Este trabalho é sobre a Avenida da Igreja.

Foi realizado com os dados recolhidos durante uma visita de estudo, onde se questionavam as pessoas que por lá passavam e também com questões colocadas diretamente aos lojistas realizada pela nossa turma 8º1, e nos dados do nosso livro de Geografia.

A nossa área de estudo foi a Avenida da Igreja no espaço delimitado entre a rotunda do S. António e a Igreja S. João de Brito, em Alvalade, Lisboa, Portugal.

Alvalade é uma das mais recentes freguesias de Lisboa, na sequência da reorganização administrativa de 8 de novembro de 2012, que entrou em vigor em 29 de setembro de 2013. A nova freguesia uniu as antigas freguesias de Alvalade, Campo Grande e São João de Brito e a sua história remonta inevitavelmente ao passado destes três territórios.

Alvalade era, até meados do século XX, essencialmente formada por campos, quintas e hortas, usadas para os momentos de veraneio da nobreza e, posteriormente, como espaço de recreio e desporto da população. Aqui se realizavam alguns dos acontecimentos mais importantes da vida da cidade, como a feira do gado e a Batalha das Flores, que tiveram lugar no Campo Grande.

Nasceu enquanto freguesia em 1852, passando a integrar o Concelho de Lisboa em 1885. Associada ao desenvolvimento da cidade, é dividida em 1959, dando origem às freguesias de Campo Grande, de Alvalade e de São João de Brito.

1

Nos anos 30 do século XX a freguesia conhece o seu período de maior desenvolvimento, com grandes projetos de arquitetura integrados no Plano de Urbanização da Zona Sul da Avenida Alferes Malheiro, dos quais podemos destacar a Avenida de Roma, o Bairro das Estacas, o Bairro de São Miguel, as Torres da Avenida dos Estados Unidos da América e, já nos anos 40, a construção do Bairro de Alvalade. Nos anos 70, inauguram-se várias estações de metro da linha verde, um dos principais meios de transporte da cidade. Alvalade foi considerada um símbolo da Lisboa Moderna.

Na década de 80, surgiu uma nova vaga de construção, erguendo-se vários edifícios na Cidade Universitária, como a Torre do Tombo e novas faculdades.

O início do século XXI traz a requalificação do espaço público, com intervenções em espaços existentes, como o Jardim do Campo Grande e a Quinta do Narição, e a criação de novas infraestruturas, como ciclovias, o parque canino e o parque aventura.

As cidades têm diferentes funções urbanas. As funções urbanas correspondem às atividades dominantes exercidas por uma cidade no seu interior ou nas áreas envolventes.

As cidades podem ter:

- a função político-administrativa;
- a função comercial, que é a mais comum em todas as cidades;
- a função industrial;
- a função religiosa;
- a função cultural;
- a função turística;
- entre outros.

2

Dentro de qualquer cidade encontramos áreas com diferentes características, a essas áreas damos o nome de áreas funcionais.

No interior de uma cidade distinguem-se várias áreas funcionais como:

- o núcleo histórico;
- a área comercial e administrativa;
- as áreas residenciais;
- as áreas industriais;
- as áreas recreativas.

A planta de uma cidade é uma representação cartográfica, que apresenta um maior pormenor em relação à generalidade dos mapas.


Existem três tipos de malha urbana:

- planta ortogonal ou em quadrícula, a planta ortogonal apresenta um traço regular;
- planta radioconcêntrica, a planta radiocêntrica é caracterizada pela presença de ruas circulares e concêntricas em torno do centro da cidade;
- planta irregular ou desordenada, a planta irregular é caracterizada por ter as ruas desordenadas.

A planta da área de estudo tem como características de ordenação do espaço e das ruas urbanas uma disposição em paralelo e com um traçado geométrico ortogonal, com ruas largas e ausência de becos sem saída. Esta malha urbana é característica das cidades ou bairros modernos, como acontece com o caso estudado, e resultam da planificação da cidade.

As funções dominantes no bairro de Alvalade são a comercial e a residencial.

3



porque frequenta os estabelecimentos

Estabelecimento	Frequência
Restaurante/ponto	18
Distribuidor de frutas	8
Próprio	2
Automóvel	1
Sapataria	1
Zona habitada	4
Outro	4

tipo de comércio que mais utiliza na Av. Igreja

Tipo de Comércio	Utilização
Restauração	18
Venda de acessórios	10
Serviços de apoio às empresas	8
Atipico/liv	4
Serviços de saúde	4
Financiaria	14
Comiss	2
Mercaria	4
Outro	4

4

(trabalho grupo 1 cont.)



Pelo que se pode observar na tabela acima, a atividade com mais estabelecimentos é em primeiro lugar a moda, vestuário e acessórios e em segundo a restauração; o mesmo não se verifica com os estabelecimentos mais frequentados pelas pessoas, sendo os mais visitados os da área da restauração, logo seguidos pelas farmácias (gráfico de barras da página anterior).

Grande parte dos estabelecimentos mudaram de atividade, embora apenas 34 em 75 (45%) tenham confirmado essa informação. Dos restantes 41 lojistas inquiridos 11 não nos conseguiram responder, e os outros 30 ou não sabiam a resposta ou não mudaram de ramo de atividade. Na nossa opinião estes dados mostram o dinamismo comercial da Avenida da Igreja, uma vez que uma percentagem significativa dos lojistas procurou sobreviver ou melhorar os seus lucros através da mudança de atividade.

De 1940 a 1949 foram criadas 3 lojas; de 1950 a 1959 criaram-se 10 lojas; de 1960 a 1969 foram criadas 8 lojas; de 1970 a 1979 criaram-se 2 lojas; de 1980 a 1989 foram criadas 10 lojas; de 1990 a 1999 criaram-se 12 lojas; de 2000 a 2009 foram criadas 5 lojas e por fim de 2010 a 2017 criaram-se 13 lojas na Avenida da Igreja.

Com o crescimento das cidades de forma descontrolada, alguns dos problemas ambientais e sociais têm-se agravado.

Alguns desses problemas das cidades são:

- a poluição, tanto sonora como atmosférica;
- a falta de habitação;
- o abastecimento de energia, matérias-primas, produtos alimentares, água, etc.;

5

6

- o escoamento e o tratamento dos resíduos;
- os transportes;
- a solidão, a insegurança e criminalidade.



Numa cidade sustentável existe uma justa distribuição de bens, serviços, direitos e deveres para garantir o conforto e a dignidade humana.

Uma cidade sustentável deve oferecer equipamentos sociais, transportes, e serviços públicos adequados aos interesses e necessidades da população e às características locais.

Existem alguns problemas no bairro de Alvalade como:

- Poluição sonora;
- Insegurança (criminalidade);
- Falta de espaços verdes;
- Transportes públicos;
- Recolha de lixo.

7

Para nós, o mais interessante foi ver os diferentes pontos de vista e a própria visita de estudo, o que mais nos motivou foi o apoio de algumas pessoas, a principal dificuldade foi dividir as tarefas, achamos também que este trabalho nos ajudou na disciplina de Geografia.

8

## Trabalho grupo 2

1) Avenida da Igreja, já conhece?

2) Este trabalho foi feito pelos alunos números 3, 7, 17, 18, 23, 28 da turma 8º1ª com o objetivo de resumir a informação reunida no trabalho de campo feito na Avenida da Igreja.

2) Localização  
País:  
Portugal



Cidade:  
Lisboa



Zona:  
Freguesia de Alvalade



4) Na década de 30 do século passado a freguesia de Alvalade foi reconhecida pelo seu período de maior desenvolvimento, com grandes projectos de arquitectura, dos quais podemos destacar a avenida de Roma, o bairro de São Miguel entre outros. Nos anos 40 iniciou-se a construção do bairro de Alvalade. Nos anos 70 inauguraram-se várias estações de metro. Na década de 80 surgiu uma nova vaga de construção, onde se incluí a construção de novos edifícios na cidade universitária.

5)

5.1.) Cada cidade possui diferentes funções urbanas, podendo estas ser: político-administrativas, comerciais, industriais, culturais, turísticas, recreativas(lazer), religiosas e

defensivas.

A função político-administrativa surge, normalmente, nas cidades que são capitais dos países, pois é aí que se concentram os diferentes ministérios e a sede do governo.

A função comercial é a atividade mais frequente em qualquer centro urbano.

A função industrial surge em centros urbanos onde a presença de indústrias é muito forte, envolvendo muita população nas suas atividades.

A função religiosa corresponde aos centros cujo desenvolvimento se deve à presença de lugares de culto e de peregrinação.

A função cultural existe em cidades cuja função dominante está relacionada com a presença de universidades, de centros de investigação e de edificado com valor histórico.

A função turística relaciona-se com a existência de atividades recreativas, de lazer e/ou interesse histórico.

5.2.) Dentro de uma cidade distinguem-se várias áreas funcionais, tais como: o núcleo histórico, a área comercial e administrativa, as áreas residenciais, as áreas industriais e as áreas recreativas.

O núcleo histórico corresponde à área primitiva da cidade onde se situam os edifícios mais antigos que são utilizados como centros culturais, museus, bibliotecas, etc.

Na área comercial e administrativa podemos encontrar escritórios de empresas, os bancos, as companhias de seguros, o comércio especializado, hotéis, agências de viagem, organismos municipais, sedes de ministérios e outros organismos públicos.

Nas áreas residenciais, normalmente, nos bairros habitacionais das classes mais desfavorecidas o preço do solo é menor e as condições ambientais e de acessibilidade são piores. As habitações das classes ricas localizam-se, geralmente, em áreas tranquilas com bons acessos e com edifícios de construção mais cuidada.

As áreas industriais necessitam de bons acessos, pelo que se localizam, normalmente, junto das principais vias de comunicação. Por outro lado, as indústrias precisam de vastos espaços, tendo de recorrer a áreas da periferia da cidade onde o preço do solo é mais barato.

5.3.) Dentro de cada cidade podemos distinguir um tipo de planta ou malha diferente (a maior parte das cidades não apresenta uma única planta, mas sim dois ou mais tipos, cada um deles corresponde a épocas temporais distintas) podendo estas ser do tipo: ortogonal ou em quadricula, radioconcentrica e irregular ou desordenada.

A malha ortogonal apresenta um plano simples, uma grelha de vias regulares intersectadas em ângulos retos, configuram um conjunto de quarteirões quadrados ou retangulares, de tamanho variável, fruto do terreno ou da função destinada.

A malha radioconcentrica configura-se em torno de um conjunto de ruas que partem de um centro: umas radiais e outras concéntricas.

A malha irregular não obedece a nenhum traçado preconcebido, resulta de um crescimento orgânico. Desenvolve-se com maior incidência nas cidades do Norte de África. As ruas dispõem-se de forma irregular a partir de um núcleo central rodeado de muros.

6) Tipo de traçado existente

O bairro de Alvalade apresenta um tipo de planta ortogonal, com um traçado geométrico muito regular. As suas ruas cruzam-se perpendicularmente e os quarteirões ganham a forma de paralelepípedos. Este tipo de planta predomina neste bairro pois é um método de gestão de espaço eficiente e era considerado o método mais moderno, quando foi delineado em meados do século passado.

As funções dominantes na Avenida da Igreja são a função comercial e a função residencial.



Legenda:

-  Area residencial
-  Area comercial


7) Inquérito efectuado nos estabelecimentos existentes na A. A.

Das 75 lojas inquiridas só 12 delas mantiveram o mesmo ramo de atividade. A maioria das lojas mudaram de ramo de atividade, como por exemplo três casos que passaram de **agências** bancárias a restauração e cafés. Há casos onde se desconhece o ramo de atividade anterior.

Do conjunto de lojas inquiridas, 18 estabelecimentos abriram entre 1940 a 1960, 17 entre 1961 a 1990, e, por fim, abriram mais 30 entre 1991 a 2017.

O principal motivo para os estabelecimentos abrirem nesta parte da cidade foi porque a Avenida da Igreja tem uma forte presença populacional e comercial.

8) Problemas nas cidades?

 Nas cidades existem vários tipos de problemas como **sociais, ambientais, governamentais** entre muitos outros...

-A **urbanização** intensificou a industrialização nas cidades, fator que influenciou muita população, com esse fenómeno provoca muitas mudanças drásticas na natureza como problemas ambientais, muita poluição, redução de biodiversidade, mudanças climáticas entre outros problemas...

- Nos aspectos **sociais e administrativos** temos o facto de existir muita criminalidade e insegurança nas cidades que são derivados do desemprego, da delinquência, dos múltiplos assaltos, do aumento dos sem-abrigo e idosos a viverem na solidão.

8.2) Dados recolhidos nos frequentadores da A.A

-**Porque as pessoas frequentam os estabelecimentos da avenida?**

As pessoas frequentam os estabelecimentos pois residem ou trabalham perto.

-**Qual o tipo de comércio que frequenta?**

As pessoas da A.A optam pela restauração e farmácia onde frequenta regularmente.

-**A diferença de preços é significativa?**

A população em geral diz que os preços são os mesmos em relação a outras localidades ou zonas da cidade.

-**Que problemas existem na A.A?**

Os principais problemas de que a população se queixa são a falta de estacionamento e o lixo depositado nas ruas, mas a maior parte da população não indicou qualquer problema grave na avenida o que é um bom indicador.

- **Análise do Grau de gravidade pelas pessoas inquiridas:**

- Poluição sonora-97
- Insegurança (criminalidade)-102
- falta de espaços verdes-101
- Transportes públicos-104
- Recolha de lixo-121

8.3) Os objectivos das cidades sustentáveis.

-Os grandes problemas identificados na A.A são:

- a falta de estacionamento;
- recolha de lixo nas ruas;

8.4) Como resolver estes problemas?

Deve-se melhorar os aspetos detectados pelo trabalho de campo através da criação de parques subterrâneos onde a população possa estacionar os seus veículos; Melhorar a recolha do lixo, instruir as populações para deixarem de fazer despejos de lixos nas ruas, de não mandarem lixo para o chão. E por último aplicar coimas efectivas para as pessoas deixarem de colocar lixo no chão.

9) Conclusões

Nós gostamos imenso do trabalho, alguns de nós nunca tinha feito um trabalho de campo tão bom como este, foi uma experiência única. Achamos muito interessante saber que lojas que abriram em 1950 ou até a mais tarde, que ainda se mantiveram na Avenida da Igreja. Foi uma grande ideia irmos recolher as informações para o trabalho nos estabelecimentos que pertencem à Avenida da Igreja. Essas informações tornaram muito mais fácil a realização deste trabalho. Esperemos que acham mais trabalhos assim.

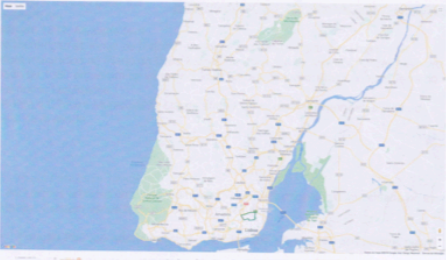

# Trabalho grupo 3

## Trabalho de grupo de geografia

### Alvalade 3

Este trabalho é sobre os dados geográficos do bairro de Alvalade, situado em Lisboa. Vamos falar da sua história, das suas características geográficas e demográficas, com base no inquérito realizado no trabalho de campo feito na Av. da Igreja.

distrito de Lisboa

### Historia de Alvalade

Alvalade é uma das mais recentes freguesias de Lisboa, na sequência da reorganização administrativa de 8 de novembro de 2012. Esta nova freguesia uniu as antigas freguesias de Alvalade, Campo Grande e São João de Brito.

Até meados de século XX Alvalade era essencialmente formada por campos, quintas e hortas, e em Alvalade eram realizados alguns importantes acontecimentos de Lisboa, como a feira do gado e a batalha das flores.

Nascida em 1852, Alvalade teve grandes mudanças ao longo da história, como por exemplo os grandes projetos de arquitetura integrados no Plano de Urbanização da Zona Sul da Avenida Afonso de Albuquerque e na década de 1980 ergueram-se vários edifícios na cidade universitária como a Torre do Tombo e novas faculdades.

Atualmente a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu novas competências a Junta de Freguesia de Alvalade.



### Enquadramento teórico:

As funções urbanas correspondem às atividades dominantes numa cidade no seu interior. Existem vários tipos de funções urbanas:

- **Função Político-administrativa**—cidades que são capitais dos países, pois é aí que se concentram os diferentes ministérios e a sede do governo. Cidades como Bruxelas e a Brasília.
- **Função comercial**—é a mais comum em todas as cidades, já que o comércio é a atividade mais frequente em qualquer centro urbano. Por exemplo Londres e Milão.
- **Função Industrial**—surge em centros onde a presença de indústrias é muito forte, envolvendo muita população nas suas atividades. É exemplo a cidade do Barreiro.
- **Função Religiosa**—corresponde aos centros cujo desenvolvimento deve-se à presença de lugares de culto e de peregrinação. Como por exemplo a cidade de Fátima.
- **Função Cultural**—cidades cuja função dominante está relacionada com a presença de universidades e de centros de investigação, por exemplo a cidade de Oxford.

- **Função Turística**—está relacionada com a existência de atividades recreativas e de lazer. As cidades do Mónaco e Nice são bons exemplos.

### Diferentes áreas funcionais das cidades

Dentro de uma cidade existem diferentes áreas funcionais:

- O **núcleo histórico** corresponde à área primitiva da cidade, onde se situam os edifícios mais antigos que são utilizados como centros culturais, museus, bibliotecas, etc.
- A **área comercial e administrativa** é onde encontramos escritórios de empresas, bancos, companhias de seguro, comércio especializado, hotéis, agências de viagens, organismos municipais, sedes de ministérios e outros organismos públicos. Devido à grande acessibilidade, o preço do solo é muito elevado, o que explica a presença de atividades como lojas de luxo, escritórios e serviços de administração.
- As **áreas residenciais** adquirem fisionomias diferentes, de acordo com o estatuto social da população que nelas reside. Normalmente, é nas áreas onde o preço do solo é menor e as condições ambientais e de acessibilidade são piores, que se instalam os bairros habitacionais das classes mais desfavorecidas. As habitações das classes ricas localizam-se, geralmente, em áreas tranquilas, com bons acessos e com edifícios de construção mais cuidada.
- As **áreas industriais** necessitam de bons acessos, pelo que se localizam, normalmente, junto das principais vias de comunicação. Por outro lado, as indústrias precisam de vastos espaços, tendo de recorrer a áreas da periferia da cidade onde o preço do solo é mais barato.

### A planta de uma cidade

A planta de uma cidade é uma representação cartográfica, de grande escala que apresenta um grau de pormenor elevado em relação à generalidade dos mapas. Existem vários tipos de plantas e a maior parte das cidades apresentam dois ou mais tipos de plantas distintas:

- A **planta ortogonal** apresenta um traçado geométrico muito regular. As suas ruas são perpendiculares entre si e os quarteirões ganham a forma de paralelepípedos. Este tipo de plantas predomina em cidades modernas.
- A **planta radioconcentrica** é caracterizada por ruas circulares e concéntricas em torno da parte central da cidade.
- A **planta irregular** caracteriza-se por ruas desordenadas, entortadas e com bastantes becos sem saída. Esta planta é característica em cidades medievais e em aglomerados urbanos árabes.

Em geral nas cidades europeias, o núcleo central histórico apresenta uma planta de traçado irregular ou radioconcentrica. Pelo contrário, nos países da América Anglo-saxónica e na Austrália por serem países mais recentes, as cidades têm ruas largas com plantas ortogonais e tendem a ser mais funcionais e praticas.

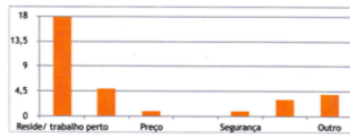
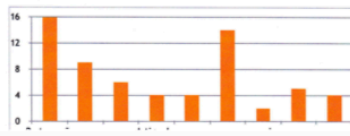
### Tipo de planta do bairro de Alvalade

A planta do bairro de Alvalade é mista. Junto ao centro da praça de Alvalade é radioconcentrica porque a Av. De Roma e a Av. Da Igreja confluem como raios em direção à Praça de Alvalade que é circular. O bairro de São Miguel é ortogonal e junto à Av. dos Estados Unidos e da Igreja Sta. Joana é irregular. Na próxima página estará exibida a planta da Av. da Igreja.

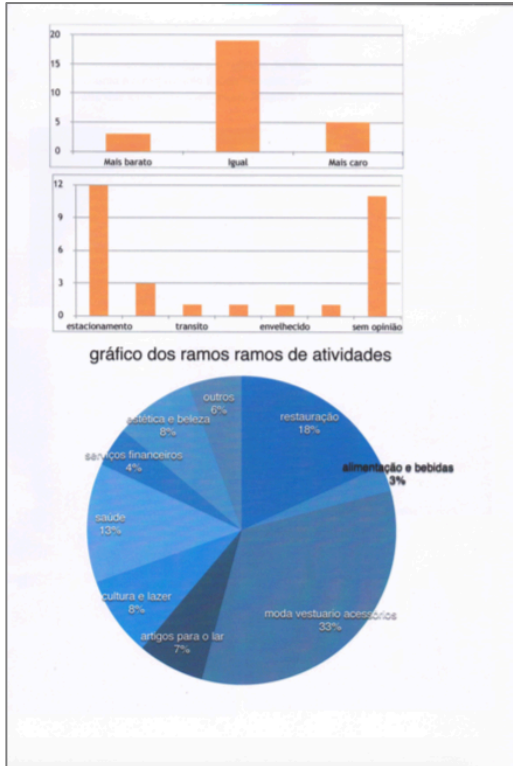
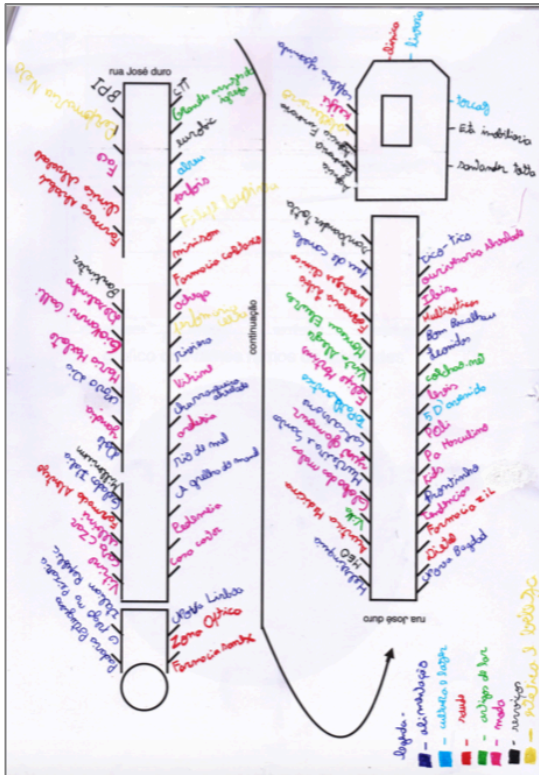
### Questões de investigação

À pergunta "Costuma frequentar os estabelecimentos de Av. da Igreja?", as respostas foram maioritariamente "sim", com 27 votos e "não" com 4. Na pergunta seguinte em que se pedia para justificar porque utilizavam os estabelecimentos, observa-se que a maior parte das pessoas que frequentam a avenida residem ou trabalham perto. Na terceira pergunta observa-se que a maior parte das pessoas que frequentam a avenida, frequentam os serviços de restauração ou por motivos farmacéuticos. Também se observa que os preços são iguais às outras partes da cidade. Muitos residentes mencionaram que o maior problema do bairro de Alvalade é o estacionamento.

Aproximadamente, 20 estabelecimentos mudaram de ramo e cerca de 15 continuam com o mesmo ramo. Estes números são relativos pois muitos estabelecimentos não nos puderam responder a esta pergunta. Antes a quantidade de bancos era maior que nos dias de hoje. Muitos deles foram substituídos por estabelecimentos de restauração. Várias lojas de pronto-a-vestir abriram.

(trabalho grupo 3 cont.)



O estabelecimento mais antigo é a Agência de Viagens Abreu que abriu em 1840 e o mais recente é o restaurante Italian Republic que abriu em Dezembro de 2017. A maior parte das lojas instalaram-se em Aivalade porque é muito frequentado.

décadas	número de estabelecimentos que abriram
1940	3
1950	7
1960	8
1970	1
1980	9
1990	12
2000	5
2010-2018	12

imagens da Av. da Igreja

**Problemas das cidades**

- poluição**— Os escapes dos automóveis e os fumos das indústrias libertam gases tóxicos na atmosfera. O ruído gerado na cidade provoca stress e doenças auditivas.
- falta de espaços verdes**— A falta de espaços verdes não permite a renovação do ar, o lazer e o repouso necessário aos habitantes de uma cidade.
- falta de habitação**— Na cidade, a habitação é cara e insuficiente para as necessidades da população e por vezes, surgem bairros de lata ou clandestinos.
- abastecimento**— A cidade exige, diariamente, um abastecimento volumoso de produtos alimentares, matérias-primas, energia, água, combustível, etc.
- escoamento e tratamento de resíduos**— A cidade gera, diariamente toneladas de resíduos que exigem um tratamento a fim de evitar sujidade e epidemias.
- transportes**— O elevado número de veículos em circulação gera situações de congestionamento de tráfego, que aumentam o tempo de deslocações, o stress dos condutores e a poluição.

Muitas pessoas inquiridas salientaram que a poluição sonora no Bairro de Aivalade tinha que ser melhorada, mas por outro que a recolha do lixo era bastante boa. Mas em geral as pessoas disseram que o bairro não tinha qualquer problema, era seguro tinha alguns espaços verdes como a mata de Aivalade, tinha bons transportes públicos, etc.

**O que é uma cidade sustentável?**  
Uma cidade sustentável, é uma cidade que possui uma política de desenvolvimento para promover o ambiente.

Numa cidade sustentável a população faz um uso eficiente e sem desperdício de água, energia e outros recursos.

As cidades sustentáveis têm como objetivo evitar:

- a utilização inadequada dos imóveis urbanos.
- o uso excessivo do solo urbano.
- a poluição e degradação ambiental.



## (trabalho grupo 3 cont.)

No bairro de Alvalade existem também problemas tais como: a falta de transportes públicos, poluição sonora, criminalidade. Para os resolver devemos aumentar o número de transportes públicos e redução do tráfego automóvel.

### conclusão

Este trabalho foi uma ótima experiência para todos, dado ter sido muito diferente de todos os outros. Acharmos que por isso, conseguimos consolidar todos os conhecimentos de uma forma diferente e eficaz.

A parte que mais gostámos foi o trabalho de campo, em que podemos interagir com pessoas diferentes. Apesar de ter sido trabalho árduo, não nos deparámos com muitas dificuldades. Uma dificuldade que encontramos foi a planta da Av. da Igreja, dado a falta de um esboço e a desatualização do Google Street Maps. Para a resolver tivemos que ir à própria Av. da Igreja fazer o esboço. A parte menos interessante foi fazer os gráficos das questões de investigação e o menos importante foi o enquadramento geográfico de Alvalade. Para fazer este trabalho consultámos o site da Junta de Freguesia de Alvalade e da Câmara Municipal de Lisboa. Consultámos também o documento excel que o professor nos forneceu.

trabalho realizado por:

## Trabalho grupo 5

### Avenida da Igreja – Conhecimentos

2.Trabalho de Campo e Inquérito às pessoas

3.Nós fizemos o inquérito às pessoas na Avenida da Igreja em Lisboa.

4.

#### FREGUESIA DE ALVALADE

O nome Alvalade terá tido origem no árabe Albalat, significando "parte plana" e daí "terreno plano". Inicialmente a freguesia ia do Lumiar ao Arco do Cego e foi chamada Campo de Alvalade, tendo sido dividida, desde o século XVI, em Alvalade (Campo Grande) e Alvalade (Campo Pequeno). Em 1620, a zona era conhecida por "Reis de Alvalade", um subúrbio de Lisboa, tendo sido integrada em 1852 no Concelho de Olivais, até que em 1886 integrou Lisboa como freguesia.

5.1

A cidade de Lisboa tem a função política - administrativa, a função comercial, a função cultural e a função turística.

5.2

A cidade de Lisboa tem várias áreas funcionais como por exemplo: C.B.D. (Central Business District); núcleo histórico; área comercial; área residencial; área administrativa

5.3

A cidade de Lisboa tem todas as plantas: planta ortogonal, planta radioconcentrica e planta irregular. Mas a Avenida da Igreja tem uma planta ortogonal.

6.

6.1

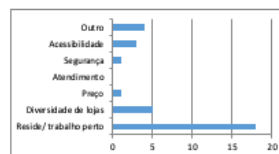
A Avenida da Igreja tem uma planta ortogonal que se caracteriza pelo traçado geométrico muito regular. As ruas cruzam-se perpendicular e os quarteirões ganham a forma de paralelepípedos.

A avenida de Igreja foi construída um pouco antes do bairro de alvalade em 1941 enquanto o bairro de Alvalade foi começado a construir em 1944 mas com outro nome e em 1959 começou a ser chamado bairro de Alvalade.

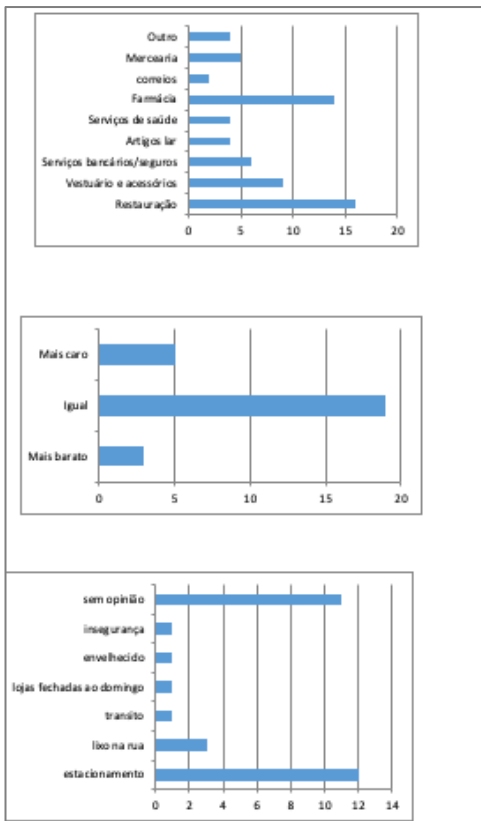
6.2 A Avenida da Igreja tem como função dominante o comércio e a cultura.



7.1.



(trabalho grupo 5 cont.)



7.2.

B.1. As cidades têm muitos problemas tais como poluição; falta de espaços verdes; falta de habitação; abastecimento; escoamento e tratamento dos resíduos; transportes; solidão/insegurança e criminalidade.

B.3 O objetivo das cidades sustentáveis é evitar:

- A utilização inadequada dos espaços urbanos
- O uso excessivo do solo urbano
- A poluição e a degradação ambiental

9. Neste trabalho o que mais motivou o grupo foi a forte vontade de conseguirmos um bom trabalho a tempo. A parte mais interessante foi a que fizemos na aula de TIC e o exercício 4 e 8. As principais dificuldades foi o 6.2 e o 8.2 pois demorou para chegarmos ao que era preciso fazer. O que nós achamos menos importante foi provavelmente a Introdução. Aprendemos um pouco sobre a história de alvalade e da Avenida Igreja. É importante para conseguirmos saber um pouco mais sobre a nossa cidade e a zona onde vivemos. Não percebemos bem o que quer dizer com avaliação mas achamos que o interesse deste trabalho é um 4. Nós utilizamos a Wikipédia, os sites da [CASA](#) e o livro de geografia. Portanto resumidamente achamos o trabalho interessante e desafiante.

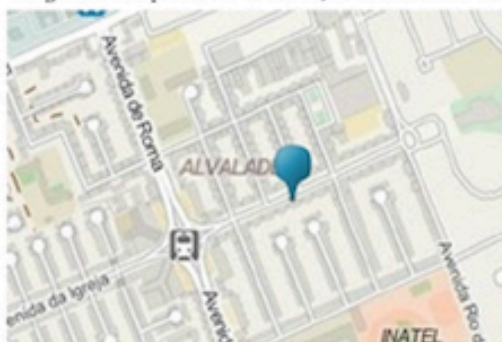
## Avenida da Igreja, Já Conheces?

Este trabalho foi realizado seguindo a metodologia de trabalho de campo, no âmbito da disciplina de Geografia do 8º ano- turma 1ª. Foram realizados inquéritos à população e efetuado um inventário aos estabelecimentos comerciais presentes na área de estudo.



A área de estudo foi a Avenida da Igreja, na freguesia de Alvalade, em Lisboa.

Alvalade é uma das mais recentes freguesias de Lisboa, na sequência da reorganização administrativa de 8 de novembro de 2012. A nova freguesia uniu as antigas freguesias de Alvalade, Campo Grande e São João de Brito. Alvalade era, até início do século XX, essencialmente, formada por campos, quintas e hortas. Nos anos 30 e 40 do século XX, a freguesia conhece o seu período de maior desenvolvimento, com grandes projetos de arquitetura integrados nos planos de urbanização da cidade. Já nos



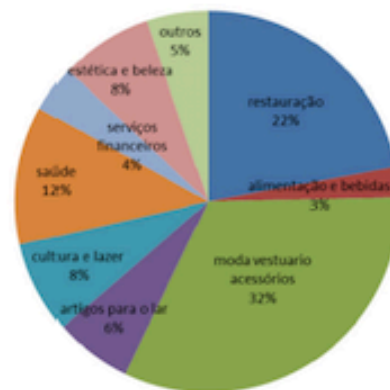
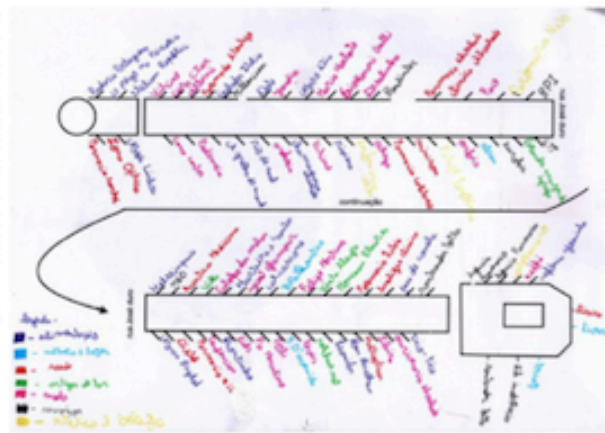
anos 70, inauguram-se várias estações de metro, um dos principais meios de transporte da cidade. Alvalade, foi então, considerada um símbolo da Lisboa Moderna.

A planta de uma cidade é o resumo da sua história e por ela podemos seguir as etapas do seu desenvolvimento. Sendo a planta de uma cidade uma representação cartográfica de grande escala apresentando um grau de pormenor elevado, é possível distinguir tipos de malhas urbanas, tais como a ortogonal, a radioconcentrica ou a irregular. A maior parte das cidades não apresenta uma única planta, mas sim dois ou mais tipos, cada um deles correspondendo a épocas temporais distintas. Fruto do terreno e da função a que se destinava, o bairro de Alvalade apresenta um tipo de planta ortogonal, com um traçado geométrico muito regular. As suas ruas cruzam-se perpendicularmente e os quarteirões ganham a forma de paralelepípedos. Este tipo de planta foi implementado neste bairro, pois é um método de gestão de espaço eficiente e era considerado o método mais moderno, quando foi delineado em meados do século passado.

Dentro de uma cidade distinguem-se várias áreas funcionais, distintas umas das outras devido ao predomínio de diferentes funções que aí se implantaram, como por exemplo a função comercial, residencial ou industrial. As funções dominantes no bairro de Alvalade são a comercial e a residencial.



Foram inventariadas 75 lojas de diferentes ramos de atividade. Do que foi possível apurar junto dos lojistas inquiridos, o principal motivo para os empresários escolherem esta parte da cidade para aqui exercerem a sua atividade foi o facto de a Avenida da Igreja ter uma forte presença populacional e comercial.



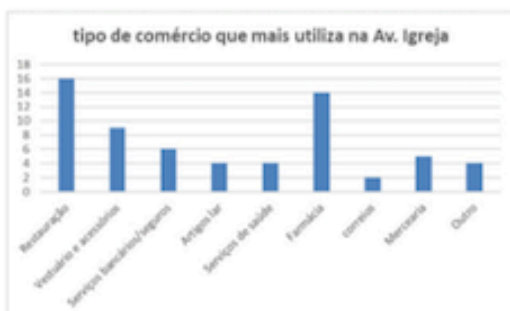
Destas 75 lojas, a atividade com mais estabelecimentos é, em primeiro lugar, o setor do vestuário e acessórios e em segundo, a restauração. De acordo com informações recolhidas junto dos lojistas só cerca de 12 destas lojas mantiveram o mesmo ramo de atividade desde a sua abertura. Há uma ou duas décadas a quantidade de bancos era maior que nos dias de hoje. Muitos deles foram substituídos por estabelecimentos de restauração e lojas de pronto-a-vestir.

Do conjunto de dados recolhidos, 18 estabelecimentos abriram entre 1940 a 1960, 17 entre 1961 a 1990, e as restantes entre 1991 a 2017.

Os estabelecimentos mais frequentados pelas pessoas alvo do nosso inquérito são referentes aos da área da restauração, seguidos pelas farmácias. Os inquiridos consideram não haver diferenças significativas nos preços praticados entre este setor da cidade e outros locais da capital. Observa-se que a maior parte das pessoas que frequenta a avenida da Igreja reside ou trabalha perto.

Com o crescimento das cidades, de forma descontrolada, alguns dos problemas ambientais e sociais têm-se agravado. Entre os vários problemas urbanos estão a poluição, tanto sonora como atmosférica, a falta de habitação, o abastecimento de energia, de matérias-primas, de produtos alimentares e de água, o escoamento e o tratamento dos resíduos, os transportes, a solidão, a insegurança e criminalidade. Mas, em geral, as pessoas inquiridas não apontaram ao bairro de Alvalade algum problema de maior. Consideram ser um bairro seguro, com alguns espaços verdes e com bons transportes públicos. A principal anotação quanto aos problemas identificados pelas pessoas inquiridas é a poluição sonora, a falta de estacionamento e o lixo depositado nas ruas. Seria então de se considerar um esforço para melhorar a recolha do lixo e uma maior sensibilização das populações face a um mais adequado comportamento no que diz respeito ao ambiente.

*Trabalho realizado por alunos do 8º ano no âmbito da disciplina de Geografia*



## Anexo 44 – Teste

Data:	Professor:
___º Ano do ___º ciclo do ensino básico	Duração: 90 minutos
Nome do aluno _____	nº _____ turma _____
Classificação _____	Assinatura do professor _____
	Assinatura do EE _____

1. As migrações têm sido uma constante ao longo da história humana. Variam os destinos, as causas e formas, mas as migrações não param de crescer.

A figura 1 representa os principais fluxos migratórios para a Europa Ocidental, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até 1970.

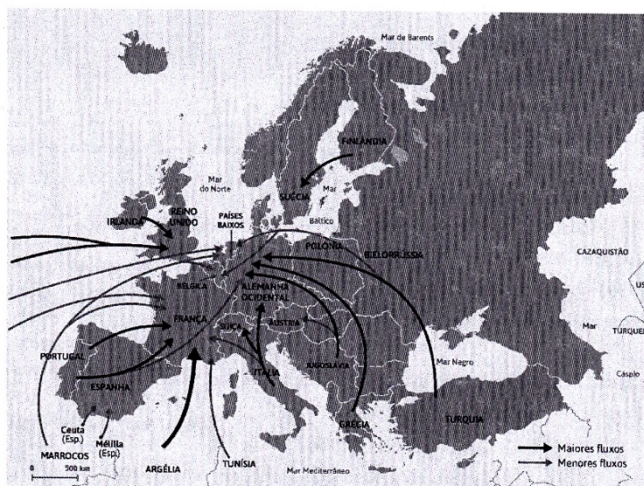


Figura 1

1.1. De entre as seguintes afirmações, **assinala** as verdadeiras (V) e as falsas (F).

- (A) Os movimentos migratórios efetuados de Portugal para a França, quanto ao espaço, são externos e intracontinentais.
- (B) Os principais países de destino neste período foram a Itália e a Alemanha.
- (C) A principal causa da migração dos portugueses para França e para a Alemanha, neste período, foi natural.
- (D) Os movimentos migratórios de Portugal para países como a França têm consequências demográficas que em Portugal se traduzem na diminuição da população, no envelhecimento demográfico, no decréscimo da natalidade e no aumento da mortalidade.

(continuação anexo 44)

1.2. Corrige as afirmações falsas.

---

---

---

2. Das alíneas seguintes, assinala as corretas para que as afirmações sejam verdadeiras.

2.1. As migrações quanto ao espaço podem classificar-se como

- a) externas e internas.       b) permanentes e temporárias.   
c) legais e ilegais.       d) forçadas e voluntárias.

2.2. Uma migração é externa intracontinental

- a) quando a deslocação é feita para um país que se localiza no mesmo continente do país de origem.  
 b) quando a deslocação é feita para um país que se localiza noutro continente.  
 c) quando a deslocação é feita dentro do mesmo país.  
 d) quando a deslocação é diária.

2.3. O êxodo rural é uma

- a) migração externa de saída do campo para a cidade.  
 b) migração externa de saída da cidade para o campo.  
 c) migração interna de saída da cidade para o campo.  
 d) migração interna de saída do campo para a cidade.

2.4. Os movimentos pendulares são movimentos

- a) diários da população do local de residência para o local de trabalho e vice-versa.  
 b) sazonais por motivos laborais.  
 c) sazonais por motivos turísticos.  
 d) para outros países, durante um longo período de tempo.

2.5. As migrações que duram apenas alguns dias, semanas ou meses são

- a) definitivas ou permanentes.  b) temporárias.  
 c) externas.  d) internas.

2.6. As migrações sazonais são

- a) deslocações que se repetem na mesma época do ano, para passar férias.  
 b) deslocações que se repetem na mesma época do ano, por motivos de lazer.  
 c) deslocações que se repetem na mesma época do ano, para trabalho.  
 d) migrações temporárias, repetidas em qualquer época do ano, por motivos turísticos.

(continuação anexo 44)

2.7. Migrações humanitárias ou forçadas são

- a) deslocações motivadas por catástrofes naturais, perseguições ou guerras.
- b) deslocações para outra região do país, porque na região de origem não há emprego.
- c) deslocações para um país estrangeiro por motivos de trabalho e lazer.

3. Identifica os movimentos migratórios referidos nos textos seguintes.

A: «Na Índia, era advogado, mas vim para Portugal, há três anos, e trabalho no comércio.»

\_\_\_\_\_

B: «Muitos mexicanos migram todos os anos, por um ou dois meses, para a Califórnia, onde executam tarefas agrícolas.»

\_\_\_\_\_

C: «São Paulo cresce continuamente devido à chegada de migrantes que fogem à pobreza do interior rural.»

\_\_\_\_\_

D: «Muitos portugueses saem do país, procurando em países da União Europeia melhores condições de vida.»

\_\_\_\_\_

4. Muitas são as causas e consequências dos movimentos migratórios.

4.1. Lê com atenção os textos de A a F e preenche a tabela, relacionando os textos com as respetivas causas das migrações.

A – O campo de refugiados no Haiti abrigou centenas de pessoas que aí permanecem desde o sismo em 2010.

B – Muitos portugueses estão a emigrar para outros países europeus porque não conseguem arranjar emprego e fazer face às suas despesas.

C – A Ana vai estudar Medicina para Londres.

D – A família Santos vive num campo de refugiados depois de ter abandonado o seu país para escapar aos conflitos armados.

E – Algumas famílias emigram em resultado da intolerância religiosa.

F – As mudanças nos governos dos países, muitas vezes discordantes das convicções individuais, conduzem a perseguições e condenações, levando à fuga de pessoas para outros países.

TEXTOS	CAUSAS DAS MIGRAÇÕES
A	
B	
C	
D	
E	
F	

(continuação anexo 44)

4.2. Indica para cada afirmação da coluna A, o número da coluna B que lhe corresponde.

**A**

Dá-se o rejuvenescimento da população e um possível aumento da taxa de natalidade.  
Desequilíbrio da estrutura etária – envelhecimento demográfico.  
Aumenta a mão de obra mais barata e os bairros de habitação precária.  
Há uma diminuição da população total e da população ativa.  
Perigo do aumento de situações de racismo e xenofobia.  
Receção de poupanças enviadas pelos emigrantes.  
Aumento das contribuições ao Estado.  
Abandono dos campos agrícolas nas áreas rurais.


**B**

1 – Áreas de partida  
2 – Áreas de destino

5. Observa com atenção a figura 2 e responde às questões.

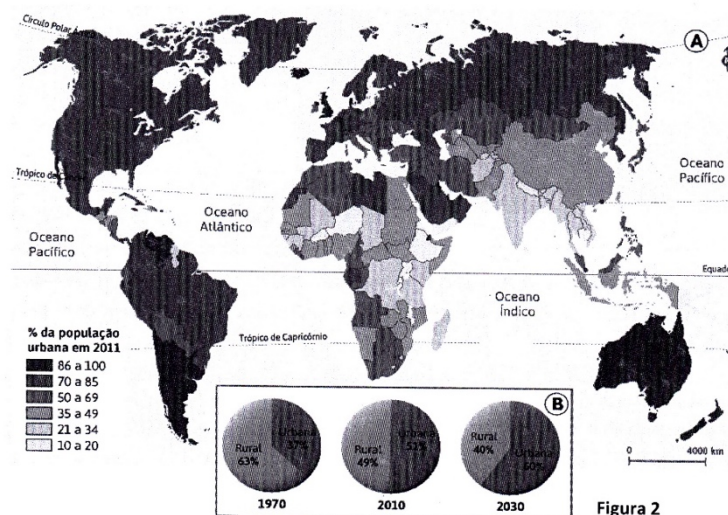


Figura 2

5.1. Refere os dois critérios utilizados para definir cidade.

5.2. Identifica a opção correta, com um X.

(A) A taxa de urbanização mundial tem vindo a:

- Diminuir.
- Estabilizar.
- Aumentar.



(continuação anexo 44)

(B) A taxa de urbanização corresponde:

- À percentagem de população que vive no espaço urbano em relação à população total de um dado país ou região.
- À relação entre população urbana e população rural.
- À diferença entre a população urbana e a população rural.
- À percentagem de população que vive no espaço rural em relação à população total de um dado país ou região.

5.3. **Identifica** os conceitos respeitantes a cada uma das seguintes definições:

- a) Área urbana com grande dimensão e vários focos polarizadores do desenvolvimento, fortemente interligados e interdependentes. \_\_\_\_\_
- b) Espaço que inclui a cidade principal e a área suburbana, onde se estabelecem relações de forte interdependência, com intensos fluxos demográficos e económicos. \_\_\_\_\_
- c) Expansão do espaço edificado para as periferias numa mancha urbana quase contínua que, muitas vezes, absorve e interliga cidades mais pequenas e faz surgir outras novas. \_\_\_\_\_

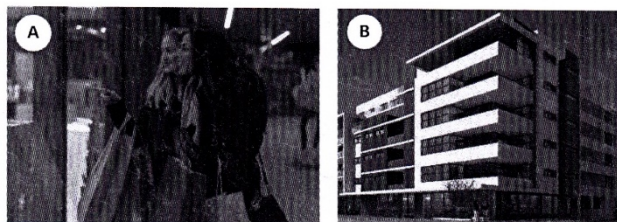
6. **Lê** o texto e responde às questões.

«Nas cidades, existe maior possibilidade de participar em eventos, produzir e comercializar bens, aceder a inúmeros serviços, formas de riqueza e bem-estar e de contactar com variados valores e culturas.»

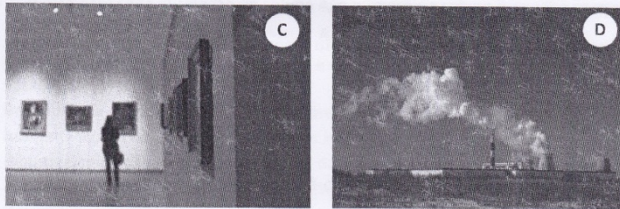
6.1. **Completa** o quadro identificando as funções correspondentes a cada afirmação.

CARACTERÍSTICAS	FUNÇÃO
Cidades com predominância de fábricas e cuja economia é gerada por este setor.	
Cidades-dormitório.	
Centros de decisão financeira e política.	
Cidades ligadas ao turismo religioso.	
Importantes centros de negócios, com áreas comerciais que se expandem por todo o território.	

6.2. Considera as imagens seguintes e **indica** a função urbana presente em cada imagem.



(continuação anexo 44)



A. \_\_\_\_\_ B. \_\_\_\_\_  
C. \_\_\_\_\_ D. \_\_\_\_\_

7. Observa os excertos das imagens de satélite da figura 3.

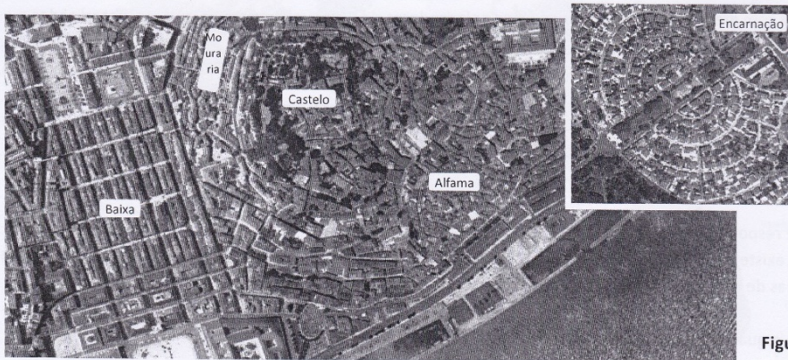


Figura 3

7.1. Identifica o tipo de planta urbana presente nas seguintes áreas:

a. Baixa: \_\_\_\_\_ ; b. Alfama: \_\_\_\_\_ ; c. Encarnação: \_\_\_\_\_

7.2. Refere duas características de uma planta como a de Alfama.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

(continuação anexo 44)

**COTAÇÕES** Teste de Avaliação (versão A)

---

<b>Questão</b>	<b>Cotação (%)</b>
1.1.	8
1.2.	4
2.1.	4
2.2.	4
2.3.	4
2.4.	4
2.5.	4
2.6.	4
2.7.	4
3.	8
4.1.	6
4.2.	8
5.1.	4
5.2.	4
5.3.	6
6.1.	5
6.2.	8
7.1.	6
7.2.	5
<b>Total</b>	<b>100%</b>

## Anexo 45 – Inquérito de auto e heteroavaliação sobre o trabalho de grupo

Trabalho de Grupo		Nome: _____  N.º _____
<b>Formulário para avaliação pessoal e dos membros do grupo</b>		
Avalia o teu desempenho e o dos membros do teu grupo preenchendo este formulário. Na avaliação usa a seguinte escala: ❶ discordo totalmente ❷ discordo ❸ discordo em parte ❹ nem discordo nem concordo ❺ concordo ligeiramente ❻ concordo totalmente		
	A minha autoavaliação	A minha avaliação para os membros do grupo
<b>Este membro da equipa:</b>	Nome _____	Nome _____
1. Fui / foi sempre atível e cordial	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
2. Respeitei / respeitou sempre as diferentes opiniões dos restantes elementos do grupo	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
3. Contribuí / contribuiu sempre com ideias e opiniões pertinentes	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
4. Cumprí / cumpriu sempre com as tarefas que lhe foram atribuídas	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
5. Tive / tive sempre uma atitude positiva e organizada perante o trabalho	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
6. Realizei / realizou um trabalho com muito cuidado e de qualidade	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
7. Preocupe-me / preocupou-se sempre em estar a par do trabalho realizado pelos restantes elementos	1 2 3 4 5 6 7	1 2 3 4 5 6 7
<b>Declaro ter respondido em verdade e consciência</b> O(A) Aluno(a) _____		
(Inclui os comentários que consideres pertinentes e que ajudem a perceber a tua avaliação no verso da folha)		

## Anexo 46 – Inquérito de avaliação das atividades e aulas lecionadas

Escola Secundária Rainha Dona Leonor  
Geografia 8º ano

Maio de 2018

Avaliação/reflexão crítica das aulas/atividades sobre o tema:

### Cidades: principais áreas de fixação humana

Este inquérito é individual e anónimo. Ficando desde já o meu agradecimento ao Vosso contributo, conto com as respostas o mais sinceras possível. Obrigado...

José Luis Magalhães

Durante a leção do tema “Cidades, principais áreas de fixação humana”...

**i) Quais os momentos que consideras ter sido de maior motivação e empenho da tua parte.**

(atribui os valores de 1 a 7, em que 1 corresponde ao de menor motivação/empenho e 7 o de maior motivação/empenho)

Atividade	Motivação	Empenho
Trabalho de Campo (Av. Igreja)		
Visita de estudo (Lisboa Story Centre)		
Conteúdos lecionados em sala de aula		
Trabalho de grupo em sala de aula		
Organização da informação recolhida (trabalho interdisciplinar)		
Pesquisa/ estudo autónomo		
Redação do trabalho de grupo		

**ii) Quais os momentos que consideras ter sido de maior contribuição para a aquisição e consolidação de aprendizagens significativas ao nível da melhor compreensão dos conteúdos programáticos.**

(atribui os valores de 1 a 7, em que 1 corresponde ao de menor contribuição e 7 o de maior contribuição)

Trabalho de Campo (Av. Igreja)	
Visita de estudo (Lisboa Story Centre)	
Conteúdos lecionados em sala de aula	
Trabalho de grupo em sala de aula	
Organização da informação recolhida (trabalho interdisciplinar)	
Pesquisa/ estudo autónomo	
Redação do trabalho de grupo	

**iii) Com este trabalho investi mais tempo em pesquisa/ estudo autónomo.**

(coloca X na opção mais concordante)

1	2	3	4	5	6	7
Concordo totalmente			Nem concordo nem discordo			Discordo totalmente

**iv) Prefiro os trabalhos de grupo aos trabalhos individuais.**

(coloca X na opção mais concordante)

1	2	3	4	5	6	7
Concordo totalmente			Nem concordo nem discordo			Discordo totalmente

**v) O guião para realização do trabalho era muito extenso.**

(coloca X na opção mais concordante)

1	2	3	4	5	6	7
Concordo totalmente			Nem concordo nem discordo			Discordo totalmente

**vi) O meu grupo realizou o trabalho na íntegra.**

(coloca X na opção mais concordante)

1	2	3	4	5	6	7
Concordo totalmente			Nem concordo nem discordo			Discordo totalmente

(continuação anexo 46)

**vii) Na realização do trabalho de grupo, quais os itens realizados, grau de dificuldade.**

(coloca X na opção mais concordante para a coluna realizado/ não realizado. Faz um comentário que justifique a não realização do trabalho ou dificuldade encontrada)

Itens do trabalho	Realizado	Não realizado	Tipo de dificuldade
Enquadramento geográfico			
Enquadramento histórico			
Enquadramento teórico			
Caraterização da área de estudo			
Elaborar gráficos			
Elaborar planta funcional			
Questões de investigação			
Estatística			
Problemas urbanos			
Cidades sustentáveis			

**viii) Outras dificuldades**

\_\_\_\_\_

**ix) Quais as fontes de informação que utilizaste na realização do trabalho.**

(coloca X na opção mais concordante)

Fontes de informação	nunca	pouco	muito
Manual Geodiversidade			
Bibliografia cedida pelos docentes			
Videos cedidos pelos docentes			
Páginas eletrónicas da Camara Municipal ou Junta de Freguesia			
Pesquisa bibliográfica em páginas eletrónicas diversas			
Informação de amigos ou familiares			
Pesquisa bibliográfica			

**x) Caso se verifique indica, quais as páginas eletrónicas ou bibliografia consultada.**

\_\_\_\_\_

**xi) Faz um breve comentário de avaliação crítica à cerca das atividades realizadas (exemplo: o que farias de diferente).**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Anexo 47 – Elementos de avaliação referentes à sequência didática

### 2º período

	nº aluno	perguntas sugeridas	Total	nº aluno	realização esboço	registro fotográfico	questionários	inventário comércio	Total	Questões							Total	
										1	2	3	4	5	6	7		
		X 20	100		25	25	25	25	100		10	10	10	15	15	20	20	100
1	3		60	1	25	25	25	25	100	1	10	10	10	15	15	15	15	90
2	3		60	2	25	25	25	25	100	2	10	10	5	15	15	5	5	65
3	4		80	3	25	0	25	25	75	3	10	10	10	15	15	15	15	90
4	4		80	4	0	0	25	25	50	4	10	10	10	15	15	15	15	90
5	4		80	5	25	0	25	25	75	5	10	5	15	0	15	5	5	55
6	0		0	6	25	0	25	25	75	6	10	10	10	15	15	15	15	90
data:	7	0	0	7	0	0	25	25	50	7	10	10	10	15	15	10	10	80
16/02/18	8	5	100	8	25	25	25	25	100	8	0	5	5	15	15	5	5	50
9	5		100	9	25	0	25	25	75	9	10	10	10	15	15	15	15	90
10	4		80	10	25	0	25	25	75	10	10	0	0	0	15	5	5	35
atividade:	11	3	60	11	25	0	25	25	75	11	10	10	10	15	15	15	20	95
TPC	12	0	0	12	0	0	25	25	50	12	10	5	5	15	15	5	5	65
contribuição	13	5	100	13	0	0	25	25	50	13	10	10	10	15	15	10	10	80
questionário	14	5	100	14	25	25	25	25	100	14	10	10	10	15	15	10	10	75
15	3		60	15	25	25	25	25	100	15	10	10	10	15	15	10	15	85
16	4		80	16	0	0	25	25	50	16	10	10	10	15	15	15	15	90
17	0		0	17	0	0	25	25	50	17	10	10	10	15	15	20	15	95
18	4		80	18	25	0	25	25	75	18	10	10	10	15	15	5	5	70
19	3		60	19	25	25	25	25	100	19	10	10	10	15	15	15	20	95
20	3		60	20	25	25	25	25	100	20	10	10	10	15	15	15	15	90
21	4		80	21	25	0	25	25	75	21	10	10	10	15	15	15	20	95
22	4		80	22	25	0	25	25	75	22	10	10	10	15	15	10	15	85
23	3		60	23	25	25	25	25	100	23	10	10	10	15	15	10	15	85
24	3		60	24	25	25	25	25	100	24	10	10	10	15	15	15	15	90
25	5		100	25	25	0	25	25	75	25	10	10	10	15	15	15	15	90
26	4		80	26	25	25	25	25	100	26	10	10	10	15	15	15	15	90
27	4		80	27	25	25	25	25	100	27	10	10	10	15	15	10	15	85
28	3		60	28	25	0	25	25	75	28	10	5	5	15	0	5	5	45
29	0		0	29	25	0	25	25	75	29	10	10	5	0	0	5	5	35
30	3		60	30	25	25	25	25	100	30	10	10	10	15	15	15	20	95

	nº aluno	Grupo	divisão tarefas	organização e pesquisa	trabalho realizado	Total
			30	30	40	100
1	3		30	30	40	100
2	1		30	30	40	100
3	2		30	30	40	100
4	5		30	30	40	100
5	5		30	30	40	100
6	6		30	30	0	60
data:	7	2	30	30	40	100
14/03/18	8	1	30	30	40	100
9	4		30	30	0	60
10	5		30	30	40	100
atividade:	11	6	30	30	0	60
Trabalho de	12	4	30	30	0	60
Grupo em sala	13	3	30	30	40	100
14	3		30	30	40	100
15	1		30	30	40	100
16	5		30	30	40	100
17	2		30	30	40	100
18	2		30	30	40	100
19	3		30	30	40	100
20	1		30	30	40	100
21	2		30	30	40	100
22	5		30	30	40	100
23	3		30	30	40	100
24	3		30	30	40	100
25	4		30	30	0	60
26	1		30	30	40	100
27	1		30	30	40	100
28	2		30	30	40	100
29	6		30	30	0	60
30	3		30	30	40	100

	nº aluno	Grupo	divisão tarefas	organização e pesquisa	trabalho realizado	Total
			30	30	40	100
1	3		30	30	40	100
2	1		30	30	40	100
3	2		30	30	40	100
4	5		30	30	40	100
5	5		30	30	40	100
6	6		30	0	0	30
data:	7	2	30	30	40	100
21/03/18	8	1	30	30	40	100
9	4		30	0	0	30
10	5		30	30	40	100
atividade:	11	6	30	0	0	30
Trabalho de	12	6	30	0	0	30
Grupo em sala	13	4	30	0	0	30
14	3		30	30	40	100
15	1		30	30	40	100
16	5		30	30	40	100
17	2		30	30	40	100
18	2		30	30	40	100
19	3		30	30	40	100
20	1		30	30	40	100
21	2		30	30	40	100
22	5		30	30	40	100
23	3		30	30	40	100
24	3		30	30	40	100
25	4		30	0	0	30
26	1		30	30	40	100
27	1		30	30	40	100
28	2		30	30	40	100
29	6		30	0	0	30
30	3		30	30	40	100

nº aluno	nota 2º P
1	4
2	3
3	3
4	3
5	4
6	3
7	4
8	3
9	4
10	3
11	4
12	3
13	3
14	4
15	3
16	3
17	5
18	4
19	3
20	3
21	4
22	3
23	4
24	5
25	4
26	4
27	4
28	3
29	4
30	4

3,6

(continuação anexo 47)

### 3º período

	nº aluno	Questões							Total
		1	2	3	4	5	6	7	
		12	28	8	14	14	13	11	100
	1	10	28	4	8	6	11	9	76
	2	8	20	0	12	4	11	5	60
	3	8	20	0	10	12	11	9	70
	4	11	24	2	12	4	4	7	64
	5	10	24	2	12	14	13	9	84
	6	10	28	1	11	15	2	9	76
data:	7	10	24	3	9	7	8	9	70
02/05/18	8	6	24	3	14	6	7	6	66
	9	6	20	2	8	6	2	11	55
	10	10	28	3	10	2	10	8	71
atividade:	11	12	28	3	13	8	9	10	83
TESTE	12	12	28	6	10	8	11	8	83
	13	12	28	3	13	13	11	10	90
	14	8	28	2	11	6	13	8	76
	15	7	28	2	11	11	9	10	78
	16	12	24	0	12	6	11	10	75
	17	12	28	8	12	6	11	11	88
	18	10	24	4	11	7	8	11	75
	19	10	24	8	11	11	12	9	85
	20	10	20	3	12	6	10	6	67
	21	10	24	4	12	13	13	10	86
	22	7	12	3	11	10	6	8	57
	23	9	28	6	14	14	10	10	91
	24	10	24	3	13	11	11	10	82
	25	2	24	0	11	3	10	6	56
	26	10	24	6	12	14	8	10	84
	27	12	28	0	11	9	11	9	80
	28	10	28	8	14	3	11	10	84
	29	10	28	4	11	9	10	9	81
	30	10	24	0	12	10	11	8	75



(continuação anexo 47)

### 3º período

nº aluno	Grupo	enquadramento				área de estudo				questões de investigação			problemas urbanos		soluções	Total		
		titulo	introdução	geográfico	histórico	teórico	malha	funções	planta	inquéritos	ramos atividade	alterações	problemas identificados	problemas			cidades sustentavei	
		1	2	2	2	10	6	6	10	10	10	10	5	10	6	10	10	100
1	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	8	4	10	6	10	9	80	
2	1	1	2	2	2	8	6	5	1	5	5	5	10	6	5	9	72	
3	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	4	5	10	6	10	7	71	
4	5	0	1	0	1	1	5	4	0	5	4	0	4	6	5	9	45	
5	5	0	1	0	1	1	5	4	0	5	4	0	4	6	5	9	45	
6	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
data:	7	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	1	5	10	6	10	7	68
09/05/18	8	1	transferiu de escola no 3º P															0
9	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	5	0	1	0	1	1	5	4	0	5	4	0	4	6	5	9	45	
atividade:	11	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Trabalho de	12	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Grupo	14	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	4	10	6	10	9	80	
15	1	0	2	2	2	8	6	5	1	5	5	5	10	6	0	9	66	
16	5	0	1	0	1	1	5	4	0	5	4	0	4	6	5	9	45	
17	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	1	5	10	6	10	7	68	
18	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	1	5	10	6	10	7	68	
19	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	8	4	10	6	10	9	80	
20	1	0	2	2	2	8	6	5	1	5	5	5	10	6	0	9	66	
21	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	1	5	10	6	10	7	68	
22	5	0	1	0	1	1	5	4	0	5	4	0	4	6	5	9	45	
23	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	8	4	10	6	10	9	80	
24	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	8	4	10	6	10	9	80	
25	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
26	1	0	2	2	2	8	6	5	1	5	5	5	10	6	0	9	66	
27	1	0	2	2	2	8	6	5	1	5	5	5	10	6	0	9	66	
28	2	1	1	2	1	8	6	4	1	5	1	5	10	6	10	7	68	
29	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
30	3	0	2	1	1	10	5	0	6	8	8	4	10	6	10	9	80	

nº aluno	Grupo	autoavaliação	heteroavaliação				Total		
		7 x 7	nº elementos x 7 x 7				média 49		
							98		
1	3	43	48	43	44	42	44	87	
2	1	33	35	42	38	45	40	73	
3	2	45	42	47	30	32	31	36	
4	5	48	42	33	43	42	40	88	
5	5	46	48	43	44	43	45	91	
6	6	14	25	25	20	23	23	37	
data:	7	2	42	41	48	46	39	48	86
09/05/18	8	1	transferiu de escola no 3º P						
9	4	18	23	21			22	40	
10	5	41	48	37	43	37	41	82	
atividade:	11	6	25	14	25	20		20	45
Autoavaliação	12	6	25	14	25	20		20	45
e	13	4	22	21	18			20	42
heteroavaliação	14	3	42	25	39	40	44	44	38
sobre	15	1	40	40	45	39	46	43	83
trabalho	16	5	43	49	31	41		40	83
de	17	2	46	49	46	43	47	43	92
grupo	18	2	39	46	49	46	47	45	47
19	3	42	46	45	41	46	48	45	87
20	1	41	45	41	32	46		41	82
21	2	46	49	46	42	49	46	46	92
22	5	43	48	46	44		46	89	
23	3	45	45	48	44	43	48	46	91
24	3	42	47	40	43	47	48	45	87
25	4	17	21	17			19	36	
26	1	34	36	40	44	48		42	76
27	1	47	42	46	48	46		46	93
28	2	42	45	48	39	47	42	44	86
29	6	20	14	25	25		21	41	
30	3	43	47	45	43	47	48	46	89

nº aluno	nota 3º P
1	4
2	3
3	4
4	3
5	5
6	4
7	4
8	---
9	3
10	3
11	4
12	4
13	3
14	4
15	3
16	4
17	5
18	4
19	4
20	3
21	5
22	3
23	5
24	5
25	3
26	4
27	4
28	3
29	4
30	4
Média	3,8